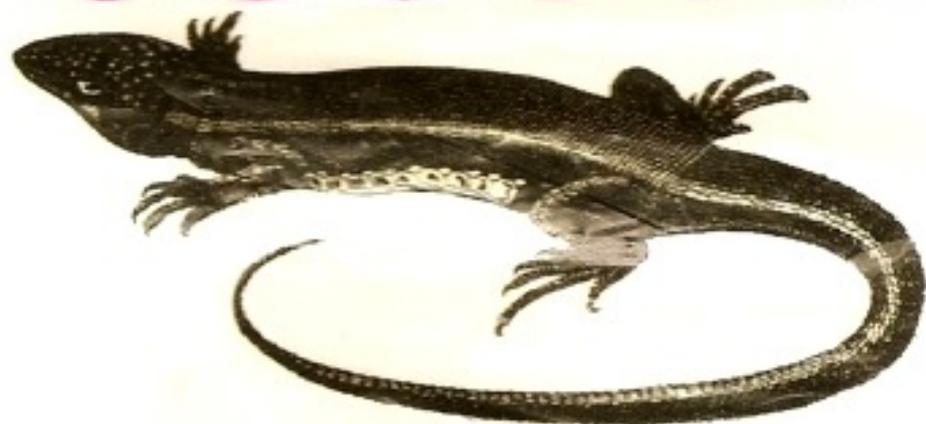


JOÃO
UBALDO
RIBEIRO



2ª EDIÇÃO

OS SORRISO
DO
LAGARTO

Do autor de SARGENTO GETÚLIO, VILA REAL
e VIVA O POVO BRASILEIRO, romances que
conquistaram os leitores de toda a Europa
e das Américas.



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

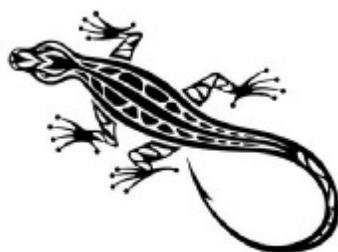
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

JOÃO UBALDO RIBEIRO

O SORRISO DO LAGARTO



Formatação/criação ePub:
Relíquia

Texto fonte:
Digital Source

Revisão:
Mario Elber Cunha
Valbserez Alves Santos
Tereza de Fátima Bastista da Rocha

**NOVA
FRONTEIRA**

© 1989, by João Ubaldo Ribeiro

Direitos de edição em língua portuguesa, adquiridos pela

EDITORA NOVA FRONTEIRA S/A.

Rua Bambina, 25 - CEP 22251— Botafogo - Tel.- 286-/822

Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR

Rio de Janeiro, RJ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Ribeiro, João Ubaldo, 1940

R369s O sorriso do lagarto: romance / João Ubaldo Ribeiro. - Rio de Janeiro:

Nova Fronteira, 1989. (Romances de autores nacionais).

.1. Romance brasileiro. I. Título. II Série.

89-0817

CDD - 869.93

CDU - 869.0 (81)-3

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

Para Berenice, como tudo mais.

É por dentro desta pedra.

CAPÍTULO 1

Talvez isto não fique claro ainda por muito tempo, mas o exame consciencioso dos fatos que levaram aos acontecimentos principais deste relato mostra que sua primeira cena se desenrolou em data já um pouco distante, sem que ninguém então pudesse saber o que pressagiava. Deu-se num dia morno e paralisado, em que até mesmo as copas das árvores amanheceram petrificadas, um dia de soalheira. A soalheira se declara depois de uma conjugação de eventos naturais que somente a sabedoria de uns poucos antigos conhece em sua inteireza. De repente, em meio a uma conversa sobre nenhum assunto, um deles aperta os olhos como num esforço para divisar algo longínquo, esfrega a pele dos braços e da cara, cheira o vento e comenta que, pela lua, pelo ar, pela maré, pela textura da pele e por outros múltiplos sinais, amanhã haverá soalheira. E de fato amanhã o dia nasce revestido de uma fulgência metálica meio baça, que converte em azougue estagnado o mar da contracosta da ilha e embuça numa neblina translúcida os socalcos das terras fronteiras. Logo cedo, o sol se alastra no espelho das águas, trazendo um revérbero desnatural aos rostos e fazendo com que os saveiros navegando morosamente ao largo se ocultem de tempos em tempos, por trás dos lampejos dos sulcos niquelados que abrem no mar. Em terra também tudo é lento, e chega a parecer milagroso quatro andorinhas conseguirem fender velozmente o mormaço vítreo que abafa o mundo, para se evaporarem na névoa, harmonizadas como uma esquadrilha.

Nessa grande soalheira, um homem de calças de brim pardo, camisa branca de colarinho e chapéu de palha armado cambou seu barco a motor e resolveu fazer mais um percurso de ida e volta pela orla norte do manguezal que daí a pouco pretendia contornar. Certamente era por causa daquele dia opressivo, sem dúvida que era, mas começou a sentir uma tristeza e um

desânimo inexplicáveis, e já não queria colher amostras, como tencionava antes. Diminuiu a marcha do motor e se aproximou dos baixios em volta do manguezal. Embora, nessa hora em que os caranguejos saem para quentar e todas as criaturas da lama se vêem expostas pela maré baixa, devesse haver muitos pássaros mariscando, viu somente um grupo de bem-te-vis empoleirado nos garranchos de uma gaiteira seca espantar-se com estridência à passagem do barco, e desaparecer por trás das frondes mais cerradas. Com o motor cortado, deixou que o barco deslizesse por cima da água escura, até parar e ficar imóvel como tudo mais em torno. Fez um movimento para pegar a poita, mas logo desistiu, porque não era necessário. Escorregou para o outro lado do banco da popa sem levantar-se, e se deteve escutando o chapinhar da água contra o casco, cada vez mais surdo e breve, mas ainda assim reboando como estrondos, no meio de todo aquele silêncio. Não haveria ninguém pescando, ninguém caçando aratus ou apanhando sururus, nenhum tainheiro escoltando o peixe na boca do rio? Olhou em redor, nada vivo se descortinava, nem sequer a silhueta de uma canoa ao longe, e seus olhos se postaram sobre a vastidão hirta do manguezal. Medo? Vontade de fugir, de se abrigar, de não estar em lugar nenhum? Que desassossego é este, que o deixa tão inquieto, quase tendo palpitações? Agora que mirava o manguezal, o qual o defrontava como uma agregação de furnas trevosas e eriçadas de espinhos, lembrando bocas carnívoras, não podia dizer que sentia propriamente medo, mas sentia algo semelhante, um pressentimento pesado, uma iminência sinistra, a impressão de que em torno dele se fazia um cerco implacável, que viria a sufocá-lo e matá-lo. Sacudiu a cabeça, repelindo os próprios pensamentos, mas desistiu de sua viagem de coleta. Puxou a corda do motor, retomou o canalzinho e embicou rumo à rampa do Mercado, de onde saíra fazia um quarto de hora, e não se sentiu tranquilo nem mesmo depois que atracou e pulou para o cais.

A angústia ainda o perseguindo, o calor aumentando e a cerveja lhe sabendo a remédio, ficou impaciente quando dois meninos o procuraram para mostrar um calanguinho de dois rabos, que carregavam numa caixa de sapatos. Teve que repreender-se mentalmente para não enxotá-los com grosseria, como sentiu vontade, e suspirou ao ver o lagarto. Normalmente, fingiria grande interesse pelo achado e inventaria histórias a respeito de calangos a que daria nomes e sobrenomes de gente e emprestaria defeitos e virtudes, mas surpreendeu-se falando de modo professoral, monótono e condescendente, chegando mesmo a fechar a cara, no instante em que um dos meninos, meio desapontado com o tom da conversa, procurou achar alguma graça no que dizia. Pegou o calango pelo pescoço e disse que não havia nada de mais naquilo, muitos lagartos podiam livrar-se da cauda, era uma maneira de frustrar predadores como os próprios meninos e, além disso, o fato de o rabo continuar se mexendo depois de separado ainda distraía ou atrapalhava esse predador, porque fica como outro animalzinho independente, se agitando e reagindo a qualquer toque durante bastante tempo. Quando o seccionamento não se completa — acrescentou, mostrando nas vértebras do rabo velho os planos em que a separação poderia ocorrer —, o rabo velho permanece depois que o novo nasce, pode até haver três. O menino perguntou o que queria dizer aquela palavra longa que ele usara, ele se irritou e respondeu asperamente: "É um corte, é um corte!" E, numa compulsão maníaca, continuou a discorrer sobre répteis em geral e lagartos em particular, como se tivesse decorado uma lição. Só depois de haver falado mais de dez minutos, ignorando as feições perplexas dos meninos e agitando o calango na mão direita como uma batuta, é que, ao ouvir a expressão "ovo amniótico, que acabara de pronunciar, caiu em si e passou a rir. A princípio assustados, porque tinham sido proibidos de rir antes, os meninos terminaram por acompanhá-lo e levaram muito tempo assim, até que o menor deles apontou para o calango e perguntou se ele não

estava rindo também. Bicho não ri, respondeu o homem e, agora de melhor disposição, mandou buscar dois guaranás e disse, afetando entonações de comentarista de rádio, que os lagartos eram bichos burros danados. A única invenção dos répteis fora aquilo que ele tinha falado, entre as muitas outras palavras que os meninos não haviam entendido, o ovo amniótico. Ovo amniótico não era nada complicado, era simplesmente um ovo, como ovo de galinha. Então os répteis inventaram o ovo amniótico, que é melhor do que pôr e fecundar os ovos na água, como a maioria dos peixes e anfíbios. Mas por aí ficaram, bichos burros danados, que nem aproveitaram as dezenas e dezenas de milhões de anos em que dominaram o mundo inteiro. Nada disso, bicho nenhum ri, muito menos lagarto, eles perderam essa para nós, os mamíferos. Até com os parentes mais aperfeiçoados deles, como as galinhas, o que é que a gente faz? A gente cria e come! Vocês querem saber o que foi que os mamíferos inventaram, que é ainda melhor do que o ovo que se enterra no chão ou se bota no ninho? Pois os mamíferos...

Agora, tanto tempo depois, a troco de nada, João Pedroso recorda esse dia esquisito, ao caminhar rua Direita abaixo, ainda de madrugada, para abrir sua peixaria. Nem ao menos a manhã que chegava prometia ser de soalheira como aquela, pois o vento norte exalava um bafo úmido sobre a cidade e as ondas da maré cheia transbordavam por cima do cais. Estava contente, antecipava até mesmo a hora em que, na companhia dos peixeiros Nascimento e Boa Morte, começaria a tirar os peixes dos congeladores para expô-los no balcão, imaginava tirar as alpercatas e arregaçar as calças para entrar na água e receber os canoeiros e saveiros de pesca abicando na praia com as cavalas da lua nova, sentia-se feliz por ser dono de peixaria e quase chegou a agradecer ao destino por tê-lo levado, ainda que através de meios tão tortuosos, a essa condição. Muito melhor ser peixeiro do que biólogo, pensou, dobrando o beco para o Mercado. E talvez fosse até rir, lembrando sua palestra sobre répteis,

quando ouviu um farfalho de folhas murchas por cima do muro do grupo escolar e um calango, da mesma espécie que aquele de dois rabos, mas muito maior, ergueu o pescoço diante dele com a metade do corpo soterrada sob as folhas e pareceu encará-lo, os olhos miúdos anormalmente destacados no alto da cabeça. Chegou a tomar um pequeno susto, mas logo parou para admirar o bicho, que agora agitava a cabeça para cima e para baixo ritmadamente. Com grande espanto, achou que ele estava sorrindo. Apurou a vista, apurou os óculos e não conseguiu saber direito se o que via era alguma coisa distorcida ou imaginária, mas o calango de fato parecia envolvido numa atmosfera de riso, algo sugeria que estava mesmo sorrindo. Não era, contudo, uma visão agradável, porque havia um pouco, talvez muito, de mofa no sorriso, quase hostilidade. Tentando não espantar o bicho, deu dois passos cautelosos em sua direção, mas ele logo remexeu as folhas com as patas traseiras e levantou o tronco numa postura de alerta. Dois outros passos e o bicho, numa seqüência de manobras bruscas, virou o corpo para fugir e se deteve por um instante curtíssimo em que, a desconcertante aura de riso ainda perdurando, se postou de lado, deixando ver as silhuetas bem delineadas de dois rabos, um saindo do corpo em linha reta e o outro, um pouco menor, implantado num ângulo grotesco. João Pedroso teve um sobressalto e quis chegar mais perto ainda, mas ele se embarafustou ruidosamente por entre as folhas e sumiu.

Sim, claro que era tudo uma coincidência, mas uma coincidência muito esquisita, bem encaixada em demasia, completa demais. Mas sempre uma coincidência, talvez até fácil de exagerar. Sim, repetiu a si mesmo, nada mais do que uma coincidência, e teria certamente começado a ocupar a mente com qualquer outra coisa se, ao levantar os olhos para o mar picado que se descortinava do beco, não se visse engolfado pelo mesmo sentimento inquietante que o acometera naquele dia, a tal ponto que estremeceu. Não, não, tudo impressão, mas sentiu outra vez o coração apertado, a cabeça latejando e

um medo aflito, um medo que o acoitava de todos os lados.

Muito longe dali, o Secretário da Saúde, Dr. Ângelo Marcos Barreto, finalmente saiu do banho, depois de cerca de uma hora no banheiro, como de costume. Apesar de estar com hemorróidas já fazia algum tempo, nunca procurara um médico porque tinha medo de que ele recomendasse uma cirurgia, e por isso se enfiava um ou dois supositórios de glicerina e permanecia uns cinco minutos fumando e contraindo as nádegas quase em posição de sentido, até a premência se tornar insuportável. Somente então, suando muito apesar da brisa que sempre entrava pelos basculantes, é que se sentava no vaso, às vezes conseguindo ler um jornal e às vezes gemendo e invocando santos ao se sentir lacerado, para bastante tempo depois baixar ao bidê, onde deixava um jato de água fria arrefecer longamente seus baixios incendiados. Em seguida, passava a cumprir um roteiro metuculoso de hábitos que não observava quando mais jovem, mas, depois de uma sucessão ininterrupta de falcatruas, desvios de verbas, comissionamentos em obras e compras públicas, subornos, grilagens e diversas modalidades de recebimentos por advocacia administrativa, durante uma vida pública de pouco mais de vinte anos, havia ficado milionário e, em leituras e consultas sob nomes falsos a seções de etiqueta e moda de revistas masculinas, aprendera tudo sobre como deve ser e agir o homem moderno. Acabara por elaborar, ao longo dos anos, uma toailete complexa, que se iniciava diante do espelho de corpo inteiro, com pesagem e avaliação do tônus muscular e epidérmico, passava por xampus, rinses de grife e sabonetes de cores exóticas presos a cordinhas, e terminava com uma loção para o corpo, uma colônia for men e a secagem dos cabelos com um secador-escova americano.

Lembrando os bons tempos da política estudantil, quando por pouco não levava a chapa de esquerda à vitória nas eleições para o Centro Acadêmico,

sem contar com nada além de seu já então reconhecido talento político e a força de sua oratória, repetiu, a voz empostada como lhe haviam ensinado nos dois cursos de dicção que freqüentara, algumas frases do discurso que ia fazer na inauguração das novas instalações do hospital da ilha. Seria um discurso lido, porque não podia arriscar-se a deixar de lado algumas observações que precisava fazer, mas assim mesmo já praticamente o decorara — memória prodigiosa, dom que sempre o ornamentou, agora robustecido pelas vitaminas americanas que costumava trazer aos potes, quando voltava de Nova Iorque. Olhou-se outra vez no espelho. Aquele menino magro, de olhos afogueados, vasta e revolta cabeleira, cabelos despencando em cima dos olhos e palavra inspirada, para quem tantos e tantos professores previram um futuro de glória e dedicação à causa pública, não decepcionara os vaticinadores. A Secretaria da Saúde, que nunca foi das melhores plataformas para a ascensão política, nas mãos dele se transformava num instrumento mágico, que manejava com habilidade cada vez maior. Um posto médico em cada distrito municipal era sua meta e cavalo de batalha. Meta de grande potencial políticoeleitoral e tornada possível, perfeitamente possível, com o recém-obtido financiamento do Banco Mundial, tanto assim que as obras já tinham começado em vários municípios, a cargo da empreiteira de seu primo Rubem Barreto Chaves, com quem mantinha estreitos vínculos comerciais e afetivos. Pensou no slogan que vinha criando secretamente, para sugeri-lo à agência encarregada da propaganda de sua campanha. Imaginou-o resplandecendo no rodapé de uma lista estonteante de realizações em todo o Estado: o Secretário do Século. Não, não, não soa bem, a outra versão é bem melhor: o Administrador do Século. Melhor, muito melhor. Por aí. Tinha de ter "século", disto ele fazia questão, até porque não deixava de ser verdadeiro, sob muitos aspectos, inclusive o dinamismo. E depois Goebbels, o grande Goebbels — ou senão Hitler, um dos dois — já recomendava esse tipo de grandiloquência, funcionava, era

eficaz para empolgar as massas, é indispensável pensar grande e falar grande.

— A nível de atendimento, capacitação tecnológica e qualificação de pessoal — declamou à frente do espelho, a mão em concha fremindo no ar anuviado do banheiro —, podemos afirmar que estamos, neste instante, dotando toda esta sofrida região de um dos melhores hospitais públicos do Norte e Nordeste, capacitado a prestar a toda a população atendimento ambulatorial, obstétrico e geral de elevadíssimo padrão. O convênio que, através de um esforço ingente e arrostando as críticas mais duras, desleais e impatrióticas, firmamos com a Lloyd Gunther Foundation e o Laboratório Loechs-Stroheim hoje tem como resultado este magnífico complexo, digno dos centros mais avançados deste país, onde inclusive a pesquisa científica, no regime de intercâmbio também proporcionado pelo convênio, tem destacado papel, com diversos programas de magna importância já em curso, até mesmo muito antes de as novas instalações serem concluídas. Esta é a resposta mais eloqüente e contundente que podemos dar aos críticos de nossa administração. A democracia, ela não é a penalização do cidadão, em nome de preconceitos xenófobos e retrógrados. A democracia, ela não é sinônimo de atraso, como a esquerda passadista parece desejar. Onde interesse ao Brasil, nós queremos a cooperação internacional, sim, e temos a coragem de proclamar com transparência esta posição patriótica em defesa do bem-estar de nossa população, mesmo que essa posição não seja palatável para os demagogos que se rotulam de esquerda, mas não passam da encarnação perversa do imobilismo e do reacionarismo, disfarçados, mascarados, encobertos por uma tênue e frágil carapaça de bravatas e inverdades pseudonacionalistas e pseudoprogressistas! Nós não falamos, nós agimos! Nós não dizemos, nós fazemos! Nós não prometemos, nós cumprimos!

Dominou a exaltação que lhe sobreveio, ofegou um pouco, passou a mão no cabelo e sorriu. Realmente, era uma coisa curiosa, devia ser o que o

velho Abreu Godinho chamava de espírito cívico: se o assunto era o povo, a grande massa de baianos e brasileiros em geral, não podia conter uma emoção arroubada, que o deixava fora de si e falando como se uma voz transcendente se incorporasse nele. Eventualmente, isso podia prejudicá-lo, como, aliás, já tinha ocorrido algumas vezes, mas lhe trazia orgulho ao mesmo tempo, o orgulho de ser um político sincero, comprometido de coração com a defesa dos legítimos interesses do povo, numa vocação insopitável. Se bebesse antes do discurso, tinha certeza de que choraria. Sempre fora assim e até os que o antagonizavam sabiam disso. Quando ingressou na Arena, ainda no tempo em que o MDB se chamava Modebrás, houve quem visse naquilo uma traição a seus princípios. Que traição, a que princípios? Continuava um democrata visceral como antes, talvez mais, agora temperado pelo equilíbrio da meia-idade. Política, coisa que esses caras fingem não compreender e só compreendem de acordo com sua conveniência, é pragmatismo, é pé no chão, é realismo. Sua postura ética durante todo esse tempo é comodamente esquecida, em favor de uma mera questão formal, uma simples filiação partidária, uma coisa circunstancial, destituída de verdadeira importância. Ninguém lembra que, apesar de ligado a certos setores das Forças Armadas, através de oficiais com quem fizera amizade no tempo do CPOR e durante os dois estágios que cumprira, nunca denunciou quem quer que fosse e, pelo contrário, ajudou muita gente boa por aí, que se livrou de uma pior por causa de sua influência. Muitos porretas desses, que hoje estão de volta até em organizações declaradamente comunistas e se sentem à vontade para abrirem o bocado e esculhambá-lo, foram salvos pela sua interveniência, quando a Operação Bandeirantes já estava praticamente com as garras neles. Ou seja, não seria exagero dizer que muita gente lhe deve a vida, ou pelo menos a saúde, já que a maior parte nem chegou a apanhar, que era o mínimo que podiam esperar na prisão. Isto além da ajuda que dera a dezenas e dezenas de

cassados, embora não, é claro, a clandestinos, porque há limites que não podem ser transpostos. Mas nada disso era lembrado, ninguém lembrava sequer a cristalina verdade de que, sem gente como ele, trabalhando por dentro do sistema, até hoje a abertura poderia ser apenas um sonho. Só se lembravam das pretensas coisas negativas, é espantosa a capacidade do ser humano para a inveja e a destrutividade, não é de admirar que pessoas como ele volta e meia se vejam dominadas por uma avassaladora descrença na Humanidade. E depois que, por ironia, ele ingressara nesse fantástico MDB, isto fazia diferença para eles? Mas quem tem boca diz o que quer, os cães ladram e a caravana passa.

Abriu a porta do banheiro, que dava para uma suíte avarandada e decorada em matizes de laranja, com uma parede de espelhos em frente à vasta cama redonda de cabeceira de bronze reluzente, duas grandes caixas de som embutidas acima de mesas-de-cabeceira de tampo de mármore, um aparelho dê tevê de 36 polegadas em cima de um movelzinho com rodas e uma espécie de saleta de estar junto à varanda, composta de uma mesa oval, quatro cadeiras de estilo indefinido e duas poltronas baixas de couro, entre vasos de samambaias e antúrios. Na passagem, arrancou com um gesto irritado uma folhinha de samambaia e a esmigalhou entre os dedos. Como, naquela época, podia ter deixado de ingressar na Arena? — perguntou-se, exasperado como sempre ficava, ao se deparar com argumentos infundados. Queria fazer carreira política, todo mundo sabia disso, tinha ideais que só podiam ser concretizados através do poder. Em política, quem não está no poder está somente fazendo blabláblá, não existe isso de política sem poder. E qual tinha sido seu grande passaporte, seu grande trampolim para o acesso ao poder? O apoio do velho Abreu Godinho, naturalmente. O filho único do velho, seu colega de turma, não queria nem ouvir falar em política, vivia enfurnado num laboratório, perseguindo delírios endocrinológicos, e só trabalhava numa

clínica para ter alguma renda própria, além da de professor universitário, que não dava nem para comer decentemente. Então o velho, num processo perfeitamente compreensível, adotara o melhor amigo do filho como seu herdeiro político, quase como um filho também. As opções eram claras: a) entrar para o Modebrás, dar murro em ponta de faca, cair em desgraça com o velho, arriscar-se a comprometer-se definitivamente, empobrecer de vez, conseguir quaisquer mil votos e olhe lá, e não fazer absolutamente nada, a não ser se queixar; b) entrar para a Arena com a eleição garantida pelos votos do velho na região do São Francisco, assumir uma cadeira de deputado estadual e ter condições de efetivamente realizar alguma coisa. Só um mentecapto poderia conceber escolha diferente da que ele fizera, era uma questão de consciência. Tinha convicção de que seus ideais e sua maneira de ver o mundo não mudaram. Apenas tomara uma decisão tático-estratégica de caráter pragmático, apenas isto, do mesmo jeito que a debacle do PDS o levava a filiar-se ao MDB — questão básica de sobrevivência política, esses babacas só elogiam quem despenca e quebra a cara. A política não pode ser conduzida à base de paixões improdutivas e apenas voluntariosas, é isso que muita gente não quer entender, ou finge não entender.

Muito bem, hora de escolher a roupa. Um terno leve, por causa do calor da ilha. Mas terno e gravata, nada dessa cafajestada populista que está na moda agora, coisa de baixa extração tipo PT. Rememorou sua inclusão na lista dos dez políticos mais bem-vestidos — "uma elegância espontânea e relax, sempre discretamente na moda", havia escrito a colunista na legenda de sua fotografia, que ele passara a manhã inteira contemplando. Claro, claro, essas coisas contam ponto, é uma questão de imagem. Colete? Não, colete não, exagero, cafajestada ao contrário. O terno de linho bege, que dá aquele charme amassado, com uma gravata cor-devinho. Ou o azul-claro? Lamentou que Ana Clara não estivesse presente, para dar um palpite. Nem de manhã se viam mais,

agora que ela tinha inventado essa história de montar uma academia de ginástica no salão em cima das garagens e ficava desde as sete horas mandando um batalhão de mulheres de malha abrir as pernas e dar pulinhos ao som de oito alto-falantes a todo vapor. Razão tivera Nonato, quando, na época da separação de Regininha, que foi aquela merda que todo mundo sabe, lhe disse, enquanto enchiam a cara no Méridien: trocar de mulher é trocar de grilo, uma é pão-duro, outra é estróina, uma lhe corneia, outra fiscaliza até sua sombra, uma tala como uma condenada, outra não alimenta papo nenhum, uma gasta duas safras de cacau por ano em roupas, balangandãs e recauchutagens, outra vive mais despencada do que uma anta com lordose, e por aí vai, trocar é besteira, só se justifica para quebrar a monotonia. Bem, pelo menos Ana Clara não enchia o saco como Regininha, justiça seja feita. No dia em que entrou no gabinete dele de repente e ainda o pegou puxando a mão rapidamente de baixo da saia de Telminha e se instalou aquele clima todo sem graça, ela não deu a menor bandeira, nem falou nada, ficou absolutamente na dela. Pensando bem, não ' custava nada dar um telefonema para ela no meio do dia, dizer qualquer coisa agradável. Afinal de contas, era sua mulher, uma mulher boa, honesta, bonita e relativamente culta, embora talvez um pouco bobinha, um pouco desambiciosa demais, até em termos intelectuais, meio dondoça, a verdade era essa, mas dondoquinha boa, das inofensivas, que conversam bem e não causam mal-estar em coquetéis. Sua mulher, afinal. E outra separação, a esta altura, nem pensar — política e economicamente seria uma hecatombe, e ele ainda tinha verdadeiras convulsões de ódio, sempre que lembrava como Regininha havia partido para lhe tomar as calças durante o processo e como teve de molhar a mão de mais gente do que a população de Maceió para conseguir melhores condições — molhar não, inundar, inundar, submergir! Dr. Jackson Florêncio, com aquela cara de santa alma reta e digna lá no Fórum, aquele filho de uma puta, aquele corrupto safado que, quanto mais via bens

arrolados por ela no processo, mais queria meter a mão. Hoje, desembargador. É de matar em qualquer um a esperança no futuro deste país. Bem, o negócio é esquecer, passado é passado, não adianta remexer.

Sim, telefonaria para ela, decidiu, pensando em se também mandaria umas flores. No começo, se despedia dela lá mesmo na ginástica, mas talvez porque não podia deixar de mesmerizar-se pôr aquelas bundinhas arrebatadoras, naquelas posições tipo "não precisa se mexer, que assim mesmo você morre", ela terminou dizendo que não queria que ele passasse por lá, podia dar falatório e os maridos de algumas alunas podiam não gostar. Ele preferiu não discutir, e agora descia direto para a salinha contígua à copa, onde era servido o café da manhã. Como sempre lhe acontecia, ao se defrontar com a mesa vistosamente arrumada, guardanapos brancos quase luminosos em suportes de prata, porcelanas de cores delicadas e alegres, copos de cristal faiscante, talheres delgados e graciosos, ressentiu-se por lhe ser proibido comer o que gostaria e como gostaria. Aquela mesa era como uma cidade de arquitetura perfeita, mas absolutamente desértica, sem qualquer tipo de vida, uma planta sequer. Nunca mais ovos estrelados com bacon, nunca mais uma omeletezinha como aquelas de primeira classe de vôo internacional, nunca mais salsichinhas fritas com panquecas, nunca mais torrada após torrada, afogadas em manteiga derretida. Sentou-se um tanto melancólico e bebeu mais suco de toranja com adoçante do que pretendia inicialmente. Olhou com desgosto a compoteira onde haviam posto o cereal, abriu-a, colheu um punhado de flocos amarronzados, despejou-os numa espécie de terrinazinha e derramou um pouco de leite desnatado por cima, começando a mastigar como quem está sendo coagido a comer folhas secas. Com gestos miúdos e furtivos, lançou um olhar à porta da copa para ver se não havia algum empregado que o pudesse flagrar, e espalhou duas colheradas de açúcar sobre o cereal, dando uma risadinha juvenil de satisfação.

Já não se sentia tão desalentado durante a segunda xícara de café, acompanhada por um cigarro de baixos teores, embora soubesse que também tinha de deixar de fumar, como já tentara diversas vezes. Diabo, o sujeito vai chegando perto dos cinquenta e não pode fazer mais nada, é triglicerídio pra lá, colesterol pra cá, cancerígeno pra acolá, tudo faz mal, até se cuidar faz mal, dá estresse. Não se é imortal, vai-se morrer, pensou, inquietando-se tanto com a idéia que teve de sair da sala como quem foge. Quando o sujeito é jovem, é imortal, só quem morre são os outros. Mas de repente gente de nosso tempo começa a morrer, chega a parecer que cada dia embarca um. Veio-lhe à mente, embora ele não quisesse, o cadáver medonhamente roxo de seu amigo Macedinho, que ainda outro dia estivera com ele, muito vivo e, por ironia, num enterro. Não tinha a saúde boa, mas também não era péssima e, que diabo, 47 anos não são ainda velhice. Mas morreu. Morreu de repente, pouco antes de ter chegado à fazenda, segundo os parentes uma morte horrível, agarrando-se aos lençóis com falta de ar e dando roncões arrepiantes. "Laringite edematosa", explicara o Gomes de Melo. "Caso exemplar, a epiglote dele virou uma minhoca. Não é o seu caso, porque ele tinha problemas renais e uma porção de outros trechos que contribuíram, mas está na cara que o risco dele aumentou muito porque ele não tirava o cigarro da boca. Seu caso é bem mais singelo, é claro, mas se lembre que você tem a mesma idade que ele. Seu caso é traqueíte tabagística braba, com alteração de voz. Se não parar de fumar, CA. Deixe comigo, que eu sou bom de traqueotomia radical, não tem mistério." Não gostava nem de ver o Gomes de Melo, que, com aquela cara, devia ser urologista municipal numa zona de puteiro e nunca otorrino de prestígio. Além disso, é tirado a engraçadinho, porque ninguém pode fazer um prognóstico desses assim, isso é um jogo estatístico, não é assim. O rosto de Macedinho, uma ilha cor de ameixa fresca num mar de flores tristes, insistia em ser recordado. Sim, deixaria de fumar, sim, claro que deixaria, só que hoje,

especialmente por causa da viagem daí a pouco, precisava deste cigarrinho. Fumar depois do café às vezes lhe dava vontade de ir ao banheiro novamente e lhe causava pânico a idéia de precisar fazer isso durante a viagem, de forma que tinha de precaver-se.

Ainda com o cigarro meio fumado na mão, chegou ao pátio em frente aos canis. Seria mais uma oportunidade para os cachorros se familiarizarem com ele, pois, apesar de tê-los criado desde pequenos e requisitado um sargento da Polícia Militar para adestrá-los, não conseguia convencer-se de que aquelas bestas-feras eram dignas de confiança — não quase comeram um jardineiro, homem com quem pareciam acostumados e nunca tinham ameaçado antes? Os três filis estavam deitados no fundo dos canis, mas se levantaram e colaram os focinhos nas grades, quando ele se aproximou.

— Então, Winston? — disse ele, curvando-se e batendo palmas. — Então, rapaz?

Winston não se moveu e continuou a fitá-lo com uma espécie de atenção desdenhosa, um dos olhos injetado e remelento. Ângelo Marcos pensou em afagar a cabeça dele, que entre todos era o de que tinha menos medo, mas não gostou do olhar que ele dirigiu a sua mão e recolheu-a. Talvez a mão esquerda. Não, besteira, não ia arriscar-se a ter a mão, esquerda ou não, reduzida a uma almôndega, na boca de um paquiderme daqueles. Pronto, basta ficar por aqui, enquanto eles se acostumam mais um pouco com o cheiro do dono. Como é o comando para

"sentar"?

— Sit! — ordenou, recordando-se subitamente, mas nenhum deles se sentou. — Sit!

Depois de parecer refletir sobre a ordem, apenas Winston, com um bocejo em que a boca assumiu o lugar de toda a cara, decidiu sentar-se, olhando com indiferença para a frente. Os outros continuaram como estavam.

Ele ficou meio sem graça, atirou o toco do cigarro fora, chamou um segurança para recomendarlhe que mandasse alguém pingar colírio nos olhos de Winston e chegou à conclusão de que não mais precisaria ir ao banheiro, não se anunciava a temida repetição. Resolveu mais uma vez que na próxima semana tomaria coragem e marcaria a operação, o problema já estava ficando muito desagradável, até viagem longa de avião era um suplício, enquanto ele se agüentava, para só ir ao banheiro no hotel. O segurança foi chamar o carro, que estacionou ao lado dele alguns segundos depois. Para dar exemplo, usava seu próprio carro, com um motorista do Estado, cujo salário complementava com uma gratificação. Se um Secretário tinha condições de usar seu próprio carro, no caso um de seus cinco, não havia por que utilizar e desgastar um bem do Estado — esta era apenas mais uma faceta de sua conduta, avessa às mordomias às custas do contribuinte. Entrou atrás, resmungou um bom dia ao motorista e, como de hábito, achou o carro pouco espaçoso, uma caixa de fósforos acanhada e mal-amanhada, porcaria nacional, não há um que preste. Sim, mas não podia ter o Volvo com que sonhava e que o fazia mergulhar em devaneios diante dos anúncios nas revistas estrangeiras, não podia ter nenhum daqueles carros deslumbrantes, seria chamar muito a atenção, se bem que pudesse provar, com quilos de provas, a legitimidade de tudo o que estava em seu nome. Mas já bastavam os comentários que ele sabia existirem, como aliás existem a respeito de todo homem público brasileiro, é a nossa baixa educação política. Pode não parecer um grande sacrifício, mas é, é mais um grande sacrifício, entre muitos, muitos outros. Sim, pode não parecer, mas quem gosta de carros entende, pensou, dizendo ao motorista que primeiro passasse na casa do cônsul americano, que era seu convidado e iria com eles para a ilha.

Às cinco horas da tarde, depois de passar a manhã com as turmas de ginástica, nadar na piscina, almoçar sozinha e dormir um pouco, Ana Clara

resolveu que ia fumar um enormíssimo baseado na companhia de Bebel, para depois comunicar a ela que finalmente tomara a decisão de arranjar um namorado, talvez dois, talvez até três. Bem o número não vinha ao caso, em rigor não decidira arranjar um namorado, decidira namorar, genericamente. Namorar, namorar, namorar, pensou, quase rodopiando como as heroínas de musicais americanos em momentos de êxtase. Parou diante do gavetão onde, no fundo, por trás de um tumulto de panos e bolsas, guardava a latinha da maconha e deu uma risada extravagante, uma espécie de hó-hó-hó debochado, que surpreendeu a ela mesma. Gostou da risada e repetiu-a diante do espelho, lançando a cabeça para trás e se achando muito bonita. Namorar! Sistemáticamente. Rotineiramente. Nova filosofia de vida, Ana Clara em nova fase. Chega de bobagem, como. aliás, tinha proclamado a própria Bebel, no dia do jogo de biriba em que, sem levantar os olhos das cartas, disse "pensar, não, eu já dei", quando perguntaram se alguma das quatro ali já pensara em dar para outro homem depois de casada. Marcinha, que nunca perdeu nem os erres mineiros nem o costume de ficar vermelhíssima e dar gargalhadinhas tiritantes toda vez que alguma coisa lhe causa nervosismo, deixou cair as cartas em cima da mesa e teve de abandonar a cadeira quase sufocada, até conseguir beber meio copo d'água e a crise de riso e tosse passar.

— E dou — acrescentou Bebel, desta vez levantando os olhos. — O que é que a outra tem, fez uma canastra real?

Juntou-se ao riso geral e acompanhou Ana Clara na tarefa de dar tapinhas nas costas de Marcinha.

— Não fale mais nada ainda, Bebel — disse Marcinha, tossindo e enxugando os olhos. — Deixa eu me recuperar.

Mas Bebel falou logo, mesmo porque ninguém se interessou mais por outra coisa que não ouvir o que ela, com o jogo abandonado e esquecido e depois de pedir martínis secos para todas menos Marcinha, contou com um

sorrisinho meio torto, iniciando por explicar que, quando falara "e dou", não tinha querido dizer que no momento estava dando, porque, honestamente, não estava tendo nada com ninguém fora de casa. Expressara apenas uma atitude geral, uma postura diante da vida, uma posição filosófica — com seu lado lúdico, claro, mas o lado lúdico fazia parte dessa filosofia. Porque, no momento, com toda a sinceridade, não havia ninguém mesmo e homem não é tão fácil assim de achar quanto se pensa.

— E também, se houvesse, eu não diria o nome dele, porque tomei chá em pequena e acho deselegante ficar comentando os homens que eu como — disse com solenidade caricata, e Marcinha teve outra crise de riso, embora menos forte desta vez.

Enquanto se estabelecia uma quietude absoluta na grande varanda envidraçada e apinhada de plantas como um jardim de inverno, Bebel, buscando às vezes uma frase de efeito ou outra e talvez gesticulando exageradamente, expôs sua posição filosófica. Ela não era uma galinha de jeito nenhum, julgava-se até uma mulher sóbria e comedida, que absolutamente odiava, mas odiava mesmo, a idéia de sair por aí, indo para a cama com tudo quanto é homem. Apenas não se considerava morta por ser casada, sabia que o homem dela também não se considerava morto e então às vezes se permitia uma experiência. Ajuizadamente, com equilíbrio e — por que não dizer? — educação, educação, sim senhora, educação é muito mais importante, em tudo, do que se imagina, grossura e insensibilidade são um horror. Ela era adulta, sensata, educada, tinha senso de conveniência, não era maluca para expor o marido, tendo casos com homens de segunda e fazendo bobagens. Agora, também não podia perder essa coisa lúdica, essa coisa na realidade inocente, a que a gente empresta tanta carga ruim, tanto baixo astral, essa coisa linda que é o namoro, a alegria de uma transadinha nova sem culpa. De forma que, quando a oportunidade aparecia e ninguém ia ficar prejudicado, mas ninguém

mesmo, ah, aí com certeza! Claro que Nando sabia de tudo, claro que sabia, ela já mantinha um caso com Nando bem antes de se separar de Tavinho. Nando conhece o que ela pensa e, ao contrário do que poderia parecer, o casamento deles, o amor deles, melhor dizendo, se fortalece com isso, é um casamento sólido, sem repressões, em que não se tem de esconder nada e se pode falar tudo. Ela só não contava a ele, naturalmente, os detalhes, nem queria saber dos detalhes dele, porque achava isso uma coisa sórdida, coisa de degenerado, pior do que isso só um desses tarados abjetos que pagam para ver a mulher transando com outro, é necessário manter o respeito e a educação em qualquer relacionamento de amor—e ela adorava Nando, não podia suportar a idéia de ficar sem ele, não gostava nem de cogitar dessa hipótese. Só não acreditava nessa coisa de dar exclusivamente para corneiar, como uma espécie de vingança, isso nunca, isso tira o caráter lúdico da coisa, injeta um baixo astral na coisa toda, acaba revertendo para a pessoa na forma de energia negativa. Quando suspeitava que um cara, podia ser até um galã italiano saidinho do banho de toalha enrolada, estava a fim dela porque a dele era corneiar Nando, esqueça, não havia força que a fizesse topar. Tavinho mesmo, Tavinho mesmo! Tinha coisa melhor, para ambos os interessados, do que um encontro amoroso com o ex-respectivo, depois de algum tempo de separação, quando não há mais briga nem ressentimento, assim numa transação lúdica e carinhosa? Todo mundo concordava que não tinha, perguntassem a qualquer um. Ela havia até pensado nisso em relação a Tavinho, Tavinho não era má pessoa, muito pelo contrário, era divertido e agradável, só não servia para casar. E as coisas já iam até meio encaminhadas, quando, na festa em que eles se encontraram durante uma viagem de Nando, de onde talvez conseguissem dar uma escapulida sem muitos problemas, ela sacou — sabe essas sacadas que pintam de repente, você não sabe por que, mas você tem certeza? — que Tavinho estava era querendo aplicar o contra-corno em Nando, a motivação dele era essa. Ah, esfriou na

hora, mas na hora! Não só isso era desmerecedor para ela, que afinal estaria servindo de mero instrumento para a auto-afirmação de um cabeça-de-vento que, como homem, como caráter, como tudo, não chega nem no chulé de Nando, como também uma coisa dessas ela não permitia que ninguém fizesse com o marido dela, ferir a honra e a dignidade dele, não, isso nunca.

— Mas eu acho meio frescura de vocês fingirem que não sabiam — concluiu, depois de falar uns vinte minutos sem que ninguém a interrompesse. — Eu tenho certeza de que isso se comenta a boca pequena, ou até a boca grande mesmo, inclusive porque eu nunca escondi. Não ando assim alardeando aos quatro ventos, mas também não procuro esconder, eu odeio hipocrisia.

— Eu pensei que era no tempo do Tavinho. No tempo do Tavinho, tudo bem, com aquelas festas na fazenda que levavam uma semana e aquele povo todo lá e os artistas de televisão e aqueles gringos doidos...

— Bem, no tempo de Tavinho não tinha opção, era praticamente obrigatório, não é? Cheirando daquele jeito, Tavinho...

- O Tavinho tem cecê? Cheirando daquele jeito, como, hálito de bebida?

— Marcinha, tem de haver um limite para esse seu abestalhamento!

Hálito de bebida?

— Ué, a Bebel falou...

— Cocaína, cocaína, Marcinha, cocaína! Cocaína você já ouviu falar, não já? E alguém desconhece que Tavinho vive cheirando pó o tempo todo e não sei por que milagre ainda tem nariz? Você mesma não se lembra daquele dia em que ele chegou doidão em sua casa e queria esticar umas fileiras para você e Afrísio e você correu para se trancar no quarto, transida de pavor, e Afrísio quase sai na porrada com ele?

Ah, e me trancaria de novo, não suporto essas coisas, não sei como vocês encaram essas coisas com tanta naturalidade, não gosto nem de me

lembrar daquele dia.

— Tudo bem, Marcinha, mas não tem cocaína nenhuma aqui, ninguém aqui está cheirando nem lança-perfume, deixe Bebel responder à pergunta, você mesma foi quem perguntou sobre o tempo de Tavinho. Bebel, você ia dizendo que, no tempo de Tavinho, não tinha opção.

— Não tinha, precisava ser uma múmia para não entrar naquela. Todo mundo completamente louco, inclusive ele, aquela cafungação desenfreada, acabava pintando alguma coisa, era inevitável. Até mesmo porque ele estimulava. Ele mesmo, quando cheira muito, broxa, não é segredo, ele vive anunciando isso, e é verdade. Fica completamente broxa, com aquele negocinho penduradinho, igual a um amendoim cozido, daqueles murchinhos, de fundo de tigela. Mas na cabeça, minha filha, é uma ligação só, ele só pensa e fala em sacanagem. É botar uma fileira no juízo e ele vai comer todo mundo, a mulher dele vai comer todo mundo, todo mundo vai comer todo mundo, até as mulheres da família ele fala em comer.

Você já viu ele atacado algumas vezes, Aninha, você sabe como ele fica.

É, mas ele também fica engraçado, falador, espirituoso.

— Para você, porque ele, mesmo cheirado, nunca teve coragem de cantar você, não só porque você não cheira e aí não facilita, como porque ele tem medo de Ângelo Marcos, mas vá por mim, que já vi ele aprontar milhares de vezes, ele não é fácil.

— E ele dava força para você...

— Dava força? Ele praticamente me jogava! E eu, naquela época, ainda muito boba, apaixonada por ele, achando pó a maior maravilha do mundo, acabava entrando nessa, entrei mesmo. Até que, é claro, encheu o saco e eu descobri que não dou mesmo para esse tipo de vida, não é a minha.

— E ele nunca se chateou com isso, não?

— Na rebordosa, até a fileira seguinte. Quando ele amanhecia viradão e

de ressaca, e decidia comer, beber leite e tomar vitaminas e sais minerais durante vários dias, para se recuperar da pauleira, geralmente ficava todo macambúzio,

Talava pouco, não queria conversar sobre a noite anterior e se trancava horas no estúdio. Cansou de dizer que ia dar um grande fresco, passar um semestre sem cheirar e coisas assim. Mas você sabe como é que ele pega o pó dele, não sabe?

Geralmente, é de graça. Pode pó de graça, já imaginou, mesmo ele sendo rico? Quer dizer, o cara que arranja o pó para ele vive tomando dinheiro emprestado e nunca paga, essas coisas, mas basicamente sai de graça. Direto da polícia, da melhor qualidade, como o da polícia sempre é. Quem descola é esse cara, um primo dele que foi criado junto com ele e não deu para nada e foi ser polícia e também cheira em escala industrial, sempre esqueço o nome dele. Alcíades, veja que nome. Pois Alcíades não falha nunca e aí, com aquele pó todo em casa, dava dez horas da noite e Tavinho, depois de devorar ovos quentes como um gambá o dia todo — era a única coisa que ele conseguia comer nessas horas, além de beber o leite de umas quarenta vacas — e dizer que estava se sentindo bem alimentado, resolvia dar um realce. Somente um realce, sabe como é, um realcezinho. Realce esse, já viu, não é? Quando ele levantava a cabeça da bandejinha térmica, com os olhos faiscando e aquele biquinho e dava aquela fungadinha esfregando a aba do nariz, você podia enroscar uma lâmpada de 200 velas na boca dele, que acendia no ato. Aí, pronto, aí ficava tudo normal de novo, tudo natural, todo mundo voltava a dever comer todo mundo etc. etc. etc, a mesma transação de sempre.

— E agora, com Nando, é diferente.

— Completamente! Não tem nada a ver, e inclusive Nando e eu nem cheiramos mais, só assim socialmente, uma vez na vida e outra na morte, quando algum amigo apresenta, mas, assim mesmo, nem sempre. Não, nada

disso, agora é uma coisa sadia, honesta, aberta, uma coisa normal, não tem nada daquela maluquice destrambelhada. É como eu disse antes, é uma filosofia de vida sólida, tranqüila, séria.

Nos meses posteriores a essa conversa, que Ana Clara passou a considerar histórica, Bebel e ela se aproximaram ainda mais e agora não havia dúvida de que eram as melhores amigas uma da outra. Com absoluta certeza, nenhuma dúvida. Verdadeiro presente do céu, a volta de Nando à Bahia, depois de tanto tempo no Rio. Inteligente, corajosa, solidária e com um senso de humor sempre afiadíssimo, sempre, como ela mesma dizia, num astral altérrimo, Bebel tinha literalmente subvertido a vida de Ana Clara, tinha feito uma completa revolução, a realidade era essa. Sou outra mulher, pensou Ana Clara, abrindo o gavetão e tendo alguma dificuldade em achar a latinha, que finalmente encontrou, entrouxada num lenço de cabeça velho. Papéis de cigarro americanos extra large, daqueles ótimos, que têm um aramezinho embutido para a pessoa poder queimar a beata até o finzinho, fumo de primeiríssima qualidade conseguido pela própria Bebel, que parecia conhecer todos os transeiros e maconheiros do planeta e tinha peito para sair de carro, como já saíra, altas horas da noite, para comprar dois baseados na mão dos transeiros das barracas de frutas do Mercado Modelo, bem nas barbas da Polícia Federal, juntinho do prédio dela. Tudo em cima, tudo perfeito, e Ana Clara, com a latinha no bolsão da saia, desceu para a sala onde assistiriam a um filme em videocassete que Ângelo Marcos tinha trazido de Miami.

Mas não chegaram a prestar muita atenção ao filme, não só porque era a terceira vez que o viam, como porque Ana Clara não ficou impaciente antes mesmo de terem terminado de fumar o baseado e, com a cabeça zonza e um sorriso maroto, disse a Bebel que tinha uma coisa muito importante, importantíssima, para falar, uma coisa que só podia ser conversada com uma amiga assim como ela. Bebel deslizou para a ponta da poltrona e virou-se

com os olhos arregalados.

— É o seguinte, Bebel — disse Ana Clara, apertando um botão do controle remoto para desligar o aparelho. — Eu resolvi arranjar um namorado, talvez dois ou três, resolvi que de agora em diante vou namorar. Sistemáticamente. Como filosofia de vida. Ana Clara em nova fase.

Bebel jogou-se para trás na poltrona e agitou as pernas no ar. O quê? Que viam seus olhos, que ouviam seus ouvidos? Quase não dava para acreditar! Verdade mesmo? Claro que era verdade, e Ana Clara contou em pormenores como havia pensado semanas e semanas e como aquela conversa com Bebel e as outras que se seguiram foram importantes, especialmente porque ela aprendera a raciocinar com objetividade, a ver as coisas de maneira racional, tal qual Bebel. E só havia uma resposta para a pergunta que ela não conseguia evitar repetir todo o tempo: a troco de que era fiel? Amor? Não, porque realmente não sentia mais amor por Ângelo Marcos, (que na verdade não fazia muita falta na casa, onde, exceto para dormir, raramente estava. A troco de segurança? Não, porque ele não se separaria nunca, ele mesmo dizia que ela fazia parte de seu patrimônio político e, além disso, tinha um medo terrível da idéia de ser obrigado a abdicar de qualquer de seus bens e muito menos do seu dinheiro, mesmo que apenas uma parte ínfima dele. Nem ela tampouco queria separar-se, era uma burrice, uma ação destituída de racionalidade, e doravante — atenção! — ela era a rainha da racionalidade, fora da racionalidade não havia salvação. A separação só ia causar problemas e uma chateação interminável, até porque ela também não tinha saco para ficar brigando por pensões, casas de praia, apartamentos, porcentagens, não sei o quê.

Então permanecia Hei para proteger alguém, pelo menos? Não, porque não tinha filhos, não tinha nada nem ninguém a perder. A troco de reciprocidade? Evidentíssimo que não, porque até já flagrara Ângelo Marcos

com a mão embaixo da saia de uma tal Telminha, que trabalhava no gabinete dele, e sabia perfeitamente que ele era metido a rei das mulheres e vivia dizendo vulgaridades sobre como toda mulher merecia pelo menos uma trepada, ou que o lema dele era "se me deres, eu como" e assim por diante. E não dava para contar nos dedos as vezes em que fora visível que ele tinha estado com outra mulher antes de voltar para casa, não existia um indício clássico que ela já não houvesse surpreendido pelo menos uma vez, desde perfumes escandalosos na camisa a lábios rodeados por um contorno arroxeadado, ressaltado em sua pele muito branca. Até uma cueca suja de batom na frente ela tinha pilhado, e não falara absolutamente nada. Então a resposta era óbvia: ela era fiel a troco de nada. A troco de nada, não, a troco de viver entediada, de nunca ter experimentado a mínima de suas fantasias, de estar vendo a juventude passar depressa sem que ninguém mais a cortejasse, a elogiasse, a valorizasse como mulher, como fêmea, como gostosa, que ela sempre se achou e nunca mais ouvira de ninguém, nem dele mesmo. A quem estava prejudicando? A ela própria e a ele também, de certa maneira. Assim, havia adaptado a filosofia de Bebel à sua própria situação. Com uma diferença básica: embora, da mesma forma que Bebel, não quisesse prejudicar qualquer pessoa, nem expor o marido, não lhe passava pela cabeça vir a contar a Ângelo Marcos nada daquilo. Se ele viesse a saber por outra pessoa, coisa que ela preferia que não acontecesse, mas podia acontecer, azar, ela negaria de pés juntos. Mas falar com ele, não, nunca, a situação dela era muito diferente da de Bebel.

Decerto que era diferente, e Bebel, sem poder parar quieta de tanta excitação, afirmou que se tratava de uma atitude muito sadia, uma atitude de sobrevivência mesmo — ia ser a maior terapia, com certeza! Do contrário, Ana Clara continuaria entalada com suas frustrações e ia acabar murchando e ficando uma chata doente e insuportável, esse tipo de repressão faz um mal

horrível! Que decisão fantástica, que reviravolta existencial!

— E como se eu tivesse aberto uma vida nova para mim, um caminho novo, você entende? — disse Ana Clara com os olhos luminosos, e Bebel respondeu que entendia, sim, claro que entendia.

Primeiro pensaram em fazer um brinde com vinho branco. Ângelo Marcos tinha comprado, de um iatista que fundeou na ilha com toneladas de muamba, umas dez caixas de vinho alemão, desses vinhos gloriosos do Reno com o nome do comprimento de um trem, ali mesmo devia haver várias garrafas, na geladeira do bar. Naturalmente que Bebel topava, podiam deixar de brindar? E, além disso, o melhor barato de todos os baratos que ela já experimentara era maconha seguida de um vinhozinho superior, mas Ana Clara de repente resolveu que não, que vinho alemão que nada, ia abrir uma garrafa de champanhe, isso sim — o que providenciaram com grande algazarra, enquanto Bebel começava uma dissertação hilariante sobre homens e amantes, que terminou fazendo Ana Clara rir até despencar do sofá e praticamente rolar no chão, entornando champanhe na cabeça.

Bem mais tarde, já sozinha no salão do segundo andar, ela tentou andar até a sacada, mas se sentiu tonta, tropeçou na mobília duas vezes e preferiu sentar-se de frente para o mar, no grande diva de couro branco, embora o mar somente se ouvisse e não se visse, por trás de uma escuridão sem fim. Quis lembrar-se da conversa e dos conselhos de Bebel, mas não conseguiu e notou então que estava com o rosto contraído. Por que, se o que devia estar fazendo era rir? Relaxou os músculos do rosto, sorriu. Ana Clara em nova fase. Mas nenhum pensamento parecia ter fio, amontoando-se um sem-número deles em desordem, como num caleidoscópio que não parasse de girar. Homens, quartos, camas, beijos, enlaçamentos, sensações, lembranças de orgasmos. De olhos fechados e por um momento brevíssimo, foi possuída longamente por um homem indefinido e se sentiu numa plenitude insuportável, que a fez abrir

os olhos ansiosa e respirando forte. Estou grávida, pensou, mas não riu como achara que riria. Pelo contrário, apertou as mãos com força no regaço e suspirou um pouco trêmula, enquanto via com espanto que a idéia de ficar grávida, que antes lhe chegara a sugerir até uma certa repugnância, agora tomava seu corpo todo e lhe trazia um fervor esquisito e desconhecido, em que, apesar de ter medo, queria mergulhar cada vez mais.

Levou um tempo muito grande derreada no divã, sem saber direito em que estava pensando, ou mesmo se estava pensando, até que a escuridão lá fora começou a parecer que latejava como um bicho, e ela, com um pulo repentino e sem olhar para trás, desceu a escada em direção à cozinha, acendendo todas as luzes no caminho. Tão faminta que tinha câibras no estômago, abriu a geladeira e passou mais de meia hora comendo sem conseguir parar, até que ficou com sono, despencou na cama sem trocar de roupa, dormiu no mesmo instante e teve pesadelos a noite toda.

Sentados com as cabeças baixas, os três tripulantes do batelão tainheiro, todos de chapéu e sem camisa, acabaram de marcar o peixe e principiaram a manobrar para botar a rede, desdobrando-a num círculo preciso e gracioso, fechado pela própria embarcação. Firme como se estivesse em terra e não sobre uma peça de madeira bamboleante, um dos homens, tão logo o círculo foi completado, levantou-se e começou a bater com um mourão na água, para que os peixes assustados se engrazassem nas malhas e não pudessem escapar saltando por cima das bóias, como alguns poucos tinham conseguido.

— Admirável — disse Dr. Lúcio Nemésio, que havia parado perto da fortaleza, na companhia de João Pedroso, para assistir à pescaria. — Um espetáculo realmente admirável. — É mesmo. Principalmente assim, quase de noitinha, com esses reflexos vermelhos e dourados na água, é uma visão muito bonita, parece um quadro impressionista. E eles deram sorte hoje. Cada vez se

acha menos peixe por aqui, cada vez menos. Outro dia, eu resolvi andar aí mesmo pela coroa e a água estava muito amarelada e com uma temperatura altíssima, como nunca senti antes por aqui. Aliás, eu pensei até em medir a temperatura, mas passei na praça para beber alguma coisa e me esqueci.

Lúcio Nemésio pareceu não ter escutado e continuou de olhos fixos na pescaria. "Admirável", repetiu, e se voltou repentinamente para João Pedroso, sacudindo no ar um classificador de papelão.

— Daqui a pouco eu lhe conto esta — disse, falando mais alto do que anteriormente. — Esta é fantástica. Mas antes deixe-me dizer-lhe que eu não estava admirando a cena sob o ponto de vista estético, nem me admirando por eles estarem conseguindo pegar peixe. Quando eu disse "admirável", estava pensando numa coisa completamente diferente, estava pensando em como são resistentes esses sujeitos. Verdadeiros zoológicos ambulantes, todos eles, todo tipo de nematóide, platelminto, protozoário, esses bichos que você conhece muito melhor do que eu, o que você lembrar tem aqui. Você diz xistossomose? Não precisa ser nenhum Hipócrates, que ensinava a conhecer pela cara o sujeito que está com um pé na cova, para olhar para eles e ver que estão com os fígados e os baços do tamanho de melancias. Você diz filariose? Eu dobro e vou ao repique com tripanossomíase, ascaridíase, amebíase e mais todo tipo de infestação por insetos sortidos, de piolho a bicho-do-pé. Aliás, você talvez dissesse que o menos ruim seria o bicho-do-pé, que dá aquela coceirinha gostosa e o sujeito tira com a ponta de um alfinete. Pois eu lhe conto: nós amputamos um pé — um pé, não, uma perna — por causa de bicho-do-pé, não estou mentindo a você, era uma mocinha da contracosta com um quadro infeccioso e parasitológico que dava para fazer um congresso da Organização Mundial de Saúde somente em torno dela. E ainda por cima diabética, como muita gente aqui, talvez por alguma razão genética, reforçada por essa endogamia meio incestuosa que a gente vê muito aqui pelo Recôncavo. O pé

dela nem parecia mais um pé, não sei o que era que parecia, parecia uma jaca ulcerada. Claro que o problema é saneamento básico, educação sanitária etc, etc, todo mundo já conhece a ladainha, mas enquanto isso não se pode deixar de tratar esses infelizes e fazer alguma coisa para melhorar a situação deles. Por isso que no meu discurso eu martelei tanto esse ponto da parasitologia. Eu não estudei administração hospitalar, mas não me conformo com esse negócio de, em nossas condições, o setor de parasitologia, além de desaparelhado, ficar sob a supervisão de um hema-ologistazinho de terceira e entregue a dois mexedores de cocô recémformados, cuja única experiência no assunto foi quebrar fecalomas, quando estagiavam no Pronto-Socorro. Mas, além do discurso, eu ainda falei em particular com Ângelo Marcos, que foi meu aluno e me respeita muito. Eu sei que politicamente ele não vale nada, até moralmente, mas o que me interessa é meu hospital e nessa luta eu vou até o fim. E também falei com os repórteres. Espero que alguma coisa saia publicada, fui o mais enfático que pude, porque isto realmente é um escândalo.

— Lúcio, nunca lhe perguntaram por que um homem na sua situação, com uma carreira ilustre e consolidada, bem estabelecido e sem problemas, podendo passar o resto da vida na flauta, se mete aqui na ilha, socado naquele hospital? Eu conheço você e imagino que sei a razão, mas nunca lhe perguntam isso, não?

— Perguntam, sim, e eu já tenho a resposta pronta. Não é para ir para o céu, porque não acredito em Deus, como você, que eu desconfio que quer ser santo. Aliás, eu também teria a mesma pergunta para você. Como é que um homem como você, com sua formação científica, um biólogo que podia estar hoje fazendo o que quisesse e só não faz porque é maluco e prefere vender peixe...

— Eu não sou biólogo, biólogos são esses caras que fazem biologia molecular e uma porção de outras coisas de eu não entendo nada, eu virei no

máximo um naturalista, como se dizia antigamente. Mas deixe isso para lá, depois a gente laia sobre isso, diga qual é a resposta que você dá.

— A resposta que eu dou é "eu quis ser médico", simplesmente. Médico na expressão mais ampla da palavra, livre para fazer o que gosto e como gosto, para tratar de gente que precisa de tratamento. Eu me sinto bem, quando consigo que alguém fique bom de alguma doença, me sinto muito bem.

Sou muito ligado a este povo humilde do Recôncavo, inclusive porque eu também não nasci propriamente em berço de ouro, fui pobre também, embora não tanto quanto eles. Então eu quis ser médico, médico como sempre desejei. Esse hospital me realiza e me preenche e sou obrigado a confessar que passei a gostar muito de americano e alemão, pela ajuda que eles deram e continuam dando, porque, se não fosse isso, já estaria tudo caindo aos pedaços, como sempre acontece.

— Que é que os gringos fazem aí? Eles têm uma espécie de prédio separado, não têm?

— Não, só um anexo da ala ginecológica e obstétrica, uns dois laboratórios e alguns escritórios. Grande parte do trabalho deles não é nem propriamente médica, é sócio-econômica, eles levantam dados sobre natalidade, estrutura familiar, relações de trabalho, esse tipo de coisa, não sei precisar bem. E também tem o pessoal que trabalha com fertilidade, concepção etc. E os internos e os visitantes, que trabalham conosco no hospital. Todos meus aliados, nessa luta da parasitologia, essa nós vamos ganhar. E, falando em parasitologia, quero lhe mostrar esta novidade daqui, que, com essa conversa toda, eu quase acabo esquecendo. Se prepare para um susto. Pode até não ser realmente novidade para você, mas duvido que já tenha visto algum caso, é o tipo de coisa que a gente pensa que só existe na literatura científica, na realidade a gente pensa que não existe. Que caso! Você sabe o que é um cisto hidático?

— Hem? Sim, deve ter qualquer coisa a ver com ovos de cestóides, não é, não? Eu fui bom de verme, na Faculdade.

— Bom de verme, não, bom de tudo, que eu sei. Eu até hoje não enten... Deixa pra lá. Bem, eu mesmo nunca tinha ouvido falar nisso até menos de um ano atrás, deu um trabalho do Cão para levantar tudo. Você matou em cima, só que não é de ovos, é de larvas.

— Sim, de larvas, claro. Um saquinho redondo, uma bolinha.

— Bolinha não, meu compadre, verdadeiras bolas de pingue-pongue. Já tiramos de fígado e de pulmão. No segundo caso, o sujeito tinha três no pulmão direito, duas bolas de gude e uma de pingue-pongue.

— Mas está havendo infestação generalizada por aqui?

Nunca ouvi falar...

— Bem, não sei o que você chama de generalizado, mas três casos em menos de um ano, e de um negócio de que nunca se tinha ouvido falar aqui... Para não mencionar que o sujeito pode ter um cisto desses e não sentir nada, pelo menos durante muito tempo.

— Que tipo de tênia é? Elas têm uns ciclos peculiares, umas especialidades. Você já conhece bem os vetores?

— Eu sei tudo, levantei tudo. O nome da doença é equinococose. Eu sei que não é coisa para rir, mas tive uma espécie de crise de riso histérico que quase me arrebenta o diafragma, na hora em que li o nome, dá a impressão de que o sujeito contraiu a doença de tanto comer cocô de cavalo.

— Echinococcus, claro, disso eu me lembro. Echinococcus o quê?

— Não me lembro, multi-não-sei-o-quê, um negócio com "multi".

— Não me lembro. Mas não tem nada a ver com cavalo, claro. Claro que você sabe, o prefixo é o mesmo que em "equinodermo", quer dizer...

— Aí você não pode me ensinar nada, meu doutor, por que eu tomei

um verdadeiro curso com o Tosta Filho, que entende mais de lombriga que o Papa de missa, e já sei tudo, ele me passou até duas monografias. Hospedeiro intermediário: ruminantes, principalmente carneiros, que aqui quase não há. E gente, claro, como nesses três casos. Hospedeiro definitivo: cachorro, que aqui tem demais, embora eu não tenha notícia de nenhum cachorro gaúcho nas redondezas, porque o Tosta me disse que esse negócio dá mesmo é lá pelo sul, e de fato uma das monografias é de um professor de Porto Alegre e a outra de um uruguaio. Tudo, naturalmente, como sempre nesses casos, envolvendo merda, porque o parasito adulto vive nos intestinos de cachorros — e de merda aqui a abundância também é grande. Mas nenhum dos três pacientes tem cachorro e muito menos carneiro, se bem que o terceiro, que é um menino, goste de brincar com cachorro, mas com qualquer cachorro da rua. Quer dizer, tem um trabalho de detetive aí, e quem é minha Scotland Yard? Eu tenho algum sanitarista docente, que saiba montar um projeto de pesquisa modesto, porém correto? Não, tenho os dois rola-bostas e o hematologistazinho, que ficam com aquelas caras de mula, limitam-se a me corrigir professoralmente quando eu chamo tênia de lombriga e acabam não resolvendo nada. Claro que não se trata, nem acho que vai se tratar, de um grande problema de saúde pública, mas para mim tem uma espécie de significado simbólico, um grande significado simbólico.

— Os cistos? A equinococose? Não entendi.

— Você vai entender. Isto aqui...

— E uma radiografia mostrando um cisto?

— Não, olhe aqui, é o laudo e o gráfico de um encefalograma, um eletro. Você não entende nada de encefalograma, entende? Nem eu, mas sei o bê-á-bá, pelo menos o bê-á-bá o cirurgião tem de saber. Eletro não dá para você ter certeza de nada, nesse caso. Mas o menino da encefalografia, um sergipaninho amarelinho que estuda como um celerado, é muito bom e tem

umas idéias, me explicou tudo, não tenho dúvida.

Estas ondas aqui, olhe aqui, estas mais gordinhas aqui, que dão essa achatadazinha aqui, configuram o que eles chamam de ritmo delta. No duro que é tumor dentro da massa encefálica, certamente inoperável. Se fosse traumatismo no tronco encefálico, como se chegou a cogitar, porque ele começou a se queixar de dor de cabeça depois de uma queda, a onda provavelmente seria outra, seria larguinha também, mas menorzinha, ritmo teta. Aqui é tumor, não há dúvida, o sergipãozinho aposta a peixeira dele como é, e eu aposto qualquer coisa, porque claro que não estou fiado somente no eletro. Logo no primeiro dia de internamento, o menino já era um catálogo clássico de sintomas, desde a dor de cabeça a vômitos e manifestações neurológicas — discretas, mas claríssimas. Bem, até aí nada de mais, de vez em quando aparece alguém com um tumor no cérebro, faz parte da vida. Mas você quer que eu lhe diga o que é que eu acho que esse tumor? É isso mesmo que você está pensando, tenho praticamente certeza de que é um cisto hidático, até porque ele está com um no pulmão também. Tive um palpite, mandei radiografar ele todo, lá estava a bolinha branca, pulmão esquerdo, lóbulo basal, visibilíssima. Tanto assim que já telefonei para o Tosta, que está muito interessado no caso e só não veio aqui porque nunca tem tempo, e consegui internar o menino nas Clínicas, assistido pelo Tosta e mais neurologistas, neurocirurgiões, tomografistas, serra-ossos e aquela raça toda da Universidade, eles vão gostar, é o que se pode chamar de um belo caso. O menino vai morrer, claro, mesmo que aqueles tarados serrem fora a metade dos parietais dele, para aliviar a pressão na dura-máter. É aqui que entra o aspecto simbólico, o aspecto simbólico de que lhe falei.

— É, você vai ter de me explicar, porque não vejo aspecto simbólico nenhum.

— É o seguinte, meu caro Dr. João Pedroso — disse Lúcio Nemésio,

ajeitando o chapéu na cabeça e se preparando para tomar o rumo de casa. — Como médico e brasileiro, fico envergonhado por saber que agora no Brasil também se morre de lombriga no miolo. Existe algo de simbólico nisto, não existe? Eu suspeito que existe, inclusive porque verme é geralmente associado com merda.

Riu num timbre um pouco desagradável, as grandes bochechas pendidas parecendo ainda mais desmoronadas que habitualmente. Vamos nos ver de noite, disse a João Pedroso com um gesto vago e, carregando o classificador entre as mãos cruzadas às costas, tomou o Largo da Glória e desapareceu devagar, pela rua dos Patos abaixo. João Pedroso sentiu admiração pelo velho, mais uma vez. Espírito público, espírito de luta, competência, desprendimento, coragem. Só tenho o espírito público e olhe lá, pensou, lembrando com relutância e vergonha que, durante a entrevista dada aos jornalistas pelo velho, tivera a oportunidade de conversar com eles sobre a destruição da ilha e sobre outras coisas que vivia sempre pensando em denunciar e combater, mas não conseguira dizer nada, ficara como um imbecilóide, engasgado e encolhido num canto da sala. Respirou fundo, alisando a nuca com força, como se na verdade quisesse esmagá-la. Sim, não tinha desculpa, ia mudar de atitude, ia fazer alguma coisa, claro que ia, havia muito a seu alcance. Sentiu uma ansiedade repentina ao pensar nisto, quase uma náusea, e caminhou depressa para a praça, porque precisava muito beber alguma coisa.

CAPÍTULO 2

Matar-se foi o primeiro pensamento de Ângelo Marcos, ao voltar para casa, depois de saber da notícia. Chegou a tirar o 38 do armariozinho embutido onde o escondia por trás de um fundo falso e sopesá-lo durante vários minutos, até que, com uma contração dos ombros que quase o derrubou, começou a chorar em soluços arquejantes, caindo de bruços na cama e enterrando o rosto no travesseiro. Só bem mais tarde o choro convulso se abrandou e ele levantou-se com lágrimas ainda lhe escorrendo dos olhos inchados, o revólver na mão direita. Examinou-o de perto, leu em voz alta as palavras inglesas gravadas no cano, leu os números também em inglês. Quis achar aquilo engraçado, mas não conseguiu nem mesmo sorrir e sentiu outra vez o impulso de soluçar, só que desta feita mordeu o lábio inferior e controlou-se. Movendo-se muito devagar e fungando com a cabeça derreada, retornou ao armariozinho, abriu o fundo falso e pôs o revólver no lugar costumeiro.

Em seguida, num relance que mais tarde ele mesmo não iria recordar direito, viu-se ligando os condicionadores de ar de seu gabinete, sentando-se na grande poltrona giratória e repousando os calcanhares sobre a mesa, na direção do porta-retratos de prata que emoldurava uma fotografia do casamento com Ana Clara. Puxou o porta-retratos com a ponta do sapato até poder apanhá-lo sem muito esforço, segurou-o no colo e, depois de fitá-lo algum tempo, achou-se feio e de expressão apatetada. Palhaçada, palhaçada, a vida é uma palhaçada sem sentido. Ergueu os olhos e mirou em torno, as coleções encadernadas que nunca lera parecendo ainda mais remotas e absurdas do que sempre secretamente pareceram, as estantes nada mais que peças de mobília tirânicas, as cortinas ridículas. Sim, não era só o retrato que se apresentava diferente, tudo era diferente, bosquejado em cores foscas e muito

destacado, como se ele não estivesse neste mundo. Inspirou forte, deitou o porta-retratos sobre a mesa sem olhar mais para ele e, a princípio tremelicosamente, mas logo de maneira decidida, assumiu um semblante firme, exatamente o que pretendia estampar, quando pela primeira vez tocasse no assunto com Ana Clara, e começou a falar sozinho. Pensando bem, o pior já tinha passado, já tinham passado a dúvida, a ansiedade, a angústia da incerteza. Agora não, agora era uma realidade. Uma realidade dura, não se podia negar, mas perfeitamente tangível e, por conseguinte, enfrentável — e não só enfrentável, como derrotável. E Deraldo havia sido claro, enfático mesmo. "Desta vez você escapa, não se preocupe, vai dar para segurar", dissera ele, com aquele ar de coruja composta que desde a Faculdade lhe alicerçava a reputação de competência. Certo, certo, tudo entendido, Deraldo não estava enrolando, tudo sob controle, não havia razão para pânico, a mínima razão, antes pelo contrário, havia até alguma razão para alívio.

Sim, mas chorar não tinha sido necessariamente uma coisa ruim e talvez, se não houvesse chorado, chegasse a dar mesmo um tiro na cabeça. Não, não chegaria, aquilo fora mais propriamente um gesto de protesto contra Deus, um jeito de blasfemar sem pronunciar palavras para as quais não tinha coragem. As perguntas não podem deixar de vir, sempre vêm as mesmas perguntas, e dá raiva ver que, de tão usadas e repetidas pela vida afora, não fazem o efeito que deveriam fazer, não causam a revolta e a perplexidade que deveriam causar. Por que ele? Por que tão cedo, em idade tão produtiva, diante da perspectiva de uma maturidade plena, que finalmente o recompensaria, depois de uma vida de tanto esforço, tanta luta? Por que, por quê? Chorar fora bom, sim, já que praticamente não tinha desabalado todos estes dias mais longos que meses e mais agoniados que uma temporada no inferno, em que os ombros e o pescoço se transformaram em granito, o estômago virou uma fronha amarrotada e qualquer telefonema podia ser um arauto da morte — desde

aquele momento pavoroso em que, voltando de uma viagem já tarde da noite, foi ao banheiro depois de muita resistência e, ao levantar um pouco os quadris para jogar um toco de cigarro na privada, viu, saindo de seu corpo como de uma torneira mal fechada, um jorro contínuo de sangue, que já transformara tudo embaixo numa poça rubra. Pôs-se de pé atarantado e meio tonto, uma borrifada de espessas gotas de sangue fez um semicírculo em torno de seus pés e logo um riachinho quente e viscoso lhe escorreu até os tornozelos. Que hemorragia louca era aquela, ia entrar em choque, ia morrer, quanto de sangue já não teria perdido no fundo agora negro da privada, a tontura que sentira teria sido por causa disso? Mexendo-se cuidadosamente, com as pernas coladas e mal levantando os pés do chão, sentou-se no bidê e ficou olhando, o coração suspendendo as costelas e o suor ardendo nos olhos, seu esguicho vermelho inicialmente continuar tão vivido quanto antes, para depois a água que o lavava ir esmaecendo aos poucos, até se tornar completamente límpida. Olhou em redor, parecia que tinham cortado o pescoço de uma galinha, para em seguida rodopiá-la pelo banheiro. Erguendo-se entre muitas cautelas, lembrou-se das outras vezes em que limpava gotinhas de sangue no caminho entre o vaso e o bidê, porque não queria que Ana Clara as visse e insistisse em que ele se operasse. Mas eram apenas gotinhas, gotinhas a que se acostumara a não dar importância, nada como isto que começou a remover com papel higiênico e uma toalha que molhava a intervalos, esse mar de sangue, sobre cuja erupção falou nervosamente no consultório de Deraldo, às nove da manhã seguinte.

— É, você deve estar anêmico — comentou Deraldo. —

Bem, vamos olhar isso aí — acrescentou, levantando-se e indicando a direção da saletinha anexa.

— Você acha que eu vou ter de me operar?

— Depende. Sem olhar, como é que eu vou saber?

Foi olhar e veio a porretada inicial, porque ele não se contentou com o exame de toque e, depois de uma seqüência de procedimentos que Ângelo Marcos considerou humilhante e se sentiu compelido a acompanhar com piadinhas que não pareciam estar sendo ouvidas, usou o anuscópio um tempo enorme, para finalmente anunciar que ia coletar material para uma biópsia.

— Não dói nada — explicou, sem erguer os olhos de algumas anotações que tinha feito. — É uma besteirinha e eu ainda vou usar xilocaína. Fique aí mesmo, que eu não demoro.

— Biópsia? Mas para que diabo eu quero biópsia? Minha tese desde a Faculdade sempre foi que biópsia dá câncer, não senhor, não precisa ser tão meticuloso assim e seguir à risca o manual do bundólogo, eu sei que tenho hemorróidas, tenho medo de operação, não confio em hospital, mas estou disposto a me operar, não quero fazer biópsia nenhuma, não sei para que fazer biópsia.

— Bem — disse Deraldo, sem alterar a voz, os olhos quase fechados por trás dos óculos —, não posso tirar material de seu corpo sem sua autorização, mas, como profissional, meu dever é enfatizar que você precisa fazer essa biópsia.

Você tem um tumor no canal anal, é mais do que visível, talvez uns dois centímetros no maior diâmetro, não adianta tapar o sol com uma peneira, o melhor é fazer a biópsia. Posso pegar a pinça?

— Deraldo, como é que você olha para minha cara com essa frieza toda e diz que eu estou com câncer no cu?

— Eu não estou dizendo que você está com câncer, eu estou dizendo que você precisa fazer uma biópsia.

— É a mesma coisa! Você já sabe que eu estou com câncer, a biópsia é somente para confirmar, e você fala isso com perfeita indiferença, como se eu fosse apenas mais um caso

— Mamaco, que é que você quer que eu diga, como é que você quer que eu fale? Eu...

Ao usar inesperadamente o apelido do tempo do ginásio em que também tinham sido colegas e ver Ângelo Marcos encolhido como uma criança aterrorizada, Deraldo enterneceu-se. Sentou-se, tirou os óculos um instante para esfregar os olhos, suspirou, pediu a Ângelo Marcos que se recompusesse por alguns minutos e, revolvendo uma caneta entre os dedos, demorou para começar a falar. Sim, havia uma espécie de ulceração no canal anal, uma formação tumoral. Suspirou outra vez, muito sem jeito, deixou cair a caneta no bloco de anotações. Sim, falou com os olhos num ponto vago à frente, achava que era um carcinoma, um carcinoma epidermóide. carcinoma epidermóide do canal anal, recitou, silabando as palavras e pronunciando os eles finais exageradamente. Mas não era necessário precipitar as coisas, deviam esperar os resultados dos exames, especialmente da biópsia. Normalmente, não faria isto, por achar que se trata de uma certa irresponsabilidade, leviandade mesmo, mas, sendo Ângelo Marcos também médico, ele podia antecipar alguma coisa. Acreditava que era um tumor mais ou menos recente, o que, como sabe qualquer um, melhora muito as chances do tratamento. E o tratamento que ele provavelmente elegeria vinha tendo resultados bastante alentadores, além de, no caso de Ângelo Marcos, haver ainda a clara vantagem estatística de que os pacientes desses carcinomas eram quase sempre velhotes debilitados, e não homens ainda moços e fortes como Ângelo Marcos, apesar da quase certa anemia.

— Se muitos deles conseguem uma sobrevida que pode ser considerada excepcional, imagine você — falou e logo aparentou se arrepender. — Não, não — acrescentou com um sorriso que dava a impressão de estar sendo atrapalhado por pequenos espasmos, o que aumentou a inquietação de Ângelo Marcos.

— Não, não, desta você escapa, não se preocupe, vai dar para segurar.

— E o tratamento? Quer dizer que a probabilidade é que eu vá ter de me operar mesmo, para tirar esse negócio, não é?

Bem, talvez seja melhor assim, de qualquer jeito eu ia ter de operar o eu mais cedo ou mais tarde, é ou não é?

— Não, não, eu não me referi a tratamento cirúrgico.

Quer dizer, na minha opinião não vamos optar por cirurgia.

No caso, não é a melhor solução.

Desviou os olhos novamente, folheou o bloco de notas com o cenho franzido, relutando em responder à pergunta sobre por que cirurgia não era a melhor solução. Radioterapia e quimioterapia, resmungou afinal, arrancando do bloco as folhas anotadas e acenando com elas como quem precisa tratar de assunto mais importante e não tem tempo a perder. Mas algo deve tê-lo irritado no olhar quase beligerante de Ângelo Marcos e, cruzando os braços com a expressão impassível, disse: radioterapia, cobalto; quimioterapia, cin-co-fluo-racillll, mi-to-mici-na-cê. Taxa alta de eficácia, taxa baixa de recidiva, não vamos operar.

Pondo-se repentinamente de pé em seu gabinete e afogeadado por um ódio difuso, mas tão intenso que o sentia como uma coisa sólida dentro do corpo, Ângelo Marcos lembra-se agora de Deraldo voltando a suas posturas de estátua, logo depois de declamar, com aquele deleite mórbido, os nomes das drogas. E com que indiferença em relação à morte, a morte, um pesadelo amorfo e aterrorizante, entre lençóis empapados de sangue, vísceras expostas, dores absolutas e pavores noturnos, visão que na hora avassalou Ângelo Marcos, diante daquele estapafúrdio, naquele consultório igualmente estapafúrdio — aquilo estava realmente acontecendo, estava? E que drogas eram essas, não eram daquelas drogas que causavam náuseas invencíveis, vontade de morrer o dia inteiro, martírio quase tão insuportável quanto a

doença? Eram, respondera Deraldo com a mesma cara pétrea, e costumam causar queda de cabelo também, embora eu ache que você está cometendo uns certos exageros poéticos, você sempre foi meio puxado a Castro Alves.

— Mas por que não cirurgia, então, por que esse sofrimento todo, náuseas, queda de cabelo, leucopenia, agranulo-citose, não sei mais o que, tudo isso que esse tratamento dá, por que não cirurgia? Deraldo respondeu que o cabelo voltaria depois. Sim, o cabelo. E o enjôo e o sofrimento e os exames horrorosos e furadas no esterno e esperas aniquilantes e avida e tudo mais? Melhor do que a cirurgia, disse Deraldo, depois de novamente demorar muito para falar. Mas por que, por quê? E Deraldo, de quem ele ficou com tanta raiva que leve uma espécie de delírio em que o esfolava com um maçarico, não se limitou a dar a resposta objetiva que tudo naquele instante autorizava a esperar, mas, com o rosto outra vez transmutado num paralelepípedo, perguntou retoricamente se ele não se lembrava de nada de anatomia, nem de aula nenhuma do velho Robério Caldas, ou se suas preocupações de grande político o haviam deixado desatento. Falara-se em "canal anal", "canalll anaaalll". Canal anal, portanto... Portanto o quê?

— Portanto — disse ele, desta vez encarando Ângelo Marcos olho no olho —, se a solução fosse cirúrgica, você ficaria sem esfíncter. E ficar sem esfíncter...—ia continuando, como quem começa uma aula, mas Ângelo Marcos, falando muito alto, não deixou, embora depois tenha permanecido vários segundos num silêncio tenso, até perguntar com voz sumida se isso significaria, claro que significaria, ele viver com uma bolsinha perpetuamente pendurada na barriga, atarraxada num tubinho repelente — e teve um calafrio ao ver Deraldo, agora de volta ao constrangimento anterior, fazer que sim com a cabeça.

— Carcinoma epidermóide do canal anal — repetiu Ângelo Marcos em seu gabinete, imitando o jeito de falar de Deraldo. Pôs as mãos às costas e

começou a passear em frente às estantes, como se estivesse passando os livros em revista.

Todos desconhecidos, frios, indiferentes. Tudo indiferente, a solidão, a solidão! Estacou diante da grande Bíblia de bordas douradas e seixas de couro pendentes como chapelões, fechada em seu suporte de madeira lavrada e irradiando de repente uma aura mágica. A Bíblia, sim, a Bíblia, não deixava de ser uma coincidência interessante que, distraidamente, houvesse parado bem na frente da Bíblia. A Bíblia, sim, a Bíblia, quantas vezes não pensara em abri-la ao acaso, para retirar dela uma palavra de orientação, esperança ou consolo, como acontecia com tanta gente? Benzeu-se com a expressão contrita e, as mãos trêmulas, abriu o enorme livro e procurou com avidez ler o primeiro trecho que lhe caiu sob os olhos. "Genealogia de Esdras", dizia o título. "Depois destas coisas, no reinado de Artaxerxes, rei dos persas, Esdras, filho de Saraias, filho de Azarias, filho de Helcias, filho de Selum, filho de Sadoc, filho de Aquitob...", continuava o texto, numa sucessão interminável de nomes que não queriam dizer nada para ele, nada de mensagem, nada de palavra amiga, também a Bíblia era indiferente, tudo era indiferente, não havia nada. Pensou em fazer nova tentativa, mas não, agora não valia mais, não convenceria mais, e fechou o livro quase com um safanão.

Talvez, assim mesmo, pudesse rezar de novo. Não existia a infinita misericórdia de Deus? Infinita, infinita, é preciso prestar atenção nessa palavra. Infinita. Não existia essa misericórdia? Existia, existia. Bem verdade que rezara tanto, antes de chegar o resultado da biópsia, rezara tanto que uma vez se sentira quase levitando, depois de ter passado mais de dez minutos ajoelhado em prece fervorosa, dentro do gabinete da Secretaria, e ter-se posto de pé com a convicção de que o laudo seria negativo. Durante algumas horas, ponderou confiantemente em como tudo fora apenas um susto, uma maneira de sacudi-lo e obrigá-lo a fazer correções de curso em sua vida, observar certas coisas,

rever certos hábitos e práticas. Afinal, havia mesmo grande sabedoria em dizer-se que Deus escreve certo por linhas tortas, a vida realmente é a única grande escola e Deus é bom. Por isso mesmo, quase xingou Deus e todos os santos, quando viu, dentro de uma capa cujo timbre horrendo era um caranguejo trespassado por uma adaga, as palavras macabras que não cessavam de persegui-lo como um verso funéreo, escritas por uma impressora de computador: CARCINOMA EPIDERMÓIDE DO CANAL ANAL.

Não, não ia rezar de novo. Deraldo lhe dissera que não bebesse, havia várias medidas preparatórias que precisavam ser tomadas antes de começar o tratamento, e parar de beber era uma delas. Bem, pararia no dia seguinte, hoje não, hoje tenham a santa paciência, o sujeito que acaba de ser informado de que está com câncer tem direito a tomar um porre. Rezar de novo, não. Além disso, precisava pensar em certas questões importantes, até mesmo em como contar tudo a Ana Clara. Agora a distância que cada vez mais aumentava entre eles se afigurava inaceitável, um desperdício, uma insensatez, uma coisa despropositada. Sim, tinha de fazer autocrítica em relação a seu comportamento no casamento, faria essa autocrítica e abriria o peito com ela, na maior sinceridade, na maior humildade. E precisava examinar outras coisas também, todas extremamente graves, tais como a licença que teria de tomar, a repercussão política de seu afastamento e de sua doença, muitas outras coisas.

Com um prazer bem maior do que esperava poder sentir, abriu a geladeira e tirou do congelador uma garrafa fechada de vodca polonesa, junto com um copo curto, embaçado por uma camada fina de gelo. Pôs dois cubos de gelo no copo e ficou olhando com deleite a vodca escorrer viscosamente, até quase transbordar. Pouco mais de vinte minutos depois, estava bêbedo e tinha tomado notas, que agora passava a limpo pela terceira vez e já não compreendia direito. Uma hora e meia depois, tinha terminado de beber toda a garrafa e adormeceu com a cabeça desabada sobre a escrivaninha,

entre montes de papéis amarfanhados, a mão sobre a caneta e a folha de bloco onde escrevera "Filosofia do Câncer" e, nas linhas abaixo, as palavras "Já se disse que o câncer é uma revolta celular, uma rebelião que utiliza as forças do organismo contra ele, e minha tese é que", seguidas de um risco sinuoso, que chegava até a borda inferior do papel.

Tipo Molly Bloom, pensou Ana Clara, de barriga, para baixo na cama e se apoiando sobre os cotovelos. Não, tipo Lady Chatterley — como era mesmo o nome do peru do amante dela? John Thomas, sim, John Thomas, claro que sim, ela tinha até umas três ou quatro anotações que falavam no John Thomas. Delírios tórridos, masturbação apocalíptica, ao comer imaginariamente o amante de Lady Chatterley, dia após dia, hora após hora, fazendo tudo o que fosse possível e fantasiável em matéria de safadeza, por aqueles lugares ingleses ótimos, bosques, charnecas, estufas, celeiros, sótãos e gramados e jardins arrepiantes, coisas assim, que aqui no Brasil só existem em reportagens sobre o interior de Santa Catarina. John Thomas pra lá, John Thomas pra cá, por sinal que gracinha os franceses chamarem os ovos dos homens de les valseuses, essa Bebel sabe de cada coisa! Engraçado, John Thomas sempre lhe invocava a imagem de uma bimbina de médio porte para baixo, de aparência não propriamente entusiasmante, assim meio branquinha e rosadinha e fragilzinha, entre pentelhos de coloração desenxabida. Mas dá tesão de qualquer forma, talvez pela tesão que dá em Lady Chatterley. Não, não, Lady Chatterley não, vê lá se ia ser possível arranjar um empregado daqueles aqui, no meio do criouléu desdentado. Não, não, tipo Molly Bloom, escrachado mesmo, claro que sem um milionésimo da vivência de Molly, igual a ela só mesmo isto de estar aqui, espichada numa cama, pensando as coisas mais loucas a mil por hora, se bem que com pontuação e parágrafos mais decentes, e nada esticado ensandecidamente como naquele livro chatíssimo e pernóstico, que só lera

para entrar nessa de cultura, como dizia Bebel, que vinha funcionando como uma espécie de incentivadora intelectual.

Bem, de pouco adiantou, disse em voz baixa, avaliando com desgosto os cadernos e blocos amontoados em torno. Tudo na vida é fácil, antes de ser tentado. Escrever também, e como! A pessoa tem muita coisa a dizer e acha que vai dizer e aí não consegue, nunca sai o que se queria dizer, chega a dar tristeza. E a arrumação, como é difícil a arrumação! As palavras sempre esquivas, sempre dando a impressão de que existe uma melhor, entocada em algum buraco da mente. Mas também que coisa mais desmiolada, essa idéia de escrever. Nem sabia direito o que queria escrever, se era uma espécie de estudo, ou depoimento, ou diário, ou romance, ou artigos — a cada instante um deles era a melhor escolha e aí, de repente, tudo se desfazia e voltava a imperar a maior confusão. Só sabia o assunto: as observações que fez e as teses que formulou, durante os meses em que se dedicara ao que Bebel e ela haviam convencido chamar "A Experiência". Ou seja, os tais namoros. Muito mais fácil falar do que fazer, minha filha! Grandes coisas, a Experiência, chegava a ser ridículo usar essa palavra, com essa pompa toda. Riu ao abrir um caderno na primeira folha e se deparar com o pseudônimo que inventara na companhia de Bebel, desenhado caprichosamente com uma caneta de ponta de feltro: Suzanna Fleischman. Só Deus sabe por quê. Nenhuma das duas sabia, pintou assim de súbito, e Bebel sugeriu abominavelmente que era por causa de um fermento que havia no tempo em que elas eram meninas — não havia um fermento Fleischman antigamente? — pois, já que fermento é para fazer a massa crescer, o nome era um ótimo símbolo para o crescimento de Ana Clara como pessoa, agora transformada numa... numa verdadeira filósofa, porque não, é isso mesmo! Que explicação horrível, dissera Ana Clara, mas gostei do nome, vou adotar.

Suzanna Fleischman, porém, parecia destinada a permanecer tão

frustrada quanto Ana Clara, senão mais, porque, afinal, só dependia de si mesma. Destino irônico para quem nascera com a missão de neutralizar, ou pelo menos amenizar, uma frustração anterior, essa tal Experiência. Já que não conseguira fazer a contento o que partira para fazer, ia escrever sobre isso, uma espécie de desabafo feminino, porque até nisso os homens levam vantagem, têm um campo de ação muito mais vasto, todo mundo acha normal os homens saírem por aí, dando em cima das mulheres, não existe corna, só existe corno. Mas eles dão mesmo em cima? Questionável, questionável, há inclusive um raciocínio postulado por Suzanna Fleischman e endossado por Bebel com apenas algumas reservas, segundo o qual os homens, no fundo, só gostam de homem mesmo. Pensamentos interessantes, raciocínios espertos, observações curiosas. Bebel tinha absoluta certeza de que seria um best-seller internacional. Mas como? Para haver um bestseller, é preciso que haja um livro. Bem, talvez agora, com essa estada forçada na ilha, Suzanna Fleischman consiga arrumar direito os pensamentos, para pô-los no papel de uma maneira pelo menos aceitavelmente organizada. As coisas mudam de um dia para o outro. Se fosse há um mês, mais ou menos, a decisão de Ângelo Marcos passar a continuação do tratamento e a convalescença na ilha seria recebida muito mal, embora provavelmente ela não se recusasse a acompanhá-lo, deveres de esposa, fica chato etc. e tal. Mas agora não, agora é muitíssimo bem-vinda, caída do céu, até. Baixa estação, ninguém na ilha, praia, tranquilidade e, principalmente, Eduardinho não teria a menor chance de aparecer e, mesmo que aparecesse, haveria uma desculpa ótima para ele deixar de encher a paciência: na ilha não pode, todo mundo ia ficar sabendo em menos de 12 horas.

Franziu a boca e fechou os olhos demoradamente. Monstrinha. Mostra. Besta humana. Mostra mesmo. Tinha dificuldade até em fingir consternação por causa da doença de Ângelo Marcos, quanto mais sentir mesmo. Fingia, é

claro, e tivera paciência para escutar a repetição eterna da lenga-lenga melosa com que ele passou a reaproximar-se dela depois da confirmação do diagnóstico, umas conversas visivelmente motivadas pelo cagaço em que ele estava e nada mais, o que é que um bom câncer no chicote não faz. Bem, como ele mesmo dissera, estava olhando a morte na cara e talvez por isso houvesse alguma sinceridade em sua repentina transformação em marido carinhoso, atencioso e solidário. Mas não havia, não havia nenhuma, era tudo provisório, tudo enquanto o carcinoma não regredisse, o cabelo não voltasse a crescer e o terror não passasse. O cabelo, hem? Ele já estava mortificado por causa do cabelo e já tinha tirado várias fotografias, de tudo quanto foi ângulo, para encomendar perucas com a aparência de seu cabelo natural, coitado, tanto xampu e creme rinse, tanta massagem e escovadela — taí, disso ela sentia até uma certa pena, veja como são as coisas.

Bem, talvez toda essa indiferença da parte dela se devesse a Deraldo estar tão seguro de que ele ficaria curado. Deraldo é evidentemente um degenerado de grande talento e competência, que preferia morrer a macular sua reputação com um prognóstico errado. Dá a impressão de que, se ele previr a morte de um paciente e o paciente não morrer, ele vai lá com um revólver e cuida do caso pessoalmente, deve ser um amante furibundo, desses que entram em transes meio catalépticos e chupam dedões de pé, ganindo de olhos fechados. Ela própria nunca tinha tido experiências assim, mas sabia delas e de muitas outras, cada qual mais cavernosa, e Deraldo tinha toda a pinta desse tipo de maluco. É, ele nunca faria uma previsão de que não tivesse certeza, devia ser por isso que ela não se afetara. Não, não era por isso, vamos reconhecer, a idéia de Ângelo Marcos morrer não a inquietava em nada, tudo bem, se morresse, morria. Já tinha dedicado horas e horas a imaginar como seria se ele morresse, já tinha até mesmo armado na cabeça todo tipo de cena, despedidas, últimas palavras, derradeiros suspiros, unidades de terapia

intensiva, alas terminais, visitas desagradáveis, conversas metidas a filosóficas, caixão descendo para a cova, gente de óculos escuros e ares compungidos, tudo, tudo, tudo — e ficava fria como um picolé, não sentia nada, só sentia uma certa chateação, ao antever pantomimas de viúva desolada, missas e sermões chatíssimos, solenidades cretinas, inventários e outras aporrinhações obituárias. É, é melhor que ele fique vivo mesmo, dá muito menos trabalho. Que horror! Mostra. Tiranossaura. Mas que é que podia fazer, se era honestamente o que estava ocorrendo, que é que podia fazer? Se bem que tivesse ficado acanhada ao confessar isso a Bebel, que graças a Deus será sempre Bebel e não se chocou.

É. É. Honestidade. Objetividade. Racionalidade. A ida para a casa da ilha — quase uma mudança, porque o plano era para uma temporada de seis meses — estava sendo encarada por ela sob dois ângulos principais: oportunidade para dar um pouco de alento à pobre da Suzanna Fleischman, a esta altura já um tanto pirada com toda a confusão, e para se ver livre de Eduardinho, proeza que ainda não havia conseguido de todo -em Salvador, porque ele é uma mosquinha, não desiste. Coitadinho, não é má pessoa, mas é impossível, com ele é impossível, dá vontade de dar risada, como, aliás, aconteceu uma vez e ele se melindrou e broxou todo o resto da tarde, apesar do esfrega-esfrega resfolegante a que ela se viu obrigada a submeter-se e das histórias sobre como isso nunca tinha acontecido com ele e das vezes todas em que ela teve de dizer que não ligava e de ele haver encetado mil piruetas e bolinações frenéticas, porque encarava como questão de honra ela não sair sem ter gozado, quando o que ela queria mesmo era voltar para casa e tomar uma ducha e então ela fez um barulho gutural meio grotesquinho que havia inventado por acaso e que parecia dar grande satisfação a ele e gemeu assim sssffff haaan-haaan gozou meu bem gozei sussurros esforçados você me mata meu bem aaaahn sssfff-sssfff como será que se escreve esse e outros barulhos de cama anota Suzanna

Fleischman que a trilha sonora dos confrontos amorosos oferece variações espantosas e o chocalhar produzido por certas bombeações intermináveis notadamente quando a gente já encheu o saco por hoje é positivamente nauseabundo cacofonia genital como sugeriu Bebel de qualquer forma Eduardinho achou que eu tinha gozado e ele tinha salvo a reputação sexual que inexplicavelmente acredita que tem me deixou em paz fumei três cigarros enquanto me arrumava só para estar com eles acesos na boca e ele não poder vir para cá com aquelas bitoquinhas post-coitum tão desagradáveis e fui para casa tomei uma ducha me esfregando com a luvona áspera tive outra crise de riso igual à que tive com ele na hora em que estava fazendo um lanche e derrubei a torradeira também só foram três além das quatro ou cinco flertadas que não deram em nada que dificuldade tive praticamente de me jogar no colo de Serginho depois de vir junto dele naquele carrinho com a perna atravessada por cima da alavanca de marchas e toda vez que ele passava uma marcha tinha que meter a mão em minhas coxas mas ele não se tocava dançava comigo de pau duro sem dizer uma palavra como se não fosse com ele como aqueles caras de cinema de antigamente que ficavam roçando os joelhos nos da gente olhando duro para a frente quando eu deixei no cinema a que a gente foi para matar a aula particular de inglês eu tinha quatorze anos mas parecia dezoito todo mundo dizia e quando me pintava entrava em filme impróprio pagando inteira eu senti a mão dele no joelho nem pensei em tirar o joelho eu já tinha visto ele na sala de espera muito mais velho do que eu de bigode e tudo mas não achei tesão especial achei normal assim homem mais velho normal comível mas na hora eu abri as pernas deixei ele alisar minhas coxas e pegar bem no meio por baixo da calcinha e quando ele pôs minha mão por cima da braguilha dele eu apertei apertei apertei sem tirar os olhos da tela e ele puxou para fora aquele negócio grosso e macio e bom de pegar eu só tinha pegado em dois antes assim mesmo um só por cima da roupa e pensava que eram

todos da mesma grossura mas esse enchia mais a mão e fiquei com uma vontade incontável de fazer igual ao que tinha visto nos livros de historietas de sacanagem em quadrinhos que Débora roubava dos irmãos aos montões e levava para o colégio para mostrar à gente todas as mulheres das histórias morrendo de prazer chupando aqueles negócios enormes e não sei até hoje como não fiz devia ter feito como diz Suzanna Fleischman a gente só se arrepende do que não faz acho que foi porque não dava para me curvar no cinema a maior alucinação que já me deu até hoje não me esqueço fico enlouquecida quando lembro que eu devia ter ido adiante seria uma grande estréia não me perdôo por isso a gente faz muita besteira na vida ele tremeu e esticou as pernas quando gozou eu disse que ia no banheiro lavar a mão apesar de ele ter me emprestado o lenço e fui e toquei uma lá dentro mesmo me lembro que gozei tanto que escorreguei e quase despenco no chão e desapareci e nunca mais botei os olhos nele e tive cara de confessar tudo a Padre Adelmo que eu pensava que ia conseguir seduzir e ele nem pestanejou me deu um esporro e me passou não sei quantas penitências que eu não fiz ele não era como Padre Corrigan de Molly Bloom que apalpava ela nessa época eu só pensava nessas coisas. Talvez eu esteja ficando broxa mas não estou não posso estar porque não faz tanto tempo assim que dancei com Serginho daquele jeito quase meia hora uma esfregação que não acabava mais me senti quase como no dia do cinema e quase agarrei ele ali mesmo levei ele para o terraço e agarrei e levantei a saia no parapeito como no tempo de mocinha ele gozou assim que encostou em mim ficou sem graça começou um passeiozinho para lá e para cá e disse que se houvesse tempo claro que o pau dele subia novamente eu disse também claro claro mas não havia tempo podiam dar por nossa falta apesar de estar todo mundo doido na festa e Ângelo Marcos ocupadíssimo achando que vai conseguir comer Sílvia Regina todo derreado para cima dela e então antes de voltar eu ainda dei uns beijos nele só pelo

prazer de morder de leve a boca dele lindíssima e meter a língua mas ele estava pouco à vontade eu sorri e disse vamos vamos e voltamos lá para dentro e uns dias mais tarde descobri que a ejaculação precoce dele era candidata certa para o Guinness ele merecia ser estudado pela Medicina deve ter feito os dois filhos que fez em Veroca sem ela nem notar às vezes ele nem precisava encostar subia de novo descia de novo do mesmo jeito então eu quis fazer nele o tratamento que li no Maslers and Johnson mas é uma coisa tão desgraciosa que nunca vou saber se dá certo por que não consegui fazer direito as duas ou três vezes que tentei sou um fracasso como terapeuta sexual e parei de ver ele e tudo indica que ele ficou aliviado aliás eu estou aliviada aliviadíssima como diz Suzanna Fleischman a fantasia é melhor fantasiada do que vivida e sem nada de moralismo mas nada de moralismo mesmo nada nada nada de moralismo a verdade é que sem amor não presta vira tudo duas pessoas suando e bufando e se contorcendo em posturas cômicas é por isso que eu tive aquela crise de riso com Eduardinho porque talvez se eu tivesse amor por ele eu curtisse as caretas metidas a sexy que ele fazia e a mania de ser como direi impetuoso e viril revirando a pessoa bruscamente e dando estocadas que mais pareciam marradas e faziam eu me sentir uma espécie de fortaleza medieval atacada aos berros por aqueles viquingues de aríete e me chamando de todos os palavrões imagináveis inclusive alguns horrorosos em gaúches que eu achei de uma grossura inominável assim de uma maneira ou de outra foi com todos assim não serve hora marcada manias esquisitas corpos decepcionantes cheiros imprevistos aporrinhão sentimentalóide subterfúgios burlescos chamegos inoportunos rivalidades oligofrênicas não vale a pena não estou ficando broxa não e se estou não ligo mostra tiranossaura a Humanidade é muito atrasada é como os bichos igualzinha aos bichos e em muitos sentidos nunca saiu nem vai sair da Idade da Pedra mas não estou broxa estou ideal não sei o que sei é que não estou mal cavalos cavalos também pensando em posar nua como

Molly cavalos Mellors cavalos éguas John Thomas eu deitada na grama florida com ele entre minhas mãos e recebendo ele suavemente viver tudo viver tudo idealmente na cabeça de tantos lados querendo porém sempre dizendo Não.

— Foi você mesmo quem empalhou esses peixes? — perguntou Padre Monteirinho, parado diante das vitrininhas da estante onde vários peixes se exibiam, pendurados em fios de náilon e muito reluzentes. — Este robalo daqui está perfeito, dá até vontade de levar para casa e mandar fazer um escaldado.

— Esses peixes não são empalhados — disse João Pedroso. — Aí tudo é falso, menos as formas dos peixes, é claro.

Antigamente era que se empalhava peixe, mas nunca dava realmente certo. Que nada, isso aí são modelos. Até as escamas são artificiais, é um polímero aí que inventaram e que fica muito melhor do que a escama natural. O sujeito faz um molde do peixe e parte daí. E quem fez não fui eu, foi um amigo meu que é também restaurador de antiguidades e tem muito jeito para essas coisas. Foi no tempo do meu estudo sobre a locomoção dos peixes. Você não quer mais um pouco, não? Seu copo está seco, não tem mais gelo aí, não, eu vou...

— Não, você está maluco? Eu não sou um mata-borrão como você e além disso está ficando tarde, daqui a pouco eu vou embora.

— Eu sou um mata-borrão, não sou? É, eu sei que sou.

Vou lhe dizer a verdade sobre isso, Monteirinho. Se você não fosse meu amigo, eu não lhe dizia, mas você é meu amigo.

Você não é meu amigo?

— Claro que eu sou seu amigo. Mas, mesmo assim, você nunca tinha me mostrado este seu museu. Impressionante. Os peixes, as conchas, os insetos...

— Os artrópodes! Não só da classe dos insetos, mas todo tipo de artrópode. Tudo isso e mais quase todo o lado direito da sala é de artrópodes, inclusive o fichado. Eu tinha fascínio por eles, são grandes concorrentes nossos. Não têm nada a ver conosco, você sabe, é outro filo, outra lógica, outra estratégia.

Está vendo ali o sirizão azul, esse siri tem um nome científico ótimo, se chama *Callinectes exasperatus*, não é engraçado?

Porque ele não só é realmente um belo nadador como também é exasperado mesmo, ele... Eu vou botar só mais uma dose para você, nada desse negócio de ir embora agora, eu também sou solteirão e não tenho nem a companhia das beatas, como você. Amanhã Padre Coriolano pode perfeitamente rezar a missa das sete em seu lugar, você alega enxaqueca outra vez.

— Então só mais uma dose, mas deixe que eu mesmo boto, senão você despeja meio litro dentro desse copo. Sim, mas eu ia perguntar por que você não mostra este museu, dava até para cobrar entrada. Isto aqui é um verdadeiro museu, três salas enormes...

Sentindo-se repentinamente muito mais bêbedo do que antes, João Pedroso cambaleou de volta à mesinha aonde fora apanhar o balde de gelo e só não o deixou cair porque o padre pulou para ajudá-lo. Recusou a sugestão de sentar-se, preferindo passar algum tempo se apoiando numa estante, até conseguir aprumarse.

— Eu lhe digo por que, meu querido amigo Padre Olavo Bento da Costa Monteiro — falou, assumindo uma expressão dramática, o peito semi-erguido, a boca empenada num ricto exageradamente amargurado, o olhar vagando sem firmeza pelas estantes. — Eu lhe digo por quê. É porque, meu estimado e ilustre amigo, isto não é um museu. Ou por outra, é um museu, sim, mas não do tipo que você pensa, não é um museu de Zoologia, de

História Natural, nada disso. Não há sequer coleções aqui, nenhum colecionador decente chamaria esses bagulhos desencontrados de coleções. Museu, sim, mas um museu de fracassos, um inventário de incompetência, dispersividade e frustração. Os escombros de uma alma abúlica, meu caro senhor, os testemunhos de uma trajetória de malogros, desistência, fraqueza e incapacidade. E covardia, meu caro senhor. E a mais sórdida abjeção, se me permite que enlameie os seus ouvidos santos com a descrição de minha baixaza. É um museu muito pessoal, meu bom reverendo, e é por isso que somente agora me animei a mostrá-lo a você, é um ato mais radical do que uma confissão, muito mais radical, eu estou me confessando, Monteiro, faça uma cara de confessor. Ainda agora eu lhe disse que ia explicar esse negócio de mataborrão, mas acabei não explicando, e é uma explicação simples, nenhuma novidade: eu sou mata-borrão — mata-borrão, não, mata-borrão é uma delicadeza sua, bêbedo mesmo, cachaceiro, cu-de-cana, numa confissão tem-se que dar nome aos bois —, eu sou bêbedo pelos motivos clássicos, nem nisso eu tenho originalidade. Bebo para esquecer. E bebo porque não consigo conviver direito com nada, sem estar com alguma coisa no juízo. Se estiver sem nada aqui na idéia, dou para chorar, dou para ter crises de melancolia, fica tudo muito mais absurdo e impossível de suportar. É verdade, é verdade, não é uma explicação arrumadinha e conveniente, é verdade, é verdade, eu sei que é verdade. E ainda não rolei na sarjeta porque ainda não fui homem o suficiente, mas um dia eu sumo daqui e rolo, é a única culminação digna de um sujeito como eu, pelo menos isso, pelo menos um dia terei a dignidade de levar as coisas à sua natural conseqüência e rolar na sarjeta. Meu ideal de vida é Marmeladov, de vez em quando eu pego Crime e Castigo só para ler as partes em que ele aparece. Estou dizendo a verdade a você, Monteiro, estou dizendo a verdade como nunca disse, você pode pensar que eu estou brincando ou falando assim porque estou melado, mas pode ter certeza de que

não, é uma confissão, você devia fazer cara de confessor agora.

E uma confissão completa, confissão só valia completa. Os peixes mesmo, o padre lembrava-se de ter perguntado pelos peixes? Muito bem, voici uma cavala, *Scomberomus regalis*, tunídeo, etc. etc, grande predador, como, aliás, toda a parentela dela, não é bom ser uma tainha perto de um atum. Impressionado? Nome científico sempre impressiona, parece assim que o camarada sabe alguma coisa. É a melhor maneira de fajutar conhecimento, exatamente o que ocorre aqui, no momento. Atenção nos lados e no lombo dela, carnudinhos como os de todo tunídeo, pura massa muscular. Músculo, um músculo chamado miotomal, aqui. Desenvolvido assim, indica, juntamente com outras características morfológicas, anatômicas e fisiológicas, que o peixe é bom de aceleração e principalmente de natação de longo curso. Irrigadíssimo, oxigenação da pesada, por isso é que a carne de muitos deles é vermelha, às vezes negra como o sangue dos heróis de Homero. Muitos peixes são especializados, uns têm pique, outros têm resistência, outros manobram de maneira espantosa, como este paru daqui, é interessante. Algo mais a respeito de peixes? Tudo sobre peixes com o Professor Pedrososky!

— Há mais coisas pomposas que eu poderia falar sobre este assunto — acrescentou, andando pela sala como quem nada, curvando-se e agarrando-se aos móveis à frente, para conseguir equilibrar-se. — Até porque sou dono de uma peixaria e de um par de barcos de pesca e tenho condições de aplicar nomes pernósticos a tudo o que os outros peixeiros e os pescadores já conhecem. Diversas coisas. Provavelmente daria para uma aulazinha curta, assim de nível de segundo grau. E. Segundo grau atrasado, podia ser. Isto porque eu na realidade não sei nada sobre peixes, além desse ramerrão que qualquer um pode ler na enciclopédia e mais um par de besteiras beliscadas aqui e ali, esta é que é a realidade.

— E o tal estudo dos peixes? Não estou entendendo direito, antes você

disse...

— Sim, o estudo dos peixes. Bem, não houve o estudo dos peixes. Era para ter havido, mas não chegou a haver. Mas houve um projeto dos peixes. Fui convidado a participar, aceitei. Era um projeto ótimo, financiadíssimo, dois ou três ictiólogos do Caltech, computador, naviozinho, tudo, tudo.

Aceitei, meu caro Padre Monteiro, mas me pergunte se eu fui.

Vá, me pergunte se eu fui.

— Você não foi.

— Adivinhou. Fiquei doente dos rins pouco antes de sair, mas hoje eu sei que ficaria doente de qualquer outra coisa, porque me lembro muito bem do medo e da insônia que me vinham antes das reuniões preparatórias, só participei de duas, na terceira fiquei doente. Mas também sei que podia ter estudado, sentava para estudar e não estudava, preferia ficar acordado como um zumbi, olhando pela janela e tomando vinho — naquela época eu estava na minha fase de vinho.

Esses peixes que eu ajudei — ajudei muito pouco — a fazer são uma espécie de memento do projeto, uma coisa, como tudo mais neste museu, para eu olhar e confirmar bem o que sou, ou seja, um merda. Eles vieram depois do projeto. Peguei a papelada do projeto que deixaram comigo, pensei um pouco, vi que teria sido um trabalho fascinante para mim, um trabalho que... Bem, não vem ao caso, eis aí espalhadas dezenas de coisas que eu ia fazer, mas não fiz, ia construir, mas não construí. Está vendo ali? Ali foi no meu tempo dos artrópodes. Eu e dois colegas íamos estudar a comunicação química entre saúvas e entre cortadeiras, gênero *Alta* — não se impressione mais com nomes científicos, está na "Ciência Juvenil Ilustrada", foi lendo ela que eu tive a idéia do projeto. A idéia era descobrir maneiras de embananar as trocas de informação por via química entre as formigas e, conseqüentemente, embananar a vida delas sem usar pesticidas. Muitos dos compostos que elas

usam para conversar são conhecidos, outros não. Pergunte se eu fui em frente. Pergunte, vá! Aquilo ali, aquelas caixinha;; de vidro e aqueles tubinhos, aquilo era para um sauveiro que eu projetei, mais ou menos chupado de um desenho americano, e ia construir, mas não construí. Não, meu caro senhor, não quero negar a minha condição pusilânime e derrotada, sei bem dela mais do que qualquer outra pessoa, não me engano absolutamente. Não posso servir-me de mais um trago, meu bom senhor? Creia-me, apenas mais um não fará diferença na minha degradação, nem toda uma garrafa fará diferença, meu bom reverendo.

— João, deixe de dizer bobagens, não acredito em nada disso que você contou, as coisas devem ter acontecido de maneira diferente, eu conheço você. Acredito que, de fato, você possa ter tido alguma desilusão, algum trauma que venha prejudicando seu trabalho, mas não posso acreditar que se despreze tanto, que seja esse farrapo humano que está querendo apresentar. E você tampouco me convence de sua incompetência, vê-se que você domina sua ciência, até quando tenta se ridicularizar. Admita que você está fazendo um pouco de teatro, inclusive imitando o jeito de falar de Marmeladov, com esses "meu caro senhor" servis para lá e para cá, isto é um papel que você está representando. Um homem como você não pode realmente estar nessa condição, eu acho que amanhã você cura esta cachaça e volta a ser o mesmo, você está é de porre. Aliás, por hoje chega para todo mundo, eu vou embora, amanhã nos vemos.

— Um momento, só um momento. Só um momentinho, Monteirinho, eu preciso dizer o que vou dizer. Todo mundo me fala nesse negócio de "um homem como você", parece uma frase cabalística. Ainda outro dia, foi Lúcio Nemésio que veio com essa conversa. Há um engano nisso, as pessoas acham que eu sou diferente do que eu sou, deve sei alguma coisa em minha cara, será que eu tenho olhos azuis? A evidência é claríssima, salta à vista, mas todo

mundo acha que eu sou diferente dessa evidência, é uma maluquice. Não tem nada de desilusão nem de trauma, Monteirinho. De fato, posso ter feito um pouco de literatura ainda agora, mas isso você já conhece, é apenas um jeito que eu encontrei de enfrentar a mim mesmo, é como se fosse um exercício de sobrevivência, não sei bem como, mas tenho certeza de que é isso. Eu sou isso mesmo que lhe disse, sem tirar nem pôr. Aliás, sou pior, sou pior, eu sei que sou bem pior, tão pior que nem quero esmiuçar tudo. E ainda pior do que esse pior por causa da desesperança, hoje eu não tenho esperança em nada, acho que meu destino individual e nosso destino coletivo são os mais desalentadores possíveis, geralmente não agüento saber o que está acontecendo, não posso saber do que está acontecendo, sem ficar fora de mim e com vontade de berrar. Não é cristão não ter esperança, é como se fosse uma danação. Talvez outra pessoa ache que eu estou sendo melodramático, mas você sabe que não estou, você sabe que eu sou um homem religioso, apesar de não aceitar o magistério da Santa Madre e odiar aquelas notas de pé de página das Bíblias católicas. Você sabe que eu não estou sendo melodramático quando digo, com toda a sinceridade, que me sinto em danação por trair meu dom, porque é o maior pecado contra Deus e a evolução, o maior pecado, entendeu? Não se pode trair a evolução, que é obra de Deus, que é em direção à inteligência e à harmonia e tudo em contrário é obra do Mal e oposto da vida. E, no entanto, eu me afundo, eu me afundo, eu não faço nada senão me afundar, nem filhos fiz, não fiz nada! Olhe para mim, quase 50 anos, a degenerescência encarnada, um animal traidor da espécie, um filho de Deus traidor da inteligência e da luz, é o maior dos pecados, o maior pecado, entendeu? É verdade, eu vejo isso com a clareza mais cegante. Eu estudei em colégio de padre, eles me ensinaram o moto de Lúcifer, você sabe: non serviam, não servirei, exatamente o meu caso Então eu sei que estou danado, eu sinto o Mal, tenho certeza.

Monteirinho, meu Deus do céu, eu sou responsável pelo Mal? Quer dizer, este Mal que me circunda vem de mim? Monteirinho, o diabo existe? Hem? Há um lagarto que sorri, se bem que eu não saiba que ligação existe entre uma coisa e outra. Mas a sensação que eu tenho é de que essa ligação existe, e isto me dá mais medo ainda, não sei lhe explicar direito. Sim, um lagarto que sorri, um, talvez dois, talvez mais, sempre com dois rabos. Não é um sorriso como o sorriso humano, é uma espécie de aura em torno dele, que dá a impressão de que ele está zombando de alguma coisa, ou sendo uma espécie de símbolo para o meu próprio ridículo, não é um sorriso amistoso. E não é bom, não é bom ver esse lagarto, me dá vontade de desaparecer. Eu venho sentindo uma espécie de medo estranho, uma espécie de apreensão sinistra. Você acha que eu estou ficando doido? Não é impossível, às vezes eu me convenço de que é isso mesmo. Que é que você me diz sobre Satanás? Você tem de me ensinar sobre Satanás, eu só sei que o nome dele significa "adversário" Sim, é muita coisa, tenho consciência de que é muita coisa, mas eu preciso saber mais!

Bem mais tarde, antes de dormir, sentindo a cama bambolear como um bote em mar pesado, João Pedroso recordou que, apesar da embriaguez, conseguira fazer um relato coerente, sob a atenção concentrada e grave de Monteirinho. Não, Monteirinho não duvidara de nada, agira como se levasse aquilo tudo muito a sério, dissera até que ia estudar e pensar no assunto. Uma coisa é certa, dissera, o Inimigo existe, o Mal existe. Não dissera? João Pedroso não chegou a fazer força para lembrar-se com precisão, porque seus olhos já se fechavam de sono e, nesse instante, achou que, emoldurada pela porta que dava para a sala, uma presença que nem chegava a ser um corpo se delineava em contornos imprecisos e ameaçadores, seu caráter maligno adivinhado por alguma coisa que vinha dela. Teve medo, não quis continuar olhando e resolveu que estava tendo alucinações. Puxou o lençol por cima da cabeça e

fechou os olhos resolutamente, repetindo com insistência a si mesmo que estava bêbedo, muito bêbedo, mais bêbedo do que jamais estivera.

Isto, contudo, não acontecia com Padre Monteirinho, que, ainda insone, saiu de camisolão pelos corredores do velho casarão colonial e foi buscar um livro para ler até dormir. Entre os desvãos escuros das grandes estantes e dos armários de madeira negra lavrados com figuras de anjos, folhas e animais fantásticos, sob a luz de duas lâmpadas pálidas, correu as mãos por uma prateleira e puxou um dos velhos volumes franceses encadernados em couro. Coleção curiosa, textos de prelados setecentistas sobre matérias filosóficas, teológicas e esotéricas. Nunca chegara a ler nenhum deles, tinha se limitado a de quando em vez abrir algum ao acaso, folheá-lo brevemente e sentir de perto o cheiro que saía por entre as páginas antigas. Pronto, levaria um deles. Mas, apesar de, no começo da leitura, achar que se divertiria, deixou o livro de lado, tomou seu terço e adormeceu rezando. Havia topado com um texto de um certo abade Fiard, que em sua época devia ter sido um homem muito influente, sobre a existência dos diabos. O homem é assediado por légions sans nombre d'esprits méchants, dizia o abade, antes de descrever com eloquência angustiante as tropas de demônios que sitiam o homem em toda parte, e Padre Monteirinho lembrou-se da conversa com João Pedroso. Não, não, João Pedroso não estava sendo perseguido por Satanás, que situação mais tola, mas, mesmo assim, Padre Monteirinho deixou o livro e pegou o terço.

Os que passam o tempo todo alisando as próprias pernas não são muito comuns, mas são talvez os mais enervantes. Lembrou outra vez, com raiva, um jovem que vira almoçando numa mesinha dali do Largo da Quitanda, o qual, ao perceber os pratos sendo dispostos à sua frente, assumiu um ar de gula aflita e maltratada, não mais tirou os olhos da comida mesmo conversando sem parar, e a todo momento largava os talheres para alisar as próprias coxas, os olhos voltados para cima e a respiração ansiosa. Embora, naquele dia,

depois de semanas de trabalho ininterrupto, houvesse decidido ter algum tempo para si, e pudesse continuar até bem mais tarde, lendo alguma coisa e bebericando do gim inglês, cuja garrafa mandava guardar para seu uso embaixo do balcão do bar, o comportamento do rapaz o irritara tanto que teve de retirar-se, com um medo súbito de não se conter e cometer uma agressão, fazer cessar aquela conduta intolerável à força de desaforos e safanões. Ao levantar-se inopinadamente e ignorar a surpresa tagarela de Luís Garçom, indignou-se mais ainda por constatar de esguelha que o detestável rapaz comia de três pratos simultaneamente, fisingando rodela de tomate, abocanhando nacos de churrasquinho e, em garfadas rápidas como bicadas de galinha, ingurgitando uma mistura de arroz com qualquer coisa indefinida — e nunca passando mais do que alguns segundos sem alisar as coxas. Não, não podia agüentar, era demais, e precisou mesmo sair, fazendo força para não olhar de novo para aquela cena inadmissível.

Mas como podia deixar de lembrar o rapaz auto-alisador, se justamente agora acabara de sentar-se outro tipo enervante, embora de gênero diverso? O gênero que passa horas como que penteando obsessivamente a comida com uma faca, até transformá-la numa argamassa irreconhecível e, logo depois de pôr uma garfada descomunal na boca e começar a mastigar concentradamente, enche de novo o garfo, suspende-o a vinte centímetros do prato e fica de olhos imobilizados sobre o próximo bocado, como se precisasse fiscalizá-lo para evitar seu desaparecimento. Insuportável, insuportável, parece um cachorro. Não tanto quanto o rapaz das alisadas, mas insuportável de qualquer forma. Raiva, verdadeira cólera, fantasias de internar todos esses sujeitos e seus similares num campo de reeducação vietnamita durante pelo menos 25 anos, antagonismo, verdadeiro antagonismo. Todos eles, o que corta o bife em pedacinhos antes de começar a comer, o que exige carne tostada e cata os temperos, o que se curva em direção ao prato como um muçulmano rezando,

o que fica de olhos irrequietos porque ainda não pôde provar de todos os pratos de um bufê, o que estala a língua e chupa os dentes, o que mete o dedo na boca para empurrar a comida, todos, todos, todos, que coisa mais intolerável! É, mas também não podia deixar que essa gente terminasse por tiranizá-lo, desta vez não iria embora como no outro dia. Mudaria de mesa, contudo, não era possível ficar naquela, embora fosse sua favorita. Sim, mudar de mesa e voltar as costas para todo mundo, ficar vendo apenas a rua e o mar lá atrás, era a única solução.

— Algum problema na sua mesa, Dr. Nemésio? — perguntou Luís Garçon, assim que o viu instalar-se em outro lugar.

— Não, não. Leve esta merda, mande botar mais gim, mais gelo e três dedos de água tônica, e me faça um favorzinho: dê um pulo ali ao Correio e veja se chegou alguma coisa para mim. Se chegou, traga.

Intolerância coisa nenhuma, apenas padrões. Tinha o direito de irritar-se com comportamentos patentemente ofensivos. A Humanidade continua uma bosta, espécie atrasadíssima, os brasileiros dos mais atrasados entre todos, os baianos dos mais atrasados do Brasil. Sim, mas pensaria nisso depois, agora não iria absolutamente irritar-se. Dia agradável depois de uma chuvarada, mar em repouso refletindo as nuvenzinhas, os dois jornais ainda intactos, Luís trazendo a Nature que havia chegado pelo Correio, o gim na mistura precisa, um copo faiscante, nenhum compromisso o dia inteiro. Baixa estação, a cidade em letargia, apenas dois ou três gringos de pernas inacreditavelmente brancas, acompanha dos de crianças louras catarrentas. Não, de fato irritar-se se ria uma burrice e, recostando-se na cadeira, abriu a revista.

Mas decididamente o dia tinha nascido adverso, porque, andando em passinhos miúdos como ele próprio, o Dr. Sinval Penafiel, de início aparentando estar apenas de passagem em direção a sua casa, o avistou, estacou com um jeito de peru, rodopiou quase ciscando e, braços e rosto

alegremente erguidos, marchou na direção da mesa. Merda! Lúcio Nemésio ainda tentou afundar a testa no chapéu e esconder a cara atrás da revista, mas não adiantou. Ia ter de aturar outra conversa de principiante, doutorzinho novo e bonzinho, mas companhia mais chata do que uma tábua de logaritmos. E pior: gentil, dedicado, estudioso e prestativo, impossível tratar mal, que saco! E, mesmo que tratasse, ele acharia normal, coisas que o venerável velho tinha direito de dizer ao moço. E vai talar no hospital e em pacientes e vai fazer perguntas e vai botar uma montanha de tira-gostos indefensáveis em cima da mesa, realmente a vida tem momentos cruéis. Não, mais que cruéis, perversos. Mais que cruéis e perversos — aterrorizantes, acachapantes, pois não é que, para completar a configuração da mesa, agora à beira de uma invasão maciça, encostava uma perua prateada do outro lado e dela saía, já gritando e acenando para Sinval, o casal médico Carminha e Antônio Mário Fontana? Mesaredonda, debate, seminário, saco! E que seminário! O miudinho, menos mal, dava para suportar uns quinze minutos, sem comprometimento neurológico de monta. Cirurgião abdominal de futuro mediocrementemente promissor, burrice operosa e dentro de limites confiáveis. Tanto assim que havia feito muito progresso em poucos meses, desde o dia em que, operando seu primeiro apêndice no hospital, iniciou o procedimento com uma referência estudantil ao ponto de McBurney e, ato contínuo, fez McBurney carrapetear na tumba, praticando uma incisão na barriga do infeliz suficiente para uma exploração completa da cavidade abdominal, e quem disse que conseguia achar o ceco, apesar do tamanho do rombo que escavara? Aliás, não achou mesmo, dava para perceber o queixo dele tremendo por baixo da máscara, as mãos parecendo ter medo das pinças. Quem achou foi o próprio Lúcio Nemésio, que se solidarizou com as alças intestinais do sofrido e tomou as pinças das mãos do doutorzinho sem falar uma palavra, resolvido a concluir ele mesmo a intervenção, caso o apêndice não estivesse inteiro. Mas não estava nem

perfurado, e o doutorzinho pôde continuar sua iniciação. E fez até um bom serviço dessa hora em diante, se bem que Lúcio Nemésio houvesse achado prudente ficar na sala até a barriga ser devidamente grampeada e ornamentada por uma cicatriz que vai fazer todo mundo pensar que o paciente teve um problema com Jack, o Estripador.

Mas os outros dois, não, os outros dois não têm as semi virtudes sólidas do primeiro, são yuppies médicos, por assim dizer, ou estão treinando para ser. Até no alambicado sotaque carioca que afetam, com artigos antes dos nomes de gente, vogais indecentemente espichadas e tudo mais, essa mania exasperante de falar acariocado que baiano metido a merda tem. E toda hora citando nomes de amigos que acham importantes e usando roupas engraçadinhas cheias de letreiros e exibindo jeitos engraçadinhos, gírias engraçadinhas e um senso de humor dos mais incomodativos, principalmente o dele, que ri de qualquer coisa que não entende, ou seja, praticamente tudo o que lhe falam. A única maneira de conseguir que ele deixe de reagir ao mundo com aqueles relinchos é tratá-lo na base do esporro. E ainda se tem de fingir acreditar no que ele, com uma cara de santo que chega a dar arrepios de tão visivelmente farisaica, diz a respeito de sua intenção de prestar assistência aos deformados de baixa renda, quando o óbvio é que está pegando prática e currículo para embonecar narizes e peitos ricos a peso de ouro, o que, por sinal, já começou a fazer em Salvador, secundado por notas em colunas sociais e artiguetes de jornal em jargão mal redigido. Devia ter começado pelo narigolé arreganhado da própria mulher. Não é feia, realmente, mas bonita também não chega a ser, e é desse tipo de mulher que não pára de agitar os cabelos sobre brincos colossais e de circular olhares por todos os cantos do ambiente, deve se achar interessantíssima e gostosa, Fontana que se cuide. Ela diz que é pediatra. Terapêutica padrão: antibióticos. Procedimento principal: espiar gargantas e falar sobre a necessidade de educação sanitária. Bibliografia

básica: bula de remédio. Só leitor de bula de remédio diz coisas como "parênquima hepático" e chama hemorragia nasal de "epis-taxa", nenhum médico sério fala assim. Pronto, fechar a revista, dobrar os jornais, pôr os cotovelos na mesa, resignar-se. Que cara fazer? Ah, não importava que parecesse entediado ou mal-humorado, nunca fora Aí; Simpatia de qualquer forma e, quanto mais velho ficava, menos paciência tinha, não só com chatice e burrice, mas também com tudo o que lhe parecia descabido. Já deviam estar acostumados, pensando bem. Existem certas compensações em ser conhecido como um velho caturra. Lá vem Sinval à frente, com seus gestos ornitóides, lembrando agora um papa-capim apreensivo. Depois dos apertos de mão, das batidinhas nos ombros — por que diabo as pessoas têm de se cumprimentar num ritual de batidinhas, apertinhos, alisadinhas, sacudidinhas e outros tipos de toque, como cachorros que se encontram e ficam se cheirando? — e dos dois beijinhos da Dra. Carminha. Sinval, que nem ao menos lê inglês, nem faz a menor idéia do que publica a Nature, vai meter a mão na revista sem pedir licença e vai dizer, com ares de familiaridade: "É a Néturi nova?"

— É a Néturi nova? — perguntou Sinval, passando as páginas com o polegar, assim que todos já estavam abancados.

— É — disse Lúcio Nemésio, e seu jeito de falar levou Sinval a pôr a revista de volta, como um objeto que de súbito houvesse ficado muito quente.

— Como choveu hoje cedo, hem? — disse Fontana, em quanto chamava Luís Garçom com a mão. — Putz, nunca vi tanta chuva, putz! O senhor viu como choveu? Putz!

— Vi — respondeu Lúcio Nemésio quase rosnando, e Fontana desistiu a meio caminho do sorriso que esboçara, fingindo prestar grande atenção à vinda de Luís.

Um silêncio desconfortável, e Carminha balançou os brincos como se estivesse tentando alçar vôo. Fontana, rindo do que ele mesmo dizia, embora

não houvesse razão aparente para isso, encomendou bebidas a Luís e quis esticar a conversa, pedindo para ouvir causos da ilha, mas Luís estava muito ocupado e saiu logo, de forma que o silêncio retornou, quebrado somente pelos tinidos dos brincos de Carminha e pelo matraqueado das unhas de Sinval na mesa. Lúcio Nemésio mexeu-se na cadeira, deu vários tapinhas nos jornais e passou alguns segundos na esperança de que desistissem das cervejas pedidas e fossem embora, mesmo porque já estava um pouco constrangido por portar-se de maneira claramente rude, se bem que uma espécie de obstinação perversa impedia que mudasse de atitude. Talvez até quisesse, mas não mudava. Como já sabia, viu logo que a esperança era vã, porque Sinval se levantou, foi até a baiana que faz ponto embaixo da castanheira grande e voltou com um volume elefantino de acarajés, abarás, passarinha, amendoim cozido e petisquinhos inidentificáveis, enrolados em folhas de bananeira. Lúcio Nemésio suspirou. Tira-gostos sempre lhe pareceram um abuso grosseiro, devia haver uma lei proibindo, beber é uma coisa, comer é outra, deve-se encarar com suspeita o homem que se senta para beber e vai logo pedindo alguma coisa para mastigar, há algo de errado com ele. Mas já estava realmente se sentindo um pouco mal por não conseguir ir além de monossílabos e ruídos, naquela reunião que devia pelo menos ser cordial e, portanto, ignoraria tanto quanto possível a comilança a ser instaurada, embora não fosse fácil. E, afinal, talvez devesse mesmo falar, porque, se não falasse, eles acabariam tomando a iniciativa, puxando assuntos primários, fazendo perguntas bestas e dando opiniões juvenis, para não mencionar as rinchavelhadas asnaís de Fontana. Mas falar o quê?

Não sabia e, um pouco para não ter que fitar ninguém, nem tampouco os tira-gostos que já se alastravam baralhadamente pela mesa, voltou os olhos para cima. Entre os quatro ou cinco passarinhos pousados nos fios do outro lado da rua, nuvens acastanhadas de formigas-de-asa faziam o ar parecer vivo e

trêmulo. Dê onde surgem esses bichos, tão numerosamente, pouco depois de uma chuvarada? Um dia resolvera contra-atacar, ao ter a casa invadida por milhares deles, atraídos pelas luzes e pelas paredes brancas da varanda, e os cobrira de inseticida. No dia seguinte, as empregadas encheram um balde com os cadáveres deles.

— Para mim é geração espontânea — disse de repente. — Para mim é geração espontânea — repetiu, sentindo prazer em ouvir a própria voz e uma leve embriaguez que não podia ser por causa de um gim-tônica, mas devia ser por causa do poder que tinha e sabia exercer, um poder que agora o fazia sentir-se diferente. — Para mim é geração espontânea — disse outra vez, apontando com o queixo as formigas-de-asa e decidido a divertir-se entretendo-se com a própria fala, pois tinha no pensamento coisas interessantes que agora ficara com vontade de dizer e, assim, aquela trinca de microcéfalos não acharia oportunidade de encher o saco.

— Geração espontânea, sim — entoou, com gosto em fazer sua voz muito grave ribombar. — Basta uma chuva destas de abril, uma trovoadas como a de hoje, para elas aparecerem do nada. Se as andorinhas e bem-te-vis tivessem também uma Bíblia, estaria lá escrito que se trata de dádiva celeste, Deus despejando comida do firmamento, como fez com os hebreus no deserto. Como nós não jantamos formigas-de-asa, não reconhecemos o milagre. É a mesma coisa que essas jias malassombradas que miam como gatos o inverno todo e depois somem, geração espontânea. Meu amigo João Pedroso, que é maluco e vocês provavelmente conhecem como peixeiro, mas é um dos maiores talentos científicos que eu conheço e sabe Zoologia mais do que nós juntos sabemos Medicina, provavelmente teria uma explicação lógica e fundamentada, mas eu continuaria sustentando que é geração espontânea. Certas convicções não podem ser negociadas. Eu sou materialista e, portanto, posso perfeitamente formular a hipótese de que determinadas reações físico-

químicas, depois da chuva, provocam o surgimento repentino dessa forma de vida. Aliás, uma forma de vida melhor do que a nossa sob pelo menos um aspecto, porque nela não há individualidade, eles não funcionam como indivíduos, não é essa coisa desordenada, caótica, indisciplinada e tensa, que nós criamos. A uniformidade é elegante como uma bela formulação matemática, tem um certo valor estético sublime, vocês não acham? É por isso que eu não acredito em Deus, não posso acreditar numa inteligência que se desorganiza propositadamente. Vocês não acham que a entropia, entendida como tendência à desordem, é uma prova da inexistência de um espírito absoluto? Algum cartesiano aí, disposto a sofismar em contrário? Essas provas verbais, baseadas numa lógica em última análise arbitrária, não são científicas, são sofismas, sofismas engenhosos e, pior, voluntaristas. Não é porque seja assim, é porque se quer que seja assim.

Repitam aí a prova cartesiana da existência de Deus, que eu refuto. São Tomás. Locke, quem vocês quiserem. A alma existe? Eles achavam que sim. Venham de lá, argumentem, eu sei que vocês são como todo mundo, não se conformam em não serem mortais e não se resignam à indiferença e transitoriedade do Universo.

Agora de muito bom humor, reforçado pela convicção de que a platéia não estava entendendo direito o que escutava, deu uma risada intencionalmente cava e fixou cada um por um instante, fingindo esperar a resposta que sabia que não viria. Fontana chegou a acompanhar-lhe o riso, mas este cessou abruptamente e ele não conseguiu continuar sozinho. Carminha agitou os brincos e passou a mão na nuca, por baixo do cabelo. Sinval achou que a melhor coisa a fazer era assentir repetidamente com a cabeça.

— Os animais têm alma? — prorrompeu outra vez Lúcio Nemésio, da mesma forma repentina. — Anima, animal, todo mundo sabe disso. Então, só têm alma etimológica ou têm alma mesmo? Como é, eles têm alma? Se têm,

são imortais, não são? Olhem ali a cachorrada brincando, os cachorros brincam. Por que os cachorros brincam? Eles se divertem, eles precisam se divertir? Se se divertem e precisam divertir-se, devem ter alma como nós. Caranguejo tem alma? Caranguejo é vivo, mas não creio que se divirta, excluído um prazer sensorial qualquer, se é que se pode chamar assim uma reação numa estrutura neurológica rudimentar. Peixe tem alma? Fica difícil achar que peixe tem alma. A alma é um privilégio dos animais de maior complexidade orgânica? A alma é privativa dos mamíferos superiores? Dos primatas? Os lemuróides, aqueles bichinhos cabeludos que lembram sarigüês assustados e que só vemos nesses filmes de televisão sobre a fauna da Ásia, são primatas. Meu amigo João Pedroso mesmo, que inexplicavelmente acredita em alma e em Deus e é quem me ensina essas coisas de Biologia, me disse que se especula a sério que, se os dinossauros não tivessem sido extintos por uma catástrofe monumental, lá pelo fim do Mesozóico, sua taxa de encefalização e fenômenos correlatos teriam levado uma ou mais espécies desses calangões à inteligência, tal como nós. Na verdade, ele me disse, até um pouco sem graça por causa dessa crença irracional em Deus, que se acredita que a tendência da inteligência, universalmente, se a evolução da vida tomasse caminhos semelhantes aos que tomou na Terra, seria desenvolver-se nos répteis. A Terra seria uma exceção nesse negócio de mamífero. Primata, homem, tudo isso é por acaso, uma coisa fortuita, um acidente. Até os gibis intuíram isso há muito tempo, os extraterrenos são quase sempre uns tremendos lagartões. Se não fosse a tal catástrofe, os lagartões estariam aqui falando, filosofando e acreditando num Lagartão Absoluto e na própria imortalidade. E nós, primatas e homínídeos, na hipótese duvidosa de que viéssemos a surgir, estaríamos provavelmente sendo criados para corte, já que nossa evolução teria há muito sido orientada pelos lagartos, através de mecanismos de seleção como os que nós aplicamos ao gado, para sermos gordinhos, dóceis e tão inteligentes

quanto um jogue de QI médio. Só o ser humano tem alma? O que é o ser humano? Filo cordado, subfilo vertebrado, classe dos mamíferos, ordem dos primatas, família dos homínídeos. gênero Homo, espécie sapiens sapiens. Cada célula com 46 cromossomos. Sua especificidade depende desses 46 cromossomos, é uma coisa muito delicada. Então eu posso dizer, devo dizer, que o homem é um animal com 46 cromossomos. Não é uma definição completa, mas explicita um elemento básico dessa definição. O homem é um animal com 46 cromossomos. Muito bem, como explicaria bem melhor a Dra. Maria do Carmo, mas eu também sou um rapaz estudioso, os portadores da síndrome de Downs, os mongolóides, têm uma triplicata aberrante do 21º cromossomo. Ou seja, um total de 47 cromossomos. Então não se encaixam na definição de um ser humano, um computador programado com critérios exatos não os reconheceria como tal. Portanto não têm alma? Quem tem alma, o que tem alma? Muitas das atrocidades que se fizeram com escravos negros se deveram à generalizada e então respeitabilíssima dúvida sobre se eles tinham alma. Lagarto tem alma? Cágado tem alma? Ah, meus caros colegas, como somos atrasados. Vejam aquela batucada oligofrênica na esquina de Zé. Não é porque fazem essa barulheira desrespeitosa que eu digo que são primitivos, pois isso é cultural: todo baiano acha que os outros querem ouvir o que ele está ouvindo, no volume que ele aprecia. Sim, é primitivo, claro, mas privativo da Bahia. Mas a música em si, qualquer música, desta cacofonia descerebrada a Beethoven, é na verdade uma droga psicotrópica universal, daí seus efeitos misteriosos até na fisiologia das pessoas. Das pessoas, não, dos animais em geral, todo mundo já leu alguma besteira sobre a influência da música no bem-estar de vacas e galinhas. Há várias referências médicas na antiguidade clássica sobre música e saúde, tinha até um porreta lá que garantia que música de flauta curava mordida de cobra. Mordida de cobra só lá na cabeça dele, mas outros efeitos para mim não são tão misteriosos assim, porque, se o corpo tem

diversos ritmos naturais e inconscientes, é concebível que a exposição a sons periódicos produza certos efeitos nesses ritmos, combinados com associações emocionais que aprendemos a fazer com a música. Coisa de bicho. O que é a música? O que é a dança? Tenho grande simpatia com Platão, neste ponto. A gnoseologia dele eu acho desmiolada, sombra na caverna é a mãe dele, mas a política não, a República me parece atraente. Ele tinha toda a razão em não querer saber - de músicos. Primitivos, primitivos, irracionais básicos. Reflitam: o que é a música? Que negócio é esse de não conseguir deixar de agitar o corpo ou alguma parte dele, ao ouvir certos sons? Sim, atrasados, atrasados, muito atrasados. Vou contar-lhes umas coisas, mas antes tenho de dar umas informações preliminares. Vocês sabem como os pescadores daqui pescam de noite? Nus. Eles pescam nus. Na pescaria conhecida como de rede de lançar, que é com duas canoas, um deles, que se chama abaixa-rede...

Virou-se para os outros com uma expressão que seria afetuosa se não fosse tão irônica, e continuou a falar como quem não vai mais parar, ainda sentindo o mesmo prazer em ouvir sua própria voz, dizendo o que lhe vinha à cabeça e feliz por se achar muito melhor do que os outros e poder provar isso de diversas maneiras.

CAPÍTULO 3

Talvez fosse sua primeira tartaruga, uma tartaruga importante para um menino de doze anos, mas de qualquer forma João Pedroso piscou mais longamente do que o normal, ao ver a expressão de prazer e os olhos brilhantes com que o filho do pescador Bededéu montou nas costas de uma tartaruga, já ferida por redes e físgas, segurou-a pela cabeça e lhe decepou o pescoço com uma peixeira, como quem serra, até a cabeça ficar presa somente por uma pontinha de couro, que ele demorou a cortar porque a tartaruga se mexeu depois de decapitada e o desequilibrou. Mas, sob os olhos do pai, que, rolando um charuto preto na boca, o observava da canoa, mostrou que levava sua missão a sério e, com alguma raiva, virou o bicho de costas para baixo, terminou de cortar-lhe a cabeça, que jogou para um lado, e lhe enfiou a faca junto à base do pescoço, enquanto as patas abanavam no ar, como se estivessem querendo correr. Logo vísceras e músculos se expunham, à medida que o menino retalhava o bicho em gestos rápidos, sem se deixar atrapalhar pelos órgãos e pela carne que se contraíam e tremelicavam todo o tempo.

— Que horror! — disse uma mulher atrás de João Pedroso. — E não é proibido matar tartaruga?

Voz de gente de fora, voz de turista, levemente afetada, mas não desagradável. Ele virou-se, levantando um pouco a aba do chapéu, e viu uma mulher de trinta e poucos anos, de bermudas folgadas, blusa amarrada na barriga, chapelão de palha e enormes óculos escuros. Junto dela, com o cotovelo no balcão da peixaria, um homem de aspecto macilento e cansado, também usando grandes óculos escuros e vestido numa espécie de roupa de marinheiro de pernas e mangas curtas. Talvez fossem os donos da lancha branca que amanhecera fundeada ao largo da rampa, quase um iate. É, tinham cara de ricos. E agora ambos olhavam em sua direção, como se a pergunta da

mulher tivesse sido feita a ele. — A senhora me perguntou alguma coisa? — terminou dizendo.

— Perguntei, perguntei — disse ela, soando um pouco autoritária. — Perguntei se não é proibido matar tartaruga.

Que espetáculo horrível, é o senhor quem vai vender?

— Não, eu até quis comprar para soltar, eu sempre faço isso, embora todo mundo aqui diga que eu sou maluco. Mas os pescadores têm raiva das tartarugas, dizem que elas estragam as redes e são carne barata, e aí Bededéu não me vendeu, mandou logo o filho matar o bicho.

— Ah, o senhor compra para soltar? Ele compra para soltar, Marquinho, se eu pudesse também comprava. O senhor já soltou muitas?

—Algumas, umas dez ou doze. Os pescadores dizem que não adianta nada, que elas, depois de presas numa rede muito tempo, vão morrer do mesmo jeito.

— Mas de qualquer forma é proibido e o senhor é o único que cumpre a lei, assim mesmo pagando.

— Não sei se é realmente proibido, nunca me informei.

Deve ser, porque eu creio que a maior parte das espécies está ameaçada de extinção. Mas é também porque eu fico com pena delas, talvez eu tenha sido tartaruga em outra encarnação.

— Ha-ha, quem sabe? É capaz de eu também ter sido, porque comigo é a mesma coisa. De peixe eu não tenho pena, mas das tartarugas eu tenho, você não acha tartaruga um bicho simpático, Marquinho?

Tirou os óculos e o chapéu enquanto dizia isso, sacudindo a cabeça para ajeitar o cabelo, e João Pedroso, quase com um sobressalto, achou que nunca tinha visto uma mulher tão bonita. Cabelos louros muito cheios, olhos de uma cor viva que parecia mudar com a luz, riso aberto e claro, boca muito atraente — e um jeito, um jeito impossível de descrever. Ele sentiu as orelhas

esquentando, ficou com medo de estar vermelho, deu um sorrisinho breve e desviou a vista, sem saber para onde olhar. Mas não se conteve e voltou-se outra vez na direção dela, que, ainda com os óculos e o chapéu nas mãos, conversava com o marido.

— Falar em pescar — disse ela, olhando para o relógio —, já são mais de sete horas. Que horas a gente vai sair?

Pescaria séria não pode começar tarde.

— Não sei — respondeu o marido, a voz tão cansada quanto a aparência. — Joaquim está ali fora, esperando o marcador. Sem marcador é besteira sair daqui, o pessoal da lancha não conhece os pesqueiros daqui. E Bebel também não apareceu até agora, você não vai esperar?

Ela deu um muxoxo, olhou para João Pedroso e sorriu. Sim, vermelho, desta vez ele tinha certeza de que estava vermelho, embora ficasse com a esperança de que a pouca luz do interior do Mercado não permitisse que alguém notasse. Por que não ia embora dali, por que não se embarafustava pelos fundos da peixaria para fingir que estava mexendo nos congeladores, por que insistia em permanecer plantado, as orelhas ardendo, o gogó subindo e descendo e com tanta taquicardia que o esterno parecia latejar? Não era porque quisesse vencer o medo, pois, nas ocasiões em que lhe acontecera alguma coisa desse tipo, se bem que nunca tão intensamente, quisera sempre dominar o medo sem sucesso, terminando por fugir, de um jeito ou de outro. Não saía agora porque estava plantado mesmo, os pés colados no chão e recusando-se a mover-se, os olhos fixados no rosto dela, apesar do verdadeiro mal-estar físico que isto lhe dava. Não chegou a devolver o sorriso, se bem que tivesse querido, mas, xingando-se a si mesmo em silêncio, fez apenas um gesto vago com a cabeça, que esperava ser interpretado como um sinal de cortesia.

— Sim, Bebel — disse ela, virando-se de volta para o marido, e João Pedroso, agora suando um pouco, quis muito que ela estivesse decotada, para

que ele pudesse ver-lhe as costas. — Você acha que ela vem? Ela odeia acordar cedo, mas prometeu que estaria aqui às seis e meia. Ela e Nando.

— Nando eu duvido. Ele uma vez me disse que já deixou de fechar um negócio em que ia ganhar mais de 300 mil dólares, só para não ter de acordar de madrugada. E madrugada para ele é antes das onze, preferivelmente doze.

— Tem razão, meu filho — falou uma mulher de rosto jovial, muito alta e de gestos exuberantes, que eclodiu de repente ao lado deles, chegada da outra ponta do Mercado sem que percebessem. — Foi por causa dele que eu me atrasei. Ele garantiu que acordaria, eu acreditei e passei mais de meia hora tentando, mas não houve jeito dele se levantar, pescaria com ele só noturna.

Muito diferente da outra, embora não fosse feia, fosse bonita até, de uma beleza sublinhada demais por um certo espalhafato, mas sempre beleza. Usava um short muito curto, aberto dos lados, blusinha também curta, umbigo de fora, lenço colorido na cabeça, óculos na testa, bolsão de palha amarelo, com um sol vermelho no meio. Beijou os dois saltitando, pôs a bolsa no balcão para ajeitar-se.

— Pensei que Marquinho já estivesse uma fera comigo por causa do atraso, achei que já tinha estragado tudo, todo mundo fala que pescaria só de madrugada.

— Nada, minha filha, você não perdeu nada, foi até bom, porque não presenciou o assassinato de uma tartaruga aqui, por um menino que eu não deixo nem lavar meu carro, um espetáculo horrível, o bicho se mexendo depois de morto, uma coisa horrorosa.

— Deus me livre, não suporto ver nada morrendo, que pavor! Corte esse papo, vamos cuidar da pescaria. Como é, cadê a pescaria? Como é, Comandante, o senhor me faz acordar em horário de peão, eu me apresento toda equipada e monta para o que der e vier e cadê a pescaria?

— Não sei se vai ter pescaria. O marcador não chegou até agora, esse

peessoal daqui é muito enrolão. Sem o marcador, não adianta sair, porque não vamos pegar nada, vamos ficar dando banho nas iscas. Tem que ter alguém que conheça os lugares onde tem peixe.

— E o pessoal daqui, não dá para contratar outra pessoa, não? — e ela olhou para João Pedroso como se esperasse que ele se apresentasse. — Esse pessoal conhece tudo aí, por que não chama um deles?

— Não é tão simples assim, não. Pouca gente sabe marcar bem e muitos dos que sabem não conhecem certos pesqueiros. Tem de ser um sujeito experiente, como esse camarada que eu contratei. Eu já saí com ele antes, ele é muito bom, mas é cachaceiro e deve ter enchido os cornos ontem e não deve nem ter acordado ainda. Bem, a gente sempre pode sair para passear. O camarão e a lula da isca a gente deixa na geladeira da lancha, pode até dar um almoço depois.

Você sabe como Cornélio cozinha bem, desde a época em que era cozinheiro na Secretaria e eu requisitei ele para meu gabinete, para ele poder trabalhar na lancha e lá em casa sem problema de tempo. Agora ele tomou um tal curso para gourmets, que eu paguei, e está ainda melhor. É, vamos fazer esse almoço. A gente sai dando um giro pela baía, Cornélio prepara as lulas e um camarãozinho esperto... Que é que você acha, Bebel?

— Ah, não sei, Ana Clara e eu fizemos tantos planos, que é que você acha, Aninha?

— Passeio por passeio, o melhor é ir à praia, eu já conheço isso tudo aí de cor e salteado — disse Ana Clara, olhando novamente para João Pedroso, como quem pede um endosso para o que vai falar. — A gente bem que podia tentar pescar, tentar a sorte, parar em algum lugar e jogar as linhas. Em todo lugar tem peixe, basta um pouquinho de sorte.

— Acho besteira, mas você é teimosa mesmo — disse Ângelo Marcos

com um bocejo. — Como você quiser, por mim eu acho que vou dormir na lancha, agora minha vida é dormir, com esses remédios contra enjôo.

Por que ela continuava a olhar para João Pedroso daquele jeito? Podia ir embora tão apressadamente quanto a outra, que logo chegou à beira da rampa para esperar o escaler, acompanhada à distância pelo homem. Mas demorou muito apanhando uma sacola e uma caixa com alça, depois de ajeitar sem pressa o chapéu e a blusa e enfiar os óculos no decote. Ia parar ainda, depois de virar as costas e começar a afastar-se? Parou, sim, voltou-se parcialmente e, dando o mesmo sorriso que ele já quase não podia suportar, disse "tchau" e saiu, andando devagar.

—Até logo — disse João Pedroso, com a garganta apertada.

Não, não podia fazer isso, não conseguiria, seria um vexame. Nunca chegaria nem ao meio do caminho, nunca acertaria a dizer uma palavra. Mas acabou marchando depressa para a rampa, alcançando o grupo que aguardava o escaler e tocando com o dedo o ombro de Ana Clara, que estava de costas e olhou para trás com um pequeno susto.

— Desculpe — disse João Pedroso, fitando o mar como se estivesse querendo acompanhar a movimentação do escaler. — Se a senhora quiser, eu faço a marcação.

Ana Clara não entendeu a princípio, mas logo deu um gritinho e, por um instante minúsculo, pareceu que ia abraçá-lo. Verdade? Faz mesmo? O senhor faz mesmo?

— Marquinho! — falou, puxando o marido pelo braço.

— Já temos um marcador! Esse moço... Como é o nome do senhor?

— João Pedroso.

— Muito prazer, seu João Pedroso. Ana Clara Barreto.

Este aqui é meu marido, Dr. Ângelo Marcos, e aqui é uma amiga nossa, Bebel Magalhães. Marquinho, não é fantástico? Milagre, pintou o marcador na

hora exata!

— Quanto é que o senhor cobra, Seu João? — perguntou Ângelo Marcos. — Vocês aqui são danados. Quando acham que a gente tem grana, metem a mão.

— Não, não cobro nada, eu não faço isso profissionalmente. Eu tenho uma banca de peixe ali e...

— Ah não, Seu João, o senhor não vai trabalhar de graça, o senhor tem de fazer um preço.

— Deixa pra lá, Aninha, se João diz que não quer cobrar, é porque não quer cobrar, é ou não é, João?

— Claro, claro.

— Ele participa da pescaria e do passeio conosco. Você vai dar uma linhada, não vai, não, João?

— É, pode ser. Só preciso avisar ali a Boa Morte, que trabalha comigo na peixaria. Num instante eu volto.

Ainda não sabia como tudo tinha acontecido, quando os tripulantes prepararam a lancha para zarpar e ele se acomodou junto ao piloto, com a boca seca e o coração batendo forte outra vez. Quis pedir água, mas achou que estava ainda nervoso e espantado demais para enfrentar a dificuldade de beber um copo d'água sob o olhar dela, que se sentara à popa, numa espécie de sala de estar, perto dos outros.

— O senhor é quem dá as ordens — disse ela inesperadamente, às costas dele. — Nosso Rubinho aqui bota esta lancha onde o senhor quiser. Não bota, Rubinho?

— É só dizer.

João Pedroso virou-se. Ela agora tinha tirado a blusa e estava usando a parte de cima do biquíni. Mesmo nervoso, ele conseguiu conversar e, embora tivesse medo de encarar os olhos dela e falasse como se precisasse ficar

inspecionando sem parar todos os cantos do barco, teve coragem até de perguntar como poderia beber um copo d'água, que ela mesma lhe trouxe, pouco tempo depois. Ela teria notado que seus dedos se roçaram, quando passou o copo? Resolveu que estava delirando e talvez corresse o risco de desvairar de vez, já que nunca tinha agido assim em toda a sua vida e, portanto, não se encontrava em seu estado normal. Tinha que ver se era possível conter um pouco aquela maluquice, pelo menos enquanto não conseguisse ficar mais calmo. Com a cabeça aérea e desgovernada, dirigiu-se a Rubinho e lhe disse que saísse a norte, cruzando o canal e contornando as balizas por fora.

Impossível. Talvez, sim, não, claro, sim. Não. Sim. Não! Chega! Bem, mal tinham fundeado no primeiro pesqueiro, depois de passes de mágica obrados por aquele homem, que apenas franzia os olhos em direção a pontos vagos na costa e murmurava instruções ao piloto e ao proeiro—que coisa mais bonita, verdade, verdade! —, mal tinham parado, Ângelo Marcos, entupido de remédios para enjôo e preocupado com a performance marítima de sua peruca americana, caiu no sono na suíte da lancha. Antes, ela já havia notado que aquele homem era mais que um peixeiro, claro que era muito mais do que um simples peixeiro, e isso ela confirmara nos olhos dele, apesar de tão esquivos, na hora em que Ângelo Marcos o tratou com aquela familiaridade condescendente. E confirmara pela segunda vez, quando, com o marido ressonando e Bebel mais interessada em bronzear-se e ler do que em pescar, conversara com ele boa parte da manhã, enquanto se divertiam com as marcações e os peixes. No começo, foi difícil tirar dele mais do que uma ou outra frase curta e houve até ocasiões em que parecia ter vontade de continuar falando, mas como que engasgava a meio caminho, engolia em seco, desviava a vista e encetava uma série de gestos desajeitados, que inicialmente estiveram a ponto de fazê-la rir, mas depois lhe infundiram uma certa ternura, quase

carinho. Atraente? Não, não se podia dizer, assim, digamos, num sentido objetivo, apesar de haver alguma coisa de muito sólido nele e seu rosto trazer a ela lembranças indefiníveis. Sim, atraente, sim, por que não, claro.

— Peixeiro, cachaceiro, ex-biólogo — respondera ele, depois de ficar mais à vontade e de terem rido muito quando, em vez dos vermelhinhos esperados de um dos pesqueiros, só puxavam baiacus, um atrás do outro. Impressionada com as explicações que ele deu sobre baiacus e peixes em geral, ela tinha comentado que ele parecia um biólogo, com tanta erudição.

Recriminando-se um pouco por talvez estar criando uma intimidade excessiva, que poderia até trazer problemas no futuro, não controlou o impulso de fazer perguntas sobre a ênfase meio mórbida que ele dera à palavra "cachaceiro", como se estivesse desejando demonstrar indiferença, ou mesmo orgulho, mas na verdade escondendo uma grande vergonha. Isso mesmo ela lhe disse, tentando soar o menos psicanalítica e intrometida possível, e pela primeira vez ele mostrou os dentes ao sorrir.

— Pode ser — disse ele. — Tudo pode ser.

— Fugindo — disse ela, se sentindo imprudente e chatíssima logo em seguida. — Desculpe, desculpe, não tenho nada com isso, desculpe, vamos mudar de assunto.

E queria tanto mudar de assunto que se levantou da borda da lancha e resolveu que iria passar uns dois minutos embaixo, fingindo que estava cuidando de alguma coisa. Mas, ao se voltar para tomar o passadiço, deu com os olhos nos dele e se fitaram talvez um pouco mais do que deviam; talvez, não, certamente se fitaram, e ela se afogueou como ele, coisa que não sabia que ainda podia acontecer-lhe.

Ciúmes de Bebel, pode uma coisa dessas? Bem, ciúme não, uma crizezinha de possessividade. Depois de trocar de livros duas vezes, numa atitude que Ana Clara antes não notaria, mas agora achava um pouco exibida,

Bebel, que, justiça seja feita, ainda tem o mesmo corpaço dos vinte e poucos anos, desfilou aparatosamente pela coberta, tomada de súbito interesse pela pesca e por João. Ana Clara se sentiu desconfortável, ao lembrar-se dele só pelo primeiro nome. Proximidade demais, uma certa ameaça. Mas que bobagem, não podia ficar sempre referindo-se a ele como "aquele homem", isso tudo era defesa excessiva, medos neuróticos. Parar com isso. Sim, mas que cara de inocência, a de Bebel, rebolando lancha abaixo na mais completa encarnação do gênero violão, perfeita mulata de churrascaria se não fosse tão branca, fingindo que não sabia que os olhos de todos os homens, com a natural exceção de Cornélio, estavam grudados nela. È, coisa de criança, coisa de possessividade, como se Bebel não fosse Bebel, a maior das curtidoras. Como se João Pedroso fosse seu brinquedo e Bebel quisesse tomá-lo, é isso. Mas devia reconhecer que se irritou quando, João sentado na amurada com a linha na mão, Bebel praticamente encostou a parte da frente do biquíni na cara dele. Ela não se raspa em lugar nenhum, de forma que ele deve ter sentido cócegas na cara.

É, saíra com vontade de dar uma rabanada, mas disfarçou e desceu para a suíte, onde Ângelo Marcos ainda dormia de peruca e boné, e se olhou no espelho com raiva. Bermudão pavoroso, lembrava aqueles calções de ginástica que antigamente as meninas usavam em colégios de freiras. Desamarrou o cadarço com impaciência, saltou para fora da bermuda, avaliou a barriga e os quadris. Violão por violão, eu sou mais eu, pensou, meio truculentamente. Mas não apareceria com este biquíni, apareceria com o amarelo, o corte da calcinha realçava muito mais os quadris, não era metido a clássico como o que estava usando, bom-gosto demais às vezes atrapalha. Sem fazer barulho, para que Ângelo Marcos não acordasse e quisesse passar a mão nela ao vê-la nua, trocou o biquíni, ajeitou-se apressadamente e voltou à coberta, onde emergiu luminosa à frente de João Pedroso e, ao se aproximar, parou e soltou os

cabelos, demorando muito com os braços levantados, enquanto os arrumava por trás da cabeça.

Ridículo, porém verdadeiro. Claro que, de noite, enquanto passeavam pelo Boulevard deserto e os homens jogavam pôquer em casa, perderam o fôlego de tanto rir do que tinha acontecido na lancha, as duas parecendo aquelas mulheres que ficam exibindo as bundas em bailes de Carnaval. Para lá e para cá, beicinhos, meneios, altos desfiles e poses. Uma loucura marítima, só podia ser, assim uma coisa que ataca de repente aquele que se expõe muito rapidamente aos ares do oceano. Grande concurso Misse Peixaria, disse Bebel, tendo de se agarrar num tamarindeiro até conseguir parar de rir. A cara do pobre, quando sentou uma de cada lado dele, parecia que ele tinha engolido uma aranha. É, mas na hora a disputa foi séria e o coitado do João deve estar pensando que se bateu com duas taradas famélicas, que da próxima vez vão cair em cima dele como um par de barracudas. E Bebel, de certa maneira, saiu ganhando, porque Ângelo Marcos, ainda que grogue e com cara de quem ia vomitar em cima do primeiro interlocutor, terminou por acordar e resolveu pescar também. Com fiscalização, a concorrência se tornou impossível, claro. Se bem que houve momentos em que puderam encarar-se outras vezes, e em todas essas vezes ela achou ter visto no rosto dele que era a vencedora.

Não, claro que Bebel não saíra ganhando, que bobagem. Saíra ganhando já no final da pescaria, e mesmo assim, não sabia que homem era João, estava ainda julgando que ele não passava de um peixeiro simplório. Ela não, ela se divertiu com ele, aprendeu coisas, riu muito. Principalmente riu, porque, depois que ele deixou de se comportar como um repolho, ficou muito engraçado e risonho. Cultíssimo. Impressionante. E não é só Biologia, não, é tudo, parece que já leu tudo. E não é desses cultos chatóides, que só falam em polissílabos e torcem o nariz para tudo de que os outros gostam, é um homem de grande simplicidade, que se diz ignorante e a gente vê que não se trata de

afetação. Um mistério, esse homem. Peixeiro. Cachaceiro. Que boa companhia! E também na despedida ela voltara a ganhar, porque ele não olhava para mais nada além dela e ficou vermelho outra vez, quando ela lhe apertou a mão, dizendo que gostara muito da pescaria e dele, e esperava haver outros dias agradáveis como aquele. Ela podia convidá-lo outra vez? Podia, podia, e ele esfregou a mão no rosto muito tempo, assim que soltou a dela.

Suzanna Fleischman, que estava trabalhando numa coletânea de observações, em fase admitidamente confusa mas muito prolífica, talvez ficasse de orelha em pé. Tinha escrito uma verdadeira monografia a respeito do riso entre homem e mulher, concluindo que muita risadaria era sinal certo de alguma semvergonhice no ar. Sintonia excessiva, agrado excessivo, perigo, perigo. E uma coisa que não se podia negar era que eles riram muito, nunca houve pescaria mais divertida. Pensando bem, fazia muito tempo que não participava de um programa tão divertido, qualquer programa. Perigo, perigo. Suzanna Fleischman provavelmente soltaria algum comentário sardônico, no que teria toda a razão. Além do mais, desde Eduardinho — que, por sinal, devia detestar a ilha, já que felizmente parou de dar aqueles telefonemas adolescentes, cheios de cochichos e códigos —, esse negócio de namorar havia sido cancelado, por motivos práticos e racionais. Suzanna Fleischman, implacavelmente objetiva e coerente com suas últimas hipóteses de trabalho: amante, em constatação amplamente corroborada pela Experiência, significa amor ou palhaçada; palhaçada não interessa, é atraso de vida; amor é difícil, é para quem pode, quem não pode fique na sua e vá ser ecologista, ou qualquer coisa assim. O resto é neurose.

Questão de racionalidade. Manda a racionalidade que essas idéias sobre João Pedroso, vagas, imprecisas e relutantes, mas suficientemente vividas, sejam logo digeridas e esquecidas. Em primeiro lugar, é verdade que ela está numa fase vulnerável e difícil, de modo geral. Que situação! Ângelo Marcos

como um pinto pelado, cheio de náuseas, morto de pena de si mesmo, mais dependente do que um filhote de gato e volta e meia em depressões abissais. Ela—monstra completa, tiranossaura — continuava se obrigando a afetar preocupação, quando o que sentia, se é que se pode chamar isto de sentir, era indiferença. Indiferença, não. Horrível reconhecer: um certo nojinho. Um nojinho indefinido, difuso, que fazia com que imaginasse nele cheiros enjoativos inexistentes e o achasse viscoso ao tato. Que sacrifício ter de agüentar — e vinha agüentando com galhardia, nisto estava sendo realmente heróica — os periódicos acessos de virilidade, tesão e paixão que o acometiam, dias e dias de priapismo resfolegante e declarações grandiloqüentes. Portanto, está mais do que claro que ela se encontra no ponto certo para grudar em qualquer homem mais ou menos que apareça, e isto a racionalidade não permite, não sejamos burros e inimigos dos próprios interesses. Em segundo lugar, que sabe ela sobre João Pedroso? Nada. A maneira com que ele falou "cachaceiro", logo no começo, realmente denunciava alguma coisa, com quase toda a certeza alguma coisa desagradável, muito mais que simplesmente tomar umas pingas. Embora ele não tenha aquela aparência inchadinha de biriteiro profissional, vai ver que é desses casos tipo tornei-me um ébrio, o que explicaria um sujeito aparentemente tão competente preferir ser peixeiro, naquele mercado sujo e pobre. Talvez ele tivesse querido dar um aviso, ou fazer uma defesa prévia. Suzanna Fleischman, que diz odiar provérbios, mas é uma verdadeira Sancho Pança em matéria de usá-los, apareceria logo com laranja madura na beira da estrada, ou algo igualmente detestável, porém ajuizado. Se a Experiência demonstrou que, ao contrário da aparência e da mitologia, homem que preste é difícilíssimo de achar, até mesmo nos lugares onde se esperaria um percentual razoável, que é que faz esse homem aqui dando sopa, já meio coroa mas em forma, solteiro, muito interessante, convenientíssimo?

Alguma coisa errada, claro. Errado, tudo errado. Racionalidade. Mas, por outro lado, não haveria necessidade de envolvimento para conviver com ele, afinal é uma das poucas companhias estimulantes, aqui na ilha. Claro, socialmente. Conviver socialmente. Isto não é irracional, sobretudo se a pessoa sabe perfeitamente defender-se. Não só nas pescarias — e já havia uma marcada para sábado, quando a lancha voltasse da manutenção —, mas também em outras ocasiões, até mesmo para jantar ou almoçar, uma reuniãozinha para quebrar a monotonia. Quem vai à chuva é para se molhar, disse logo Suzanna Fleischman, e ela deu um muxoxo. Seguro morreu de velho, quem alisa onça não garante a mão, macaco velho não mete a mão em cumbuca, quem não ouve "sossega" ouve coitado", insistiu irritantemente Suzanna. Que bobagem, apenas um homem simpático, de quem todos eles podiam ser amigos, nada além disso, nada além mesmo, que exagero, não queria nem ficar pensando nisso. Mas sim. Não. Por que não? Sim, talvez. Quem brinca com fogo... Não. Não. Não. Impossível. Chega!

A adversidade confere tempera ao espírito. Verdade, verdade inelutável, que agora Ângelo Marcos sente na carne. No início, em frente ao espelho enquanto experimentava perucas, quase chorava à vista daquela bola glabra que fosforescia como uma lua mortiça, sob a lâmpada do armário embutido do banheiro. Nem um cabelo. Nem um só. Aterrador, como a cara do sujeito muda depois que perde o cabelo, principalmente se a calva é assim total e ele tinha antes uma cabeleira frondosa. Sim, Deraldo disse que o cabelo voltaria. Voltaria? E, se voltasse, voltaria do mesmo jeito, com a mesma saúde, a mesma beleza? Nos primeiros dias, angustiava-se tanto com essas perguntas que tinha acessos de furor até contra as plantas do jardim da frente e chegou a pinicar de tal forma um jasmineiro que o caseiro pôs a culpa nas formigas cortadeiras. Era horrível, era insuportavelmente horrível entrar no chuveiro e, ao passar a mão na cabeça, sentir aquela pele lisa que não podia ser sua, a água lhe

escorrendo cara abaixo de uma maneira nunca antes experimentada. Tomando banho no dia seguinte ao do ataque ao jasmineiro, avançou nu e molhado sobre as garrafas e tubos de xampu perfilados nas prateleiras e destruiu todos minuciosamente, deixando um painel de azuis, verdes e amarelos pálidos nos azulejos. No espelho, era um ser extraterreno, um animal exótico qualquer. Os olhos aumentaram, com as sobrancelhas parecendo cada vez mais ralas. Cairia o cabelo do peito também? Em que bicho se transformaria? Existe peruca de peito também, os artistas machões americanos usam, já lhe tinham falado sobre isso. Peruca de peito, Deus do céu! Que estranha, que feia, quase repulsiva, a pele da cabeça, cheia de rugosidades e sinais esquisitos. Oue confusão de sentimentos tresvariados, que vontade de desaparecer, de nunca ter existido, de acordar do pesadelo. Mas agora não, honestamente. Aprendera muito, descobrira forças insuspeitadas, tinha orgulho da galhardia com que ultimamente vinha enfrentando a doença, o tratamento, as conseqüências práticas de seu estado. Estas últimas, aliás, no sentido político, estavam resultando precisamente no oposto do que antes temia: o afastamento, em lugar de prejudicá-lo, o estava favorecendo, porque perdia gradualmente a identificação com um governo cuja tendência era declinar em prestígio, como já vinha acontecendo. Melhor, muito melhor ficar assim, esperando que as coisas se definam, para firmar uma estratégia. Pensando com isenção, podia até dizer que estava bem. Afinal, para quem, não fazia muito tempo, fora literalmente reduzido a um frangalho psicológico, suas condições eram excepcionais. Até as perucas acabaram por se revelar divertidas, viraram um hobby. Aprendera, com bastante trabalho e a ajuda do cabeleireiro Lucius, que mandara chamar em Salvador e praticamente alugara por um mês, a montar a complicadíssima, mas perfeita, peruca japonesa, de cabelos castanhos idênticos aos seus de antigamente, agora sua favorita. Uma das americanas, também de excelente aspecto e muito mais simples, fora deixada de lado, a não ser para

um eventual uso diurno, ao ar livre, uma peruca-esporte, por assim dizer. Podia ser que ninguém tivesse notado, mas ele notou e passou algumas horas de adição, ao comparecer com ela a uma reunião dos Amigos da Cidade, na Biblioteca. Passando casualmente por um espelho, achou horripilado que, na luz fluorescente, o cabelo tinha assumido um fantasmagórico tom verde, com uma aura luminescente que dava a impressão de que toda a peruca alçaria vôo daí a pouco, como uma navezinha espacial. Conseguiu desgrudar-se do espelho e, pálido, suando e rindo amarelo, passou o resto da reunião desatento e irrequieto, alisando a cabeça a pequenos intervalos. A peruca japonesa, no entanto, era perfeita, uma obra extraordinária de engenharia, que ele de início não conseguia montar direito. Montar era o termo, porque as partes laterais vinham separadas do topo, numa combinação que parecia fácil de ajeitar, mas não era, pois qualquer desvio dava outra aparência à cabeça, principalmente nos dias em que as partes laterais eram trocadas, para simular crescimento ou corte de cabelo. Atualmente podia considerar-se um craque no assunto e adquirira completa confiança nela, agia com naturalidade e tinha certeza de que muita gente nem desconfiava de que ele estava careca. Relutou um pouco a princípio, e foi muito nervoso que voltou à tona depois de seu primeiro mergulho emperucado, mas hoje mergulhar não é problema, embora ele não goste de banho de mar. E, finalmente, a última ameaça nessa área da pilosidade, a hipótese terrificante de que as sobrancelhas viessem também a cair, já estava sob controle. Lucius fizera as medições e cuidaria do caso, é excelente artesão também, se bem que tudo o que vende e faz custa os olhos da cara. Essa brincadeira das perucas, somadas todas as despesas, já deve estar saindo por mais de vinte mil dólares, calculando por baixo, Mas é claro que não se vai pensar em regrar despesas, numa hora destas. Sem as perucas ele ficaria num estado próximo da loucura, incapaz de permanecer na atitude de resignação positiva a que havia tão laboriosamente conseguido chegar, sem

cabelo era impossível.

Vida sadia, nada de fumo, nada de bebida, muito ar livre, Natureza e relaxamento, seguindo uma dieta mais ou menos branda, por causa da agressão quimioterápica ao fígado — não há um paradoxo aqui? Há, sim, porque numa blague cuja entonação ensaiara muito e que todos os amigos achavam engraçada, ele deu para afirmar que o câncer lhe havia devolvido a perfeita saúde. Até o vigor sexual retornara, com uma pujança não sentida desde os vinte anos, depois da maré baixa da descoberta da doença, havendo fases em que, se Ana Clara também não fosse a mulher fogosa que ele até já esquecera um pouco, teria saído para agarrar alguma pretinha da ilha, dessas que por qualquer graninha o sujeito leva para traçar na varanda de uma casa de veraneio vazia — aliás, uma experiência fantástica de que há muito tempo, desde a época de botar em coxinhas, ele não desfrutava, era caso de se pensar em renová-la um dia destes. Curioso, curiosíssimo, quem quiser que não acredite no dedo de Deus. Até isso o câncer ressuscitou: um casamento semifalido e praticamente sem sexo, ou mesmo comunicação, agora estava sólido novamente, sólido como nunca fora, podia-se dizer felicíssimo. Ana Clara, que, justificavelmente, tinha lá suas razões de queixa, se revelou uma mulher inabalavelmente solidária, preocupada mas otimista, incentivadora em todas as horas, carinhosa, terna, companheira firme e corajosa. Como é a vida, foi necessário que quase acontecesse uma tragédia, para que se notasse algo que sempre esteve à vista. Um amor renovado, realentado em ambos, um sopro de esperança e confiança, a abertura para um belo futuro. A ilha fizera bem a Ana Clara. Bem verdade que, de vez em quando, ele tinha de promover uns almoços políticos, receber gente chata para jantar ou mesmo passar o fim de semana, tipo de coisa que não precisava fazer muito em Salvador, mas ela enfrentava tudo com bom humor e elegância, não se podia criticar nada. Não praticava mais ginástica regularmente, mas também não precisava, tudo aqui é

exercício, sol e ar puro, e sua beleza desabrochava de novo esplendorosamente, de tal forma que, se não fosse o fato tranquilizador de não haver homem nenhum por perto que pudesse interessá-la ou ter o peito de assediá-la, ele talvez sentisse ciúmes. Um pouco acanhado, lembrou que cogitara em pedir a ela que não usasse certos biquínis de sua coleção inesgotável, os mais ousados. Mas não, seria ridículo e, além do mais, o relacionamento tinha de ter como base a confiança, confiança que absolutamente não podia ser regateada a ela, confiança merecida em toda a linha.

Tudo, por conseguinte, perfeito, ou pelo menos tão bem quanto poderia estar. Mas a felicidade não pode ser completa e o problema do enjôo chateia, é a sensação mais desagradável que pode haver, às vezes o sujeito pensa que prefere morrer. E há uma relação sinérgica com o estado psicológico, está na cara. De vez em quando, forma-se um círculo vicioso: o camarada fica deprimido porque vive sempre à beira de vomitar as tripas, em meio a engulhos verdadeiramente sísmicos, e piora do enjôo porque está deprimido. E, a não ser pelo sono que dão, que às vezes é uma bênção, os remédios para enjôo acabam não fazendo mais efeito. Queixara-se a Deraldo, que, depois de comentários fatalistas a respeito das diferenças entre organismos individuais, lhe recomendara uma maconhazinha.

— Sério. Não é esculhambação, não. Maconha é bom para esse enjôo. Eu nunca botei nem cigarro de chocolate na boca, mas há alguns estudos comprovando isso, é manjado há muito tempo nos Estados Unidos. Eles lá têm até umas pílulas de THC, tetra-hidro-canabinol, você sabe, que é o princípio ativo da famosa erva maldita. Mas você não precisa mandar buscar nenhuma pílula nos Estados Unidos, todo mundo diz que a maconha baiana é da melhor qualidade. Suponho que, se a gente quisesse mesmo, eu podia receitar isso para você formalmente, mas não acho bom, pode ser uma trabalhadeira grande e principalmente render fofoca. Você deve ter bom

relacionamento com a polícia, lá dá para conseguir com facilidade, com algum amigo seu. Ou então algum contemporâneo nosso, muita gente do nosso tempo fumava e deve continuar a fumar até hoje.

De fato, melhora muito, pensou Ângelo Marcos, descansando no colo o livro que estivera folheando sem ler, na varanda grande. Não passa de todo, mas melhora muito e dá esta ótima sensação de leveza entorpecida. Encontrara alguma dificuldade em conseguir a maconha, porque realmente tinha pudor em falar no assunto e chegara a dizer a Deraldo que preferia não fazer esse tipo de tratamento. Lamentou não ter vivido, nem na periferia, a era dos hippies, não haver nenhum conhecido dos velhos tempos a quem recorrer sem constrangimento. Nem mesmo Tavinho, o ex-marido de Bebel, apesar da amizade. Não só não queria dar-lhe essa satisfação, depois de haver censurado tanto nele o uso de drogas, como na realidade ele não devia saber nada de maconha, o negócio dele, como ele mesmo dizia, era o brilho. O bright, falava ele, com aquele risinho meio degenerado. E uma vez proclamara ter nojo de maconha, coisa fedorenta e porca, coisa de pobre, barato de negro e índio. Não, não, era preciso achar outra pessoa, e Ângelo Marcos finalmente lembrou de estalo um arquiteto meio amalucado com quem convivera durante os tempos da política estudantil e mais tarde na própria Secretaria, o qual tinha declarado publicamente, num restaurante, sua preferência por maconha sobre bebidas alcoólicas. E, recordava-se bem, ele lhe havia oferecido uma baforada — um tapinha aê, dissera ele com a mão estendida, como quem se refere a uma batatinha frita —, no dia em que estiveram visitando obras num jipe dirigido por ele. Evidente que recusara com maldisfarçado escândalo e levara o resto da visita com medo de que aquele degenerado enlouquecesse de vez e arremessasse o jipe ribanceira abaixo, achando que estava de trenó nos Alpes, ou algo assim. Mas agora era diferente, até porque havia a razão médica, que podia mencionar. Demorou para ter certeza do nome. Victor, Victor

Almadino, devia estar no catálogo, porque, como sabia em primeira mão Ângelo Marcos, ele era, além de arquiteto e maconheiro, um ladrão muito bem-sucedido. Portanto, devia ter não um, mas vários telefones.

Também demorou a reunir coragem, mas terminou por ligar e Victor foi muito solícito. Não se preocupasse, bastava apenas que se lembrasse de uma coisa: tirar o fundo da lata. Ângelo Marcos não entendeu direito, e ele somente repetiu: o fundo da lata. Três dias mais tarde, chegou pelo Correio um pacote muito bem embrulhado, contendo uma lata de talco. Depois de uma inspeção nervosa, Ângelo Marcos descobriu que o fundo da lata era de encaixe. Quando conseguiu arrancá-lo, viu cair, em meio a uma nuvem de talco, uma trouxinha escura, envolta em plástico transparente, e um envelope minúsculo, cheio de papéis de cigarro. Ficou feliz, mas assustou-se e se atrapalhou ao tentar limpar e espanar com as mãos o talco derramado, até que recobrou a calma, enfiou os pacotinhos no bolso e, sem dar explicações, mandou uma empregada passar o aspirador na sala.

A escolha da hora e do lugar onde faria a primeira experiência não foi simples. Tinha de ser escondido de Ana Clara por várias razões, até mesmo porque sentia sincera vergonha de ser visto fumando aquele negócio — e se ficasse dizendo bobagens ou fazendo confissões inconvenientes⁹ E havia o risco de ela querer experimentar também. Nunca. O liberalismo tem seus limites e cabe proteger a mulher contra os riscos de uma coisa dessas. Ela jamais saberia que ele tinha fumado maconha e ele continuaria com todo o moral para continuar a fazer as objeções vigorosas de sempre, contra qualquer droga. Sim, fumaria escondido, na hora em que ela estivesse na praia, por exemplo. E fumaria no quartinho envidraçado lá do sótão, aonde os empregados só tinham autorização para ir depois de avisar pelo interfone e onde podia abrir as janelas, para que o vento dissipasse a fumaça no alto.

Exatamente como tinha feito mais uma vez, havia uns quarenta minutos,

para depois descer inebriado, trazendo um dos livros americanos cuja leitura dera para interessá-lo, todos a respeito de caminhos para o êxito e a autoafirmação. "Seja Você Mesmo e Seja Vitorioso", anunciava a capa, em grandes letras vermelhas. Deitou-se na espreguiçadeira velha da varanda grande, pôs os óculos e abriu o livro, mas logo o pensamento se extraviou e agora percebia que virará as páginas sem prestar atenção a coisa alguma. Tudo bem, não tinha pressa para nada, não tinha nada para fazer, podia ficar ali o tempo que quisesse, olhando a grande coroa de areia acastanhada se desdobrando à sua frente, as garças meneando os pescoços e andando como se tivessem um medo saltitante de pisar em algo perigoso, os catadores de mariscos silhuetados contra o azul da maré, velas graciosas, nuvenzinhas alvas e gorduchas, um nordeste fresco abanando as folhas das mangueiras, tudo bem, tudo bem. Sim, a estada na ilha estava se revelando bem melhor do que o antecipado e, até socialmente, podia ser dito que, para surpresa tanto dele quanto de Ana Clara, haviam formado um círculo interessante, gente de nível, gente fina mesmo, como João Pedroso, hoje companheiro de pescaria e papo, e o velho Lúcio Nemésio.

Que, por sinal, como faz sempre, nas raras vezes em que resolve almoçar em casa, acaba de descer de uma caminhonete do hospital, vai passar pelo mercado e, em seguida, vai marchar pela rua em frente e parar um instante, para cumprimentar Ângelo Marcos e se queixar de alguma coisa. Recusará o convite para entrar, mas discursará no portão alguns instantes, de forma que Ângelo Marcos sacou do bolso um frasquinho de colírio e pingou duas gotas em cada olho, porque, se estivessem vermelhos, o velho podia desconfiar de alguma coisa. O velho sabia tudo e devia reconhecer olho de maconhado a cem metros. E, uns cinco minutos depois, já distraído outra vez, ia responder ao bom-dia trovejante de Lúcio Nemésio, subitamente materializado no portão, quando ele se antecipou e foi direto ao assunto que

presentemente o indignava.

— Pardais! — bradou. — Pardais! E imbecis! Imbecis!

Ângelo Marcos desceu correndo os três degraus que levavam ao pátio e abriu o portão.

— Como vai, mestre? Vamos entrando! Desta vez o senhor vai entrar, vai tomar qualquer coisa.

— Pardais! — repetiu Lúcio Nemésio, no mesmo tom de voz. — Não havia pardais no Brasil, havia tico-ticos, que se assemelham um pouquinho a eles, mas estão longe de ser a mesma praga. Um debilóide colonizado, certamente com inveja das praças da Europa, onde todos os dias chovem toneladas de bosta de pombos e pardais, resolveu importar essa peste para o Rio de Janeiro e aí ela se espalhou pelo Brasil todo. E, mesmo depois disso, não havia pardais na ilha, eles não têm autonomia de vôo para atravessar a baía nem nos pontos mais próximos do continente, são umas verdadeiras moscas. Mas outro delinqüente cretino achou de trazer uns casais para cá. E agora, depois que eles predaram e expulsaram a maior parte dos outros pássaros, aqui só há pardais, pardais em toda parte, um inferno de pardais!

— É, realmente. Um bicho feio, que não canta, só faz piar, e expulsa mesmo os outros passarinhos. Eu me lembro que antigamente aqui era cheio de canários, cardeais, papa-capins e uma porção de outros, mas agora quase todos sumiram.

— Eles têm duas posturas por ano, os outros só têm uma.

E são dos animais mais agressivos da Natureza. Se fossem maiorezinhos, atacariam a gente. Eles só vivem perto do homem, são incapazes de sobreviver pelos próprios recursos, numa floresta, por exemplo. Até os ninhos eles gostam de fazer dentro das casas, tendo o mínimo de trabalho possível. Só sabem viver por aqui, pulando do lixo para a comida das pessoas e as plantações. Nem insetos eles gostam mais de comer, só em último caso. Uma

praga, um animal comportamentalmente inaceitável, que devia ser extinto, não se pode consentir que a evolução premie o mau-caratismo. O sucesso deles é obtido através de processos que não devíamos permitir.

Como acontecia freqüentemente, ao conversar com Lúcio Nemésio, Ângelo Marcos ficou na dúvida sobre se o velho estava falando sério, nunca se sabia. Mas, felizmente para quem não achava o que comentar de suas observações, ele raramente esperava uma resposta. Dava a impressão de estar falando sério, sim, as bochechas enormes se agitando e as sobrancelhas espessíssimas subindo e descendo no ritmo da voz.

— E tem essa mentalidade cretina, ignorante e piegas, absolutamente destituída de qualquer fundamento racional!

Essa mentalidade!

— Essa mentalidade? A mentalidade...

— Sim, essa mentalidade — disse ele, como se ofendido porque Ângelo Marcos não sabia do que se tratava. — Essa mentalidade subdesenvolvida, a que nunca consigo me acostumar. Agora mesmo, no Mercado, uma velha que me cumprimenta por aí, mas que não sei quem é e com quem não simpatizo, veio me interpelar porque eu estava dizendo a João Pedroso que seria capaz de instituir o prêmio de um picolé ou um guaraná por cada pardal morto e pôr a menina em ação.

Acho, aliás, uma excelente idéia, um dia vou levá-la adiante.

— É mesmo, não ia sobrar um pardal.

— Mas a velhota se indignou e você não pode imaginar a ladainha melosa que eu tive de ouvir a respeito da Natureza, como se a Natureza fosse um ser e um ser moral, e a respeito do pobre bichinho e até uma coisa que me deu ganas de estrangular a velha: sinfonia de pardais. Ela usou esta expressão: sinfonia de pardais. Mas não discuti, não posso discutir com a ignorância, só posso me exasperar e ir saindo na primeira oportunidade. Que diabo ela sabe

sobre Natureza e vida? Que vida, a que ela aniquila aos milhões, quando joga água sanitária no chão? A que ela destrói para comer? Que quer dizer isso? Não quer dizer nada, isso tudo é uma mitologia primitiva. Gomo se o homem não fizesse parte da Natureza, o homem junto com tudo o que cria e o acompanha. Por que um ninho, uma represa de castor ou uma colméia de abelhas fazem parte da Natureza e uma casa não faz? O homem faz parte da Natureza e cabe a ele comer qualquer bicho que quiser, desviar rios e extinguir baratas, ratos ou pardais. Se eu estivesse falando em morcegos, duvido que ela tivesse o mesmo fervor, embora os morcegos, de modo geral, não sejam espécies que não deviam ser toleradas, como os pardais. Mas não há sinfonia de morcegos e ela certamente vê filmes de Drácula e pensa em morcegos vampiros e também esquece que, para hematófagos, beber sangue é natural e, se pudessem pensar, considerariam isso um direito básico deles. Eu não agüento burrice, ainda mais burrice emocional e presunçosa. O que é que ela sabe desse negócio de vida? Se ela estivesse contaminada com Aids — e é uma pena que provavelmente não esteja —, que pensaria sobre ser muito natural que para o vírus ela não passe de um meio ambiente para ele sobreviver e se replicar, até destruir esse meio ambiente? E isso para um vírus, hem, uma partícula ínfima, que não tem subjetividade... ou tem, ou tem? O que é subjetividade? Para que serve uma mulher como essa, serve para ela ou serve para o vírus, qual é o ponto de vista certo, de acordo com a Natureza? Para que servem as células dela? Quem sabe se ela toda não é função de um sistema virótico, um campo de provas para transcriptase reversa? Quem tem de resolver como as coisas são, e para quem são, somos nós, não os pardais, os rinocerontes ou os jacarés. À merda com essa gente, o que é que eles sabem? Ninguém sabe nada, ninguém estuda, ninguém pensa, todo mundo se compraz em repetir as besteiras que mais satisfazem suas neuroses e inseguranças. Pardais! Animais inadmissíveis! Um picolé ou um guaraná por cada pardal

morto, é uma bela idéia. Quanto você imagina que eu ia gastar?

Sereno de repente, sorriu com afabilidade, como se não tivesse acabado de falar daquela forma veemente. Ao contrário de antes, agora parecia ter sido tudo uma brincadeira, e Ângelo Marcos, sem saber bem o que pensar, retribuiu o sorriso e repetiu o convite para entrar. Mas ele deu-lhe um aceno caloroso e prometeu que um dia desses entraria, só que agora tinha que correr para casa, pois viera almoçar apenas porque precisava consultar uns papéis.

— Tudo bem, mestre, vou cobrar essa visita, nunca mais o senhor veio nos dar o prazer de sua companhia. Enquanto isso, vou ver se mato uns pardais para o senhor, vou arranjar uma espingardinha de ar comprimido.

Lúcio Nemésio riu, acenou outra vez e saiu apressadamente rua abaixo. Ângelo Marcos voltou-se também rindo para tornar a varanda, mas fechou a cara ainda no primeiro degrau e sentou-se carrancudo na espreguiçadeira. Pardais, matar pardais. Matar pardais. Agora a lembrança que isto lhe trouxera, a mais secreta, inconfessável e inquietante lembrança, lembrança que daria tudo para perder, não iria embora hoje, talvez persistisse durante muitos dias ainda. Aí estava ela, tão nítida como cenas de um filme e tão pulsante como uma coisa viva, como se tudo tivesse sido ontem e amanhã devesse vir a ser novamente. E, o que era pior, havia uma parte dele que queria continuar lembrando e ia continuar lembrando — e ele fechou os punhos com força, mordeu os lábios e se contorceu desconfortavelmente na espreguiçadeira.

Sempre rezava a missa das sete, mas não era por isso que Padre Monteirinho acordava muito cedo, mesmo quando havia dormido tarde na noite precedente, era porque tinha afinidade com a madrugada. Rolava acordado na cama a partir das quatro horas e, no máximo às quatro e meia, arrepanhava o camisolão branco com que se habituara a dormir desde pequeno para, depois de uns dez minutos no banheiro, vestir sua roupa de

clérigo e sair andando pelas beiradas dos quebra-mares com qualquer tempo que fizesse, inclusive os temporais mais desabridos. Na verdade, até gostava muito dos temporais e trovoadas e, com o guarda-chuva apontado na direção do vento, embrulhado numa capa azul e usando um bonezinho de plástico, era sempre visto nessas horas, olhando e pensando não se sabia o que, em cima do cais do Mercado e no meio da ressaca que lavava a rua. No começo, o povo estranhava e comentava que ele devia ter alguma obsessão, ou senão parentescos marinhos secretos, mas logo todos se acostumaram e chegavam a visitá-lo, temendo-o doente, se por acaso ele não aparecia numa madrugada qualquer.

Isso, contudo, era muito raro, porque, quando ocorria, ele passava a achar o dia mutilado e sem propósito, e não conseguia fazer direito nada do que planejara. Algum tempo antes da vinda para a ilha, não era assim, era o contrário. As muitas ocasiões em que, numa solidão de pedra, sentira pena de si mesmo, quase desespero, aconteceram todas em madrugadas, madrugadas de perspectivas melancólicas, quartas-feiras sem cor, quintas-feiras monótonas como nênias reiteradas. Dava-lhe grande vergonha essa fraqueza, que considerava gravíssimo pecado de pobreza de fé, obrigando-se a orar continuamente, com os olhos fechados diante do altar-mor. E, apesar desse esforço e sofrimento, Deus aparentemente desejava pôr em permanente prova aquela fé que vacilara, e outra vez, outra vez, outra vez, de repente, numa madrugada, lhe engolfava a alma o mesmo sentimento, tudo penosamente recomeçando.

Em sua primeira manhã na ilha, apequenado pelo sobra-dão da casa paroquial e sem saber direito orientar-se dentro dele, despertou às quatro horas, excitado e incapaz de continuar deitado. Apertou a velha pêra de baquelita amarrada à cabeceira de ferro batido. Agora iluminado, o teto altíssimo se tornou cavernoso e ameaçador, e ele teve medo de sentir-se

daquela mesma forma novamente, talvez até pior, talvez até pelo resto da vida, sem interrupções. E esse medo aumentou, quando, de lanterna em punho para inspecionar aqueles desvãos obscuros, corredores de tábuas rangentes, escadas por trás de grandes portas duplas e peças de mobília saídas de gravuras antigas, achou que tinha voltado de súbito à casa de seu avô e ficou tonto. Numa saletinha inesperada em frente a uma escada, mobiliada por quatro severas cadeiras de palhinha, uma mesinha redonda de gonçalo-alves e um porta-chapéus com um espelho redondo que lembrava um olho, a tontura aumentou e teve de sentar-se. Já estivera naquela salinha? Sim, de certa forma, no casarão em que vivera com seu avô e que não existia mais, como não existia mais ninguém, nem avô, nem avó, nem pai, nem mãe, nem o irmão que nunca houve. Ninguém, pensou, olhando para o topo escuro da escada e imaginando que, se o iluminasse com a lanterna, veria um de seus fantasmas lá em cima. Apontou para lá o facho de luz e divisou somente uma sacada e duas portas largas, que levavam ao salão do andar de cima.

Só, completamente só. Se não fosse pela fé, mais só do que qualquer pessoa poderia estar. Desta feita, contudo, à medida que a tontura passava, percebia que não lhe sobrevinha o mal-estar habitual, mas em seu lugar aparecia uma sensação de paz e placidez, e seu medo se dissolveu. Tomou consciência do barulho do mar pela primeira vez, abriu um postigo e ficou olhando para fora, a claridade da lua abrindo uma esteira trêmula sobre a água. Haveria sido mesmo um castigo, um degredo, sua designação para esta paróquia pequena, pobre e decadente, que só tinha um pouco mais de vida no verão? Sim, a intenção fora esta, mas o resultado podia não ser, alguma coisa lhe dizia que não seria, que a solidão terminaria eclipsada pela liberdade, como já notava, sorrindo em frente a essa vista desconhecida, mas tão bonançosa que ele abriu mais o sorriso e teve grande prazer em inspirar fundo. Lembrou Padre Rabelo, sem ressentimento. Por natureza e convicção, esqueceria tudo e

o perdoaria de qualquer forma, mas agora estava indo além. Agora começava a achar que ele lhe havia feito um favor, ao trair a confiança que tivera nele, seu antigo professor no Seminário, até seu confessor durante algum tempo. Esperara compreensão, não encontrara nenhuma. Esperara também que fosse amparada a força que vinha encontrando para resistir à tentação e a tudo o que ela acarretava, mas tampouco encontrara amparo.

— Você devia envergonhar-se! — dissera Padre Rabelo, muito pálido e fazendo repetidas menções de voltar a sentar-se, sem conseguir. — Seu cinismo me espanta! Você devia mergulhar no arrependimento e na contrição! Você está no caminho da perdição absoluta!

Mas fora a única vez em que fraquejara, e assim mesmo não fraquejara de todo, porque não cedera, apenas sentira o desejo de ceder. Não cedera, não cedera, apesar da solidão em que caíra depois da morte do pai, seu último parente. Afastara-se de tudo o que pudesse levar a contacto com ela e foi vê-la uma tarde, no Campo Grande, para, enquanto andavam lado a lado, mas bem afastados, explicar-lhe com energia que era padre, continuaria padre e continuaria casto, pois, se violasse seus votos, não poderia ter paz nunca mais e talvez morresse de angústia. Mas não lhe veio o sentimento sublime de redenção que aguardava, depois que se despediu com a mesma firmeza com que falara e foi embora sem olhar para trás e sem querer pensar na expressão de desalento no rosto dela. O que sentiu foi mais tristeza e solidão, uma enorme e lacrimosa pena de si mesmo, perseguindo-o como um enxame de moscas, especialmente nas madrugadas. E, junto com isso, a imagem dela, a lembrança de que pegara e acariciara as mãos dela uma vez, a vontade de ter ido mais longe do que isso, os pensamentos que lhe esquentavam o corpo todo e o faziam rezar em voz alta, apertando a cabeça entre as mãos espalmadas. Foi então que decidiu falar com Padre Rabelo, contar-lhe seu sofrimento com toda a honestidade. E o padre não se limitou a recriminá-lo

asperamente, mas também fez questão de mostrar que não acreditava não ter existido nada de físico, além daquele brevíssimo episódio das mãos, entre Monteiro e a mulher que quase mudara sua vida. Não acredito, não acredito, dissera muitas vezes, e Monteiro chegou a pensar em ajoelhar-se para protestar sua inocência e sinceridade, mas terminou por levantar-se, fazer um cumprimento de cabeça e ir embora.

Sim, punição, castigo, penitências, retiros, exercícios espirituais, quase opróbrio. Degredo, para culminar. Degredo, disse em voz baixa, olhando em redor e, ao contrário do que esperava, experimentando, não amargura, mas tranqüilidade, talvez alegria, certamente alegria. Que degredo, agora diante desta janelinha libertadora, numa casa de ambiência tão fundamente ligada à sua história, numa brisa tão fresca e viva — que degredo, esta vitória? Escolhera ser padre, escolhera ser padre, escolhera esta solidão especial. Fora tentado, fora traído, vencera tudo. Vencera, era plenamente padre, resistira à força terrível que quase o fizera deixar de sê-lo e, submergido numa onda de fé e amor a Deus que dilatou seu corpo, caiu de joelhos com os olhos úmidos mirando o espaço através da janelinha e falou, em voz tão alta que deve ter ecoado pelas paredes das casas vizinhas: *Petrus, tu es petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam!* Sobre esta pedra, sobre esta pedra, repetiu transfigurado, o coração apertado pela mesma humildade estranhamente orgulhosa que experimentara ao ser ordenado e que não o deixara dormir toda a noite, passada com o pensamento na obra de Deus e nos deveres dos homens.

Nesse mesmo dia, iniciou seus passeios pela madrugada, logo estabelecendo um roteiro que não gostava de variar e que começava e terminava sempre na rampa do Mercado, em conversas com os pescadores e peixeiros, até pouco antes de os sinos da Matriz tocarem, chamando para a missa. Convencera-se de que variar o roteiro era uma temeridade, um ato que

se podia dizer leviano, porque dessa maneira não se aprendia nada, já havia demais o que aprender num só roteiro imodificável. Pois os acontecimentos e coisas das madrugadas, embora sempre reiterados, são também sempre diferentes do que se viu no dia anterior. Não só nunca se é inteiramente igual a antes, como tampouco são iguais os horários e texturas das marés, as combinações de luzes e reflexos, os ventos, as ondas e os barcos, nem os resultados das pescarias, os perigos do mar e suas vítimas, bem mais freqüentes do que pensava no tempo em que não convivia com gente do mar. Lembrou-se arrepiado do dia em que primeiro percebeu o muito que tinha de aprender nesse convívio, o dia em que atrasou a missa para levar ao hospital, em seu jipe antigo, o pescador Colo da Misericórdia, hoje todo riscado de givazes e cicatrizes calosas, mas vivo. Tomara um susto quando, rodeado pelos gritos e gemidos que de repente transfiguraram a paisagem, chegara à rampa e vira a arribação atropelada da canoa Sua Mãe, que dera socorro a Colo, transformado num chafariz de sangue, enredado pelos mil anzóis e pontas de linhas de uma groseira, a bordo de seu batelão rebocado. Os arraieiros da Sua Mãe tinham cortado a linha mestra, na ponta da qual uma jamanta de centenas de quilos se ferrara e permanecera quieta, a bóia balançando apenas com as ondas. Mas, depois que Colo, distraído como nunca deve estar o pescador de groseira, já tinha tirado mais da metade da linha pelo lado oposto ao bicho, ele arrancou de surpresa, as asas abertas como as de um avião, puxando o batelão pelo mar afora e em um segundo enovelando Coló num espinheiro de anzóis mortíferos. Felizmente a Sua Mãe, que estava bordejando por perto, pôde acudir com presteza e alguns anzóis se cravaram nos bordos do batelão, impedindo que, em vez dele, aquele peixe mais poderoso que um trator arrastasse Colo para uma morte horrenda, talvez comido vivo pelos cações e goivas que patrulham as poitadas da costa da ilha. Assim mesmo, esteve próximo da morte por causa do sangue perdido e das dores medonhas—e

Monteirinho recordou de novo sua surpresa por constatar que algo assim era relativamente comum e como aquilo lhe dera uma noção esmagadora de quanto não sabia, como o ajudara a aproximar-se de uma gente à qual viera a se afeiçoar tão profundamente e que sentia compreender e amar tão inequivocamente, a ponto de, quando pregava nos dias de festa e falava naqueles que, com os rostos contritos, o fitavam dos bancos da Matriz, ter às vezes que fazer algumas pausas, para não denunciar pela voz sua emoção.

Seu costume era sair pela porta da frente e caminhar rua Direita acima, passando pela Matriz e pela igrejinha de São Lourenço, para às vezes sentar-se no banco de madeira ao lado do sobradão e ficar procurando a sabiá do oitizeiro, até ela começar a cantar. Preferia as madrugadas mais frias e orvalhadas, talvez por causa do rebrilho nas pedras do calçamento e nas folhas das árvores. Podia passar muito tempo sentado ali, assistindo à luz acabar de se firmar, mas geralmente partia em seu passeio, dobrando a esquina do Largo da Quitanda para ir ao Mercado, onde nessa hora estavam apenas três ou quatro peixeiros e os desocupados de costume, às vezes camaroeiros ou tainheiros estendidos na calçada, debaixo de encerados e lonas encardidas. Dali, depois de ficar alguns momentos discutindo o tempo, ouvindo queixas de todos e histórias dos mais velhos, conversando com João Pedroso e tomando às bicadinhas meio copo de café, partia em seu itinerário fixo. A mesma gatinha preta, em atitude de prontidão medrosa, aguardando sua passagem pelos fundos do bar, para depois pular o portão de ferro da casa contígua, sem nunca permitir que ele se aproximasse como gostaria. O mesmo galo na casa amarela, ruflando as asas estrepitosamente, antes de cantar; a mesma castanheira, com os morcegos de frutas ainda adejando em volta, para logo se recolherem nas copas cerradas; o mesmo jasmineiro se esparramando por cima do muro da casa verde e branca, seu perfume anunciado aos poucos desde a esquina; a mesma fortaleza antiga, os mesmos pés de fícus e acácias, o

mesmo marulho, a mesma maresia, o mesmo sol cor-de-abóbora subindo por trás dos morros da orla à frente. Mas, ainda assim, tantas novidades e pensamentos, um devaneio espiralado que às vezes o fazia como que voltar a si num lugar ao qual não se lembrava como havia chegado. De quando em quando, talvez se sentisse culpado por essa felicidade, que certamente dependia de seu isolamento, como se a ilha não fizesse parte daquele país assustador que todos os dias o assombrava com notícias em que não queria acreditar e horrores sobre os quais se recusava a pensar. Sim, talvez, mas a ilha também tinha seus sofrentes, muitos, a maioria — e ele fazia o que podia, mais do que podia, desde a escola mantida milagrosamente até as associações e cooperativas de moradores, pescadores e artesãos que organizara a partir do nada e continuava a orientar e defender. Não, não tinha que se sentir culpado, era sua paróquia, era onde Deus queria o seu trabalho e, se achava felicidade nele, era a felicidade de desempenhar seu ministério com honestidade e se alegrar na bênção da fé e do sacerdócio.

Mas agora, de pé à saída da casa paroquial, um ventinho frio obrigando-o a firmar melhor a boina e nuvens avermelhadas debruando o telhado do sobradão, não olhou em torno com o ânimo costumeiro e chegou até a pensar em voltar para dentro. De novo não ia seguir seu roteiro, não ia passar pelo Mercado, nem no começo nem no fim do passeio. Tudo por causa de João Pedroso. Sim, mas por causa dele próprio também, porque vinha evitando encontrá-lo para a conversa que teria de ter, mais cedo ou mais tarde. Além disso, a situação já estava criada e, por conseguinte, quanto mais retardasse a conversa, mais tudo poderia piorar. Mulheres, mulheres, interessante que tivesse tido um problema grave por causa de uma mulher e a mesma coisa estivesse acontecendo com aquele de quem talvez fosse o único amigo íntimo — e vice-versa, pensando bem. Aquele maluco ermitão, que parecia ter um caroço de manga entalado no gogó, quando falava com alguma mulher para ele

interessante, e que, mais de uma vez, bebendo feito um camelo, descrevera em timbres melodramáticos sua timidez acabrunhante. Eu tenho medo, eu tenho medo, a verdade é essa, eu tenho medo delas, sempre tive! — dizia, com os olhos esbugalhados e uma genuína expressão de temor. Que vergonhas havia passado, meu caro senhor, que grandes vergonhas, vexames inomináveis, humilhações inexprimíveis, o nadir da abjeção! Que opinião teria um padre casto sobre a broxura causada por pânico? Ah, meu caro senhor, meu bom sacerdote, mesmo que fosse uma excelente opinião e melhor conselho, de nada me serviria, nada me serve, meu destino é o da mais obscura minhoca, eu sou um verme, meu caro senhor!

Monteirinho franziu a testa, ao lembrar as arengas marmeladóvicas de João Pedroso, sempre uma mescla intrigante de histrionismo e sincero desespero. Talvez fosse tudo verdade, uma verdade caricata, mas de qualquer forma verdade, porque de fato ele sempre dava a impressão de estar fugindo ou prestes a fugir. Agora, porém... Suspirou, ajeitando novamente a boina e principiando a andar na direção da Fonte da Bica. Por que tinha de ser um problema seu também? Sim, era um adultério que estava prestes a se consumir, mas não se pode sair por aí impedindo os adultérios, o que se pode é falar contra eles. Sim, mas neste caso era um adultério próximo, do qual tomara conhecimento direto, através de uma das partes. Sim, sim, não podia deixar de falar, não podia ficar indiferente, afinal padre é padre. Mas não estaria apenas sendo um intruso, um espírito de porco? Adiantaria alguma coisa falar, já que pelo jeito ia acontecer de qualquer maneira? Não, nunca deve ser este o critério. Mas era possível até perder o amigo, ou se ver para sempre detestado, com essa intromissão. Por que não podia ser um amigo normal de João Pedroso, sabendo que essas coisas acontecem o tempo todo, são até encaradas com naturalidade por muita gente, são de certa forma triviais? Padre ou amigo? Que direito tinha de se meter na vida de um amigo pela primeira

vez verdadeiramente apaixonado e aparentemente correspondido, pela primeira vez conseguindo vencer a timidez? Já maduro, solitário e complicado, precisando tanto de uma mulher — e essa, talvez, quem sabe, fosse a mulher conveniente para ele a esta altura da vida. Claro, podia ser a mulher certa para ele, nada impedia que ela até se separasse do marido, como tantas outras, e fosse viver com João Pedroso. Mas como? Em estado de adultério? Senhor Deus nas alturas, que pensamentos são estes, Padre Monteiro?

Parou inquieto, na esquina da rua dos Patos. Conseguiria, conseguiria, Deus do céu, soar sincero, ao procurar dissuadir João Pedroso de continuar aquele namoro com a mulher de Dr. Ângelo Marcos, namoro a esta altura já visível em gestos, olhares e toques furtivos, pelo menos para quem, como ele, já estava a par das coisas? Ou deixaria transparecer que parte de si, talvez, de certo ponto de vista, a principal, não fazia realmente objeções e até torcia para que o amigo se desse bem, nessa aventura para quase todo mundo tão banal? Provações, provações do mundo, por que esse dilema horrível tinha de se apresentar diante dele, quando tudo corria tão bem? Por que João Pedroso não achara outra mulher, por que havia de ser logo uma nessa condição? Mas também ele não tinha culpa, ninguém exerce controle sobre essas coisas, a mulher simplesmente apareceu na vida dele. É verdade, é verdade. Padre ou amigo?

Padre, padre, padre, pensou com obstinação, batendo o pé na calçada e recomeçando devagar sua caminhada. Padre. Acima de tudo, sua obrigação de padre. Ensaalaria o que diria, não deixaria que a existência de seu dilema fosse sequer insinuada, agiria como era de seu dever agir, mesmo que perdesse o amigo, a companhia tão acrescentadora, tão agradável, tão espontaneamente fraterna. Faria tudo para que isso não acontecesse, seria tão hábil e eloqüente quanto pudesse, mas tinha de arriscar, não havia escolha. Padre primeiro,

amigo depois. Resmungou quase rancorosamente, pensou um palavrão e, um pouco assustado com o que acontecia em sua cabeça, rezou em silêncio todo o caminho até a fonte.

CAPÍTULO 4

Pouco antes de descer para dar os palpites finais no Grande Almoço, Ana Clara, usando um conjuntinho azul-claro orlado de branco, com uma fita larga arrematando um penteado franjado e juvenil, deu algumas voltas pelo quarto, juntando os cadernos de Suzanna Fleischman. Produção vastíssima, pensou, depositando uma pilha deles na cômoda e folheando o de cima, uma coletânea de idéias a respeito das diferenças entre os sexos, que ela considerava particularmente feliz. E o artigo em que Suzanna, depois de algumas considerações um tantinho empoladas sobre como é a fêmea que escolhe o macho — certamente influenciada pelas conversas biológicas entre Ana Clara e João Pedroso, que, durante as pescarias, ela havia bisbilhotado avidamente, quase tomando notas —, revoltava-se em prosa devastadora contra o que chamava de "naturalidade bestial", burrice e degenerescência que atentavam brutalmente contra as prerrogativas da fêmea humana. A naturalidade bestial, dizia ela, consiste em achar que, se alguma coisa é natural, deve-se agir em relação a ela como qualquer bicho. Peitos, bundas e pentelhos são naturais, logo vamos andar nuas. Fazer cocô também é natural, logo vamos não só andar nuas como fazer cocô na rua, na frente de todo mundo. Não é preciso ser nenhuma gênica para sacar que o humano, portanto natural, é vestir roupa, fazer certas coisas escondido e não sair se engrazando em público como um casal de cachorros. Agora todo mundo anda com tudo de fora e o sexo se reduziu a um único ponto fulcral. Geração clítoro-vulvar, falo-escrotal. Foram os únicos pontos que sobraram, sem se levar em conta a posição ginecológica das mulheres que posam nas revistas, assim deixando patente que, se você tiver dinheiro suficiente, elas lhe mostram o que você quiser, cesteiro que faz um cesto faz um cento. Ninguém agüenta mais ver mulher nua, tudo o que é demais enjoa. Vamos supor que você se amarre em bom-bocado. Então lhe

oferecem um bom-bocado, dois bons-bocados, quatro bons-bocados, seis bons-bocados, oito bons-bocados, chega no nono bom-bocado e você já não quer nem mais ver bom-bocado. Aí lhe obrigam a comer mais vinte bons-bocados (obs.: v. se plural de b.-b. é assim mesmo, só anormais sabem o pi. de nomes compostos) e você tem indigestão e pesadelos em que uma feiticeira de hálito enjoativo prende você numa casa tipo Joãozinho e Maria e lhe dá como ração uma bacia cheia de bons-bocados e você vomita à mera menção da palavra bom-bocado. É a mesma coisa. Para não falar na vergonha que soterra homens e mulheres de dignidade, ao verem aquelas vacas de cordão cheiroso na tevê, rolando as bundas empinadas para lá e para cá, grande vergonha. Há alguma coisa de biologicamente errado nisso, vou investigar, tenho acesso a fontes.

Brilhante, decidiu Ana Clara, alisando a capa do caderno, que fechou a contragosto, porque aquilo tudo era interessantíssimo, um barato que nunca imaginara antes. Suzaninha estava escrevendo cada vez melhor, pena que não conseguisse arrumar um todo coerente, porque vivia sempre começando alguma coisa nova e abandonando outras. Temos que dar um jeito nisso, prometeu-se Ana Clara, mas sentiu logo que era uma prioridade secundária, muito secundária, não era nem prioridade, com a cabeça dela completamente à roda por causa da velocidade com que estava se envolvendo com aquele homem antigamente impensável, vida louca, um carrossel a mil e tesão como um mar, um mar, uma inundação. Qual é essa de tanta racionalidade, mais vale um gosto do que dois vinténs, como lembrara a própria Suzanna, antes tão cheia de restrições e desconfianças. E, além disso, não adiantava, era paixão mesmo, negócio sério, desses de acelerar o coração, prender o fôlego e deixar sem graça, tipo olhos rasos d'água ouvindo guarânias ao luar, tipo adolescente mesmo, uma ma-ra-vi-lha. Suspiros, mãos no peito, devaneios, contrações pélvicas disparadas, tudo, tudo, ai!

Sim, precisava ver como ia o almoço. Afinal, tinha de haver comida, embora comida fosse apenas um detalhe do Grande Almoço. Bem verdade que não passaria de uma visita formal à cozinha, porque já estava tudo providenciado, e em quantidades absurdamente descomedidas, já que Bebel, a coordenadora culinária, cúmplice de tramas galantes e colaboradora de Suzanna Fleischman, declarara que era uma questão atávica, traumas ancestrais, porque o lado esfaimado de suas origens nordestinas fazia com que, nessas ocasiões, ela quisesse ver nas mesas comida suficiente para alimentar Xique-Xi-que por um ano. Tausandes de moqueções e moquequinhas, táusandes de arrozes de mariscos e lagosta e camarão, rândredes de petisquinhos, patinhas de caranguejo empanadas, ostronas divinais tiritando nas conchas, frigideirinhas e fritadinhas celestiais, um vatapá épico — Bebel tinha batido palmas de assanhamento: o trabalho braçal, não, minha filha, mas, havendo umas quatro boas negas, como as que vovó tinha na fazenda, pode deixar comigo, que eu armo uma superprodução. Quatro boas negas, impossível, porque a barra hoje é muito diferente da do tempo da velha Detinha, mas há duas negas fortes aqui da ilha mesmo e há Cornélio, que deve valer umas cinco negas e é uma bicha ótima e asseadíssima e deve ser um dos melhores cozinheiros do funcionalismo estadual, talvez de toda a Bahia. Só volta a servir na Secretaria sobre meu cadáver, pensou Ana Clara, tomara que arranje um namorado aqui na ilha, um desses criouloes graúdos de microssunga e equipamento heavy-duty e fique tão bem atendido que nunca mais queira ir embora, vou pedir a Bebel que sugira, ela é bem capaz de sugerir mesmo.

Checagem no espelho, tudo fiel ao padrão Suzanna Fleischman. A mulher moderna é contra a naturalidade bestial, coisa de troglodita. Bermudinha discreta, não muito curta, blusinha de manga cavada e decote redondo alto, casaquinho por cima, que planejava tirar depois, no momento

em que a inspiração soprasse. Sem sutiã, sim, mas não para exhibir nada, só insinuar com delicadeza, por trás da malha medianamente espessa da blusa. Sandálias de couro natural com dois adornos de cobre de cada lado, tornozelos cingidos pelas tiras, unhas pintadas num vermelho um tantinho dramático, para estabelecer um contraste talvez intrigante com a singeleza do conjunto, correntinha fina de prata na perna esquerda. Ele podia gostar de pés, ninguém acredita no número de homens que prorrompe em salivação amazônica, ao mero pensamento de um pé de mulher. Se gostasse — Bebel achava que ele tinha o perfil do podófilo, mas Bebel às vezes ficava sabida demais —, tudo bem, pés em forma. Podia gostar de joelhos e pernas também. Joelhos e pernas em forma, pelinha lisa, celulite zero, na frente, dos lados e atrás. Conversa de marido salafrário, essa de que uma boa celulitezinha tem seu lugar. Celulite zero, modelo deusa desnuda. Nada raspado, penugem dourada que não se via a não ser no sol, um charme. Mãos, ele podia gostar de mãos. Curioso, sentia que o conhecia tão bem e não sabia nada sobre ele. Quantas vezes tinham conversado? Relativamente poucas, mesmo nas pescarias, porque era freqüente haver gente demais por perto. Quantas vezes haviam se tocado? Ele nela, podia se dizer que nenhuma. Ela nele, umas quatro ou cinco, pura ousadia, uns apertos rápidos no braço, umas esfregadelas de mãos nos ombros com falsos ares de camaradagem esportiva e aquela vez do escorregão na lancha, escorregão que começou legítimo mas acabou bastante explorado, porque ela se agarrou tanto nele que praticamente lhe cheirou o peito, enquanto se içava apoiada nele. Praticamente não, cheirou mesmo e gostou do cheiro, um cheiro íntimo secreto, que a fez pensar nas virilhas dele e lhe apertou o baixo ventre. Ele é que não fez nada, muito mal segurou-a pelo pulso um instantinho e ficou ali como uma pilastra, todo vermelho. Gracinha. Bem, de qualquer forma, mãos em ordem, unhas não compridas demais, o mesmo esmalte inexplicável que o das unhas dos pés, a aliança e dois anéis.

Curvou-se para examinar o rosto de perto, ajeitou as bordas da franja, retocou o batom, dobrou uma das divisórias do espelho para se ver de costas e, na inspeção final, ensaiou mais uma vez a combinação de um sorriso com um meneio de cabeça que havia descoberto por acaso e pretendia transformar numa espécie de marca registrada. Procurou em torno algum caderno esquecido, não achou nenhum, pôs todos os da pilha no gavetão da cômoda, passou a chave e desceu para a copa de dois em dois degraus, sentindo-se lépida como um gafanhoto.

— Voltinha, voltinha! — disse Bebel, que quase se chocou com ela à porta da cozinha e deu dois passos para trás, com os braços abertos e a expressão admirada. — Arrasante!

Menina! Mas não há um detalhe errado, voltinha, voltinha!

Uma graça esse conjuntinho mesmo, desde a hora em que você me mostrou que eu achei que ia ficar ótimo em você, e ficou! O cabelo... Hum... Uniforme de combate impecável, arrasante, arrasante!

— Não seja exagerada, Bebel. Inclusive eu não estou fazendo o gênero arrasante hoje, não é o gênero para hoje.

— Claro, mas é por isso que está perfeito, o arrasante é justamente isso. Perfeito, perfeito, beleza, pureza, inocência, frescor e fragilidade! Eu conheço o objetivo, minha filha, está esquecendo? Se você viesse arrasante propriamente dita, é que não seria arrasante, é preciso cuidado com esses homens que têm muito medo de mulher, eles se assustam fácil e aí correm para se esconder feito uns esquilinhos. Perfeito, obra -prima!

— Você acha que ele tem medo de mulher tanto assim?

— Terror. No começo, fiquei até desconfiada. Ele não desmunheca, mas um sujeito de mais de quarenta anos...

— Quarenta e seis.

— Não parece, parece menos. Mas, de qualquer forma, um sujeito a

caminho dos cinquenta, sem mulher, sem filhos, sem nada, socado naquele casarão sinistro... Minha avó Detinha sempre dizia: todo solteirão ou é maluco ou falso ao corpo.

— É, meio maluco eu acho que ele é, mas um maluco ótimo. Bicha nunca, tenho certeza. Se você conversar com ele...

— Eu já conversei, mas ele sempre parece que está a ponto de ter um colapso nervoso, engole em seco, olha para o lado e às vezes dá um treme-treme.

— Isso é no começo. No começo, era assim comigo também. Depois melhorou muito, está praticamente normal, principalmente se toma uns dois uísques. Só um pouco tímido, mas eu gosto. No dia em que eu me declarei, na chegada da lancha, ele não ficou nem um pouco assustado, ficou só nervoso. Ficou nervoso e vermelhíssimo e sacudiu as mãos no ar como se estivesse tentando segurar um peixe invisível, mas medo mesmo não, tanto assim que respondeu que também gostava de mim, sem gaguejar, nem tremer a voz, nem nada, eu já contei a você.

— Toda vez que você me fala nessa sua declaração, eu fico doente. Você tinha que fazer isso num lugar em que pudesse dar seguimento, seguimento físico, agarrar ele e dar um beijo na boca, ou qualquer coisa. Tem de dar seguimento nessas coisas, é falando e agarrando, senão não adianta.

— Mas como, se eu nunca ia ter chance de estar sozinha com ele antes de

falar? Agora, depois que a gente abriu o jogo, é diferente. Mas não tenho certeza de que vou ter coragem de agarrar, acho que não vou ter, ele me desarma.

— Vai ter que ter, minha filha. E, depois, não é esse bicho-de-setecabeças todo. Eu agarrava, já tinha dado um jeito de agarrar. Se você não agarrar, duvido que ele tome a iniciativa, eu aposto qualquer dinheiro como ele

é do tipo que tem de ser agarrado. A não ser que você faça o número da Dama das Camélias e desmaie nos braços dele, mas eu acho esse negócio de desmaiar muito cansativo e além disso pode não dar certo, pode ser que ele largue você num sofá e vá lá dentro buscar um copo d'água e um remédio para pressão baixa, nunca se sabe. Talvez o melhor seja você perguntar a ele se ele sabe fazer respiração boca a boca e, quando ele disser que sim, você se joga da lancha e se afoga um bocadinho. Ou isso ou agarramento, não vejo outro jeito.

— Eu vou marcar um encontro com ele, na primeira oportunidade que tiver. Terça-feira, Ângelo Marcos vai viajar para Salvador e só volta na sexta de noite. Revisão médica com Deraldo, negócios, política, não sei o quê. Eu ia junto, mas não vou mais, inventei uma porção de coisas para fazer na casa.

— Aninha, nem no tempo da Experiência você estava assim tão decidida!

Olhe aqui, se eu não segurar o queixo, ele cai, quem te viu quem te vê!

— Você é contra?

— Contra, eu? Como, contra, se eu venho dando força o tempo todo? Eu estou é surpresa com esse progresso vertiginoso, você está cada vez melhor. Eu acho ótimo, estou até aprendendo, honestamente, acho fantástico, existe uma coisa muito lúdica nisso, uma energia muito positiva, acho fantástico. E onde é que vai ser o encontro?

— Bem, não sei direito ainda. Quer dizer, nem pensei bem no assunto. Fiquei achando assim que ele podia ter uma sugestão, isso realmente é um problema, aqui é muito difícil.

— Não acho nada difícil. Você está maluca em deixar um assunto dessa importância nas mãos de um homem como ele.

Ele vai ficar todo enrolado, vai parar para pensar, vai querer desaparecer, vai ser uma decepção.

— Ah, Bebel, exagero, exagero, também não é assim.

— Está certo, mas não vejo razão de arriscar. Acho muito mais seguro se você já tiver um plano armado. Faça o seguinte, chame ele aqui para sua casa.

— Você está louca, Bebel, aqui dentro de casa? Só louca, eu...

— Por que não? Ângelo Marcos vai estar fora, não vai, só ficam os empregados, não é? E eu não volto amanhã com Nando como estava acertado, resolvo ficar passando uns dias com você e ajudar nessas coisas da casa. Aliás, eu até gostaria mesmo de dar uma mexida nesse seu jardim, estou achando meio triste, só folhas, nenhuma flor de cor viva, as flores...

— Bebel, não entendi nada. Pare de falar em flor e me explique, não entendi nada.

— Às vezes você me espanta, garota. Uma hora está espertíssima, na hora seguinte está abobalhada. Mas é claro, mulher, comigo aqui ninguém vai achar que você está encontrando o namorado dentro de casa. Você convida ele para cá e eu dou a cobertura, não se incomode com isso, que ninguém vai suspeitar de nada. Por exemplo, os três subimos juntos, você dobra à direita para a suíte grande, eu dobro à esquerda para a sala da varandinha, você se entoca lá com ele, eu fico assistindo videocassete ou lendo até você chamar, com batidinhas de código na porta e tudo. Para todos os efeitos, estamos os três juntos e não acredito que a negrada vá pensar que nós estamos fazendo uma suruba com um peixeiro ali na sala.

— Fico nervosa só de pensar nisso, Bebel, eu nunca vou ter cara de fazer isso, nunca!

— Claro que vai. E é até a solução mais sensata porque, se você sair com ele, vai ser muito mais fácil alguém desconfiar ou ver alguma coisa. Não precisa falar nada com ele, a não ser chamar ele para vir aqui, assim ele não se assusta. Olhe, quanto mais eu penso nessa solução, mais eu acho gênio, modéstia à parte, gênio completo, resolve todos os problemas, inclusive a

possibilidade de ele não topar se encontrar com você, por que não vai ser convite para encontro amoroso, vai ser só encontro, ele não tem por que se assustar, nem tem de providenciar nada — e o resto é com você.

— Agora quem está precisando segurar o queixo sou eu.

Bebel, olhe bem para minha cara, você está falando sério?

— Claro que estou! Com essas coisas não se brinca, estou falando seriíssimo.

— Mas você acha mesmo que dá certo? Eu...

— Evidente que dá. O que provavelmente não ia dar certo seria você chegar para ele hoje e cochichar: arranje um motel aí para a gente transar. Ele ia se embananar todo, posso garantir. E, mesmo que não se embananasse, ia ser a maior complicação, produção trabalhosíssima, cheia de problemas. Não, quanto mais eu penso, mais eu acho gênio: aqui, aqui, na mais completa tranquilidade, chega a doer de tão perfeito!

— Eu não sei, isso me dá medo, não sei mesmo.

— Claro que sabe, menina — riu-se Bebel, pondo a mão no ombro da outra e levando-a para a cozinha, onde, numa espécie de antecâmara, envoltas em cheiros indizíveis e resplandecendo em todas as cores, já se alinhavam diversas terrinas, travessas e bandejas de comida, dominadas pelo brilho solar da colossal tigela de vatapá assentada no centro. Mas Ana Clara, ainda atordoada com a sugestão, que agora lhe soava cada vez melhor e lhe aumentava a excitação, não chegou a prestar atenção no que lhe pareceu apenas uma conglomeração de matizes dourados e purpurinos flutuando à sua frente, e somente saiu do seu devaneio quando Cornélio, de chapéu de cozinheiro muito engomado e avental lilás estampado com receitas em inglês, parou choroso diante dela e comentou que tinha perdido o ponto certo da ambrosia, tudo culpa daquela sarará estúpida e irresponsável que ficara tomando conta da panela, enquanto ele cuidava do doce de mamão verde.

Cinco litros de leite, não sei quantos ovos, e o doce predileto do Dr. Ângelo Marcos estava estragado, parecia uma papa embolotada e sem graça, nada daquela delicadeza a que ele se acostumara. Oh, seu patrãozinho, seu chefinho, seu paizinho, o homem que via na Terra como via Deus no céu, agora decepcionado daquela forma! Mas Bebel o consolou, fazendo-lhe elogios derramados e lembrando os quindins, a baba-de-moça, as cocadas branca e preta, as queijadinhas, o próprio doce de mamão verde e tantas outras sobremesas que estavam disponíveis, a maior parte das quais ele mesmo tinha feito com sua incomparável competência, estava esquecido?

Cornélio a escutou emocionado e quis responder, mas só conseguiu mover tremulamente os lábios, para depois cobrir a boca comovidíssimo e correr de volta para dentro. Depois de rir muito, ela olhou o relógio e fez uma cara de susto: como está tarde, daqui a pouco chega gente e eu aqui, com esta pinta de que acabei de sair de uma gafeira no Curuzu! Também quero arrasar, e no mau sentido, comentou. E de fato foi o que Ana Clara confirmou, entre risadas e tapinhas nas pernas, quando ela reapareceu cintilante, de blusãozinho de chantungue cor de tijolo aberto sobre uma camiseta translúcida estampada em cores leves e saia-calça havana bem curta, os cabelos, muito pretos e ondedados, presos no alto da cabeça, num arranjo que deixava mechas soltas em torno do rosto e a fazia ainda mais alta.

— Tudo em cima — disse ela, sentando e cruzando as pernas com espalhafato, depois de fazer um pequeno desfile para Ana Clara, no varandão do segundo andar. — Estamos prontas para enfrentar esse almoço. Algum homem interessante, além dos seus e do meu?

— Nós somos umas monstras — disse Ana Clara.

— Goga—explicou Padre Monteirinho, depois de pagar os ovos de quintal e as carambolas de Gumercindo, apesar de saber que aqueles eram

furtados das capoeiras e quintais do Alto de Santo Antônio e estas da chácara de Chico Gordo — é a mesma coisa que maria-lígia, nome engraçado esse, não é, maria-lígia, não sei por que esse nome. Também chamam de jacuba e de outros nomes que eu esqueço, é um negócio muito difundido. Você pega farinha de mandioca, despeja no café, dá umas mexidas fortes e engole tudo rápido, enquanto a farinha ainda está em suspensão. Tapeia a barriga dos meninos. Só que agora eles não podem mais comprar café e açúcar, e aí usam cevada e adoçam com rapadura. Gumercindo estava falando a verdade, quando contou que a família tem passado a goga. Quando isso acontece, ele vai e rouba uns ovinhos e umas frutinhas aqui e ali e arranja dinheiro suficiente para comprar umas duas tainhas, abóbora, maxixe, repolho e banana, a refeição principal da semana. Você sabe que isso aqui é rotineiro, estes ovos e estas carambolas são roubados mesmo, mas não posso fazer acusações sem prova e tenho pena dele. Ele é uma espécie de ladrão honesto, digamos assim, só rouba o estritamente necessário para a família não morrer de fome e, quando arranja serviço, não rouba. E, se levarem ele preso, batem nele na delegacia, já bateram várias vezes, palmatória, cinturão e tapa na cara. Não, Deus há de compreender, eu não deixo de comprar os ovos dele e finjo que acredito que são dele mesmo, embora mande a consciência que depois eu dê tudo ao orfanato das freiras. Você me ajuda a levar estes ovos e estas carambolas para casa? Leve os ovos, eu sou todo desajeitado e daqui a pouco este embrulho horroroso despenca todo.

Eu conheço Gumercindo desde menino e estou cansado de saber o que é goga, ia respondendo João Pedroso, mas resolveu não falar nada e apenas tomou o embrulho dos ovos. Não estava propriamente irritado com Monteirinho, embora houvesse perdido um pouco a paciência com aquela logorréia impossível de interromper. Já tinha percebido que não adiantava mudar de assunto, ou mesmo tentar uma resposta, porque ele continuava a

falar somente sobre o que queria, do jeito que queria. E decidira resignar-se, afinal era um grande amigo que estava visivelmente perturbado, tinha que haver alguma compreensão. Só que, incapaz de pensar em qualquer assunto que não tivesse a ver com Ana Clara, não conseguiu evitar que a impaciência lhe subisse à cabeça e acabou falando, a despeito de si mesmo.

— Que outra novidade você tem para me contar, Monteirinho? — perguntou, deixando claro que pretendia ironizar, mas Monteirinho comportou-se como surdo novamente.

— Carambola é excelente para pressão alta — disse, levantando as frutas. — O chá da folha também é muito bom, meu avô se dava muito bem, atribuía a ele sua longevidade.

Também se faz doce, excelente doce. E passa, se faz passa, ótimas passas. Tomara que Irmã Bernadete, a irmã despenseira, esteja melhor do reumatismo e taça uns docinhos com essas carambolas, ela é uma doceira de primeira categoria.

É, não adiantava, e João Pedroso resignou-se outra vez, até arrependido de ter falado daquela maneira. Monteirinho estava perturbado, mais do que isso, transtornado. Depois de ter desaparecido das madrugadas do Mercado e inventado todo tipo de desculpa para não conversarem, de repente surgira na rampa antes das cinco horas, assim agitado e respondendo com sorrisos e acenos vagos às perguntas sobre sua ausência. Parecia também muito ansioso, mas João Pedroso fingiu que não estava percebendo nada, nem havia acontecido coisa alguma de anormal, e somente perguntou se ele decidira variar seu famoso itinerário, objeto de tantas palestras eruditas e filosóficas, em dias passados. Mas ele apenas falou "temporariamente, temporariamente" sem olhar para João Pedroso, e passou a zanzar de um lado para o outro, não se detendo nem para tomar seu cafezinho, que bebeu andando pela ala central do Mercado. Até que, como quem tem uma lembrança súbita, se deteve diante do

balcão e começou a tagarelar daquela maneira esquisita, parando somente depois de uma brusca mudança de expressão, quando já tinham saído do Mercado e chegado à porta da casa paroquial.

— Muito bem — falou, estacando marcialmente junto à soleira. — Durante todo este tempo, estive pensando se iria convidar você para entrar. Mas claro que vou. Em primeiro lugar, você é meu amigo e não estaria certo eu não convidar. Em segundo lugar, é besteira continuar tentando evitar um momento inevitável. Vou ter de conversar com você, mais cedo ou mais tarde, e não adianta ficar adiando, só faz piorar as coisas, pelo menos do meu ponto de vista. Vamos entrando, não tenho muito tempo, a missa é daqui a pouco.

- Monteirinho, você não sabe que surpresa agradável você está me dando, eu já estava certo de que você estava com um parafuso frouxo. Foi a primeira conferência sobre carambolas que eu já ouvi. Primeiro, você some, depois fica falando como uma comadre velha e...

— É, eu queria evitar conversar, ainda não sabia direito como dizer o que vou dizer. Aliás, talvez ainda não saiba. Só sei o que vou dizer, disto eu tenho certeza, mas não tenho certeza de como, entre aí, vá.

Demorou muito arrumando os ovos um por um numa fruteira e, quando João Pedroso quis interrompê-lo com uma pergunta, disse que estava rezando em silêncio e pediu, por favor, alguns instantes.

—Você me traz problemas teológicos—começou finalmente, falando com as mãos fechadas sobre o peito. — Mas a respeito desses não vou falar, já são suficientemente perturbadores para serem ventilados, acho que não gosto nem de pensar neles, embora pense. E você me traz também uns problemas de consciência. Sobre estes eu posso falar, embora talvez não queira, apenas deva. Pode ser que, como padre e como amigo, não seja certo eu admitir isto, mas preferia, preferia de todo o coração mesmo, nunca ter sabido desse problema seu com essa senhora, esse problema de que você me falou.

— Mas, Monteirinho, com quem mais eu podia falar?

Você mesmo me disse isso, na ocasião.

— Eu sei, disse, disse, é verdade, você não podia mesmo falar com mais ninguém. Mas isso me obriga a fazer o que vou fazer, e eu preferia não estar nesta situação. Porque, encarando as coisas com honestidade, eu sei que, se eu não fosse padre, minha atitude seria outra, e isto me deixa quase desequilibrado, é uma questão muito mais grave e profunda do que pode parecer à primeira vista — é uma dualidade, uma ambivalência execrável, que não podia existir. Como padre, acho que eu não deveria ver essa possibilidade de agir diferentemente, não deveria sequer cogitar dela, e isto me deixa inquieto, porque sou um padre sério, eu aspiro a ser um padre sério e santo, e sei que você respeita isto. Ao mesmo tempo, posso mentir? Tenho culpa de que seja assim, de que haja essa ambivalência? Devo ter, devo ter, claro, mas de uma forma sutil, embutida na minha imperfeição. Eu não devia ter nada com isso, a vida é sua, reconheço que você parece um homem renovado, depois... depois dessa paixão, eu não devia ter nada com isso, eu não devia me intrometer em sua vida. Até porque, apesar de padre, vivo no mundo como você e estou cansado de ver este tipo de coisa acontecer e ser encarada com normalidade, sou um homem moderno como você e sei que não deveria me intrometer. Mas...

— Que é isso, você é meu amigo, tem todo o direito de se meter em minha vida.

— Outra complicação. Será que tenho? Eu vejo mais obrigação do que direito. Vou violar a promessa que fiz a mim mesmo, de não dizer isto que vou dizer e que, de certa forma, já disse: se eu não fosse padre, não me metia. Mas padre não é como juiz, não pode alegar suspeição, eu tenho de me meter.

E o primeiro dever do padre é para com seu sacerdócio, não é para com a amizade, a verdade é esta, a verdade é esta.

— Monteirinho, eu acho que você está armando uma tremenda confusão, não estou nem entendendo direito aonde você quer chegar. Eu sei perfeitamente que, dadas as circunstâncias do caso, você tem que ser contra. Naturalmente que você tem de ser contra, isto não me ofende de maneira alguma, foi por isso mesmo que não lhe pedi opinião, para não obrigar você a dizer o que pensa. Mas, se você quer dizer...

— Eu sou obrigado a dizer! E, mais, sou obrigado a insistir com você para que desista disso, eu não posso saber nada sobre isso, não posso conversar com você sobre isso sem fazer permanente oposição, não posso aprovar nada, não posso arriscar-me à mínima cumplicidade, eu tenho o dever de mostrar como sua conduta é indefensável sob todos os pontos de vista.

— Pronto. Já disse. Eu compreendo, compreendo perfeitamente. Você tem alguma coisa de beber aí?

— Tenho, mas não vou lhe dar, não vai ser aqui que você vai se embriagar às seis horas da manhã.

— Eu não vou me embriagar, é só uma dose. É porque você está dando um tom tão apocalíptico a esta conversa, que eu pensei em quebrar a solenidade um pouco.

— Não fuja do assunto. Eu também acho isto um dever desagradável, certamente muito mais desagradável para mim do que para você, mas tenho de insistir. Não estou sendo nada apocalíptico, estou sendo simplesmente sério. Você vai me prometer que vai esquecer esse caso clandestino, vai esquecer tudo isso, arranjar uma namorada normal como todo mundo, mudar de idéia, eu não posso assistir de braços cruzados ao que você está fazendo, não está certo.

— Mas, rapaz, que exagero, quem está em pecado sou eu, o pecado é meu, não é seu, e não cabe a você, como ao Senhor, conviver com o pecador, compreendê-lo e perdoá-lo?

— Mas não ser conivente. Eu não posso fingir que não sei, até porque quem me contou foi você mesmo, fonte direta.

Você me contou que você e ela estão a ponto de fazer uma coisa que eu reprovo nos outros. Devo reprovar nos outros e reforçar em você, ainda que por omissão, que no caso já seria um grande reforço? Por ser amigo do padre, você tem direito a uma exceção? Por eu saber das circunstâncias pessoais de sua vida, por conhecer bem você e gostar de você, devo ser especialmente permissivo? E eu saber disso tudo, partilhar da vida de vocês de uma forma ou de outra, é ser conivente, eu não posso, isto é muito mais sério do que você pensa!

— Monteiro, você está parecendo um fanático. Quer dizer que, por causa desse negócio, você não pode mais conviver comigo, é isso o que você quer dizer?

— Não, conviver eu posso, não vou poder mais é ser seu amigo, o que me dói, me dói muito, me dói profundamente.

Não vou poder, não por minha vontade, já que no coração continuarei sempre seu amigo. Mas porque, para continuar seu amigo no sentido completo da palavra, como temos sempre sido, eu teria de viver numa situação insustentável para um padre. E para um amigo também, em eterna oposição àquilo que você julga que lhe vai trazer felicidade. Como poderia eu honestamente estar a seu lado numa crise, nos problemas que esse caso com toda a certeza vai gerar, se a exigência da amizade conflitua com a do sacerdócio? Como vou poder evitar que todos pensem que, dada a nossa intimidade, você me confia pacificamente coisas que eu não poderia ouvir sem protestar? Você pode até objetar que eu estou é preocupado com a opinião dos outros. Pois estou, não é só isso, mas estou, não propriamente por mim, mas pela instituição do sacerdócio, pela Igreja, que represento. O padre deve dar exemplo à comunidade, deve a ela estar acima de qualquer suspeita,

deve ser absolutamente imparcial em matérias de princípio, porque só assim pode exercer seu ministério. É tudo, no fundo, uma questão só, e a questão é que, sim, padre é gente, mas é padre. Eu não estou sendo fanático, nem estou sendo rigoroso. Rigoroso seria se eu estivesse querendo preservar além do fundamental, e eu só estou querendo preservar o fundamental. Se não agisse dessa forma, eu não seria padre, e ser padre, para mim, é fundamental, é como vejo minha humanidade e meu espírito. Se eu não preservar isto, minha vida perde o sentido. Até a esse almoço eu não vou, vou inventar uma desculpa. Não é só porque eu acho indecentes esses banquetes ostentatórios, em meio a tanta fome. É também porque, embora eu saiba que vai muita gente e que oficialmente será uma simples ocasião social, também sei do que se passa entre você e a dona da casa e, se eu for, vou me sentir cúmplice, não posso ir. Você muitas vezes me disse que não protegeu sua vocação, que traiu seu dom. Eu não quero me sentir assim em relação a minha vocação e a meu dever, não posso me curvar diante do Adversário.

— Que adversário, Satanás?

— Sim, se você quer pensar nesses termos, embora essa palavra lembre sempre aqueles diabões das gravuras, com chifre, cavanhaque e rabo em seta. Eu prefiro usar a palavra "Adversário" porque, além de ser o sentido original da palavra

"Satanás", expressa melhor um conjunto de...

— Você me acha Satanás encarnado? Melhor dizendo, você acha que, para você, neste momento, eu represento materialmente as intenções de Satanás em relação a você, ameaçando levá-lo a uma situação insustentável, aproximando-o, ainda que um pouquinho só, do precipício da traição a si mesmo e da danação? Você acha que eu sou seu Satanás? É interessante, eu...

— Deixe de ser bobo, João, não é nada disso, não distorça o que eu disse, o que, aliás, também é uma boa forma de fugir do problema que

provocou esta conversa toda.

— Olhe aqui, Monteirinho, eu não entendo nada de Satanás, nem de pecado, nem do Mal, pelo menos nem um milésimo do que você entende por dever profissional, mas entendo o suficiente para ver claramente que você tem razão. Você não disse tudo, mas do que disse eu posso fazer inferências.

Inferências lógicas e precisas, a pura verdade. Eu não estou encarnando nada, é claro, mas de certa forma estou, eu sou o braço de Satanás tentando alcançá-lo. Mas você resistirá, não é tão difícil resistir a Satanás, ao pecado exógeno. O pecado endógeno é que é o difícil, porque não é o pecado induzido pela tentação de Satanás, mas pela tentação de si mesmo.

— João, você está delirando, você...

— Eu não estou delirando, estou pensando. E cada vez mais claramente, não estou nada delirando. Por que Deus não redime Satanás, porque a Queda é irreversível?

— Bem... Ora, isto não é ocasião de discutir um assunto desse tipo, nossa conversa é mais simples, nossa conversa é a respeito da situação que você está criando para você mesmo e para os outros, inclusive eu.

— Não, não senhor, esta é a ocasião, é exatamente a hora! Por que Deus não redime Satanás? Porque é impossível redimir aquele que peca por si mesmo, pela sua própria degradação espiritual, aquele que teve a luz, o conhecimento e a oportunidade e, por si mesmo, lançou-se ao pecado, à inimizade com Deus e, conseqüentemente, com o Bem. Deus tudo pode e podia transformar Satanás num espírito benfazejo.

Mas aí seria outra entidade, não aquela derivada da transformação espontânea e voluntária de um ente anteriormente mau. Assim não vale, é claro, é uma impossibilidade lógica. Se não houvesse a possibilidade de pecar e obrar o Mal, obrar o Bem não teria sentido, é claro, é mais do que claro. Você

não pode me enganar assim, eu também já li as Escrituras, eu sei perfeitamente do que estou falando. O pecado de Satanás é diferente do pecado de Adão. Para o pecado de Adão, haverá misericórdia, porque ele foi enganado pela Tentação, pelo Inimigo. Para o pecado de Satanás, não pode haver misericórdia, é uma impossibilidade lógica, como eu já disse.

— Posso até concordar, mas nesse caso seu pecado é o de Adão, como homem, que você é.

— Não, meu pecado é o pecado de Satanás! Qual é meu pecado, na sua opinião? Aliás, você já sabe qual é o meu pecado, você está cansado de saber e já devia ter procurado se afastar de mim antes, não era preciso esse pecadinho besta, que você está transformando no Himalaia. Para esse pecado, pode existir misericórdia. Os assassinos, ladrões e caluniadores podem encontrar misericórdia.

Mas o que peca como Satanás não pode ter misericórdia. É bem verdade que Satanás era originalmente um ser de natureza angélica, mas eu sou à imagem e semelhança d'Ele! D'Ele, de Deus! E eu...

— Tenha calma, João, você não está juntando duas idéias, eu não sabia que você estava tão perturbado, tenha calma!

— Eu não estou perturbado! Um pouco exaltado, talvez, mas não perturbado. Quer dizer, estou. Estou, mas não estou.

É mais porque me dói tanto quanto em você não podermos continuar amigos, mas agora vejo que isso era inevitável, mais cedo ou mais tarde, porque minha presença ia sempre puxar você para desviar-se de seu caminho reto. E o pecado torna o homem servo do pecado, está em São João, está em São Paulo, eu também já li as Escrituras, você não me enrola. Não quero ser o instrumento de sua perdição, Satanás que procure outro, a mim já basta minha própria danação, não preciso dele.

— E não precisa fazer ironia. Eu ainda insisto que o problema é bem

mais simples, você está se deixando levar por um desses seus arroubos de oratória desvairada, você já bebeu hoje?

— Não, não bebi. E não estou absolutamente sendo irônico, nunca fui mais sincero em minha vida. E vou continuar a não resistir a essa mulher, não sei de que jeito, não sei de nada, não sei o que vai acontecer, mas ela me disse que me quer, me disse com todas as letras, e eu consegui dizer a ela que quero ela também. Então eu estou sentindo uma porção de coisas que nunca senti antes e gosto de estar sentindo essas coisas. Isso não tem importância como pecado em si, é um pecadinho de quinta categoria. Abraão também teve amante, para não falar em Salomão. E o comportamento de David com Urias foi de uma escrotidão inominável, mau-caratismo absoluto. É como eu lhe disse e lhe digo sempre: também já li o Livrão, você não me engabela. Esse pecadinho só está servindo como espoleta do nosso afastamento, afastamento que é para seu bem, porque meu pecado é básico e sempre estaria achando caminhos para enredar você.

— João, eu repito que você está perturbado, esta é uma argumentação completamente delirante, vá se acalmar, nós conversamos depois.

— Não. Não conversamos depois. Não vamos mais conversar, é o mínimo que posso fazer por você e você sabe que estou sendo sincero, sinceríssimo. Se não sabe, espero que venha a saber algum dia, de alguma forma. Eu apenas raciocinei sobre seu argumento inicial, que estava perfeito, a não ser pela natureza do meu pecado. Meu pecado, você sabe, você mesmo falou nele, é o pecado de trair meu dom, não fazer nada do que posso e devia fazer, é não desempenhar minha parte na vida e na evolução, é trair o Criador e a Criação. E isso não é fruto de uma tentação, mas de mim mesmo. Nasci aqui, saí daqui, estudei, me acovardei, herdei umas coisas, voltei, me apaguei, não quero, não posso, não faço. Você podia me dizer: plante uma árvore, escreva um livro, faça um filho.

Mas eu não nasci para plantar árvores nem para escrever livros e sou praticamente donzelo, aliás sou um donzelo militante, um punheteiro. Eu nasci para estudar, investigar, descobrir, interpretar. Mas não faço nada disso e com certeza é esta a razão por que sinto o Mal me rondando, agora está muito claro. Estou sendo muito sincero. Eu lhe tenho grande afeto e, de certa maneira, também sempre serei seu amigo, mas é assim que as coisas são.

Bem mais tarde, sozinho na sacristia, Padre Monteirinho desejou que estivesse apenas tendo algum pesadelo e chegou a achar que era isso mesmo, porque somente num pesadelo tudo aquilo, que lhe parecia tão absurdo, poderia acontecer. Mas não acordou desse pesadelo e ficou com a lembrança de João Pedroso saindo do casarão, certamente para nunca mais pôr os pés nele. Tudo de repente mudou, era outra cidade, outra vida, outro tempo. Com uma tristeza muito grande, ajoelhou-se no altar de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e rezou longamente, pedindo a ela que intercedesse pela salvação de João Pedroso e da amizade de que já sentia tanta falta.

Coisas inexplicáveis, que o sujeito faz como se estivesse em piloto automático. Durante uma estada curta em Salvador, onde Deraldo lhe deu excelentes notícias sobre a marcha do tratamento, Ângelo Marcos ligou para uma loja escolhida ao acaso na lista telefônica e perguntou se eles tinham boas espingardas de ar comprimido. O homem respondeu que sim, e ele quis saber se as espingardas matavam pardais. "Desmancham", disse o homem, parecendo que estava rindo do outro lado. Então Ângelo Marcos, sem poder ou querer pensar sobre a razão por que fazia aquilo, pôs óculos escuros e um chapéu de pano cujas abas moles lhe chegavam aos olhos, vestiu uma calça velha de brim que usava na roça, passou num caixa automático, sacou dinheiro e foi à loja. Como ela era pouco mais que uma cafua, difícil de achar entre os desvãos empretecidos de um edifício velho nas Sete Portas, foi obrigado a tirar os óculos, mas o balconista, que mal olhava para sua cara e se concentrava em

mascar e massagear com a língua seu chiclete de bola, não deu sinal de havê-lo reconhecido.

— Sou a pessoa que telefonou ainda há pouco — disse Ângelo Marcos.
 — A respeito da espingarda de ar comprimido.

O balconista não respondeu e se dirigiu a um armário envidraçado, de onde tirou quatro espingardas diferentes, uma delas com a aparência de um rifle de assalto com coronha retrátil.

— Isso aí é um Calachnicov? — perguntou Ângelo Marcos, querendo ser engraçado, e o balconista fez "uh-uh" por trás de seu bolo de chiclete, como quem estava ouvindo aquela piada pela décima vez no mesmo dia.

— Repetição — falou. — Está vendo aqui? Esse tubo aqui é como se fosse um pentezinho que pega 25 desses chumbos, tipo diabolô, com esse buraquinho aqui e essas raias. Você carrega o pente, quebra aqui e ela vai se armando e carregando automaticamente. Esta outra é boa, mas é da tradicional, tem aquela aporrinhção de ficar botando chumbinho na boca, para recarregar um por um. Eu, pessoalmente, já matei muito pardal com a de repetição, pardal é um bicho muito ligeiro, não pára quieto, a arma tem que ter velocidade e precisão.

— Você já matou pardal?

— Matei não, mato. Eu moro numa casa cheia de cobogós e eles entram pelos buracos e cagam a casa toda, até dentro dos pratos e panelas eles já cagaram. Aí eu mato e dou para os cachorros. Eu tenho uma dessas em casa, é muito boa, melhor só aquelas americanas de CO2, mas ali já é praticamente uma metralhadora, e o chumbinho é redondo, não é de ponta como este.

— Você tem chumbo para ela aí?

— Vai levar cem caixas? Se quiser levar cem...

Não levava cem, mas levava duas dúzias, seis mil chumbinhos em

caixinhas redondas, que empilhou cuidadosamente na estante de alvenaria junto ao topo da escada, com exceção de uma, posta no bolso para ele sair com a espingarda, neste primeiro dia em que amanheceu de volta à ilha e acordou excitado, muito mais cedo que o habitual. Ignorou a mesa do café e saiu para o quintal pela porta lateral da cozinha, sem responder ao bom-dia de Cornélio. Dois pardais estavam ciscando junto às latas de lixo e ele, bastante nervoso, armou a espingarda e atirou, mas os pardais voaram e o chumbinho foi furar uma folha de caládio no outro extremo do quintal. Um palmo para a esquerda, pelo menos. Um pouquinho alto também. Mira desregulada, só podia ser, ele sempre atirara bem. E passou a maior parte da manhã girando os controles da alça de mira para um lado e para o outro, até que, por volta das onze horas, já tinha acertado em dezenas de latinhas, caixas de fósforos e embalagens de plástico, embora não nos pardais. Não só eles não paravam quietos, como dissera o homem da loja, mas também, depois de um tiroteio de horas, pareciam já conhecer a espingarda e se espaventavam assim que ele erguia o cano na direção deles.

Quase meio-dia, tendo tido de parar para dar alguns telefonemas importantes e uma segunda olhada no balancete da fazenda de cacau, interrompeu irritado os conselhos que Cornélio lhe ofereceu à entrada do gabinete. Melhor exterminar aquelas pestinhas com arroz e pão envenenados, opinou Cornélio, oferecendo-se para tomar todas as providências, era coisa simples, ele já tinha experiência. Ou senão miolo de pão embebido em cachaça, que deixava os bichos bêbedos e rolando pelos cantos, fáclimos de matar, até com uma vassoura.

— Cornélio, eu não quero envenenar pardais, nem quero matar pardais bêbedos, eu quero matar pardais normais, com a minha espingarda! — falou Ângelo Marcos rispidamente e bateu a porta.

"Balancete e Relatório Trimestral", dizia o cabeçalho de quatro ou cinco

laudas saídas de uma impressora americana, o que lhe dificultava um pouco a leitura, pela falta dos tis e cedilhas. Mas não foi por isso que, depois de passar alguns minutos lendo o relatório com os lábios às vezes se movendo, empurrou-o para a frente da mesa e se levantou impaciente. Nada, não conseguia prestar atenção em nada daquilo. Camilo que atrasasse a contabilidade dele, a qual, aliás, sempre atrasava. Haveria algum pardal nas árvores visíveis da janela, ou mesmo no pátio lá embaixo? Havia, havia e, nos fios entre dois postes frontais à casa, vários deles se empoleiravam, como notas numa pauta musical. Longe demais para atirar dali, até o vento desviaria o chumbinho. Mas, se eles ficassem mais tempo nos fios, podia ser uma bela oportunidade, atiraria lá debaixo, junto ao muro, talvez a menos de dez metros deles. Sem se preocupar nem em pôr um peso sobre o relatório, não fechou a janela nem a porta e correu até a estante onde estavam a espingarda e a munição. Poucos chumbinhos no pente. Na verdade, provavelmente não precisaria de mais de um, porque, depois do primeiro tiro, todos os pardais desapareceriam por vários minutos. Mas queria o pente cheio e, suando na testa, despejou os chumbinhos' pelo tubo adentro, sem dar importância aos muitos que caíram no chão. Porque as mãos não estavam firmes, teve problemas para encaixar o pente e foi obrigado a parar um instante, só retomando a tarefa depois de respirar fundo algumas vezes. Pente encaixado, armou a espingarda tão devagar e silenciosamente quanto possível, porque suas várias horas de prática o haviam convencido de que os bichos ouviam o clique do engatilhamento, mesmo quando feito dentro de casa, e se escondiam por cima dos telhados, ou se camuflavam nas galhas fechadas. Segurando a arma com o cano para cima, do jeito que aprendera na televisão, abriu com cautela a porta para o pátio que ficava mais próxima dos postes e constatou ansiosamente que os pardais ainda estavam nos fios. Podia tentar dali mesmo, evitando o risco de espantá-los, ao procurar aproximar-se. Mas não, não, queria

muito acertar um desta vez, não era possível que não acertasse, tinha que chegar o mais perto que pudesse. Já quase colado ao muro, apoiou a coronha no ombro e baixou o cano lentamente, fazendo mira no pardal gordo e graúdo que se empoleirava no fio mais baixo. Esprema, não puxe, pensou, lembrando as instruções de tiro, e apertou o gatilho com firmeza. Um som diferente do habitual saiu da arma e os pardais debandaram, inclusive o grandalhão. Por que a regulagem da mira funcionava com alvos ainda menores que os pardais e nunca funcionava com os pardais? Aborrecido, engatilhou a espingarda novamente e fez pontaria na direção de uma caixinha de chumbo vazia, que havia usado para treinar. Atirou, o mesmo som abafado se ouviu e nada aconteceu à caixinha. Claro, alguma coisa errada com a espingarda. Descobriu que, na pressa, tinha posto alguns chumbinhos de cabeça para baixo no pente e a espingarda se engasgara. Tentou esvaziar o pente, os chumbinhos amassados se entalaram, impossíveis de remover apenas com as mãos. Usou uma faquinha, os chumbos se comprimiram uns contra os outros, parecendo que jamais sairiam de onde estavam. Mal contendo a exasperação, acabou tendo a idéia de usar uma das dezenas de ferramentinhas que comprara durante a fase em que resolvera fumar cachimbo e, depois de muito trabalho, conseguiu desentupir o pente e recarregá-lo, desta feita examinando a posição de cada chumbinho.

Os pardais, contudo, sumiram mais tempo do que ele esperava e, até a hora do almoço, não achou nenhum outro em boa posição, embora tivesse atirado em todos os que viu, fazendo com que levantassem vôo e pousassem em algum lugar inatingível, de onde seus pios soavam como vaías. Pôs a espingarda de volta na estante, disse a si mesmo que estava exagerando e desceu para almoçar. Mas não teve apetite e se forçou a comer um bocadinho do robalo assado somente porque o tinha encomendado a Cornélio e não queria que ele ficasse choroso e emburrado, como já devia estar um pouco, por

causa do esbregue recente. Bem, podia dar uma olhada no relatório agora, não estava com disposição para agüentar mais um telefonema alarmante de Camilo, mentindo a respeito de prazos de impostos e financiamentos e abordando mil assuntos igualmente desagradáveis. E havia também uma série de outros problemas a examinar, afinal tinha de trabalhar.

Mas não trabalhou, apesar de haver sentado à mesa do gabinete com o relatório nas mãos, exatamente como da primeira vez. E, exatamente como da primeira vez, viu pardais pousados nos fios e apanhou a espingarda. Mas os pardais não esperaram sua descida e durante toda a tarde ele alternou tiros contra passarinhos distantes, que podiam até não ser pardais, com saraivadas em latas, baldes, panelas e até nas garrafas de cerveja cheias, estocadas num dos quartos do quintal. Abandonou repetidamente a espingarda e pensou em voltar ao gabinete, mas nem sequer chegava a entrar nele e, minutos depois da decisão de desistir, ia de novo tocaiar pardais. Cogitou até em sair com a espingarda para explorar novos territórios, mas detestava a idéia de ter meninos curiosos e metediços à sua volta e encarava com acanhamento a idéia de ser visto atirando em passarinhos, já bastavam as risadinhas que com certeza as negras estavam dando lá dentro. Finalmente, desenvolveu a estratégia de ficar sentado num batente do quintal com a espingarda engatilhada, esperando algum pardal aterrissar perto das latas de lixo. Atirou em diversos, teve a impressão de que um fora atingido, mas o bichinho apenas vacilou um instante e logo decolou, junto com mais três.

Às cinco horas, com uma vontade de fumar como jamais sentira depois de deixar o cigarro, resolveu num impulso que agora se aproximaria mais dos pardais em torno do lixo, porque dali era claro que não acertaria nunca. Levantou-se com a espingarda já em riste e andou devagar em direção às latas, mas, quando se preparava para o disparo, os pardais voaram. Dois deles, no entanto, não foram para longe e se limitaram a subir até as cruzetas de um

poste telefônico, bem atrás do muro onde as latas estavam encostadas. Sem procurar chegar mais perto, ele fez mira, atirou e, sem acreditar, viu o pardal bambejar e cair no chão por trás do muro, num baquezinho claramente audível. Por alguns momentos, ficou sem saber o que fazer e andou a esmo pelo quintal, chegando ao portão duas vezes e voltando para dentro. Deixou a espingarda encostada no muro e retornou ao portão, mas, logo depois de abrir o cadeado, decidiu buscá-la. E saiu com ela na direção do poste onde estivera o pardal abatido, mas levou algum tempo sem encontrá-lo e já estava achando que era engano, quando o avistou, camuflado pelo preto e branco das pedras portuguesas da calçada, num ponto bem mais afastado do poste do que estimara. Não esperava ficar nervoso ao ver o bicho de perto, mas ficou, os músculos tensos, as pernas não muito firmes e a boca subitamente cheia d'água, que engoliu com desprazer. Certamente o pardal se arrastara até ali, porque ainda estava vivo, embora não conseguisse mais deslocar-se. Deitado de lado com o bico aberto, respirava com dificuldade, e uma das pernas, acima da qual havia um ponto de sangue e penas esbagaçadas, de vez em quando fazia uns movimentos espasmódicos. A boca ainda cheia d'água, quase babando, Ângelo Marcos armou a espingarda e disparou contra o pardal moribundo a uns trinta centímetros de distância. O corpo do bicho sacolejou e ele teve um estertor, mas o peito continuou subindo e descendo em ritmo arfante. Ângelo Marcos, os braços tão enfraquecidos que teve de rearmar a espingarda em três movimentos, desta vez encostou a boca do cano na cabeça do pardal e disparou novo tiro, fechando os olhos ao apertar o gatilho. Quando abriu os olhos, havia um rombo no pescoço do passarinho, que finalmente morreu e, até o escurecer, ele ficou entrando e saindo em casa, para ver mais uma vez o cadáver. Desse dia em diante, matou muitos e feriu inúmeros, que às vezes voltavam, alguns horrendamente mutilados, com chagas abertas até nas cabeças. Mas só se interessava pelos que matava,

porque, como sabia, embora não contasse a ninguém, não era por ódio a eles que queria matá-los.

Já passado o meio-dia, um sol desmesurado jogando luz demais sobre a ilha e obrigando todos a andar com os olhos apertados, as pedras do calçamento quentes como brasa e velhos prostrados esperando a viração nos bancos do Largo, os convidados começaram a chegar. Um dos três soldados da Polícia Militar cedidos pelo delegado e gratificados por Ângelo Marcos se postava na calçada, afastando os meninos e maltrapilhos que queriam encostar nos portões para pedir comida.

— Cinco horas da tarde, cinco horas da tarde — repetia ele, agitando indolentemente o cassetete e sorrindo com bonomia. — Cinco horas, no portão dos fundos, a comida que sobrar da festa vai ser distribuída. Cada qual traga sua vasilha.

Cinco horas, portão dos fundos, agora vão saindo, cinco horas, portão dos fundos.

Outro soldado, que tinha permanecido na frente da casa, veio perguntar se ele queria ajuda.

— Não — respondeu ele, com o mesmo sorriso. — Você ainda não conhece esse pessoal, é tudo gente boa. E não tem ninguém com fome aí, não, isso é porque eles querem provar comidas diferentes, eles sabem que nessa festa tem uma porção de comidas diferentes. Eles têm vontade de comer empada, presunto, bacalhau, essas coisas.

O outro deu uma olhada nervosa para a pequena multidão.

— Bem, você é quem sabe — disse depois de algum tempo e voltou a seu posto, virando-se para trás duas vezes durante o percurso. Não era problema seu, pelo menos por enquanto e, de qualquer maneira, os donos da festa eram gente caridosa, que ia dar a comida que sobrasse — esperava

somente que não se esquecessem dele. E queria continuar a apreciar a movimentação da festa, os garçons, suas bandejas faiscantes e suas luvas alvas, fazendo um bailado entre mesinhas sombreadas por pára-sóis de estampados coloridos, as mesas de comida entrevistas lá dentro, os homens conversando em pé com copos nas mãos, as mulheres vestidas em roupas alegres e exibidas, como as duas em frente, principalmente a brancona de cabelo preto, coxas à mostra e peitos pulando para fora da blusa.

— Um sucesso — disse Bebel a Ana Clara, de pé no portal fronteiro à entrada do pátio. — Quer dizer, não inteiramente, estou falando apenas no almoço, porque ele não chegou ainda, chegou?

— Não. Será que ele não vem? Agora fiquei com medo de que ele não venha. Ele é tão esquisito, que é bem possível, embora

tenha garantido. E eu olhei bem nos olhos dele, quando ele garantiu.

— Claro que vem, nem pense nisso, pensamento positivo. E ainda é muito cedo, repare que só quem chegou foram esses tabaréus aqui da ilha, esse pessoal que está acostumado a traçar um mocotó com cerveja às sete horas da manhã e hoje economizou o mocotó e o apetite e já deve estar todo mundo morto de fome a esta altura, olhe só como eles caem de boca nos salgadinhos, ainda bem que a gente encomendou umas cinco toneladas dessa porcariada toda, benza Deus. Vida de mulher de político é dura. Mas, sim, aquele médico de bochecha de buldogue, como é o nome dele, aquele médico já chegou?

— Dr. Lúcio Nemésio? Não.

— Então? Tenho quase certeza de que eles vêm juntos, eles são amigos e João deve ter medo de vir sozinho.

— Que é isso, Bebel, também não é assim, ele anda com as próprias pernas.

— Mas tem medo de vir sozinho. Ou vem com o Dr. Lúcio Nemésio ou vem com o padre, ele também é amigo do padre, não é?

— Hem? O padre? Sim, é, acho que sim, é, sim.

— Você está nas nuvens, menina, tenha calma, eu vou pegar alguma coisa para a gente beber, o que é que você quer?

— Um martini. Tipo americano, seco, com bastante gim.

- Senti disposição na garota. Não se incomode, não, que eu uso minha famosa receita: mostro a garrafa de martíni ao copo e aí encho ele de gim, deixe comigo, fique aí, recebendo suas visitas. Daqui a pouco eu volto, não quero perder nada.

Ai, Ana Clara, que coisa mais surrealista, isso tudo, parece aqueles filmes ingleses sobre a Índia. Não, Jamaica, Jamaica, por causa dos negros e mulatos, os ingleses dando garden parties e fingindo que convivem com a aristocracia crioula. Lá se vai Bebel, se embarafustando pela casa adentro mais reboiativa do que nunca, e pára num grupinho para conversar. Esse martíni vai demorar. Um drinque é bom para o nervosismo. Nervosismo, meu Deus? É, nervosismo, nervosismo, sim. De vez em quando, a sensação melancólica de que nada desta maluquice vai dar certo, é tudo maluquice mesmo. Lá vem mais gente, como é o nome da mulher daquele médico panaca, o Fontana? Esse tipo de mulher que faz regimes etiópicos, emagrece e fica com as pernas finas e a bunda despencada, mas nunca perde a cara de gordinha, a cara é sempre de gordinha. Ainda mais com esses brincos recortados de uma manilha, que ela vive sacudindo como um chocalho de vaca. Carminha, Maria do Carmo, Carminha. Cafajeste ousado, vem logo com beijinhos, Suzanna Fleischman está coberta de razão em desancar essa mania de todo mundo se beijocar, esfregando a pele e a boca em peles inaceitáveis. Camiseta de manga cavada, distância dele na hora da comida, com essa sovaqueira e essas costas de urso. Não levando em conta que não fala duas coisas sem dizer "putz" e vai insistir em comentar corridas de Fórmula Um, que fica assistindo pela tevê com cara de australopiteco, a mulher mesma é quem conta. Obrigada, obrigada, você

também está linda. Que coisa impressionante, essas calças estampadas, amarradas na canela. Deve ser a fantasia de Rainha de Damasco com que ela desfilou no Clube Português e agora aproveitou para uso civil. Falta só o manto, todo decorado com cimitarras em lantejoulas, mas esse sapatinho brilhoso, de salto modelo palafita, com certeza fazia parte. Meu Deus, que má vontade com as pessoas! É o nervosismo. Será que ele não vem? Está certo que é divertido reviver a adolescência, mas às vezes enche o saco, as coisas bem que podiam ser mais simples. Será que vai dar para chegar para ele, assim na maior cara de pau, e dizer "apareça aqui em casa dia tal, às tantas horas"? Dr. Sinval Penafiel e sua camundonguinha dentuça, Helliete, assim mesmo, com agá e dois eles e sotaque de Ipirá. Alô, Liete, por que não trouxe os meninos? Graças a Deus que não trouxe, claro, já bastam Stephanie, a mais chatinha das duas chatóides filhas de Ângelo Marcos com Regininha, e seu namorado Caio Túlio, dois espirros tartamudos, que felizmente preferiram sair se agarrando por aí a ficar por aqui, dizendo "valeu" toda vez que alguém lhes dirige a palavra. Claro, Bebel já se despediu do grupo duzentas vezes e voltou outras duzentas, melhor buscar esse martíni pessoalmente. Pronto, o prefeito e a mulher do prefeito, como é o nome do prefeito, só vem à cabeça Aricanor, claro que não é Aricanor, se bem que na Bahia tudo é possível em matéria de nome. Ariflinor? Abriginoel? Por que Ângelo Marcos não aparece, afinal este povo todo está aqui por causa dele, só quem não vem aqui por causa dele é João.

Mas Ângelo Marcos apareceu, sim, e justamente na hora em que o prefeito estendia a mão para Ana Clara e ela já tinha resolvido que ia falar "meu prefeito!", ou qualquer coisa assim. E apareceu muito elegante, camisa francesa de corte naval, bermuda americana e sapatos de iatismo italianos, sorrindo com os cantos dos lábios levemente curvados para baixo. Tinha acabado de fumar um cigarro de maconha no sótão e antecipava com enorme

felicidade o copo de vinho que, Deraldo ou não Deraldo, tinha decidido beber — e foi o próprio Deraldo quem disse que, pelos exames, o fígado estava surpreendentemente bem.

— Arionaldo, é um grande prazer tê-lo aqui — falou, apertando a mão do prefeito, enquanto Ana Clara trocava beijinhos com a mulher. — D. Salete, como está a senhora? Lindo dia, hem, lindo dia, este sol, esta brisa refrescando o nosso lado da ilha, a senhora realmente pode dizer que é a primeira dama de um paraíso. Ana Clara e eu estamos pensando em nos fixar aqui em definitivo, seriamente. Não é, Aninha?

Muita gente, hem? Ângelo Marcos, sentindo a cabeça muito leve e um grande bom humor, passeou os olhos pelo pátio. Prestígio, prestígio, mesmo formalmente fora do poder E quanta mulher, onde é que se escondem tantas mulheres aqui na ilha, algumas fantásticas? Algumas não, muitas. Muitas, como aquela morena com uma cor incrível e um rabo extraordinário, que fica olhando para cá de cinco em cinco segundos. A própria Bebel, que ele vira lá dentro, estراçalhante naquela saia-calça. seria capaz de jurar que ela não estava usando nada por baixo. Mas Bebel não, Bebel não dá pé. Se bem que, quando ela bebe, fica diferente, tem um negócio de uns olhares, umas encostadas, essas coisas não são assim tão simples, às vezes é uma questão de oportunidade. Bem, de qualquer forma vai dar para circular, fazer uns bordejos por aí, durante o almoço. Mas tudo com discrição, é óbvio, e Ângelo Marcos, depois de espremer afavelmente o braço do prefeito e dar um beijinho em Ana Clara, despediu-se para cumprimentar outros convidados, com um sorriso genérico e acenos curtos para todos os lados.

— O câncer me devolveu a perfeita saúde, ha-ha! — estava ele dizendo a um grupo de três casais, quando, durante a pausa que fez para desfrutar dos risos, olhou de relance para o lado e viu Lúcio Nemésio, acompanhado por sua mulher e por João Pedroso, acabando de passar pelo portão.

— Não disse a você que vinha filar esse pirão? — disse Lúcio Nemésio, depois que ele abandonou os três casais apressadamente, para ir ao encontro dos recém-chegados.

— É verdade, é verdade, é uma grande alegria, mestre.

D. Rosário, como está a senhora? De aparência, cada vez melhor, isso eu posso garantir! E o nosso João Pedroso, rei dos mares e da pesca!

João Pedroso sorriu, quis dizer alguma coisa espirituosa, mas somente falou "rei dos mares, não é?" e continuou sorrindo sem saber mais o que fazer, enquanto acompanhava os demais a uma mesa vazia do outro lado do pátio. Muito estranho, muito estranho, tudo isso, principalmente depois daquela conversa obsedada que tivera com Monteirinho. Estava endoidando de vez, é claro, era tudo uma grande loucura, a realidade cada vez mais se apresentando em fragmentos desconexos. Bem verdade que, para vencer a ansiedade e até o certo medo que lhe dava o almoço de Ana Clara, tinha avançado com uma sem-cerimônia espantosa sobre o barzinho de rodas da sala de Lúcio Nemésio e se servira de duas doses reforçadas de uísque puro, enquanto esperavam Rosário terminar de se aprontar. Mas não estava bêbedo, nem de longe, e portanto era outra a razão por que tudo lhe parecia diferente e meio absurdo, até mesmo o ar, até mesmo a textura das folhas dos coqueiros, agora lâminas metálicas, sabres polidos. Até mesmo as pessoas, muitas vezes distantes e de voz desincorporada, como num filme mal dublado. E não tinha pensado no marido até este momento, interessante como não tinha pensado absolutamente no marido. Agora estava sendo obrigado a pensar, depois de ser recebido com tanta gentileza, até carinho. Embora um sujeito meio bobo, ele fazia força para ser agradável e devia ter alguma qualidade, afinal era um homem rico e influente. Aí vai ele, dois passos à frente, o marido, coisa esquisita. E nenhum remorso, nenhuma dor de consciência. Talvez depois de alguma coisa acontecer, se acontecer. Não, não sentirá nada. Talvez porque saiba que não vai

acontecer mesmo nada, é tudo uma espécie de brincadeira, essa loucura passa. Seria muito bom ter alguém para conversar sobre o assunto. Mas não há ninguém. Onde estará ela? O almoço é para você, tinha dito ela, olhando para ele de uma forma tão cheia de insinuações intimidadoras e ao mesmo tempo insuportavelmente excitantes, que ele enrubesceu, ao perceber uma ereção persistente sendo trazida pela lembrança.

— Você sabia que o animal mais parecido com o homem é o preto? — disse Ângelo Marcos a um dos garçons, um negro forte de pouco mais de vinte anos, que respondeu com um sorriso encabulado. — Você é minha vergonha, rapaz, parece que não é só por fora que tem titica de cabrito na sua cabeça, é por dentro também. Eu não já falei que não é para botar gelo dentro do vinho como está aí nessa bandeja, que grossura é essa, rapaz, você é um preto burro mesmo, o que seu pai tem de inteligente — inteligente, não, sabido, que preto não é inteligente, é sabido, como diz o povo aqui —, o que tem seu pai de sabido tem você de tapado.

— É porque o pessoal pediram.

— Ah, se o pessoal pediram... O pessoal pediram, não é?

O pessoal pediram, os garçons leva, nisso você está certo, tem que servir o que a freguesia ordenaram, ha-ha! Tudo bem, mas para mim você traga um copo de vinho branco, desses copos daqui, olhe, preste atenção, meu Ruy Barbosa, meu urubu de Haia, um copo de vinho branco sem gelo nenhum dentro. Peça a Cornélio, que ele sabe qual é o vinho.

Tinham sentado a uma mesa no canto do pátio, onde Ângelo Marcos, depois de ajeitar a cadeira de Rosário, aguardara que os outros também sentassem, mandara o garçom servir o que eles quisessem e se refestelara com as pernas espichadas e as mãos cruzadas na nuca. Olhou para sua platéia todo o tempo em que falou com o garçom, mas o tom jovial que procurou dar ao que dizia não fez ninguém rir, e ele ficou um pouco desconcertado.

— Esse moleque é meu afilhado — explicou, apontando com o queixo para o rapaz, que já chegava à porta da despensa. — Eu brinco sempre assim com ele, tenho um certo carinho por ele. Já ajudei muito o pai dele, meu pai protegia o pai dele, que foi crioulo de serviços gerais da família muito tempo, quando eu era menino e a gente veraneava aqui na ilha. É um preto caprichoso, sabido, que hoje tem até um patrimõniozinho, embora viva se queixando. Eu arranjei uma bolsa de estudos para esse daí e contratei ele como escrevente da Secretaria e...

— Escrevente? E ele tem condição de ser escrevente?

— Eu botei ele à disposição de meu Gabinete. O salário é bastante melhor de que se ele fosse contínuo, é uma maneira de ajudar a família dele, eu não me acanho em dizer que presto esse tipo de ajuda sempre que posso, já é muito pouco o que podemos fazer por esse povo, de maneira que, toda vez que eu tenho condição, ajudo mesmo. O pai dele tem uns terreninhos, umas casinhas, mas mesmo assim luta com dificuldade e ainda por cima tem duas famílias, cada qual com não sei quantos filhos. E o menino não fazia quase nada, lavava meu carro, pegava as compras do supermercado e da feira lá de casa, essas bobagens. Mas não quis nada com o estudo e deu para ficar nostálgico daqui, vejam vocês. E fugiu lá de casa, fugiu mesmo, uma bela noite não voltou da escola e veio para cá, abandonou o emprego, largou tudo. É um problema de formação, de mentalidade. Em vez de aproveitar a chance de ser alguma coisa na vida, prefere voltar à vagabundagem da ilha. O pai me disse que ele só não usa aqueles penteados sebentos que agora estão na moda com o criouléu porque sabe que vai posto para fora de casa, no dia em que aparecer de trancinhas na cabeça. Mas não vai dar para nada, só quer saber de música afro e agora me disseram que deu até para fumar maconha, quer dizer, não vai dar para nada mesmo, o sujeito que fuma maconha perde a iniciativa e a ambição, está comprovado em pesquisas. Mas mesmo assim eu gosto dele e

continuo ajudando, arranjo uns servicinhos para ele, dou umas roupas, boto para comer aqui, essas coisas. Ele no fundo é um bom rapaz, nós gostamos dele.

Parou de repente, achou que estava se explicando em demasia, dando importância excessiva a um incidente corriqueiro, afinal de contas só tinha feito umas brincadeiras com um negro da casa, praticamente da família, já vira brincadeiras mais pesadas entre primos e até irmãos. É, agora está na moda esse negócio de fazer caras santimoniais, toda vez que alguém fala de uma coisa perfeitamente comum, a respeito de pretos. É como judeu. Se você não empresta sua escova de dentes a um judeu, ele chama você de anti-semita, existe uma história verídica sobre isso. Agora tudo é preconceito racial, até reconhecer que um sujeito é preto é preconceito racial. Que besteira, encarar a realidade não é preconceito, é apenas objetividade. Por exemplo, é uma verdade objetiva, que qualquer um pode comprovar, que o preto está mais próximo do chimpanzé ou do gorila do que nós, verdade indiscutível, não adianta querer obscurecer a evidência dos fatos, basta olhar para um branco, olhar para um preto e olhar para um macaco. Chantagem, esse negócio de preconceito racial, chantagem, hipocrisia, tudo hipocrisia.

— Dr. Nemésio — falou, passeando a língua pelas bochechas da boca entreaberta, para dar um ar de desafio ao que ia dizer —, o senhor não acha que está havendo um pouco de exagero nessa questão de preconceito racial? As relações raciais sempre foram muito mais relaxadas no Brasil do que nos outros países, embora eu admita que o preconceito existe, apesar de, pessoalmente, eu não ter nenhum. Mas agora estão endurecendo, é uma espécie de americanização. Não se pode falar nada, não se pode fazer uma brincadeira, nada. Pode-se fazer piada com português, com árabe, com judeu, com italiano, com japonês, mas não se pode fazer mais piada com preto, é preconceito. E, mesmo quando não é piada, mas, sim, uma verdade objetiva

incontestável, sem nenhum juízo de valor, também é preconceito, se desagradar os crioulos. Por exemplo, o senhor está vendo ali o Edsonil, voltando com a bandeja. É piada dizer que ele parece muito mais com um macaco do que qualquer um de nós? Isto não quer dizer que ele seja um macaco, mas parece, isso está na cara. Eles podem não gostar, mas é verdade e eles próprios reconhecem, pode ter certeza. Mas reconhecer esse fato, sem nenhum juízo de valor, é considerado preconceito, e isso é uma coisa que eu não posso aceitar.

— João — disse Lúcio Nemésio —, você bem que podia fazer uma daquelas suas palestras agora, tome mais umas duas aí para soltar a língua. É interessante isso que você falou, Ângelo, e ainda bem que você não considera pejorativo dizer que alguém se parece com um macaco, porque tenho certeza de que a opinião de Dr. João Pedroso, aqui ao lado, é precisamente contrária à sua. A minha também, aliás, mas eu aprendo essas coisas com ele, se bem que de macaco eu entendo mais ou menos, tenho curiosidade sobre o assunto. Fale, João, contraargumente. Estou seguro de que Ângelo vai achar interessante.

— Vou, vou achar muito interessante. O senhor deve estar brincando, ou então sofismando, eu conheço sua inteligência e sua argúcia.

— Não, não estou brincando, nem sou tão inteligente assim. É verdade, minha opinião é precisamente o contrário da sua. Explique aí, João, você fala bonito, fale aí.

— Eu não ouvi bem o que Ângelo disse.

— Claro que ouviu, deixe de fazer eu doce para falar. Ele disse que os negros parecem com macacos e eu sei que você acha que, no geral, quem parece mais com os macacos são os brancos. Você pode... Oh! Oh, Don'Ana Clara, mas que bela visão, eu aqui entre estes dois marmanjos mal-aco-chambrados e Rosário, que não vale, porque a mulher da gente não vale,

mas como está bonita, cada vez mais jovem! Aproxime-se! Como vai, vê-se que vai muito bem! Você chegou bem a tempo de ouvir uma conferência sobre homens e macacos, que o Dr. João Pedroso vai pronunciar, assim que acabar essa beijocação toda. Aqui só quem tem direito a beijar você sou eu, que sou velho, os outros são uns enxeridos. Tudo bem, minha filha?

— João vai fazer uma conferência? Você vai fazer uma conferência, João?

— Não, não, é brincadeira dele.

— Vai, sim.

— Não, não vou, não, você tem mais condição do que eu e foi você quem puxou a discussão.

— Que discussão é essa?

— É a respeito de homens e macacos, minha filha, como eu já lhe disse. Ou melhor, a respeito de negros, brancos e macacos. Seu marido aqui diz que os negros são parecidos com macacos e João e eu afirmamos o contrário, afirmamos que o branco, de certa forma, é bem mais parecido com o macaco do que o preto.

Explique, João, vá, você um vez me falou sobre isso brilhantemente.

— Ah não, explique você, você entende disso mais do que eu.

— Você sabe que eu até não duvido? Mas só certos aspectos, outros você conhece muito melhor, inclusive porque eu não tenho uma base geral, só belisco uma coisa aqui e ali.

Vá lá, rapaz, explique, pode ser um debate interessante.

— Explique, João, você já me explicou peixes tão bem.

— Não, eu não. Não, não, Lúcio entende dessas coisas melhor e também fala melhor do que eu. Eu odeio debates, não tenho a belicosidade necessária. Eu não, vá em frente, Lúcio.

— Mas que sujeito chato desgraçado, que coisa mais morrinha! Ele

devia estar de lua quando lhe explicou esses peixes, Don'Ana, isso aí é um lunático perfeito. Muito bem, eu cuido disso, pode deixar. Vamos lá, Dr. Ângelo Marcos, eu até gostaria que você me oferecesse elementos em contrário, tenho mesmo curiosidade sobre o assunto. Mas acho difícil que você tenha esses elementos, porque eu já pensei muito sobre isso. Em primeiro lugar, a diferença entre você, ou eu, e um chimpanzé são dois cromossomozinhos fundidos, o chamado cromossomo 2, no homem. Negócio aí de um por cento. Diferença minúscula, embora, é claro, não insignificante. Então, exceto se você acha que os negros não são seres humanos, caso em que Dr. Sinval, por ser mulato, não existiria em circunstâncias normais, todos nós temos que ser parecidos com chimpanzés, de uma forma ou de outra. É que nós somos seletivos em relação ao que vemos, fazemos escolhas convenientes, o que, aliás, tem implicações práticas muito interessantes, que eu não posso, nem devo, discutir agora. Então o olho do branco, que é o olho dominante, mesmo entre os negros, só vê as semelhanças que, digamos assim, lhe interessam. E é cego para outras, é uma velha tradição gnoseológica, principalmente para vocês, religiosos, imortalistas etc. Por exemplo, macaco é peludo, preto não é peludo, branco é peludo. O branco, neste sentido, está mais perto do macaco. O cabelo do negro é crespo, o cabelo do branco é liso como o do macaco. Os lábios do macaco são finos, os lábios dos negros são grossos. A platirrinia e a conformação craniana dos negros, se é que se pode generalizar e eu sei que não se pode, já são outra questão. A platirrinia, para começar...

— Craque, o Dr. Lúcio — cochichou Ana Clara a João Pedroso, com vontade de encostar as pernas nas dele por baixo da mesa, mas mantendo os tornozelos entrelaçados junto aos pés da própria cadeira. — Eu tenho admiração por inteligência — continuou, pegando no braço dele, como se o assunto requeresse esse gesto. — Acho um barato. Você é assim — disse

ainda, aproveitando que Ângelo Marcos estava encoberto pelos ombros larguíssimos de Lúcio Nemésio para prolongar o toque mais alguns instantes —, você é lindo—e João Pedroso sentiu as calças estourando e as veias do pescoço latejando.

Nenhum dos dois notou quanto tempo se passou, depois que Lúcio Nemésio tinha bombardeado Ângelo Marcos com uma argumentação irresponsável e este agora procurava mudar de assunto, entre elogios ao outro, derramados mas relutantes. E não sabiam direito o que tinham feito até se encararem na hora em que a comida quente foi servida, com Bebel superintendendo tudo, porque ela, embora fingisse de vez em quando e tivesse ficado quase meia hora circulando de braços dados com Ângelo Marcos, não prestava atenção a nada. Antes da comida, ambos achavam que não iam ter fome, com aqueles estômagos tão apertados e os corações batendo incertamente, mas acabaram fazendo dois pratos bem servidos e se sentaram defronte um do outro, em mesa diferente de onde ficaram Ângelo Marcos, Lúcio Nemésio e Rosário, que agora se viam cercados por muita gente comendo de prato na mão e assistindo à conversa. Lúcio Nemésio não falava mais de macacos, falava qualquer coisa relacionada com a democracia, que ele classificava de ilusão, fadada a desaparecer por impraticabilidade. Mas, embora a voz dele chegasse até Ana Clara e João Pedroso, entremeando-se pelo burburinho da festa, as palavras não se distinguiam bem e eles não escutavam nada do que se dizia em torno, tanto assim que Bebel teve de cutucar as costas da Ana Clara, para que sua chegada fosse percebida.

— Aninha, você podia dar um pulo ali na cozinha comigo? É rápido, é um problema que Cornélio inventou e eu não sei resolver, tem que ser você. Depois você volta, dê uma licencinha aqui, João.

Ana Clara levantou-se, continuando a olhar para João e segurando o guardanapo que antes estava no colo.

— Você vai levar o guardanapo?

— Hem?

— Você está com um guardanapo na mão. Isto não é uma bolsa, é um guardanapo.

— Ah, pois é, distração. Problema com Cornélio? — Não sei direito, ele está lá aos prantos, mas acho que dá para resolver, vamos lá.

— Eu vou. Só um instantinho, João.

Ainda não tinham chegado ao portal, quando Bebel segurou Ana Clara pelo cotovelo e lhe perguntou junto ao ouvido se ela por acaso tinha tomado uma garrafa inteira de alguma coisa. Não, não tinha, é claro, fora somente aquele martíni e depois um copinho de chope — por quê?

— Você se lembra daquele filme, Tom Jones, em que havia uma cena dele comendo defronte de uma mulher que era praticamente uma trepada? Você se lembra, eles comiam com as mãos e se lambuzavam completamente e ficavam trocando aqueles olhares e trejeitozinhos safados. Bem, entre você e João só está faltando a parte do lambuzamento, porque vocês estão atacando aquele vatapá tipo pirão erótico, nem olham para os pratos, vão comendo de olho um no outro. Que bandeira, menina, qualquer um nota, Marquinhos ainda não notou porque a roda lá está animada, se bem que o Lúcio Nemésio perguntou por você, e eu disse que você devia estar cuidando das coisas do almoço e o João enrustido num canto por aí, com um copinho na mão. Mas daqui a pouco Marquinhos nota, acho que muita gente já pode ter notado, vocês praticamente não desgrudaram.

— É verdade? Pois eu achei que disfarcei tão bem, eu andei por aí com Marquinhos, conversei com uma porção de gente, eu não fazia a menor idéia disso. Quer dizer, é verdade que ali nós estávamos de olho um no outro, mas não tinha mais ninguém na mesa, eu não pensei... A gente não foi para a mesa de Marquinhos porque lá está cheio de gente, não tem nem lugar para botar o

prato.

— Certo, certo, mas eu tinha de avisar. Não dá para ir assim com muita sede ao pote, tem de maneirar um pouco, de repente você pode estragar tudo e vai ser uma zona, machão como Marquinhos é...

— É, você tem razão, eu vou prestar atenção, tem que ter cuidado mesmo.

— Você já falou com ele sobre a vinda aqui?

— Não tive jeito. Já cheguei perto, mas ainda não consegui, parece mais fácil do que é. Na única vez em que eu ia começando a falar, aquele piolho do Fontana encarnou na gente para falar em Fórmula Um. Eu cheguei a dizer "nós precisamos nos encontrar", e ele respondeu com uma cara que me deu vontade de agarrar ele na hora. Ai, Bebel, que coisa, eu estou numa excitação que você não pode imaginar, é uma tesão que eu não sei descrever, parece que tem um bicho aqui no meio de meu corpo, chega a quase doer e dar impaciência e vontade de pular!

Juro a você, que coisa estranha!

— É, mas você vai ter que ter calma, não pode ser assim.

— É, eu vou tentar, eu vou ter calma, eu vou conseguir. Claro, também não é assim, também não sou uma tarada descontrolada.

Sim, não era uma tarada descontrolada e, portanto, não voltou à mesa onde estivera com João. Voltaria de passagem, bem mais tarde, pediria desculpas, explicaria que diversos problemas a atrasaram e, se tivesse oportunidade, falaria no encontro. Era também uma questão de sorte, afinal. Tinha de contar com um pouco de sorte e não exagerar, Bebel estava certíssima mais uma vez. Certíssima, pensou novamente, sentindo o fogo intenso que descrevera a Bebel ficar ainda mais intenso, enquanto subia rapidamente os degraus da escada da sala, esperando que as poucas pessoas que estavam por perto imaginassem que ela estava indo retocar a maquilagem

ou tomar alguma providência doméstica. Certíssima, repetiuse, entrando na suíte, onde foi diretamente à cômoda e apanhou uma penca com as chaves de algumas portas lá de baixo, que haviam sido fechadas para que ninguém entrasse onde não devia. Todas iguais, mas felizmente a chave da segunda porta do lavatoriozinho, a que dava para o vestíbulo defronte da escada menor, podia ser reconhecida por sempre ter tido uma cor levemente mais escura que a das outras. Chegou perto da luz da janela para ter certeza de que estava pegando a chave certa, separou-a das outras, enfiou-a no bolso da bermuda e saiu, tão apressada e nervosa quanto entrara. Agora achar Bebel rapidamente, antes que as coisas mudassem.

Falou mais alto do que devia, quando encontrou Bebel depois de uma procura agitada, que parecia nunca mais terminar. As pessoas que estavam em torno se espantaram e algumas riram, inclusive Bebel, que perguntou se havia algum incêndio na casa. Ana Clara caiu em si, riu também e pediu desculpas, é que essa coisa de produzir um almoço desses tem sempre uns imprevistos e ela estava com um problema lá dentro que a deixara nervosa, embora fosse uma bobagem, mas ela era assim, exagerava qualquer bobagem que não acertava a resolver — será que Bebel, sem cuja existência ela estaria perdida, não podia desculpar-se com os amigos e dar um pulo com ela à despensa?

— Cornélio está aos prantos — acrescentou. — Vamos lá?

— O que o Cornélio já chorou hoje não está escrito, hem, menina? — disse Bebel, depois que começaram a se afastar dos outros. — O que foi que houve, você falou com João?

— Não, não falei. Mas resolvi que vou falar, não vou ficar esperando que as coisas aconteçam, eu mesma vou criar a situação para falar, não agüento mais.

— Tudo bem, mas não vá se arriscar, você já está me deixando

preocupada, não pensei que o negócio tivesse chegado a esse ponto.

— Nem eu. Mas você está certa, certíssima, não tenho nada que me arriscar. É por isso que eu quero lhe pedir um favor, só você pode fazer isso por mim.

— Depende, depende. Se eu achar loucura, não faço, estou achando você um pouco ouriçada demais, tenha calma!

— Eu estou calma, garanto a você, eu estou calma. Estou assanhada, mas estou calma. O que eu quero de você é muito simples. Você sabe o lavatóriozinho da sala à esquerda de quem sai daqui, claro que sabe. Aqui está a chave da porta do outro lado, que dá de cara para a escada pequena e que eu mandei tirar para que ninguém que fosse usar o banheiro pudesse entrar para a parte íntima da casa. Eu vou lá no banheiro e vou botar a chave no lugar. Depois subo para o gabinete de Ângelo Marcos, que é o melhor lugar, porque não tem cama para a gente se descontrolar e fazer uma loucura e porque ele detesta ir lá quando não está trabalhando, diz que um ambiente como aquele não combina com a tranquilidade da ilha.

— Aninha, já estou sentindo aonde você quer chegar, você está maluca mesmo.

— Não estou absolutamente maluca, não vou fazer nada, só vou falar com ele sobre o encontro, eu sei que não posso demorar para não darem pela nossa falta, é só para falar. E talvez eu dê um seguimento físico, um seguimentozinho só.

— Você está maluca, maluca, não está vendo que isso pode dar uma bronca horrorosa?

— Não vai dar bronca nenhuma. Bebel, você vai falhar numa hora destas, inclusive eu seguindo seus conselhos, coisa lúdica, seguimento físico e tudo mais?

— Você quer que eu diga a João para entrar no banheiro como quem

não quer nada, abrir a porta do outro lado, subir a escada pequena e encontrar você no gabinete.

— Exatamente. Eu gosto de você porque você é inteligente, facilita a conversa. Então?

— Eu não sei, fico preocupada, acho precipitação sua, não é melhor você pensar, não?

— Você diz a ele para não deixar a chave na porta, para tirar a chave e fechar a porta por fora.

— Aninha...

— Já estou indo para deixar a chave lá. Diga a ele que só posso esperar uns dez minutos e estar com ele somente uns dois ou três.

— Você acha que ele vai?

— Vai, vai. Ele está a mesma coisa que eu, eu sinto, eu tenho certeza. Pronto, Bebel, pronto, agora me deixe ir. Não sei o que seria de mim sem você, não sei mesmo, depois lhe conto tudo.

Ainda estava lembrando a cara de Bebel, parada à porta da despensa com a boca aberta e uma mão na cintura, e ia novamente afastar um pouquinho a cortina para novamente entrever Ângelo Marcos lá embaixo, sentado junto a uma morena do traseiro empinado e conversando animadamente, quando a porta se abriu e João Pedroso entrou.

— Eu queria falar com você um instantinho, temos muito pouco tempo — disse ela, chegando perto dele, e ambos estenderam os braços e se abraçaram com tanta força que não caíram somente porque ela se apoiou de costas contra a escrivaninha. Sem se soltarem, a cabeça dele puxada pela nuca para junto dela, ela o sentiu duríssimo e volumoso em sua coxa e moveu os quadris para a direita, para encaixar-se nele. Ia somente ficar assim algum tempo e soltar a cabeça para que a beijasse como ela queria, somente um beijo. Mas ele se mexeu para a frente quando a sentiu encostada nele, e ela teve um

arrepio que lhe crispou as costas. Soltou-se dele de repente, empurrou-o com delicadeza e, o rosto alterado, os olhos fixos nele e os dentes cerrados atrás dos lábios entreabertos, pôs os polegares por baixo da bermuda e da calcinha e começou a baixá-las até que lhe chegaram aos tornozelos e ela soltou um dos pés, deixando o outro ainda preso à roupa. E não foi preciso que fizesse mais nada além de ficar meio sentada na escrivaninha, porque ele agiu precisamente como ela antecipara, abrindo as calças sem tirar os olhos dela e sem falar, vindo devagar em sua direção e penetrando-a com dois ou três movimentos pressurosos, até entrar fundo e macio, como se seu lugar fosse ali e dali nunca tivesse saído. Levando a pélvis à frente como num espasmo, ela o ouviu gemer e sentiu o grande membro que a enchia tão poderosa e suavemente começando a pulsar dentro dela e ela então puxou-se para ele com toda a força e gozou mais fundo do que imaginara que se podia gozar e abafou um ai que queria dar tão alto quanto possível, com a boca encostada no ombro dele.

Não esperava que ficassem ambos tão calmos, logo depois e durante todo o resto da festa, que só acabou às cinco e tanto, com ela se despedindo sorridente de João e de Lúcio Nemésio, no portão principal, e depois voltando bemhumorada, as mãos nos bolsos e os olhos alegres, para ajudar Ângelo Marcos a resolver o problema criado porque os soldados, empregados e garçons queriam ficar com a comida toda para eles e os meninos e pedintes estavam reclamando lá fora.

CAPÍTULO 5

Uma coruja começou a piar sempre à frente deles alguns metros e Mãozinha Três se benzeu, agradeceu a Deus por estar na companhia de um sacerdote e disse que não acreditava nessas coisas, mas era voz corrente desde que ele se entendia que ali costumavam acontecer importantes aparições, a ponto de a fama desse local ter-se espalhado por todo o globo terrestre. Aparições tremendas, de todos os tipos e compatíveis com todas as crenças, inclusive, que lhe perdoasse o padre, com as crenças da própria Santa Madre Apostólica Romana, pois não eram um nem dois os relatos de santos e santas da Igreja ali baixados com todos os seus paramentos de lei, muitos deles empunhando espadas de fogo, para castigar os cada vez mais insolentes pecados da Humanidade. Aquela coruja bem que podia estar fazendo suas expedições de caça em outra direção, mas insistia em pressentir o caminho deles e recepcioná-los a cada tantas árvores, com aqueles curu-curus assombrados. A coruja, explicou ele, não é propriamente um mau agouro em si, é que ela é tida desde os primeiros tempos como os olhos dos espíritos e entidades, bons ou maus. E, portanto, onde há corujas há certamente espíritos espreitando na escuridão, não se sabe com que desígnios, embora ele não acreditasse nessas coisas, estava só falando por falar. No dia em que pela primeira vez viera ver o santinho— santinho não, perdão, o curandeiro e feiticeiro Bará da Misericórdia —, tinha sido bem aqui, um bocadinho adiante, bem mais ou menos onde a coruja está piando agora, ao lado do ingazeiro maior, que sentira a mais terrível das comichões fantasmas, a qual o deixou doido e querendo arrancar fora o toco do braço direito, os irmãos tendo de segurá-lo, para ele não sair correndo destabocado pelos matos, se batendo nas árvores e cuinchando como um porco sangrado.

— Não gosto nem de me lembrar — disse, agitando o toco do braço

vigorosamente. — Mas Bará explicou que eu não devia ter medo da lembrança, que, quando ela aparecesse, eu enfrentasse ela.

Uma família de malucos, era o que tinham virado, todos doidos, doidos, doidos, acordando no meio da noite entre gritos de gelar o sangue, se atirando contra portas e paredes e transformando num inferno a vida das mulheres, que apanhavam pelo que faziam e o que não faziam. Mãozinha Um, Mãozinha Dois, Mãozinha Três, Mãozinha Quatro, Cinco e por aí ia, já bastava que nenhum deles tinha mais nome, desde os dias nefastos da infeliz emigração para as fazendas de sisal, cujas máquinas comeram, um por um, os braços direitos de todos os homens da família, até mesmo o de Geminiano, que, quando ficou coto até quase o cotovelo, tinha somente 14 anos. Perderam os nomes, ninguém mais, nem na família, os chamava pelos nomes, só pela frente e depois de reclamações, pelas costas nunca. E, por cima dessa situação, com a qual logo aprenderam a resignar-se, porque é sabido que Deus marca certas famílias e com a vontade de Deus não se discute, chegaram aquelas comichões diabólicas, que começaram em Mãozinha Cinco e foram pegando nos demais, um atrás do outro, como sarna de cachorro. Logo todos deram para querer cocar antebraços e mãos inexistentes e alguns entravam em tanto desespero com essa ânsia que chegavam a fazer sangrar os cotos, esfregando-os inutilmente em troncos de árvores e objetos ásperos. O padre se lembrava, naturalmente que se lembrava, pois não havia sido procurado por eles e suas mulheres e filhas, na tentativa de aliviar aquele padecimento por meio de rezas, água benta e velas acesas aos pés dos santos? Mas nem as rezas nem a água benta nem as velas fizeram efeito, e o padre fora sincero: melhor que procurassem um médico, ele não era santo para agenciar milagres. Os médicos, contudo, de pouco valeram, deram-lhes comprimidos que os deixavam abestalhados e não faziam as comichões ir embora.

— Durante muito tempo, a gente escondeu isso do senhor — falou,

olhando para a frente como se tivesse acanhamento de encarar o padre. — Até faz pouco mesmo, as mulheres não queriam que a gente desse o recado de Bará ao senhor, elas achavam que o senhor ia se aborrecer e quem sabe até excomungar a família toda. Já tudo aposentado por invalidez, já tudo aleijado, já tudo perturbado e ainda mais excomungado?

— Eu não excomungo ninguém, Seu Florisvaldo. Eu apenas não aprovo essas coisas, não posso aprovar.

— Eu sei que o senhor não aprova, claro que não aprova.

Nós também não aprovamos, nós somos todos católicos, graças a Deus, o senhor sabe disso. Mas, no desespero da coceira...

— Seu Florisvaldo, o senhor tem certeza mesmo de que ficou bom da coceira por causa do tratamento desse homem?

Quanto dinheiro ele lhe tomou?

— Nenhum. Ele não pediu dinheiro nenhum. Pediu que, se a gente pudesse, devolvesse o carneiro que ele usou no nosso caso, e aí nós demos a ele dois carneiros e demos um dinheiro, mas foi porque nós quisemos.

— E ele usou um carneiro?

— Ele usa sempre um carneiro, nesse tipo de caso. O carneiro tem a capacidade de sofrer calado. E o carneiro é como os outros bichos de presépio, o jumento, o galo e outros, que o diabo não pode tomar a forma. Isso ele não me disse, mas eu sei, todo mundo sabe.

A coruja voltou a piar e Mãozinha Três se benzeu outra vez. O padre estava com medo? Faltava somente mais um trechinho por aquela picada e depois a subida do morrote onde ficava a casa do santinho — santinho não, curandeiro.

Não havia motivo para apreensão, não era possível que aquela coruja fizesse uma curva fechada e os perseguisse morrote acima.

— Não, não estou com medo, quem parece que está com medo é o

senhor. A única coisa que me assusta é vocês se referirem a esse homem como "santinho". Como pode ser santo um homem que vive no baixo espiritismo, no curandeirismo, na feitiçaria?

— É o costume. Padre Monteirinho, o povo chama assim, a gente pega o costume.

— É, mas não pode pegar. Ele é feiticeiro, mandingueiro, macumbeiro, santo nunca, isto é um erro muito grave, é como trocar o bem pelo mal.

— Mas ele só faz o bem, ele não faz mal a ninguém.

— A própria existência dele faz mal — disse o padre, num tom que desencorajou uma resposta de Mãozinha Três, que passou a mover sua lanterna de um lado para o outro trilha acima, fingindo que procurava descortinar alguma coisa adiante. — A própria existência! — repetiu quase com raiva e talvez arrependido de haver concordado em fazer essa visita estranha, por estes matos fechados, na companhia de um rapaz bom, mas meio desequilibrado, como, aliás, a maior parte da família, coceira fantasma ou não. Tinham sarado da coceira, sim, isso era inegável, mas não havia nada de espantoso na cura — um problema psíquico resolvido pela psicologia aplicada desse macumbeiro, com seus passes e sacrifícios de carneiros. Podia realmente alegar uma boa razão para aceitar o esquisitíssimo convite? Teve de admitir que pura e simples curiosidade era um de seus principais motivos. Bem, talvez não pura e simples, porque, afinal, esse homem tinha muita importância em toda a região, vinha gente de toda parte para vê-lo e não se podia negar que era mais um obstáculo, e obstáculo de peso, para o trabalho pastoral. Rebanho puxado de um lado pelos evangélicos e do outro pelos espíritas macumbeiros, pastoreio difícil, missão complicada. Santo, santinho, por que essa persistência de todos em chamá-lo de santo? E esses prodígios e curas de que se falava, e esse desprendimento que sempre se comentava? Sim, tinha curiosidade em conhecer uma pessoa dessas, sempre ouvira histórias sobre gente assim, de

uma forma ou de outra eram parte do cotidiano ali. Mas também era inegável que se tratava de uma expedição para conhecer o inimigo cara a cara e assim ter mais autoridade e argumentos concretos para neutralizá-lo, ou pelo menos diminuir cada vez mais sua influência, claro, claro — e Padre Monteirinho aplacou um pouco sua consciência, incomodada desde que aceitara o convite e o apertando durante toda a caminhada.

E também havia o caráter misterioso do convite, mais que um convite, praticamente um apelo, um apelo muito curioso, composto por um recado de boca dado por dois dos Mãozinhas e de uma carta de linguagem oblíqua, escrita em grafia antiquada, mas gramaticalmente impecável, apesar de um certo pedantismo. Não se limitava a repetir o convite, mas fazia uma espécie de dissertação sobre como o trabalho e a dedicação de Padre Monteirinho, conhecidos e admirados por todo o povo humilde, comprovavam a existência de homens de boa vontade e amor ao próximo e, por conseguinte, ele podia pedir alguma coisa dessa boa vontade. Procuraria pessoalmente o padre, mas, infelizmente, além de ser manco e mover-se com dificuldade, não podia entrar na cidade sem que se juntasse muita gente em torno, inclusive os que, contra sua vontade, insistiam em tê-lo como santo. Sabia que, se procurasse o padre em boa fé, o padre, como homem de Deus, o receberia e escutaria. E, como não podia ir ao padre, rogava que se fizesse o oposto, que o padre fosse a ele, pois não era assunto de seu interesse pessoal, mas assunto que, acreditava ele, não somente dizia respeito a todo o povo da paróquia do padre, mas a toda a Humanidade. Pouco ele podia fazer, ainda mais tido em baixa conta pelos poderosos e letrados, sem que ninguém o ouvisse, além do povo pobre e ignorante que o procurava. Mas quando o padre soubesse do que se tratava, veria que realmente era uma questão terrível e que era preciso fazer alguma coisa, ele nem sabia o quê, mas era preciso.

"O olho é a luz do corpo", terminava a carta, logo acima de uma

assinatura ilegível, que parecia ter sido feita por outra mão, não a que escrevera o texto.

Citação de São Mateus? Por que uma citação dos Evangelhos? Por que logo aquela, que não parecia ter muito a ver com a mensagem? Será que ele sabia que era uma citação, ou estava somente repetindo uma frase que ouvira em algum lugar? Que queria dizer com aquilo? Mas o padre não teve tempo de continuar pensando nessas coisas, porque como que despertou com a manga do casaco puxada por Mãozinha Três, que lhe apontava com o queixo uma espécie de escada esculpida no barro e serpenteando até o alto de um outeirinho.

— É aqui?

— E aqui, é aqui. Logo depois daquela jaqueira, bem atrás da jaqueira lá de riba.

Ao terminarem a subida, tanto o padre quanto Mãozinha levantaram os fochos de suas lanternas do último degrau da escada e, apontando em frente, iluminaram um pedaço da parede frontal de uma casa parcialmente escondida pelo tronco descomunal da jaqueira. Uma luz embaciada saía da arcada da varanda diante da qual eles se viram, assim que contornaram a árvore. Por trás da arcada, duas portas, a da direita fechada, a da esquerda com uma das jambas aberta para fora. Ao lado, estendendo-se até onde podiam ver, um pátio ou quintal rodeado por quartinhos de construção pobre e cercados para animais, o piso de barro batido refletindo em cores ferrosas a claridade da lua, o arenxameado de vaga-lumes, um silêncio parado em que só se ouvia, de vez em quando, um vento leve passando pelas copas das árvores. Padre Monteirinho aliviou-se em notar que, pelo menos aparentemente, o feiticeiro cumprira a promessa de não ter sua clientela por perto, durante a visita. Mas, apesar da porta entreaberta, não havia ninguém para convidálos a entrar e já ia perguntar a Mãozinha como agir, quando um vulto escuro o sobressaltou e ele

levantou os braços para defender-se do grande cachorro preto que repentinamente irrompeu do negrume e estacou a poucos passos de distância, olhos grudados nele e a língua enorme pingando.

— Ele não morde — disse uma voz de dentro da casa e outra luz se acendeu, enquanto a porta esquerda se abria inteiramente e um homem de bengala surgia na varanda. — Vá deitar, Querub.

Adiantou-se mais rapidamente do que se esperaria para quem, como ele, tinha uma perna mirrada e quase inútil, estendeu a mão para o padre com um sorriso em que seus olhos miúdos se franziam muito e desapareciam. Falando sempre com a mesma modulação esquisita e aflautada que chamou a atenção do padre desde a primeira frase, pediu desculpas por não estar na varanda, à espera de visita tão enobrecedora, mas é que se atrasara um pouco, já que tivera de atender mais gente à tarde do que de costume, para cumprir a promessa feita. Havia algumas pessoas nos quartos em torno, mas já estavam recolhidas ou ocupadas em qualquer coisa.

— Estão aqui exclusivamente meus cachorros — disse, fazendo sinal para que entrassem antes dele.—Aprecio deveras os animais, notadamente os cães.

Vários abajures de pé e uma luminária redonda sobre a mesa tornavam a sala muito clara, ao contrário da expectativa do padre. E, também ao contrário do que antecipara, não havia nenhum objeto de aparência cabalística, nenhuma imagem, nenhuma estampa ou quadro de santos ou entidades pagas — uma sala como a de qualquer casa ampla de classe média, dois ambientes separados por um armário de alvenaria da altura de um balcão, com uma passagem no meio e abrigando louças e outros objetos. No ambiente de estar, dispostos simetricamente, duas poltronas, um sofá, uma mesinha baixa e uma espreguiçadeira acolchoada.

—Estejam à vontade e por favor excusem a aparência da sala — disse o

homem, apontando para um ponto no sofá onde o forro estava esgarçado. — Sempre pretendo reformar, mas as condições são assaz difíceis. Onde quer sentarse, Reverendo? Creio que esta poltrona não lhe será de todo desconfortável, é a que reputo menos molestosa para a coluna vertebral. Acomode-se, meu caro Florisvaldo.

Padre Monteirinho sentou-se sem encontrar o que dizer, e examinou o homem com interesse. Mulato escuro, bem-vestido, idade indefinida, podia ter 40 como podia ter mais de 50, gestos um pouco adamados, maneiras joviais, embora algo tensas. A fala, muito estranha, não só em seu tom quase cantado como em suas palavras, que soavam como se ele tivesse decorado tudo o que dizia e o repetisse sem pausas ou hesitações, dando a impressão de que não precisava respirar. Quem seria esse homem, de onde teria vindo, que segredos realmente conhecia?

— Mas que descortesia de minha parte — disse o homem, curvando-se para a frente e apoiando-se na bengala com ambas as mãos. — Nem sequer tive a lhaneza de apresentar-me formalmente, afinal é a primeira vez em que me honra a visita do Reverendo. Sei que sou conhecido pela alcunha de Bará e tal prática não me fez moça, eis que, como o poeta, nada de especial vejo em nomes, pois estes não conferem dignidade ou opróbrio, a não ser os epítetos depreciativos, o que não é o caso em tela. Mas enfim, não condiz, certamente, com a boa educação o apresentar-se por alcunhas, de forma que esclareço que meu nome civil é Sebastião Boanerges da Conceição. Para servi-lo.

— Mas o senhor é também conhecido como "santinho"

— disse Padre Monteirinho um pouco nervosamente, terminando com um sorriso hesitante, como se quisesse evitar ser agressivo em excesso.

— Não diante de mim, pois reprovoo acerbamente tal apelação — respondeu ele, fechando os olhos. — Peço-lhe, em nome da caridade e do espírito cristão que o norteia, que não nutra pensamentos preconcebidos a

meu respeito. Nada sei, nada quero. Creia-me, Reverendo, que lhe digo a mais acesa verdade. Também eu mereço caridade, porque nada sei e o que faço, faço porque não sei como não fazer. Tenho integral consciência de que me não faço crer pelo senhor, como, aliás, não me tem como veraz a maior parte das pessoas, se lhes digo que nada sei e nada pretendo, somente me afiz a que as coisas me acontecessem, resignei-me, melhor dizendo. Muito tempo decorreu antes que me desse conta da inutilidade de resistir a tais acontecimentos, mas fui obrigado a render-me à inexorabilidade do destino, ou como quer que se chame esse apelo, ao qual, se não fosse a pretensão inaudita contida em tal paráfrase, reagiria com a mesma frase do Mestre: Afasta de mim este cálice. Não acredite, Reverendo, que jamais haja eu ansiado pela condição em que vivo e nem ao menos posso considerar-me um homem religioso. Creio em Deus, sim, porque creio no Bem. Mas creio também no Mal e que não me peçam resposta para a mais vexatória questão teológica, a meu aviso aquela que pergunta se, havendo Deus, o Bem, criado tudo, como também haverá criado o Mal? E por que, como está escrito em livros sagrados, é o Inimigo também filho de Deus? Não me perguntem, pois que apenas sinto a existência da força contrária, a tremenda oposição que frange o Bem e o repele, e nada sei sobre ela, a não ser que existe e é tão tangível quanto a água e o ar. Não sei endereçar-me a tal questão, não sei responder a nada, Reverendo, a pura e cristalina verdade é esta. Não sou santo, nem tal me pretendo sequer em sonhos, que já não os tenho, e apenas, como asseverei, sou levado pelos acontecimentos. Tudo o que faço, jeito outro não tenho senão fazê-lo. Difícil será, talvez, compreender o que digo, mas, ressaltando o imenso e intocável respeito que sinto pelo Reverendo, devo sublinhar, enfatizar mesmo, que não alimento, por sabê-la vã, a intenção de convencê-lo do que acabo de dizer-lhe e da minha essencial inocência. Também faz muito que disso desisti e somente conformei-me à minha sina, pois que não tenho escolha, como provaram

sobeja e dolorosamente todos os anos de minha vida em que debalde tentei fugir dela. Nem mesmo acredito em santos e, mesmo que acreditasse, julgo que a santidade existiria por força do livre arbítrio, onde houvesse uma vontade expressa, consciente e ativa, por parte de quem a almeja, e a comissão de boas obras e pensamentos por desígnio. Mas tal não me é aplicável, porque, como já expliquei ao Reverendo, faço o que faço sem ter escolha, não me é concedido governo sobre certos eventos de minha vida. O Reverendo poderá indagar-me: recebe espíritos, é necromante? Eu lhe respondo, com o coração nas mãos: não sei, mas é o que me relatam. Quanto a mim, nem tenho conhecimento do que seja de fato um espírito, e é lógico que não posso postular a existência ou inexistência de algo que não sei o que é. Mas dizem-me que recebo toda sorte de espíritos e atribuem-lhes características, hábitos e nomes que não costumo recordar, com exceção de alguns, que considero pitorescos — Mestre Carlos, Xaramúndi, Anabar, Faustina e tantos outros, que muitas vezes me fazem sorrir como agora e inquirir-me sobre se não é porque querem e precisam que ouvem o que querem e precisam. Não sei, não sei, não quero saber. Se já quis, hoje não quero mais. Para mim, no máximo, é como dormir, embora freqüentemente desperte tomado por grande fadiga. É tudo que sei. Procuram-me, outrossim, muitas pessoas que se afirmam veículos de espíritos e tenho observado amiúde a ocorrência do que se afigura serem manifestações dos mencionados espíritos. Mas nada compreendo do assunto, nunca o estudei, nada quero saber, nada desejo provar, faço o que faço, perdoe-me a reiteração, apenas por não ter escolha. Por conseguinte, é com integral lisura e não menor sinceridade que asseguro nada buscar provar ao Reverendo ou a qualquer outra pessoa, convencê-lo de coisa alguma, persuadi-lo de coisa alguma, a não ser do fato que motivou meu apelo — pois que não é uma alegação, é um fato, e um fato que não tem absolutamente nada a ver com minha atividade ou minhas supostas crenças. Sei que me toca a reputação, mais

que injusta, de ser feiticeiro e que isto introduz...

Padre Monteirinho desistiu de interrompê-lo com um gesto, como vinha tentando havia algum tempo, porque ele continuava de olhos fechados. Mas fez questão de apartá-lo, porque, quanto mais ele prosseguia naquela espantosa fala de sete fôlegos como quem recita, mais os outros se sentiam sufocados num mar de palavras e a impressão era de que, se ninguém o interrompesse, ele nunca mais se calaria.

— Mas o senhor não pode negar suas práticas — disse o padre. — No caso mesmo da família aqui de Florisvaldo, o senhor mandou sacrificar um carneiro, num desses rituais. E, ao que tudo indica, pretende continuar a matar mais carneiros, porque exigiu deles outro carneiro, para substituir o sacrificado. E, aliás, recebeu dois, segundo me consta.

— Não é pendor meu negar minhas práticas. Acabei de aludir a elas até em pormenores. O que contesto é ser feiticeiro, já que nada percebo de feitiçaria, nem nunca anelei tornar-me feiticeiro ou quejando. Eles sacrificaram um carneiro, sim, disseram que por instruções minhas. Não sei, mas não os tenho na conta de mentirosos. O carneiro, não obstante, é tão somente um animal irracional, sujeito a abate como tantos outros e, se seu sacrifício era para resultar, de que forma Deus sabe como, no alívio dos inenarráveis sofrimentos por eles padecidos, que mal podia haver escapa-me à compreensão.

Creio até que sacrifício como o mencionado nem mesmo é estranho à tradição cristã — embora nisso não reivindique legitimidade, nem pretenda mais que dar um exemplo e espicaçar uma lembrança —, pois, se não me trai a memória que os anos já empanam, são abundantes as referências ao assunto nas Escrituras e — corrija-me o Reverendo se laboro em erro — recordo que o começo do Levítico estabelece regras para os sacrifícios ditadas por Deus, que até menciona especificamente carneiros. E de fato solicitei deles um outro

carneiro, visto que aquele outro que abateram aqui pertencia a uma das famílias pobres que habitam as cercanias desta colina e lhe faria grande falta. Quando trouxeram os dois carneiros, de bom grado aceitei-os e dei-os à mesma família. Mas, como já disse ao Reverendo, não pretendo provar nada e o Reverendo verá, após inteirar-se do que tenho a narrar-lhe, que ser eu ou não feiticeiro carece de relevância, no caso. Desgosta-me que me julgue feiticeiro, mas tenho inteira compreensão para com essa circunstância e não posso fazer nada para alterá-la.

— É, não pode. É preciso deixar bem clara a razão de minha vinda aqui. Vim exclusivamente para atender a um apelo, no que julgo estar cumprindo, como sacerdote, um dever, até pela condição física do senhor. Eu ficaria com um problema de consciência, se não viesse. Não sei qual é o assunto que o preocupa, mas não gostaria de suspeitar que pude ajudar a solucionar um drama humano qualquer e não o fiz. Mas insisto em deixar bem patente que só colaborarei com o senhor se essa colaboração, a meu exclusivo juízo, coincidir com os propósitos, o espírito e as leis da Igreja. E o senhor me perdoe a franqueza, mas duvido muito que seja este o caso.

— O senhor verá, estou seguro.

— Depende. Pode ser também que eu não queira ver nada. Se o senhor tem a intenção de me fazer participar, ainda que como simples espectador, de um... uma... uma de suas cerimônias, isto está absolutamente fora de cogitação. Nem pensar, como se diz.

— Não, não, Reverendo. Jamais me ocorreria desrespeitar suas convicções. Só tenciono falar-lhe, contar-lhe algo que vi.

Sorriu novamente, respirou fundo, levantou os olhos para o teto e, depois de passar algum tempo em silêncio nessa postura, observou, de maneira rebuscadamente cortês, que o assunto era de tamanha gravidade que nunca o houvera confiado a ninguém e precisava ouvir uma opinião como a do

padre, antes de fazer qualquer coisa. Por uma razão que o padre mais tarde entenderia, primeiramente pensara em falar com o estudioso de animais João Pedroso, na ponta da ilha, e chegara a lhe enviar recado semelhante ao que mandara ao padre, mas nunca obtivera resposta. Agora achava que tudo havia corrido como devia, melhor que não tivesse falado com esse João Pedroso. E, enquanto o padre se mexia inquieto na poltrona, acrescentou que não queria mesmo que ninguém mais soubesse agora, de forma que pedia muitas desculpas ao amigo Florisvaldo, mas precisava conversar a sós com o padre, que ele por favor esperasse um pouco na varanda, fosse lá dentro e se servisse de um cafezinho ou de qualquer outra coisa. E com sua incessante voz de flauta, começou a contar a história assim que Mãozinha Três saiu.

— Caranha, cioba, dentão, cação, arraia, aracanguira, beijupirá, pescada, até barracuda, que aqui o povo chama de goivuçu — disse João Pedroso, avaliando com aprovação o conteúdo de um cofo cheio de camarões, lulas e saúnas, depois que Ângelo Marcos perguntou que peixes grandes eles podiam pescar, nesses tais pontos de Jereba. — Nunca vi Jereba voltar sem peixe, nem que sejam uns ariacós de dois, três quilos, umas carapebas bonitinhas, uns cabeçudos, alguma coisa ele sempre traz.

— Por sinal, cadê ele? Quando esse pessoal daqui some, eu fico logo com

uma pulga atrás da orelha.

— Ele foi buscar as linhas dele no Mercado, já volta, pode ficar tranqüilo, ele precisa desse dinheiro.

Ângelo Marcos olhou na direção do Mercado com a mão na pala do boné, deu um muxoxo e sentou-se numa estronca à borda do cais. Estavam perto da rampa do Largo da Quitanda, esperando o batei da lancha terminar de ser arriado para vir buscá-los. Eram apenas os homens, porque Ana Clara,

temendo que ela e João se denunciassem nesse primeiro encontro depois do dia do almoço e sem querer despertar suspeitas por revelar excessivo interesse em pescarias, preferiu ir à praia com Bebel e aproveitar para conversar sobre as novidades. Além de João Pedroso e Ângelo Marcos, agora ocupado em falar num walkie-talkie para transmitir ordens à tripulação em jargão militar — positivo, negativo, câmbio —, estavam ali Nando e Tavinho, o primeiro ajeitando um colete de pesca americano cujos penduricalhos e insígnias cintilantes lhe davam a aparência de um marinheiro condecorado em demasia, e o segundo esfregando as abas do nariz com o indicador, sem parar um instante de passear apressadamente entre duas árvores.

— Pelo amor de Deus, você não vai cheirar agora, vai? — perguntou Nando. — Não é possível, você praticamente virou a noite.

— Não, não, é só um realce, para combater a rebordosa.

Tem uísque na lancha? Sem uísque para segurar, não dá pé. Se não tiver, eu não vou.

— Claro que tem, mas vai ser a maior bandeira, você tomando uísque na lancha a esta hora da manhã.

— Que nada, o pessoal aqui abre com cachaça de madrugada e rebate com cerveja o dia todo, eles acham normal.

Marquinhos me adora e considera tudo o que eu faço muito chique, sabia? E, last but not least, as mulheres não estão aqui para reprimir, toda mulher é repressora, é uma característica tipicamente feminina. E eu acho duplamente bom que Ana Clara não tenha vindo, porque eu fico com a maior tesão nela quando cheiro e o pior é que eu sinto — eu sinto, fora de esculhambação! — que ela também tem em mim. Se eu não broxasse quando cheiro, tenho certeza de que, depois que eu esticasse umas duas fileiras para ela, eu... Bebel também, Bebel também, eu tenho a maior tesão em Bebel, não vou esconder isso de você, você comeu ela ainda quando ela estava casada

comigo, eu tenho todo o direito de falar assim, falo assim porque é uma coisa normal e você é meu amigo irmão.

Qual é o meu amigo mais chegado? Não, verdade, responda!

— Tá legal, Tavinho.

— Tudo normal, cara, tudo normal, o ser humano tem que deixar de viver com esses sentimentos medievais. Eu não acharia nada de mais, se eu viesse a comer Bebel, como não achei nada de mais que você tivesse comido ela. Eu...

— Tá legal, mas eu ainda acho que você devia dar um tempo. Tome seu uísque, deixe a rebordosa baixar, tome uma dessas suas bolinhas e durma na suíte da lancha, pronto. Não precisa cheirar, eu tenho certeza de que você vai dar uma bandeira total e tem João, tem a tripulação, tem o pescador que vai marcar o pesqueiro, pode ficar muito chato. Depois passa o efeito dessa merda e você entra em ressaca moral e na maior deprê, eu conheço você.

— Sem essa, sem essa, que coisa mais down, qual é a sua, rapaz? Que bandeira nenhuma, Nandinho, deixa de ser repressor você também, caralho! Não vai ter bandeira nenhuma, eu trouxe o frasquinho com a colherzinha, o pó já batidinho, tudo em cima, é só encostar num canto e mandar, eu tenho know-how, eu já cheirei no salão nobre da Associação Comercial, no meio de uma posse de diretoria, e ninguém sacou nada, você sabe disso, você me conhece, você mesmo disse.

Quanto mais no meio desses tabaréus aí, se duvidar aquele veado que cozinha para Marquinhos também cheira. Você já teve alguma experiência homossexual? Eu já tive, eu vou no banheiro do boteco dar um tirinho e na volta eu converso sobre isso com você.

— Olha lá aqueles marinheiros de água doce — disse Ângelo Marcos a João Pedroso, depois que o batel já tinha sido arriado. — Chego até a ter pena de ter chamado eles.

Nando odeia acordar cedo e Tavinho só deve ter visto o sol umas duas vezes em toda a vida dele.

— É — respondeu João Pedroso com um sorriso distraído, porque mal ouvira o que o outro falara. Estivera com os olhos fixos nele durante todo o tempo em que ele conversava pelo walkie-talkie e assestava um enorme binóculo em direção à lancha, mas não sabia direito em que pensara, pensara muitas coisas desconexas. Coisas confusas, sentimentos confusos, tudo confuso. Podia ser amigo desse homem, como ele estava evidentemente deseioso que acontecesse? Situação horrível. E ele teria desconfiado de alguma coisa, seria aquela aproximação uma espécie de tática da parte dele, ela teria se traído, ainda que sutilmente? Bebel seria mesmo de confiança? E esta sensação de triunfo, de alegria exuberante, que quase fazia que contasse tudo ao marido, como quem confidência aos amigos uma grande paixão? E estes sentimentos sombrios e preocupados, que vinham misturados? E esta desarrumação em tudo, esta ansiedade, este desconforto?

— Desses peixes que você falou, o barracuda é o mais difícil de trabalhar?

— Não, é o mais difícil de achar por aqui — disse João Pedroso, aliviado por ele de novo ter puxado conversa sobre peixes, porque podia responder longamente e assim mudar o curso de seus pensamentos. — A maior parte deles não é nem barracuda propriamente, é bicuda. Mesma família, mesmo gênero, mas espécies diferentes. E geralmente o pessoal pega bicuda de rede, junto com os peixes que ela esteja comendo na hora, agulhinha, carapeba, robalete, essas coisas. Nada, barracuda não, é mais fácil de mergulho, se bem que ele é peixe de partir para cima do mergulhador, não é um bestalhão, como os canapus, que ficam ali paradões, esperando tomar uma arpoada no meio da testa. Peixe difícil, principalmente quando é grande, é o pintado. Se for muito grande, o melhor é cortar logo a linha, porque é difícil embarcar um monstro

daqueles. Arraia também chateia, porque, se o sujeito facilitar, ela cola na areia do fundo e para descolar é uma dificuldade. Tubarão não tanto, porque cansa mais rápido, embora às vezes enfie o focinho na areia do fundo e fique quase impossível de trazer para cima. O peixe que costuma me dar mais trabalho para trazer é caranha. Com essas iscas grandes de saúna e lula, se você ferrar uma caranha graudinha, de uns 40 quilos, você vai logo saber, porque ela não se entrega e tem muito bom pescador que, depois de horas de batalha, acaba perdendo o peixe.

Ela pinta o diabo lá embaixo, ela...

— João, o que você entende de peixe não está escrito, tanto na prática quanto na teoria, hem? Você é capaz de recitar os nomes científicos desses peixes todos, sabe tudo, não é?

— Alguns, mas isso não quer dizer nada, as pessoas se impressionam excessivamente com esse negócio de nomes científicos, isso realmente não quer dizer nada, qualquer um pode pegar um dicionário e sair decorando os nomes.

— Claro que quer dizer! Você podia estar rico, empregando esse seu conhecimento, podia até dirigir uma indústria de pesca, nunca pensou nisso, não?

— Não, engano seu, Deus me livre, meu negócio é outro.

— Isto é porque nunca ninguém provocou você, nunca lhe acenaram com uma boa oportunidade. Mas olhe, eu sempre gostei dessa coisa de indústria de pesca, sempre tive fascinação por isso, quem sabe a gente não podia projetar alguma coisa juntos? Melhor sócio do que você não poderia haver.

Não, não estou brincando, não, nós podíamos ser sócios! Já pensou? Uma tremenda sociedade, eu entro com o capital e você entra com o talento!

João Pedroso achou que tinha ficado vermelho e, evitando os olhos do

outro sem saber o que fazer, aproveitou a chegada do balei à rampa para fingir que queria falar alguma coisa com o prático Rubinho e ajudá-lo na atracação. Depois de amarrar a popa numa ponta de ferro, Rubinho avaliou o grupo e opinou que dava para levar todo mundo numa viagem só, apertando um bocadinho.

— Esta merda vai afundar, esta merda vai afundar! — gritou Tavinho, com sincero pavor, quando o batei, calando abaixo da linha d'água como um baleote pejado, começou a arfar na direção da lancha, o motorzinho de oito cavalos quase mergulhando no meio da própria esteira.

— Não se preocupe — disse João Pedroso. — Nesta distância, dá para nadar para a praia ou para a lancha até com um braço só, não seria um grande naufrágio.

— Isto é o que você pensa — respondeu Tavinho, apalpando o bolso da camisa onde estava o frasquinho da cocaína, enquanto o batei contornava a bóia cega à frente da lancha, para encostar no escadote.

Já no convés principal, Ângelo Marcos, sem abandonar o walkie-talkie e os binóculos, ajeitou o quepe e passou a dar instruções à tripulação, com voz e gestos marciais. Depois de assistir de cenho franzido ao guinchamento e fixação do batei, foi para o passadiço, onde ligou vários aparelhos e a checagem eletrônica dos instrumentos e sistemas de bordo, examinando mostradores digitais e painéis de luzinhas coloridas.

—OK, all systems operational, all set to weigh anchor and shove off— falou para si mesmo, com a expressão de quem está executando de forma profissional uma tarefa de rotina.

—Aye, aye, sir! — disse Tavinho, batendo continência e trauteando o hino da Marinha americana. — All hands on deck, skipper! Tennn-shun! Feeee-eeee-eeee! Captain to the bridge, captain to the bridgef Now hear this, now hear this, all men to their batlle stations! Dive, dive! Oiiiiin! Oiiiiin!

Embora não parecesse ter achado graça, Ângelo Marcos sorriu, bateu no ombro de Tavinho e logo reassumiu seus ares compenetrados, olhando para a frente como se estivesse observando algo muito importante no horizonte.

— Mar de almirante, céu de brigadeiro. Acho que eu vou pilotar hoje. Para onde é que a gente vai, João?

— Não sei direito, a marcação é dele, eu não conheço, só sei que é lá fora. Para onde é que a gente vai, Jereba?

— Bem, doutor, a maré aqui vai parar de vazar daqui a pouco, mas lá fora ainda vaza bastante e aí a correnteza atrapalha, mare grande, não tem chumbada que fique no fundo.

Não era melhor a gente primeiro dar uma passadinha num pesqueiro daqui de perto, até a maré virar inteira e a gente poder ir lá fora?

— Que é que você acha, Marquinhos?

— Tudo bem, comigo tudo bem. O que eu faço questão é de não deixar de ir nesse lugar, mas pode ser qualquer hora, dá para ficar uma semana sem sair da lancha, Cornélio entupiu a geladeira e a despensa. É só você dizer onde é, que eu chego lá.

— Jereba, que é que você me diz da poitada atrás da Coroa do Limo, aquela que Miroró marca com as biribas da Petrobrás e a torre da rádio?

— Lá é pedra, é bom, sempre deu uns vermelhinhos mais ou menos e Miroró encheu aquilo tudo de galho de árvore e pneu velho, está um bom pesqueiro. Mas eu não conheço bem a marca, só fui lá uma vez.

— Eu marco, vamos embora, Marquinhos, embique por aqui mesmo, como quem vai costear o Dourado. Aí bem em frente, não tem erro, quando chegar perto eu digo.

— Sul por Sudoeste — disse Ângelo Marcos, se preparando para dar partida nos motores. — Içar poita. Arejar motores. A postos para a partida. Atenção, proeiro, verificar se não há embarcação baixa em rota de colisão a

boreste, a visibilidade daqui não é completa. Rota Sul por Sudoeste, velocidade de cruzeiro.

—All present and accounted for, skipper!—disse Tavinho com outra continência, mas desta vez Ângelo Marcos não sorriu nem olhou para os lados e, ainda muito compenetrado, engrenou os motores e manobrou pelo canal com um golpe brusco de leme, que fez a lancha adernar e Tavinho derramar uísque e perguntar onde ficavam os coletes salva-vidas.

Poucos minutos depois, a lancha fundeada no pesqueiro, Ângelo Marcos comentou que queria sentar-se junto ao professor e se instalou na popa com João Pedroso e uma caixa de equipamentos feita de metal anodizado, que, aberta com suas dezenas de prateleiras e gavetinhas, lembrava uma vitrine de loja de material de pesca. João Pedroso escolheu as linhas e os anzóis, ajeitou as paradas e aconselhou a arriar a linha junto à borda, porque estavam bem na beirada do pesqueiro e o peixe não devia demorar.

— Não demorou mesmo! — gritou Ângelo Marcos, fazendo uma careta e segurando sua linha com as duas mãos. —Boa ferrada, boa ferrada!

Um vermelhinho de palmo e meio subiu na ponta da linha e Tavinho correu da proa para ver.

— Dançou feio, hem, malandro? — disse ele. — Olha só a cara do sacana, deve estar puto dentro das escamas. O que é isso branco, inchado dentro dele?

— Isso é o bucho, doutor — explicou Jereba, mostrando a mesma coisa no vermelho que tinha acabado de puxar. — Quando a gente puxa a linha depressa, o bucho incha.

— É a descompressão — disse João Pedroso. — Aqui é um pouco fundo e então, quando ele sobe rápido demais, não dá tempo para o sistema de flutuação e pressão dele funcionar direito.

— Coitado. Toma uma ferrada na boca e ainda é puxado na marra, explodindo por dentro. Você não tem pena do bicho, não? Eu como, mas acho sacanagem.

— A gente se acostuma — disse Ângelo Marcos. — Eu mesmo já escamei um merete vivo, ainda pulando, não senti pena nenhuma.

— É, fazem misérias com os peixes — disse João Pedroso. — Baiacu mesmo, os meninos coçam a barriga para que ela inche e depois pisam com o calcanhar, para ver o bicho estourar. Tenho um certo acanhamento, mas eu mesmo já fiz isso.

— É, é o costume.

— Eu também tenho a impressão de que há outro fator. Os peixes não são como os mamíferos, por exemplo. Os mamíferos cuidam da cria, têm famílias, alguns vivem em grupos, manifestam solidariedade social em muitos casos e assim por diante. Mas peixe, não. Praticamente não existe morte natural no mar, é um come-come desenfreado e os pais comem os filhos e vice-versa, todo mundo come todo mundo.

— Devia ser assim em terra também, devia ser assim, eu sou a favor de todo mundo comendo todo mundo!

— Espera aí, Tavinho, pare com a esculhambação, deixe eu ouvir a aula.

— Não, não tem aula, não é aula nenhuma, é apenas um raciocínio, uma conjectura. Não temos pena do peixe porque ele não tem pena de si mesmo. Já uma baleia acompanhada do filhote dá pena, embora, é claro, haja quem mate de qualquer forma.

— É uma idéia interessante, mas ainda sou pela tese do costume. Você mesmo acaba de dizer que as pessoas têm pena da baleia com filhote, mas matam do mesmo jeito.

— É, aqui mesmo, no Recôncavo, havia a prática de ferir o filhote para ele chorar e a baleia grande vir em socorro dele para ser morta.

— Pois é, alta escrotidão, mas havia quem fizesse. Da primeira vez, o sujeito talvez ficasse com pena, mas acabava acostumando, fazendo aquilo numa boa. Eu sei de um caso interessante, que ilustra isso. Quem me contou foi meu avô Zenão, que era fazendeiro no tempo dos coronéis e dos cangaceiros, ele mesmo tinha jagunços e era chamado de coronel por muita gente. Ele me contou que um dos piores pistoleiros que ele conheceu, talvez o mais frio e desapiedado, disposto a matar um homem desconhecido na frente dos filhos pequenos como quem mata um cachorro, era inicialmente um rapaz de excelente família, que chegou a ser seminarista, a chamada flor de pessoa, incapaz de pisar numa barata, quanto mais matar um homem. Respeitador, religioso, bom filho etc, etc.

Aí alguém levou um viveirinho cheio de pardais para a terra dele, achando que eles iam comer insetos e alegrar a cidadezinha, mas o que aconteceu foi que eles se deram bem demais e viraram uma praga. E então esse rapaz, enraivado porque os bichos comiam até as frutinhas verdes do pomar dele e expulsavam os outros passarinhos, resolveu matar pardais. No começo, tinha pena se o bichinho não morria no primeiro tiro e, quando viu o primeiro que derrubou, quase vomita. Mas depois foi pegando gosto e perdeu a pena. Aí descobriu que os sanhaços, passarinhos de que ele antes gostava muito, tinham destruído as flores de mamoeiro da plantação deles e começou a atirar em sanhaços também. E em bemte-vis, calangos, rolinhas, qualquer bicho pequeno com que se indispusesse ou que passasse na frente dele, numa hora em que estivesse com vontade de matar. Até o dia em que, sem nenhuma raiva, mas com uma espécie de curiosidade mórbida incontrolável, matou à queima-roupa o próprio papagaio falador de estimação. Meu avô me contava que ele falava manso e, quando lembrava essa parte, comentava que tinha pensado na sua liberdade. Ele disse que nessa hora pensou na própria liberdade. Quem man da em mim, sou eu ou o papagaio? E aí atirou no

papagaio. E dizia que, depois de ter matado o papagaio, sentiu que podia matar gente com a mesma facilidade e indiferença, e que aquilo podia ser uma boa e rendosa profissão, como de fato terminou sendo. Ele me dizia — me dizia não, claro, dizia a meu avô — ele dizia a meu avô que, depois de aceitar uma encomenda de morte, mudava inteiramente, não era mais a mesma pessoa, até se desincumbir da missão. Mudava, falava diferente, andava diferente, comia comida diferente da que estava acostumado, nem ouvia o mesmo tipo de música. E começou matando pardais. Pardais. É por isso que eu digo, é o costume, o sujeito se acostuma com tudo, ele começou matando pardais.

— Que história louca, que homem estranho.

— Estranhíssimo. Meu avô mesmo me disse que não queria nenhuma aproximação com ele. Não só porque era um assassino pago, mas também porque nesse ponto meu avô era igual a mim, não suportava veado.

— E o pistoleiro era veado?

— Era. O pior tipo. O que hoje se chama entendido, bichona enrustida, desses que andam com mulher e com homem, para mim é o tipo mais nojento que existe. Eu sou um homem de mente aberta, é difícil encontrar um cara mais liberal do que eu, mas esse negócio de veadagem eu não aceito, não aceito mesmo, é uma coisa instintiva, é um negócio que eu não consigo controlar, é raiva mesmo. Quando eu penso num cara dando o rabo ou, pior ainda, chupando outro — só cuspiendo, me dá náusea pensar—, quando eu penso nisso me dá uma espécie de revolta, eu tento até me dominar, mas não consigo. Todo veado é mau-caráter, além disso.

— Mas Cornélio não é seu empregado de confiança? E Cornélio está na cara, não engana ninguém.

— E também é péssimo caráter, não pense que eu me iludo com ele. Mas ele precisa de mim, nunca pegou tanta moleza na vida, de maneira que não me dá problema. E Aninha adora ele, ele quebra todos os galhos dela, ela

não precisa pensar em nada dentro de casa. Então ele fica por aí, mas não lenho a mínima confiança nele, acima de tudo ele é veado, pode crer que isso é uma determinante.

E continuou a falar da mesma forma durante o resto da pescaria de vermelhos, até que Jereba achou que a maré tinha virado lá fora e era tempo de zarpar. Ângelo Marcos não quis pilotar desta vez e deixou um pouco a companhia de João Pedroso, para resolver a discussão que irrompera entre Tavinho e Nando, porque Nando não se interessava no experimento de Tavinho, que queria enfiar uma colherinha de cocaína na boca de um baiacu vivo, cortar-lhe a ponta do rabo, para ele perder o leme, e depois soltá-lo, muito doidão.

— Não vêm ao caso as circunstâncias... — estava dizendo Padre Monteirinho, quando uma das portas da frente se abriu com um puxão violento e uma mulher negra e robusta, de cabelos desgrenhados, pés descalços, saia rodada cobrindo-lhe os tornozelos e muitas jóias douradas penduradas no pescoço e nos pulsos, entrou e colou os punhos fechados nos quadris, diante de Bará, que franziu a boca com raiva, vibrando a mão que descansava sobre o cabo da bengala.

— Por favor — falou ele, como quem contém a impaciência com dificuldade. — Desculpe, mas a senhora está sendo importuna. Estou tendo uma conversa de teor muito particular e sua presença não pode ser admitida.

— O senhor tem que acreditar nele—disse ela ao padre, com um sotaque espanholado. — É necessário que o senhor acredite nele, é a puríssima verdade.

— Quem é essa senhora?

— Mil perdões. Reverendo, garanto ao senhor que nada tenho a ver com essa visita tão impertinente quão inesperada.

Por favor, Calim Carmen, queira retirar-se, não temos nada a falar agora.

— Eu vim para convencê-lo — disse ela. — Vim para ajudar a convencê-lo.

— Você não ajuda em nada, pelo contrário. Por favor, retire-se, por favor!

— Quem é essa senhora?

— É... Bem, chama-se Carmen. Também aprecia ser chamada Puridai, que, segundo ela, é um título honorífico, ou algo do mesmo jaez. Mas, Reverendo, creia-me, isto é um completo imprevisto, estou nimamente desolado com esta interrupção inaceitável, rogo-lhe que aceite meus protestos de que estou tão agastado quanto o senhor.

—O que é que a senhora deseja? Por que a senhora tem tanto interesse em que eu acredite no que o Sr. Sebastião vai me contar, que não faço idéia do que seja? O que a senhora tem com isso?

— Reverendo, eu lhe asseguro que nada do que ela possa dizer adiantará alguma coisa, pelo contrário. Por favor, Calim Carmen, por favor!

— Sim, está bé, eu saio, mas, se ele não acreditar, eu quebro a Virgem de Triana com martelo e jogo fora.

— Sim, sim, faça como quiser, mas agora chega, você já causou suficiente perturbação. Saia, saia imediatamente, vá embora para seus aposentos, vá recolherse.

— Sim, está bé, eu vou.

— Reverendo, queira mais uma vez receber minhas desculpas mais extremadas, por esse deplorabilíssimo episódio, ela não retornará, empenho nisto minha solene palavra.

— Sr. Sebastião, creio que fui bastante claro, quando disse que não participaria de absolutamente nenhuma de suas práticas, ou sessões, ou despachos, ou o que lá seja. Que significa isso, o que é que está se passando? E

que história é essa de quebrar essa Virgem a martelo e depois jogá-la fora, que ato de sacrilégio o senhor praticamente acabou de autorizar? Isto é costume aqui, é uma de suas práticas?

— Por favor, Reverendo, tenha calma, por favor. Como lhe disse, eu seria incapaz de desrespeitá-lo, nada mais longe de meu escopo. Tratou-se de um incidente fortuito e lamentável, não foi planejado por mim, não sou homem de descumprir minha palavra, acredite-me quando lhe digo que foi tudo obra do acaso, ela nos invadiu, não foi absolutamente chamada, mil vezes perdão, com toda a candura.

— Muito bem, mas eu quero algumas explicações, acho que tenho direito. Acho, não; tenho direito, sim.

— Eu preferia não ter que dá-las. Todavia, reconheço esse direito.

— O senhor preferia não dar explicações? Preferia esconder alguma coisa de mim? Há alguma coisa de grave a esconder? Isto está ficando cada vez mais nebuloso, cada vez mais suspeito. Se o senhor não me prestar todos os esclarecimentos, eu me retiro imediatamente.

— Não é bem que eu tenha algo a esconder, não tenho nada a esconder, como o senhor verá. Mas é que temo pelo resultado da nossa conversa, depois dessas explicações.

— O senhor há de convir que não tenho nada com isso, não provoquei esta situação. Não posso absolutamente dispensar esses esclarecimentos.

— Está muito bem. Que esclarecimentos o Reverendo deseja? Pode dirigir-me todas as perguntas que desejar formular, e eu responderei na exata medida da minha informação sobre o assunto, sem nada ocultar ou escamotear.

— Primeiramente, esse mistério sobre a Virgem. A que Virgem ela se referiu mesmo?

— A uma imagem da Virgem de Triana, uma tradição religiosa de

Sevilha, se não estou equivocado.

— E por que ela falou em quebrar a martelo e jogar fora? É algum ritual satânico?

— É um costume cigano, segundo me consta. Os ciganos surram as imagens, castigam-nas de diversas maneiras e as atiram fora, quando insatisfeitos com o desempenho que lhes atribuem. Mas não tenho nada a ver com essa prática, apenas está fora do meu alcance algo fazer para impedi-la.

— Que costume bárbaro, que ato mais inconcebível, o senhor devia procurar dissuadir essa mulher.

— Posso tentar. Mas julgo que seriam baldados meus esforços, pois os ciganos são ferrenhamente apegados a seus costumes, que preservaram mesmo através da secular perseguição que hão sofrido.

— Mas o senhor não vai me fazer crer que aquela senhora é mesmo cigana. Ela pode se vestir de cigana e afetar um sotaque, mas não creio que haja ciganos negros, nunca ouvi falar.

— Tampouco eu, mas é o que ela diz.

— E ela mora aqui? O senhor mandou que ela se recolhesse a seus aposentos. Também não me consta que os ciganos vivam dessa forma, pelo menos por aqui.

— Bem, Reverendo, novamente cumpro promessa feita ao senhor, nesta instância aquela segundo a qual nada lhe ocultaria ou escamotearia. Como disse antes, preferia não dar esta explicação, mas dá-la-ei.

— Por favor.

— Ela reside aqui porque, em seu estado, digamos, normal, é esposa do caseiro e executa tarefas domésticas, não só para sua própria família, como para mim. Ela...

— Em seu estado normal? O senhor está me dizendo que ela estava, como se diz, recebendo, é assim que se diz?

— É, diz-se assim e de outras formas, eu próprio não tenho grande familiaridade com esse vocabulário.

— E o senhor quer me fazer acreditar que isso é verdade? — Absolutamente. Ignoro se é verdade e não pretendo, conseqüentemente, convencê-lo de nada. Como lhe afirmei antes e agora reafirmo, não alimento a mais tênue intenção de persuadi-lo do que quer que seja, por qualquer que seja o meio, direto ou indireto. Desejo persuadi-lo apenas de um ato, um fato concreto, ocorrido concretamente, da mesma forma que inequivocamente ocorreu essa incômoda visita, quem quer que julgemos que ela seja. Tal como a visita, testemunhada pelo Reverendo, foi um evento concreto e também testemunhado, um fato que ocorreu e ocorre deveras.

— O senhor diz que não sabe se é verdade, mas a trata como cigana. Como o senhor a chamou?

— Calim Carmen. De fato é o nome cigano dela, segundo ela. E também esse epíteto cujo significado desconheço, Paridai. Mas não me resta outro recurso. Se, nesse estado, eu a tratar pelo seu, digamos, verdadeiro nome de Bernadete, ela protesta e não me atende, nem sequer responde ao que lhe digo, faz ouvidos inteiramente moucos. Como lhe disse, ignoro se é verdade, mas ajo de uma forma prática.

— Isto quer dizer que, ao tratá-la como cigana, o senhor, no mínimo, está participando de uma farsa, é cúmplice de uma farsa.

— Suponha, prezado Reverendo, que a senhora em questão seja louca, ou atravesse períodos de insanidade mental, hipótese que, de maneira alguma, estou em condições de avaliar, já porque careço de formação especializada, já porque me têm ensinado a vida e a vivência que a loucura é o mais relativo dos nossos estados. De qualquer sorte, é-se cúmplice da loucura, quando se trata um louco do jeito que ele com preende e aceita? Pergunta imensamente rica, esta, o Reverendo há de aquiescer. Minha resposta a ela, por várias e diversas

razões, seria um não. Discrepo, data venia, da posição do Reverendo, se bem a compreenda. Trato as pessoas como elas querem ser tratadas, é prático, é sensato e é civil.

— Bem, de qualquer forma isso não vem ao caso, embora eu confesse que tenho minhas dúvidas a respeito da sinceridade do senhor, porque vejo contradições no que diz. Qual o interesse dela nessa história? Lembro perfeitamente que o senhor disse que nunca confiou esse assunto a ninguém. Pelo visto, o senhor me faltou à verdade, quando me disse isso.

— Não, Reverendo, não faltei. Nutro a ansiosa esperança de que o senhor mais tarde venha a perceber que a mendacidade não se arrola entre meus incontáveis defeitos. Eis que, na realidade, foi ela quem confiou o assunto a mim em primeiro lugar, não eu a ela.

— Ela confiou ao senhor? O senhor quer dizer então que me chamou para passar uma revelação, uma pseudo-revelação, aliás, dessa... dessa embusteira, dessa... O senhor pensa que eu sou o quê?

— Não, Reverendo, por favor volte a sentar-se, pelo menos tenha a boa vontade de escutar-me. Até agora o senhor não me escutou. Se reconheço o direito do Reverendo a explicações por de mim desconfiar, reconhecer-me-á o direito a ser ouvido, ainda mais que não busco impor nada.

— Mas é que... Tudo isto é muito, muito estranho, não posso evitar a suspeita.

— Peço sua boa vontade, Reverendo, peço apenas sua boa vontade, apenas sua boa vontade, não é muito pedir-se isto de um padre. Eu não o convidei para ouvir uma revelação dela. Repito ao senhor o que disse anteriormente e repetirei quantas vezes forem necessárias, em nome da verdade, da franqueza e, mais uma vez, da boa vontade. Repito ao senhor que o convidei para escutar a narração de um fato, um fato grave do qual sou testemunha e o qual relatarei ao Reverendo, se me for permitido, da exata

forma como o testemunhei.

Nada peço ao Reverendo, senão a boa vontade de escutar-me. Pense o Reverendo, se assim lhe parecer o alvitre acertado, que sou feiticeiro, pense como lhe dita a percepção, nada quanto a isso me é dado reparar. Mas pense, por favor, em nome da boa vontade, que também sou homem e há de haver um ouvido de outro homem para o que tenho a falar. Espero, pelo Bem e pela Verdade, convencer o Reverendo de que o que falarei de nada depende de ser eu feiticeiro ou santinho à força. Nada sei sobre essas coisas e não é sobre elas que desejo falar. Peço sua boa vontade.

— O senhor é um homem estranho—e Padre Monteirinho entrelaçou os dedos, sem saber o que decidir.

— Sim, receio que sim, e nada é maior do que minha ignorância, cada vez mais amplificada—disse o outro com um sorriso entristecido e, novamente fechando os olhos, agradeceu ao padre por escutá-lo e lhe pediu permissão para contar tudo de uma vez, sem deixar qualquer dúvida. Se ainda houvesse perguntas a fazer depois, que fossem feitas, responderia a todas as que pudesse responder. O Reverendo estava no direito de saber tudo, melhor mesmo que soubesse tudo, embora sob o risco de não compreender — mas o que é nesta vida que realmente se compreende? Não fizera parte de seu plano original falar da cigana porque, se fosse simplesmente pela história dela, jamais chamaria o padre. Teria ouvido o que ela contou e teria guardado tudo para si, como guardara tantas outras coisas, tantas que já esquecera a maior parte. Ela aparecera de repente, procurara-o sem ele saber porquê, como, aliás, sempre acontecia. Dizia que tinha uma missão, porque, durante a vida, apesar desse título de Puridai, de que tanto parecia orgulhar-se, não havia cometido um certo ato que intitulava "rocanebaro", ou algo assim — ele tentara saber como se escrevia, mas ela, por ser analfabeta, não lhe pudera dizer —, ato este fundamental para ciganas como ela, por alguma razão que ele desconhecia.

Assim, resolvera voltar daquela forma, para cumprir o que julgava ser sua missão, certamente expiar o sentimento de culpa que tinha por causa do tal rocanearo e por causa, talvez, de um certo espírito aventureiro que era parte mais que íntima de sua essência. Assim lhe contara ela, assim o Reverendo ouvia.

— Como já expliquei, não costumo discutir essas ocorrências, tive que afazer-me a elas, a aceitá-las como carga inelutável de minha vida — disse, abrindo os olhos e fitando o padre intensamente. E, continuando a falar com o mesmo olhar fixo e inquietante, contou que era vivida sua lembrança da ocasião em que ela lhe aparecera repentinamente à noite, mais ou menos como hoje, só que muito nervosa, tendo dificuldade em falar e respirar. Procurara ajudá-la com um calmante, mas ela o recusou e somente repetia frases aflitas em sua língua, entremeadas por "tenho muito medo, tenho muito medo, tenho um grandíssimo medo", cobrindo os olhos com as palmas das mãos e pisoteando o chão. Finalmente, depois de chorar e dizer dezenas de vezes que sentia o maior medo que jamais pensara poder alguém sentir, medo superior ao que infundiam todos os dragões e monstros do Universo, contou o que tanto a terrificava.

— Ela relatou que estava bastante longe daqui, na contracosta, quando sentiu sede ao pé de quatro casinhas isoladas, à beira de um apicum — disse ele, curvando-se para a frente com a mão fortemente apertada em torno do cabo da bengala, mantendo o mesmo olhar desconcertante e se detendo numa pausa breve, a única que pontuou sua fala toda a noite. Logo voltou a monologar com a mesma fluência ininterrupta e disse que, ao chegar a uma dessas casas para pedir um copo d'água, a cigana encontrou três seres nunca vistos, três seres como crianças, mas que não eram gente, ela tinha certeza. Perguntou à dona da casa a respeito deles e a dona da casa respondeu que um deles era seu filho e outros dois, um casal, eram filhos de duas vizinhas. A

cigana fez que não entendeu e indagou se eram mesmo filhos das barrigas delas, e a mulher respondeu que sim e, com o rosto cansado, antecipou-se ao que já sabia que seria perguntado e disse que de fato eram crianças diferentes, eram seus filhos mas eram um pouco diferentes, tão diferentes que as mães costumavam escondê-los, todos ali se escondiam por mil razões. A cigana então quis conversar com as crianças e se aproximou delas, que estavam nuas e agarradas tão juntas que lembravam um cacho de bananas, e foi aí que lhe veio aquele terror inexplicável, um estremeção medonho, os cabelos em pé, a pele crispada, o coração disparado, o ar entalado nos bofes, porque, quando seus olhos bateram nos olhos delas, viu que não eram gente, que eram fruto de alguma coisa diabólica, que eram gente e não eram, eram como se fossem meias-almas e talvez não existisse alma neles, e os olhos, os olhos, os olhos!

— Ela contou que não correu espavorida porque ficou com os pés presos ao solo e suas pernas, subitamente trôpegas, não lhe obedeciam — disse ele, passando a olhar para um ponto no chão à sua frente, enquanto Padre Monteirinho cruzava e descruzava os tornozelos. Finalmente, prosseguiu ele, ela desvencilhou-se daquela paralisia terrível e conseguiu voltar. E agora sabia, sabia, e lhe dizia e lhe garantia que tinha visto qualquer coisa de muito mau. Mas ele, como de hábito, ouvira sem duvidar nem acreditar, apenas ouvira. Até que ela, volta e meia aparecendo, sempre nervosa e ofegante, o convenceu a acompanhá-lo ao lugar onde vira as criaturas, não obstante o medo colossal que isto lhe dava, a ponto de ter rezado em todas as suas línguas, do começo ao fim da caminhada. E, chegando lá, ele viu que ela não mentira, nem exagerara. Era isso que ele queria dizer ao padre, era somente isto: ele tinha visto as criaturas e elas eram assim como a cigana as descrevera, elas existiam realmente, e havia nelas algo de muito mau e amedrontador, talvez não dentro delas, mas em torno delas. Não era possível descrever os olhos delas.

— Eu também me aterrorizei, me senti do mesmo jeito que ela e não pude suportar encarar os olhos daqueles seres, porque estava com muito medo e todas as emoções ao mesmo tempo, não posso, não posso descrever — disse ele, a voz um pouco mais aguda. Não os tinha visto por muito tempo, porque estava lá outra mulher, além da que havia falado antes com a cigana. Essa mulher, também mãe de uma das criaturas, não quis conversar com eles, repreendeu a primeira e negou a existência dos filhos. Mas, como os casebres não tinham portas, ele aproveitou a discussão para entrar num deles, justamente onde se encontravam as criaturas, duas agachadas a um canto e a terceira sentada no chão, parecendo estar brincando com o pedaço de madeira que tinha na mão estranha mente ossuda. Apesar do pavor que o invadiu e do coração aos saltos, conseguiu ainda dar dois passos em direção à criatura mais próxima e, enfrentando a custo o desconforto insuportável que lhe dava o olhar dela, tentar falar-lhe. Mas não chegou nem mesmo a abrir a boca, porque, aquele olhar já se tornando impossível de agüentar, a criatura lhe mostrou os dentes e, numa voz roufenha, muito mais grossa do que seria de esperar para seu tamanho, disse algo que ele não entendeu, mas que lhe congelou o sangue de medo e fez com que desse meia-volta tão depressa quanto pôde — e não foi necessário que a segunda mulher, com quem topou logo à saída, repetisse os gritos com que os expulsava, porque ele queria muito ir embora e voltou para casa tão rápido quanto o jegue que montava podia andar, achando o ar em torno carregado de malevolência. Não era que as criaturas fossem propriamente monstruosas, mas não eram gente, não eram. Animais? Não, esta não era a palavra certa e a mulher tinha dito que haviam sido paridos por elas, eram seus filhos de sangue.

— Na minha opinião, Reverendo, não são criaturas de Deus. Sei quão insólita, ousada e aparentemente pretensiosa é esta assertiva, ainda mais emanada de uma pessoa como eu, que não se julga capaz o suficiente para

emitir juízos desse tipo. Mas, se são gente, são gente de um tipo diverso. Se são bichos, são bichos de um tipo diverso. E, se o senhor as visse, talvez não sentisse o mesmo terror que sentimos, mas, se as levassem para que o senhor as batizasse, creio que o senhor não as batizaria.

— Mas o que o senhor está querendo dizer? Elas seriam de outro planeta, ou qualquer coisa assim? O senhor vê discos voadores?

— Não, Reverendo, eu acredito no que a mulher disse.

São filhos delas, de seus ventres. E elas se portavam como mães, pareciam mães, não sei explicar-lhe porquê, mas eram mães.

— O senhor tem de admitir que esta história é muitíssimo estranha. Vou ser sincero com o senhor, estou tendo dificuldade em acreditar. Onde é que estão essas criaturas, pode-se ir lá vê-las?

— Não, não se pode, e isto é terrível. Calim Carmen me disse que todos haviam abandonado suas choças e desaparecido, naquela região de mangues e população esparsa. E, efetivamente, fui verificar a informação em pessoa e é verdade, não há sinal deles, exceto os casebres desertos.

— O senhor vai concordar comigo, assim se torna ainda mais difícil acreditar nessa história.

— Eu sei, e isto também é terrível. Mas, pense, Reverendo, por que iria eu inventar esta história? Por que o chamaria para contá-la, a não ser porque sei que o senhor sempre protegeu o nosso povo pobre e talvez possa fazer alguma coisa para conter o fenômeno terrificante que eu tenho certeza de que está acontecendo? Senão porque temo que alguém, ou algo desconhecido, esteja operando essa coisa assustadora entre esse povo? E note que a segunda mulher parecia nervosa, talvez com medo de ser descoberta, com medo de alguém ou alguma coisa, agia como se perseguida. Tanto assim que todas as três desapareceram de lá.

— Talvez porque nunca tenham estado lá. Não faço idéia sobre suas

razões, Sr. Sebastião, que bem podem ser aproximar-se de mim, aproveitar-se, legitimar-se, conseguir publicidade etc. etc. Não quero fazer julgamentos sobre o senhor, mas, para acreditar nessa história fantasiosa, eu necessitaria de provas e, mais ainda, provas ao estilo de São Tome, ver para crer. E, de acordo com o que o senhor mesmo diz, isto é impossível.

— Se eu conseguir mais elementos, posso remetê-los ao senhor? Creiame, Reverendo, estou seguro de que há uma ameaça nisso, uma ameaça à Humanidade, estou seguro, há algo de terrível nos olhos daquelas criaturas, isto é obra do Mal.

— Sim, sim, compreendo. Bem, aja como desejar, contanto que não me faça perder tempo, como, aliás, o senhor me desculpe, parece ter sido o caso hoje, lamentavelmente. Se eu soubesse que viria aqui para ouvir essa... — desculpe, mas devo ser franco — essa xaropada toda, nunca teria me abalado de minhas ocupações.

— Sim, eu sei que deveria oferecer provas. Mas, se ficasse sempre esperando pelas provas, sem nada fazer, sem tomar atitude alguma...

— Está bem, Sr. Sebastião, o que não tem remédio, remediado está. Eu já estou de saída, mas lhe digo o que o senhor pode fazer. O senhor me procura, quando achar as tais crianças de olhar perturbador. O senhor manda que elas me procurem para que eu as batize e aí eu resolvo se o senhor tem razão. De resto, não creio que tenhamos mais nada a conversar.

— Eu cumpri meu dever. Espero que o Reverendo tenha oportunidade de cumprir o seu — disse Bará em voz baixa, levantando-se com dificuldade para ir atrás do padre, que não chegou a ouvi-lo porque já tinha saído, se afastando na companhia de Mãozinha Três e se irritando quando este falou que graças a Deus a coruja não estava mais piando.

No centro de um monturo demarcado pelas bostas dos jegues que ali

havia estado mascando caixas de papelão, um pardal enfiou o pescoço numa casca de ovo meio cheia de farofa mofada e tomou a aparência de um cilindrozinho acinzentado, martelando à frente como um pistão. Ângelo Marcos dobrou a esquina carregando sua aracanguira de doze quilos pelo rabo e, ao ver o pardal bicando o ovo entre dezenas de outros, iguais a moscas no lixo, tentou olharem outra direção, mas não conseguiu e deixou cair o peixe, para curvar-se e vomitar um jato copioso, seguido de espasmos que o fizeram cambalear, com a cabeça praticamente entre as pernas.

—Tremendo bocejo colorido—disse Tavinho, enquanto Nando e João Pedroso pegavam o peixe e ele próprio ajudava Ângelo Marcos. — Melhorou aí? Geralmente, depois de vomitar, melhora. E você estava tão bem lá no bar, rapaz.

— Já passou, já passou, eu não devia ter tomado essa cerveja—disse Ângelo Marcos, embora soubesse que mentia. — É mesmo, eu estava tão bem, hoje o dia foi tão bom, mas daqui a pouco vai estar tudo bem de novo, já botei a cerveja para fora.

Tinha sido um dia bom, sim, com a lancha chispando por cima de um mar que parecia a superfície de uma grande gema preciosa, um ventinho fresco soprando de todos os cantos, nada, nada de ruim podendo acontecer, eles chegando para uma pescaria gloriosa, a mais bela pescaria que alguém poderia desejar. Orientada pelos cochichos de Jereba ao pé do ouvido de Rufino, a lancha amainou ao largo da Ilha dos Frades e lançou poita à popa, aluando morosamente com a correnteza do fim da vazante, até parar de todo e aninhar seu bojo branco na água, como uma gorda ave aquática em repouso. Marcação precisa, náilon 90, chumbada de 200 gramas, anzol 6, anzol 5, paradas de aço, muita linha para trabalhar o peixe, iscas de saúna e lula, silêncio tenso como o de pára-quedistas logo antes do salto, Tavinho compenetrado e examinando gravemente seus anzóis, Nando suando sob o olhar cético de Jereba, sem

conseguir encastoar uma isca artificial americana em sua parada, e João Pedroso tirando rolos de linha de dentro de um cofo velho. Durante bastante tempo, ninguém falou nada e Ângelo Marcos já estava tendo fantasias poéticas, mirando o azul da água com a linha entre as pernas, quando Jereba fez "hum-hum" e, com a cara pagueada e as duas mãos na linha, começou a puxar e embarcou dois peixes de formas elegantes e adornos amarelados, de uns dois quilos cada. Guaricemazinha bonitinha, disse Jereba, desterrando os peixes e jogando-os na caixa térmica, onde Ângelo Marcos foi admirá-los com inveja, enquanto ainda se batiam.

Pouco tempo depois, embora não dissesse nada, tinha ficado triste, bem mais triste do que esperaria só por esse motivo, porque todos estavam pegando peixes, menos ele, que já mudara de lugar quatro ou cinco vezes e até trocara de linha com João Pedroso, sem que sentisse mais que uma beliscada leve, de tempos em tempos. Até a isca americana de Nando, uma espécie de bisnaga de todas as cores, guarnecida por uma profusão feérica de anzóis e lançada com molinete, foi abocanhada à flor d'água por uma sororoca de bom tamanho, que só pôde ser embarcada com o auxílio de uma fisga, depois de trabalhada com a ajuda de João Pedroso.

— É só Dr. Ângelo que vai sair de sapateiro hoje? — perguntou Jereba, depois que Tavinho puxou várias guaricemas e um badejinho, em grande algazarra e idas e vindas ao banheiro, de onde sempre saía fungando.

— Pescador aqui sou eu — disse Tavinho, sacudindo o badejo, ainda pendurado na linha, à frente da Ângelo Marcos.

— Só o rabo desse marvado é maior do que aquele vermelhinho de trinta grammas que você pegou no século passado. Cadê o peixe, Angelocildes?

— Vá à merda, Tavinho — ia dizendo Ângelo Marcos, mas o carretel de sua linha taramelou no piso do passadiço e ele mal teve tempo de segurá-lo, antes que um puxão violento o levasse embora. — Opa! Venha cá, filho da

puta!

— Dê linha, dê linha, dê um pouco de linha e depois entese e vá puxando, não deixe ele mandar na linha!

— Desgraçado, eu não vou agüentar, ele vai cortar minha mão toda com essa linha.

— Me dê aqui, eu levo ele, dê mais linha e me dê aqui. Se for badejo, ele briga até você conseguir puxar ele mais para cima, depois estufa logo o papo e se rende. Me dê aqui, ele está correndo dentro, isso é goiva ou caranha.

— Aracanguira, doutor. Essa manobra de lado é dela.

Evém ela!

— Dê aqui, dê aqui, não deixe ela chegar com linha e pegar impulso para fora. E ela é capaz de vir de lá e passar por baixo da lancha e aí complica.

— Não, não, deixe comigo, essa filha da puta é minha, esse peixe é meu, ela vem, ela vem, eu tranco essa filha da puta!

— Pode güentar, que a linha é boa, entronque essa desgraçada que ela morre, entronque ela na munheca!

— Ela vem, ela vem, ela vem!

Lindíssima luta de mais de dez minutos, lindíssima aracanguira de mais de dez quilos, luzindo bela e metálica, junto à borda da lancha. Ângelo Marcos, com os dedos manchados de sangue e ofegando, tomou um susto que quase lhe pára o coração, quando, já sendo embarcado, o peixe rabeou na linha a pareceu que ia cair de volta no mar. Mas não caiu e foi jogado para resplandecer em cima dos outros peixes na caixa térmica à beira da qual, ainda respirando como se tivesse falta de ar, Ângelo Marcos se postou vários minutos, batendo de vez em quando nos flancos do bicho. Só quando notou que o peixe estava com o lombo manchado de sangue foi que se lembrou dos dedos cortados pelo náilon e abriu o armário de primeiros socorros, de onde tirou um vidrinho de antisséptico e uma caixa de bandagens, com os quais

tratou os cortes. Quando João Pedroso, examinando suas mãos de longe, perguntou se ainda ia dar para pescar, ele respondeu com um sorriso, disse que pescar é preciso, viver não é preciso e cortou uma lula grande em dois pedaços, para iscar de novo os anzóis. E teve de enrolar a mão direita numa flanela, quando outra aracanguira se ferrou e disparou para o lado, sem que ele conseguisse segurá-la. Mas terminou por trazê-la também — mais um lindo peixe, um pouquinho maior que o primeiro e bem maior que o terceiro, o quarto, o quinto e o sexto, com o qual ele, numa euforia entontecida e rindo muito quando Jereba o chamou de rei da aracanguira, deu por encerrada a pescaria e, sem sair de junto da caixa térmica, ordenou a volta da lancha à ilha, onde chegaram às onze horas.

Quase duzentos quilos de peixe, pesados na balança grande de João Pedroso e divididos entre o próprio João, Jereba e a tripulação, porque nenhum dos outros quis ficar com nada, exceto Ângelo Marcos, que fez questão de levar para casa a aracanguira de doze quilos. Mas se recusou a deixá-la no congelador da peixaria, enquanto iam para o Largo da Quitanda comemorar, e resolveu carregá-la consigo apesar do peso, afetando grande naturalidade e até displicência, quando os passantes se detinham para admirar o peixe e lhe davam parabéns pela pescaria. Não se lembrava de quando se sentira tão feliz assim, abençoado por Deus mesmo, Deus gostava dele, tinha uma estrela que brilhava em tudo o que fazia, a vida é bela. Nem pensou duas vezes para, enquanto Tavinho e João Pedroso tomavam uísque de uma garrafa trazida da lancha, pedir um copo e beber da cerveja de Nando. Depositou o peixe junto aos pés de sua cadeira e, sem deixar de alisá-lo de quando em quando, fez vários discursos sobre a amizade, a fraternidade, a camaradagem, o companheirismo, a vida saudável em contacto com a Natureza e o novo amigo de infância que tinha tido a sorte de achar na ilha, nosso grande João Pedroso, que um dia destes seria seu sócio, quem vivesse, veria. Finalmente, depois de

mais de uma hora na praça, decidiu que mandaria fazer uma peixada monumental daquela aracanguira em sua casa, para onde iriam imediatamente. Quando João Pedroso relutou, ele disse que se ofenderia gravemente com a recusa, ficava mesmo ofendido, sério mesmo, assim como Ana Clara quando soubesse, pois também gostava muito dele. Ela gosta muito de você, repetiu com a mão no ombro do outro, que sorriu sem graça, desviou os olhos e tomou um grande gole de uísque puro.

Se não fosse pelo vômito na rua e principalmente pelas lembranças que aquele pardal desencadeara de repente, a peixada teria sido até muito divertida. Nando era a chamada cachaça festeira, Tavinho estava engraçadíssimo, contando sua vida sexual e suas mil broxadas, João Pedroso, meio chumbado, ria de tudo o que ouvia e iniciava falas que nunca terminavam, e Cornélio, com toda a corda, desmunhecava para cima e para baixo, enquanto superintendia a limpeza e o corte do peixe, feitos por Edsonil.

— Ovada, ovada, ela está ovada! — cantarolou ele, quando Edsonil extraiu da barriga do peixe uma massa amarelada. — Que beleza de ova, Dr. Ângelo Marcos adora ova, vou perguntar como ele quer! Não toque nessa ova, criatura, e tome conta para os gatos não comerem. Se os gatos comerem, eu mato você esfolado, ainda mais que eu nunca gostei de negro mesmo, negro só serve para uma coisa, e nem para isso você serve.

Mas Ângelo Marcos não quis saber nada sobre a ova, disse que ainda estava enjoado e se afundou numa melancolia prostrada, ao ponto de até os criados terem notado que Ana Clara havia ficado bastante nervosa, certamente preocupada com o estado dele. A peixada, grandes postas claras arrumadas junto a uma cordilheira de verduras, arroz branco e pirão, o deixou indiferente, embora, com esforço, tenha comido um pedacinho do peixe. Ainda quis interessar-se pela conversa, riu das piadas de Nando e Bebel e conseguiu permanecer à mesa, diante de um prato quase intacto, enquanto os outros

comiam. Mas não resistiu à lassidão entorpecida e triste que cada vez mais o impregnava e, pedindo desculpas, explicou que se sentia levemente indisposto e aceitava a sugestão de Ana Clara, agora menos nervosa, para que fosse repousar um pouco, mas não se preocupassem, não se preocupassem mesmo, ficassem à vontade, mais tarde ele desceria para juntar-se à festa.

Subiu para a suíte grande em passadas lentas, pensando nas suas mentiras. Tinha mentido, sim, tinha mentido muito, quando contara a João Pedroso a história dos pardais. Claro que não devia era ter contado coisa nenhuma, não tinha nada que abrir a boca e falar demais, mas foi um impulso que não pôde amordaçar, pois, apesar de saber que não adiantava, queria muito que a mentira fosse verdade. Mas não é, não é, não é, pensou, quase tendo novo engulho, mas também sentindo uma excitação incontrolável, que o levou a enfiar a mão por baixo da bermuda e massagear-se convulsivamente. Logo pareceu arrepender-se, libertou a mão e arriou-se na grande poltrona da suíte, os olhos fechados e aquela lembrança de fogo lhe cindindo o juízo. Por que, por que lembrar, se não queria lembrar, se detestava lembrar, se se sentia horrorosamente ao lembrar? Mas lembrava, e de novo lhe vinha tal excitação que tremia e apertava as mãos nas coxas com força. Lembrava todas as vezes em que tinham estado juntos, lembrava com volúpia como o beijara na boca desde o primeiro encontro, com uma naturalidade tão inesperada quanto deliciosa, e como se beijariam depois, se beijariam muito. Lembrava todos os encontros, todas as vezes em que, mal contendo a ânsia e o abrasamento, iam se agarrando e se arrancando as roupas com sofreguidão assim que se viam a sós, e lembrava, lembrava, lembrava como achava lindo que ele, parecendo buscar algo vital sem o qual morreria, lhe baixasse com impaciência a cueca e, mesmo antes que os pés se desvencilhassem dela, já viesse trêmulo fuçar seu púbis e o chupasse ronronando baixo com os olhos fechados, uma mão aconchegando carinhosamente seu saco e a outra alisando seu traseiro, as

pontas dos dedos escorregando pelos cabelinhos do rego e tocando de leve sua mais funda intimidade.

Não, não, não, pensou com revolta e quis levantar-se e expulsar de vez aqueles sentimentos, mas não se levantou nem tirou a mão da braguilha soerguida e, o fôlego mais apressado do que antes, mordeu os lábios ao reviver a tarde que tiveram só para eles num quarto de hotel, onde tomaram banho juntos e depois se chuparam infinitamente, até que, com aquele jeito inesquecível, ele ficou de quatro e pediu para ser penetrado. Recordou em pormenores insuportáveis como gozou tão intensamente naquele dia, enfiado nele até mais não poder e mordendo-lhe o pescoço e pedindo-lhe que virasse o rosto para ser beijado e deitando em cima dele sem sair de dentro dele e masturbando-o em tanta sincronia que gozaram juntos aos gritos e gemidos, sem quererem desgrudar um do outro. E como gozou também tão esquisitamente, tão avassaladoramente, quando deitou de costas para ele, com um travesseiro embaixo da barriga para melhor se oferecer, umedeceu-lhe a glândula com uma chupada prolongada e molhada, e aguardou, em prazer e expectativa cada vez mais arfantes, que ele terminasse de beijá-lo, lambê-lo e enfiar-lhe a língua, para depois pincelá-lo com aquela, grande, macia e delicada cabeça, até assestar-se no ponto certo, hesitar adoravelmente e, devagar mas decidido e sequioso, o adentrar e encher e dar a ele um prazer inexprimível em fazer força para trás, se abrindo com as mãos, até sentir contra as nádegas os pêlos e os ovos dele — e então, também ajudado por ele, gozar daquela forma nunca antes provada, aquele gozo visceral, longo, desfalecedor. Orgulhava-se disso na cama, por assim serem amantes completos, em vez de, como antes lhe parecia que ia acontecer, ele nunca ser possuído—e nem sequer doera como havia temido.

Não, não, não, nada disso, e ele conseguiu levantar-se finalmente, resolvido a se ocupar de qualquer outra coisa e talvez tivesse ido matar pardais,

se não fossem as visitas lá embaixo. Sim, mas por que tudo isso, de qualquer forma? Afinal, quem era Boaventura? Hoje, apenas um matador profissional, um pistoleiro morando em Goiás, nada mais do que uma lembrança remota, um acontecimento do passado de que ninguém mais sabia, não havia motivo para esta obsessão, esta sensação de culpa, este festival de sentimentos antagônicos. Mas então por que, depois que nunca mais se tinham visto fazia tantos anos, a coisa se repetira, ao se reencontrarem pela primeira vez? Cambaleando, embora não estivesse tonto, voltou a derrear-se na poltrona, a mesma excitação lhe retornando, desta vez ainda mais forte do que antes. Não, não, era apenas um matador profissional, nada de importante.

Tinham voltado a ver-se de surpresa, quando, depois de uma briga interminável com invasores de terra e posseiros em suas propriedades de Una, chegara à conclusão, aconselhando-se com seu tio Thales, de que a solução seria contratar um pistoleiro para eliminar Zenóbio Parente, advogado e líder dos posseiros, homem cuja arrogância, desfaçatez e ousadia obrigavam, por mais que não se quisesse, a esse recurso. Os antigos tinham razão, certas coisas só podem ser resolvidas na bala mesmo, eliminando um safado aqui, outro ali. E a culpa, afinal, era toda dele, pois recusara até uma generosíssima oferta financeira para que tosse embora da região. Então era ele ou as terras. Tio Thales fez o contacto e marcaram encontro na roça de Arataca, onde Ângelo Marcos esperava tratar com um homem chamado José Honório e não acreditou em seus olhos, quando viu que esse José Honório era Boaventura.

Hesitou em admitir que já o conhecia, mas ele mesmo tomou a iniciativa de contar a tio Thales que eram conterrâneos, que tinham sido amigos muito tempo, e depois seus caminhos se separaram. Sim, o nome dele não era José Honório, claro, não podia esconder nada de seu amigo Marquito, que bom revê-lo. Tinha tido muitos outros nomes no exercício de sua profissão — profissão, não, quase um hobby agora. Só fazia um serviço especial ou outro

de vez em quando, porque dedicava praticamente todo o seu tempo à fazenda que tinha comprado perto de Anápolis. Ia mandar alguém em seu lugar, mas, quando soube de quem se tratava, fizera questão de vir em pessoa. E, depois de acertar casualmente o assassinato de Zenóbio Parente, que de fato ocorreria, sem problemas, uma semana depois, convidou-se para pernoitar na fazenda, apesar de tio Thales ter de voltar para Una antes do anoitecer.

Desde o começo da noite, beberam juntos, perguntaram-se muito sobre como ia a vida, conversaram sobre seus casamentos, riram de situações em que ambos haviam estado. Comecei matando pardais, comentou Boaventura, quando Ângelo Marcos lhe perguntou como foi que ele virará pistoleiro. E falou sobre os pardais, os sanhaços, os outros passarinhos, o papagaio e os primeiros homens que matou. Ângelo Marcos olhou-o com atenção, como se não o conhecesse bem. E, pensando melhor, não o conhecia—era um assassino à sua frente, o primeiro assassino com quem conversava, era na verdade um estranho, ou tinha se transformado num estranho.

Mas não, não era um estranho, porque, depois de se despedirem para dormir, sem terem feito ou mencionado qualquer coisa íntima, Ângelo Marcos deitou-se mas ficou aceso e inquieto como se tivesse tomado anfetamina, rolou de um lado para o outro, crispou-se todo, não agüentou e bateu na porta do quarto de Boaventura, que a abriu nu em pêlo, abraçou-o e, sem se soltarem do abraço, caíram juntos na cama. Não, não, não queria lembrar-se, mas lembrou incendiado como não dormiram a noite toda, como não conseguiam apagar a feita que tinham sentido um do outro, tão abafada e tão maior do que pensavam. Desceu a mão para a braguilha, abriu o zíper. Não, só o zíper não, tiraria a bermuda e a cueca. Tirou a camisa também e se masturbou imaginando uma tesão indestrutível, em que gozariam por todos os buracos e pontos do corpo um do outro, mas não conseguiu retardar o orgasmo como queria e esguichou com tanta força que algumas gotas quase lhe chegam ao

queixo.

Abriu os olhos, sentiu com as mãos o visco do esperma sobre o peito e se tomou de enorme desgosto, um enorme nojo, uma enorme vergonha, que o fizeram correr até o banheiro e tomar uma ducha de uns quinze minutos ininterruptos, durante os quais pensou de novo se um dia poderia ter coragem de matá-lo, porque era isso que lhe vinha à mente, quando sentia que jamais resistiria a seu poder.

CAPÍTULO 6

João Pedroso podia até estar bêbedo, pois já tinha passado da quinta dose reforçada de uísque, mas não se sentia nem um pouco bêbedo, quando, sentado num bar cujo único outro freqüentador era um cachorro enrodilhado junto à porta, viu Monteirinho passar, levantou-se e foi até ele.

— Bater papo no bar pode, não pode? Já puxei conversa com aquele cachorro, mas ele não responde e Zoinho do Balcão tem um vocabulário menor que o de qualquer cachorro.

Monteirinho sorriu e estendeu a mão. Em todo o largo, mal iluminado por um conjunto de lâmpadas na maior parte apagadas, não se via ninguém, a não ser um grupo de rapazes sem camisa jogando dominó no banco de madeira do sobradão, observado por dois velhos de chapéu. Parecia que ia chover, pelas nuvens que começavam a se empilhar pesadamente por cima das torres da igreja de São Lourenço e pela gelatina morna em que aos poucos se transformava o ar. Numa gaiola pendurada junto às infusões de aguardente, um cancã como que acordou de repente com os olhos irrequietos e começou a pular de um lado para o outro.

— O único movimento aqui é o desse passarinho hipercinético — disse João Pedroso. — Eu aprecio, mas às vezes fica monótono. Eu preferia o tempo em que Waldemar tinha um posto aí no cais e a gente ia assistir à bomba de gasolina funcionando.

— É verdade, eu também estou sentindo falta de uma boa conversa.

Como vai você?

— Sente aí, sente aí. Prometo assuntos estritamente públicos.

Monteirinho fingiu que não entendeu e sentou-se, ainda sorridente. Comentou que a cidade estava um verdadeiro deserto, até mais que o habitual para a época do ano, e pediu um caie no copo.

— Você já comeu gato? — perguntou João Pedroso.

— Gato? Como assim, peixe-gato?

— Não, gato, gato mesmo, miau-miau, *Felis cattus*, variedade doméstica.

— Não, Deus me livre, só se foi enganado. Mas por que, você já comeu?

— Já. Almocei um hoje e não posso dizer que estava ruim.

— Você almoçou um gato?

— Almocei. Dois gatos, para ser mais exato. Churrasqueados, com molho de pimenta, tomate e cebola, arroz, feijão e farofa d'água, na companhia de Mãozinha Quatro, só eu e ele, porque a mulher dele não come gato. Há muito tempo que ele insiste que eu vá comer um gato com ele e hoje eu resolvi ir. Quando um gato entra na casa dele, pode ir preparando o último miado, porque ele não perdoa, pega pelo rabo e arrebenta a cabeça no muro do quintal.

— Que coisa horrorosa.

— É, mas eu já vi você comprando costela de porco e você sabe como é que matam os porcos por aqui. O gato tem destino menos ruim, é mais ou menos como uma guilhotina, não dá nem tempo dele saber o que está se passando. Mas eu não participei dessa cerimônia. Quando eu cheguei, os gatos já estavam na vinhad'alho, dormiram no tempero.

— É muita disposição, eu não teria coragem.

— É, eu sei que você é meio enjoado para comer. Já eu não, eu topo qualquer parada. Já comi cobra, sapo, cagado...

— É, como dizia meu avô, eu não sou esses homens todos, você deve ser uma espécie de recordista.

— Não, que nada, eu li num livro aí tipo almanaque que um tal Dr. Buckland, que morava perto do Zoológico de Londres, no século passado, se gabava de ter comido amostras de praticamente todo o reino animal. Quando morria um bicho no Zoológico, ele ia lá e pegava um pedacinho para comer. E

dizem que certa feita um leopardo morreu e foi enterrado enquanto ele estava viajando e, quando ele voltou, foi lá, desenterrou o bicho e tirou um bife para experimentar, Não sei se gente ele comeu, mas ele contava que uma das piores coisas que comeu na vida foi toupeira, embora mosca varejeira fosse pior. Era um homem excepcional, claro. Eu não ia de leopardo faisandé, nem aceitaria um tiragosto de varejeira.

— Bem, um gafanhoto São João Batista comia. Dizem que é parecido com camarão de água doce.

— Pois é, se come de tudo neste mundo. Você não imagina o que o povo aqui é capaz de comer. Sarigüê é iguaria, diante dos outros troços que eles cozinham para comer. Se você conhecesse essas brenhas por aí como eu, os hábitos e as práticas desse pessoal...

— É verdade, todo dia a gente descobre uma coisa nova por aqui. Você falou aí em Mãozinha Quatro e na quarta-feira da outra semana eu tive uma experiência interessante, embora não propriamente agradável, na companhia de um irmão mais velho dele, Florisvaldo, Mãozinha Três. Você já ouviu falarem Bará, esse curandeiro da Misericórdia?

— Claro, todo mundo já ouviu falar nele, o povo chama ele de santinho e diz que ele faz milagres.

— É, eu sei, mas naturalmente é tudo embuste. Agora, isso não impede que ele seja um homem interessante, uma figura muito curiosa.

— Ele esteve com você?

— Não, na verdade quem esteve com ele fui eu. Ele me mandou uma carta, pedindo que eu fosse lá vê-lo, a respeito de um gravíssimo assunto, que ele não dizia qual era. Eu não quero ter nada a ver com esse camarada, pelo contrário, ele é uma péssima influência na minha paróquia, mas a carta me deixou curioso e eu acompanhei Florisvaldo até lá, de noite. Homem estranhíssimo. Você precisa ver como ele fala, parece que é uma gravação, ele

não tropeça, não hesita, vai falando como se tivesse tudo decorado na cabeça, e tudo numa linguagem empolada, cheia de "assaz", "sobremaneira", não sei o quê.

— E o que é que ele queria?

— É uma história comprida, com uma tal de cigana no meio, depois eu lhe conto sobre essa cigana. Ele, aliás, queria falar com você, disse que mandou recado e você não atendeu.

— É, mandou, mas eu não tive saco para ir e até achei que era para me pedir para se aproximar de você, ou qualquer coisa assim. E deve ter sido mesmo, porque agora ele procurou diretamente você.

— É, é possível, porque a história dele não convence.

— Qual é a história dele?

— Bem, ele diz que, levado pela tal cigana — que para começar é uma mulher negra que não tem nada de cigana, mas diz que uma cigana baixa nela, veja você —, levado por ela, ele foi a uns tais casebres à beira de um apicum e lá encontraram algumas mulheres e seus filhos. Só que os filhos, segundo ele, não eram gente, mas também não eram propriamente bichos.

E tinham uma fala estranha e, principalmente, um olhar que aterrorizou tanto ele quanto a cigana.

— Que história louca! Não terá sido algum macaco que ele viu, não?

— Não, ele disse que as mulheres garantiram que eram filhos das barrigas delas.

— E ele descreveu bem a aparência deles?

— Não, só falou no olhar e nas mãos ossudas de um deles.

— E onde estão eles? Ele mostrou eles a você?

— Aí é que está. Com essas coisas, é sempre assim, é como disco voador e ser extraterreno. As fotografias que aparecem são sempre uns borrões indistinguíveis, que só os fiéis, porque esse negócio de disco voador é

uma espécie de religião, é que reconhecem discos neles. Ele disse que, apesar do medo, voltou lá, mas não encontrou mais ninguém, tanto as mulheres como as criaturas sumiram. — E por que será que ele também queria falar comigo?

— Sei lá, certamente por aquilo mesmo de que você suspeitou, para aproximar-se, fazer gênero, adquirir respeitabilidade, sei lá. Ele imaginou que, sendo você biólogo, ia se interessar por essas coisas que ele inventou. Eu não acredito absolutamente nele. Nem nele, nem na cigana, nem em nada daquele negócio. O que era que ele imaginava que eu achasse se? Só se eu achasse que eram filhos das mulheres com algum visitante interplanetário, porque eu não sou analfabeto para acreditar que essas mulheres pudessem, por exemplo, ter tido relações com algum animal e produzido filhos. Relações com animais, essa coisa para mim inconcebível e hedionda, eu não sou tão inocente para achar que não existem, mas filhos claro que não, senão esta ilha já estava cheia de centauros e, vamos dizer, jegauros.

— Há alguns anos, você estaria completamente certo, mas agora não está mais. Desde mais ou menos o século dezessete, considera-se que dois indivíduos são da mesma espécie quando seu acasalamento produz descendência fértil, ou seja, capaz, por seu turno, de também gerar descendência.

Agora não, agora a tendência crescente é isso ser reformulado, e eu lamento decepcionar você, mas, de certa forma, já se pode dizer que serão criados meios para se produzir esse centauro.

— O filho de um homem com uma égua? Que maluquice é essa, João?

— Bem, não o filho de um homem com uma égua, no sentido estrito, mas um ser transgênico, que incorporasse genes de um homem num cavalo. Isto, embora ainda com muitas limitações, já é perfeitamente possível e tem uma porção de caras no mundo fazendo alguma coisa nessa linha.

— Você quer dizer juntar espermatozóides de homem com óvulos de

égua?

— Não, isso não dá pé, pelo menos ainda, mas eu não duvido de nada, tem muita grana nesse negócio e muita cuca superior querendo tirar o Prêmio Nobel. Por enquanto, esse tipo de fertilização só é possível em casos muito restritos, com espécies muito próximas, como jumento e cavalo, homem e chimpanzé. E na verdade, meu caro amigo, este último caso já é uma realidade, ao menos até certo ponto.

— O quê? Existem híbridos de gente com macaco?

— Pelo menos embriões já foram conseguidos, *in vitro*.

Mas, pelo que eu sei, foram destruídos. E também não sei se seriam viáveis, se a gestação seria levada a termo, se sobreviveriam após o parto, e assim por diante.

— Mas isso é uma barbaridade, uma coisa monstruosa.

— Meu nobre Padre Olavo Bento Monteiro, vosmecê está desatualizado. Se segure aí, para eu lhe contar. Não faz uma semana, eu li uma comunicação sobre uns malucos da Pensilvânia e de Maryland, que já conseguiram porcos com o gene humano para a produção de hormônio de crescimento, ou seja, na verdade uma espécie de cruzamento de gente com porco, não deixa de ser. Os porcos não cresceram como eles esperavam e muitos nasceram com problemas, inclusive da libido. Mas eles continuam, eles são danados, eles vão acabar conseguindo alguma coisa. Você não pode negar que é mais um elo muito forte entre a Humanidade e a porcalidade, além dos que já existem por usarmos os aminoácidos essenciais da carne do porco e muitas outras coisas dele.

— Eu não posso acreditar nisso, não pode ser verdade.

— Mas acredite, porque é verdade mesmo. E não é tão complicado como pode parecer. Antigamente, eles precisavam de equipamentos mais incrementados. Para centrifugar ovos, por exemplo, porque o citoplasma dos

ovos de muitos mamíferos é praticamente opaco e não deixa o sujeito ver os pronúcleos, mas agora já existem técnicas e material de microscopia que permitem a localização perfeita dos pronúcleos. II o seguinte: pouco depois que o óvulo se torna ovo, ou seja, depois de fertilizado, os cromossomos, que antes estavam, digamos, empacotados, se dispersam e passam a existir em pequenos corpos, que se chamam pronúcleos. Aí o sujeito pega duas pipetas, uma grandinha para segurar o ovo por sucção e outra, muito delicada, para injetar seqüências de ADN, quer dizer, genes, num pronúcleo. Requer mãos de relojoeiro, mas se faz com relativa facilidade. E também é possível, se não se tratar de um gene grande demais para isso, usar um retrovírus parcialmente incapacitado, ou seja, cuja capacidade de replicação tenha sido inibida, para transportar esse gene para uma célula qualquer, como um ferryboat ou um saveiro. É mais complicado, porque o retrovírus não pode penetrar na zona pellucida, o envoltório do embrião. Mas dá-se um jeito, remove-se parcialmente esse envoltório. Tudo isso, mais outras técnicas, combinadas com os progressos nas técnicas embriológicas, torna perfeitamente possível, viável e, em certos casos, desejável que se façam coisas desse tipo.

— Desejável? Como isso pode ser desejável?

— Se se fixar, por exemplo, o que se poderia chamar de gene nitrogênico nos vegetais, o problema da fome estará resolvido, pelo menos tecnicamente. Já há experiências, por exemplo, para produzir carneiros transgênicos, com mais lã. E, por falar em carneiro, não é só porco que estão cruzando com gente, não. Pelo menos na Escócia eu sei com certeza que já fabricaram uma ovelha com gene humano, para produzir fatores de coagulação do sangue nas tetas. Olhe bem, nas tetas e não no fígado, que é o órgão onde esses fatores são produzidos normalmente, isto porque eles direcionaram o gene para as células das tetas, a fim de poder usar o leite para a extração dos fatores. Aí não se vai mais usar sangue humano para obter esses fatores. Uma

boa para os hemofílicos, que não vão pagar tão caro pelos seus remédios e vão correr menos risco de pegar Aids. A produção de um porrilhão de substâncias orgânicas, hoje muito caras, poderia ser grandemente facilitada, ou completamente resolvida, com a criação desses animais trans-gênicos. É um pouquinho complicado, mas eu manjo mais ou menos, se você quiser eu explico. As possibilidades futuras são tão mirabolantes, que às vezes eu fico completamente confuso.

— Não, você já explicou o suficiente, não quero saber desse negócio, isso me arrepiava.

— Como seria o nome do híbrido de chimpanzé com homem?

Chimpomem ou homanzé, que é que você acha?

Não, ia ser em inglês, claro, manchimp, manape, um negócio desses. Que é que você acha?

— Não acho nada, acho uma coisa terrível, isso não pode acontecer, tem de haver um limite para essas coisas. Para que alguém ia querer fazer um híbrido de chimpanzé com homem?

— Ah, é um nunca acabar de utilidades, até mesmo tiro ao alvo, nunca se sabe o que um rico pode querer fazer. Podiam servir de bancos de órgãos para transplantes. Ou de cobaias. Ou podiam servir para fazer serviços pesados ou desagradáveis, podiam servir de tropas de choque para ditaduras, guias de cego e atendentes para incapacitados, fonte de proteína animal, sei lá. Só sei que os embriões teriam de ser implantados em fêmeas de chimpanzés e não em fêmeas humanas, porque, além de ser difícil encontrar uma mulher disposta a parir um macacaquito, ou semimacaquito, há ainda o problema de que, se o bicho nascesse do ventre de uma cidadã, teria direito a registro civil e, aí, como é que ia ser?

— Horrível, horrível! Será que a Humanidade vai chegar a esse ponto? Que coisa horrorosa! E o interessante é que ele disse que, se eu visse essas

crianças, eu me recusaria a batizá-las. Rapaz, você já parou para analisar a monstruosidade de tudo isso?

— Mais ou menos, também tenho um certo grilo, não gosto de pensar. Mas não precisa ficar preocupado, duvido muito que o seu feiticeiro tenha visto algum animal assim, é tudo chute mesmo, isso tudo que eu estou falando ainda está muito no começo, a maior parte dos problemas ainda não está resolvida, também não é assim. Ainda vai demorar para se poder produzir um animal desses e, mesmo que já se tivesse conseguido, não seria aqui na ilha.

— É, você tem razão, mas eu sei lá, fico pensando naquele sujeito estranho, cercado pelos seus cachorros sinistros, sacrificando carneiros...

— Carneiros? Ele sacrifica carneiros?

— Ele diz que pensa que está dormindo, quando manda sacrificar carneiros. Certamente é para dar a entender que fica em transe. Mas o fato é que manda fazer os sacrifícios e então as pessoas matam carneiros e fazem outras coisas que eu não quero nem saber.

— Interessante, isto que você está me dizendo, interessante. Cachorros e carneiros, interessante.

— O que é que cachorros e carneiros têm de interessante? Você vai me contar outra história, agora sobre um mestiço de bode com pastor alemão?

— Não, não é nada disso, é por causa de uma conversa que eu tive com Lúcio Nemésio, faz algum tempo. São muitos cachorros?

— Pelo que ele falou, sim, mas eu mesmo só vi um.

— Que é que ele faz com os carneiros sacrificados" — Não tenho a mínima idéia. Nem quero ter, aliás, não quero mais saber de nenhum contato, direto ou indireto, com esse homem.

Pedi mais uma pingadinha no seu copo de café, disse que aquele era o último gole porque precisava ir embora, mas não se levantou e recordou que Bará e a cigana haviam falado qualquer coisa sobre se os tais seres tinham

alma. Meiasalmas, ela dissera, lembrava-se muito bem. Teriam? Se, algum dia, um desses híbridos de homem fosse criado, com o dom da fala e alguma inteligência, teria alma, meu Deus? Tremeu a cabeça, disse que sentia medo, que talvez estivesse com a mesma apreensão assustada descrita algum tempo atrás por João Pedroso, a sensação de que havia algo de mau em torno, não sabia o quê. Os dois se calaram, o padre terminou o café e se despediu. Ia acordar ainda mais cedo do que de hábito, porque tinha combinado sair para pescar com Eduardinho. Havia muito tempo que não pescava, Padre Coriolano ia rezar a missa em seu lugar. Levantouse, fez um cumprimento final pegando na pala do boné e tomou a rua Direita para ir para casa.

João Pedroso agora sentia que a bebida lhe chegava à cabeça, mas resolveu que, mesmo assim, tomaria mais uma dose dupla, pelo menos mais uma, antes que Zoinho ficasse com sono e resolvesse fechar. Chato, esse negócio de uma amizade assim pela metade, nunca mais a mesma coisa. Estava enciumado com a pescaria no barco de Eduardinho, antigamente o teriam chamado, mas certamente Monteirinho não o queria mais como companheiro de pescaria. No que tem toda a razão, pensou, bebendo de um só gole os dois dedos de uísque que restavam no copo e estendendo-o para que Zoinho o enchesse outra vez.

Duas horas mais tarde, cambaleou para fora do bar e quase caiu, ao descer o meio-fio para atravessar o Largo da Quitanda, leve vontade de que houvesse alguém na rua, qualquer pessoa com quem pudesse conversar. Não, não, melhor que não houvesse ninguém, como não havia. Estivera a ponto de contar a Zoinho tudo sobre Ana Clara e chegara a abrir a boca para começar. Diabo, não poder contar a ninguém, era como se aquilo tudo existisse só parcialmente. Monteirinho tinha mesmo razão em evitá-lo, estava comprovado novamente. Se tivesse ficado no bar, acabaria ouvindo tudo. Ou teria ido embora, tapando os ouvidos. Tropeçou de novo, de novo quase caiu, entre

passos atabalhoados. Desistiu de evitar as poças que a chuva tinha deixado e caminhou sobre elas, molhando os sapatos e as bainhas da calça. Cachaça feia. E se ela o visse assim? Ela já o vira meio tomado, mas nunca bêbedo assim, bebedão mesmo, quase sem controle motor e sabendo que, se falasse, a fala sairia engrolada e contendo uma enxurrada insopitável de besteiras grandiloqüentes e derramadas, que ele freqüentemente queria conter e não conseguia. Que é que ela tinha achado nele? Tédio, tédio de grã-fina, não era, não? Tédio, ninguém na ilha e ela querendo se divertir um pouco. Podia não parecer, mas devia ser a verdade, tinha que ser a verdade. Bem, pelo menos não vinha broxando como esperava, milagre de uns uisquezinhos antes, com certeza. Mas acabaria broxando, não acabaria? Sempre assim, sempre uma perspectiva de derrota. Se bem que apenas perspectiva, porque, por enquanto, ele parecia vitorioso. Ela disse que ele a enlouquecia na cama e, de fato, parecia enlouquecida mesmo, ambos ficavam enlouquecidos. Aonde ia dar tudo isso? Ia durar até ela se faltar dele, claro, como fatalmente aconteceria. Trepavam, trepavam, quase não falavam, não conversavam. Claro, claro, claro, ela devia estar acostumada a esse tipo de coisa, estava se distraindo, depois ia encher o saco e deixá-lo de lado.

Parou na esquina da Glória, encostou-se na parede de um sobradinho e respirou fundo. Muitas vezes, ali mesmo, bêbedo ou não, fora obrigado quase a rezar para acreditar que a vida tinha algum sentido e não alimentar a fantasia, vaga mas real, de se matar. E agora a vida tinha sentido? Podia entregar-se a essa paixão, que o dominava inteiramente, mas ele tinha vergonha e medo de confessar, paixão fadada a feri-lo, talvez de maneira humilhante, talvez acabando de destruí-lo? Como também já acontecera muitas vezes, viu diante de si uma réplica de si mesmo, olhando-o com severidade e algum desprezo e lhe fazendo um sermão. Sim, era isso mesmo, tudo estava a seu alcance, era só reagir contra esse verdadeiro masoquismo, fazer alguma coisa de construtivo.

Não tinha que ser um merda a vida toda, era uma questão de escolha, não tinha que ser um merda. Claro, claro, tudo estava em suas mãos, por que ver o mundo através de um permanente prisma de derrota e abatimento? É isso mesmo, pensou, empinando o peito o mais que pôde e levantando a cabeça. Naturalmente que sabia, mas gostava desse jogo de fingir que não sabia, que no dia seguinte tudo voltaria ao mesmo, ou até se esqueceria do que agora lhe parecia tão definido em sua mente. Sim, vida nova amanhã, novos rumos, disse várias vezes, fechando os punhos e retomando a caminhada para casa.

Toda molhada, só de pensar. Notara porque estava sem calcinha e, ao rodopiar pelo simples prazer de girar a saia rodada, viu uma manchinha nela. Tocou-se, estava alagada. Bem, não tinha por que surpreender-se, já que ficara mesmo numa excitação inenarrável, sentada com as coxas apertadas e à beira de gozar pensando nele. Ah, não queria mudar o vestido, tinha que ser este vestido e sem calcinha, para que ela desfrutasse daquela linda cara que ele certamente faria, uma espécie de susto maravilhado, uma espécie de careta divina, quando lhe enfiasse a mão por baixo da saia e ela se revelasse antes do momento esperado, pronta para ele, pronta! Ou então por que não o aguardava logo nua? Nua, lençol por cima. Nua, em pé junto à porta. Ou enrolada numa toalha. Nua, por que não?

Aaai! Não, que bobagem, o vestido tem mais graça, já basta o detalhe da falta da calcinha, que dá o toque de sensualidade adequado, sem exagero.

Que horas serão? Três e vinte ainda? Três e vinte? Por que não marcara para três e meia, mas que burrice! Ângelo Marcos tinha ido para Salvador na tarde precedente e não voltaria antes de pelo menos mais dois dias, Bebel finalmente conseguira fazer outra curta temporada na ilha e já estava dando cobertura integral com a competência de sempre, tudo tranqüilo — e por que essa idéia cretina de marcar para as quatro e meia? Quatro e meia, quatro e

meia, sempre esse horário, parece superstição. Ou coisa do tempo da vovó, trepar pouco depois do almoço dá congestão e a pessoa morre, ou então fica toda tortinha. Besteira. Ainda mais que não havia almoçado nada, parecia que o estômago tinha trancado, virado uma ameixa seca. Bebel tomou um martíni antes, ela resolveu que faria a mesma coisa. Desceu bem, tanto assim que pediu outro rapidamente e ficou com os olhos umedecidos e brilhantes. Mas comida, nem pensar. Sentou-se sem fome nenhuma, mexendo no prato com a ponta do garfo, diante de Bebel, que comia avidamente um arroz de aussá com feijão-fradinho no dendê, feito especialmente para ela por Cornélio. Que impaciência, meu Deus do céu! Os ponteiros não andam e Bebel chega quase a irritar, fazendo hmm-hmm, fechando os olhos e se servindo outra vez. Meu Deus, que vontade de sair correndo, de agitar os braços, fazer alguma coisa, bater em alguma coisa!

— Você não sabe o que está perdendo — dissera Bebel.

— Este arroz está absolutamente deslumbrante, uma obra-prima.

— Eu sei. Mas não consigo pôr nada na boca, mastigar nada, engolir muito menos.

— Que coisa! Tudo isso é nervoso? Tenha calma, menina, tudo vai dar certo! Vá, coma alguma coisa, com boa alimentação tudo é melhor. E esta comida é afrodisíaca, todo mundo fala.

— Não é bem nervoso, é uma espécie de impaciência, ansiedade, fica parecendo que o tempo não passa nunca. Por que eu marquei para as quatro e meia?

— Quatro e meia é uma hora perfeitamente decente.

Três e meia parece uma coisa meio assim de estudante, coisa de adolescente amador. Quatro e meia, cinco, é o tradicional, assim a tarde terminando, a brisa amena, a luz mais suave...

— Eu podia ter marcado para as três e meia, podia perfeitamente, não

tinha problema nenhum.

— Mas que sangria desatada, que coisa horrível. Até parece que é a primeira vez em que vocês se encontram.

— É como se tosse, é como se fosse, eu fico num estado...

Você está vendo, não preciso explicar. Eu podia ter marcado para as três e meia! Resultado, ainda não deu uma hora e eu vou ter de enfrentar uma agonia de três horas e meia de espera! Eu não acerto a fazer nada enquanto espero, sabe o que é nada? Não consigo prestar atenção em nada, fico só na ansiedade.

— Aninha, você já parou para pensar nesse caso com alguma calma? Quer dizer, você já avaliou como ele está evoluindo? Eu, particularmente, não querendo vender nenhum grilo a você, mas falando como amiga e como colaboradora nessa transa toda, estou achando que a coisa está ficando perigosa. Outro dia, quando eu perguntei, você veio com uma conversa mole, toda psicanalítica, e acabou não respondendo nada. Mas agora eu vou perguntar de novo e você vai me dar uma resposta direta, pão-pão, queijo-queijo. Você não acha que esse caso está ficando sério demais? Nunca vi você assim.

— Bem, a tesão...

— Esse papo de tesão não cola mais, isso colava no comecinho, mas agora não. Tesão é claro que existe, mas existe muito mais do que isso, tesão sozinha não se segura dessa forma, não vai subindo dessa forma, tem de ter algo mais.

— Bem, claro, eu estou apaixonadinha por ele, sem um molhozinho de paixão não tem graça nenhuma.

— Apaixonadinha, uma conversa, apaixonadona. Reconheça, mulher, você está arriada, babando, de quatro, reconheça!

— Não, também não é assim. Eu gosto e tenho tesão e tal e coisa, mas

não é assim, também não é assim.

— Me responda uma coisa, o que é paixão? Grau mais elevado do que o que você já atingiu, só se você desse uns cinco tiros em Marquinhos e fugisse com João para Casablanca. Que é que você quer mais, para caracterizar seu estado? Aí inteiramente transtornada, completamente fora de si, parecendo que vai ter um ataque. Se isso não for paixão desenfreada, então não sei mais o que é paixão. E seu papo? Procure notar, é só João, você só fala nele! Tudo bem, mas é preciso ver as coisas com clareza. Eu acho, sinceramente, que você está tentando não encarar o problema, mas o melhor é encarar, antes que pinte uma complicação da pesada.

— Você acha mesmo, Bebel? E eu estou dando essa bandeira toda, você acha?

— Acho, acho. Pelo menos para mim, está.

— Você sabe que eu e ele praticamente não conversamos, quando estamos juntos? A gente se agarra e praticamente não fala. Eu nunca disse a ele que estava apaixonada por ele, nem ele a mim, nunca falamos isso. É interessante, não é? Nunca, nem "meu amor" a gente falou. É por isso que eu acho que não é paixão, é uma espécie de tesão exacerbada, é...

— Não falou porque não quer reconhecer para você mesma, claro. Mas agora isso já está mais para varrer lixo para baixo do tapete do que qualquer outra coisa. Não adianta.

Reconheça que está apaixonada e tome suas precauções. O que me preocupa é isso, é você entrar nesse desbunde total, se deixar levar assim de roldão e, de repente, acontecer alguma coisa que vá prejudicar você, talvez para sempre.

Tem que ver, tem que ver. Já pensou se você fica de um jeito que não dê para segurar a barra com Marquinhos?

— É verdade, você tem razão, já está ficando um pouco assim. Tem dias

em que eu não consigo nem olhar para a cara dele. E quando ele me procura, com aquele ar meloso que deu para assumir depois da doença? Cheguei a inventar uma crise de aftas, para evitar beijos e qualquer coisa de boca, não consigo nem pensar em bolar a boca ali nele, morro de nojo. Eu fecho os olhos e penso em João, mas não adianta, é um nojo.

Outro dia, eu não ia falando o nome de João? Cheguei a fazer jjjj, mas me segurei a tempo.

— Que horror! Regra capital, minha filha, nunca se diz o nome de ninguém na cama. Qualquer vocativo, menos o nome. Depois de uma certa altura da vida, as trocas são inevitáveis. Mas por aí você vê que eu tenho mesmo razão, você precisa se orientar, sei lá, avaliar isso tudo com cuidado.

É, sim, é verdade, Bebel estava coberta de razão. Mas ela respondera que outra hora pensaria no assunto, agora não podia, não podia! E, logo depois que Bebel acabou de almoçar e, dando uma risadinha meio obscena, disse que estaria desde já na salinha da varanda, até a hora de descer para trazer João Pedroso ao andar de cima, ela correu para o quarto. Podia tomar um banho longo e calmo, até de espuma, mas mal conseguia ficar parada embaixo do chuveiro. Sim, lavar os cabelos, claro, lavar os cabelos com seiscentos xampus e duzentos cremes rinses, massagear as raízes, tratamento completo. Depois secador, para se gastar algum tempo.

Não, não se gasta lá muito tempo e, ainda antes das quatro, ela já tinha lavado a manchinha e passado a ferro o vestido com o ferrozinho de viagem, mas ainda não o tinha posto. Nua e suavemente cheirosa, alisou-se com os olhos fechados e entrou na mesma excitação que sentira antes, uma fibrilação profunda lhe subindo das virilhas e das faces internas das coxas apertadas, um afogamento que lhe esquentava todo o rosto, o fôlego quase arfante. Puxando para o lado o vestido, que estendera sobre a cama, deitou de pernas abertas e começou a masturbar-se com ambas as mãos, uma apertando o púbis

e a outra esfregando o médio e o indicador em movimentos rápidos e curtos. Virando a cabeça para um lado e para o outro cada vez mais depressa, gemendo alto e abrindo a boca como se toda a musculatura da face houvesse endurecido naquela posição, gozou uma vez e logo duas e três, terminando por rolar na cama com um soluço gutural, até parar de lado, os joelhos dobrados, as mãos ainda entre as coxas juntas.

Mas não relaxou e continuava praticamente na mesma condição, embora já vestida e arrumada, quando abriu a porta para João Pedroso e fez força para recebê-lo parada, apenas com um sorriso, até que ele, logo depois de fechar a porta, caminhou para ela com uma ereção que já se via claramente por baixo da calça e a beijou e abraçou, puxando-a para si pelo traseiro, com as duas mãos. Como era possível que se dessem tão bem, desde a primeira vez e cada vez melhor? Ela sempre pensava nisso, quando recordava os beijos como o que agora trocavam, o bigode com um cheiro secreto que só se revelava nessa hora, os lábios que ela lambia e chupava como se dependesse deles para viver. Esfregou-se nele, e ele, se abaixando um pouco, suspendeu-lhe a saia e fez realmente a cara que ela esperava, quando viu à sua frente os pêlos crespos e brilhantes do púbis dela. Um ofego rápido, os olhos se arregalando levemente, a boca se abrindo com um jeito de desejo inimitável. Alisando e apertando o traseiro dela, deu-lhe um beijo longo entre as coxas, enquanto ela abria as pernas e puxava sua cabeça. Mas ele afastou-se para olhar para ela, segurando a saia como quem arma a tenda de um pequeno circo.

— Não sei para o que olho, não sei para o que olho! — disse com a voz transformada, fazendo-a girar algumas vezes e logo abraçando-a pelas pernas com tanta força que caíram ambos em cima do sofá da ante-sala da suíte, ele estendendo os braços para evitar uma queda completa, ela meio sentada, com a saia à altura dos quadris. Enquanto ele desatava o cinturão, ela decidiu ir-lhe abrindo a braguilha e, com sofreguidão, começou a chupá-lo assim que ele se

descobriu. Queria engoli-lo todo, não sabia se chupava ou se enfiava a cara pelos ovos dele, se lhe cheirava e beijava as virilhas, se queria que ele gozasse logo em sua boca para poder beber dele o mais que pudesse, até que ele puxou o vestido dela por cima de sua cabeça e, também de um jeito que a enlouquecia, deitou-a de bruços, pôs-lhe um travesseiro às costas, montou-a suavemente à altura do tórax e, depois de passar algum tempo se roçando nos peitos dela, enfiou-se em sua boca e passou a mover-se para a frente e para trás, enquanto ela agarrava gemendo as coxas dele. Ficou algum tempo assim e então, saindo dela com um barulhinho provocado pela língua e os lábios dela, desceu-lhe a boca pela barriga abaixo e começou a chupá-la, enquanto ela gemia e lhe enfiava as mãos pelos cabelos.

— Meta em mim, meta, ai, eu não agüento mais! — gritou ela, puxando-o para cima pelos braços e fazendo questão de olhá-lo erecto e quase pulsante, a grande cabeça brilhando, uma lança, um tronco, entre pentelhos de aroma inesquecível.

Sempre um momento sublime, um instante indescritível, a hora da penetração, uma sacudidela arfante, um tranco inexprimível — e ela com as pernas trancadas nele, começando a gozar, a gozar muitas vezes, até que ele lhe suspendia as coxas, como já estavam acostumados e preferiam para o primeiro gozo dele, e se enfiava nela até que ela sentia os ovos dele e então, gemendo, quase num choro, dava algumas estocadas fundas e parava dentro dela, ela o sentindo latejar e molhá-la por dentro.

— Meu amor, meu amor! — disse ela, abraçando-o tão forte quanto pôde e mantendo esse abraço um tempo muito longo, enquanto pensava em como era verdade que realmente o amava, como aquelas palavras tinham um sentido tão fundo. E ele, alisando os cabelos dela e falando como num monólogo, disse que custava a acreditar naquilo, mas queria acreditar, porque também a amava, e a amava de todos os jeitos, não só porque gostava dela e da

companhia dela, como porque a desejava sempre mais e se lembrava de tudo o que fizeram juntos, lembrava-se da maneira deslumbrante com que ela empinava aquela bunda tão linda, na hora em que ele queria fodê-la por trás, lembrava-se de morder o seu pescoço e depois, enquanto metia nela, metia nela o mais fundo que podia, ver como ela virava o rosto para trás com tanta graça para que ele lhe beijasse a boca, lembrava-se da forma gloriosa como gozara em sua boca pela primeira vez, com ela gemendo e ofegando e como que querendo ter todo o seu pau na boca, lembrava-se de tudo, tudo, tudo, em cada pequenino pormenor. E pela primeira vez, nus e abraçados, conversaram sobre tudo o que chegaram a pensar que jamais conversariam, e ele se sentiu numa felicidade muito esquisita.

Grande trepada, a negrinha, cada vez melhor. Bimbada completa, em tudo quanto é buraco. Que rabo! Uma beleza mesmo, e uma tranquilidade, de agora em diante ia comer sempre essa negrinha. Que rabo! Tinha até esquecido de como as nativas são boas de cama, a moleca é um azougue e sabe tudo, encara qualquer coisa, até umas porradinhas, que sempre dão uma certa graça à trepada e em casa não pode, porque Ana Clara nunca deixou. Não se vai chupar uma negrinha dessas, mas ela não se interessa por reciprocidade, ela cai de boca — é boca, é bunda, é tudo, maravilha. Pronto. É só fazer como das outras vezes: acertar as coisas na ilha, esperá-la em Salvador, levá-la ao motel e dar-lhe um agradinho depois.

Tranquilidade. E ela tem uma irmã ainda mais gostosa do que ela, vai dar para ferrar também, não há nada que uma graninha não resolva, ainda mais na situação delas e com o interesse da mãe delas. Essa estada na ilha está saindo melhor do que a encomenda.

Ângelo Marcos se sentiu quase contente, tamborilando com as unhas na mesa do restaurante e pensando no seu desempenho naquela tarde. Muita

tesão. A negrinha é fogo, mas ele tem gás. Três. Três. Na sua idade, não é brincadeira. Três. E dureza na segunda suficiente para enrubar a putinha, aquela bunda sensacional. O pessoal tinha razão, deixar de fumar incrementa a dureza. É, três não é brincadeira. Bem verdade que vinha de um jejum de muitos dias, mas, assim mesmo, é impressionante. Dá vontade de contar, mas os caras pensam que é chute, principalmente o pessoal da meia-bomba, que mal consegue dar uma por semana e olhe lá.

Por semana. Foi com esse negócio de "por semana" que a briga começou — e ele franziu a testa com a lembrança. Já vinha notando alguma coisa diferente em Ana Clara havia algum tempo, inclusive na cama. Isto quando ela ia, porque parecia sempre achar uma desculpa, desde a tradicional dor de cabeça — coisa que antes ela nunca tinha tido, como ela mesma gostava de apregoar — até umas menstruações extralongas, que ela também nunca tinha tido. Nada de concreto, nada em que se pudesse pôr o dedo, mas estava na cara. No começo, pensou que ela sabia de alguma escapada dele, mas depois viu que não podia ser, não havia meio de ela saber de nada. E, quando conseguia levá-la à cama, não era a mesma mulher, parecia um bife, lá despencada, largadona e apática. Aftas, vaginite, dor nas costas, não sei o quê. Tentara ter compreensão, até o dia em que, depois que comentou, com cara de bom humor, que o marido tinha direito a sua mulher pelo menos três vezes por semana, ela respondeu daquela forma grosseira, tão grosseira que ela própria se arrependeu em seguida, pediu desculpas e disse que fora uma brincadeira, uma brincadeira infeliz. Mas agora o mal já estava feito. "Três vezes por ano já é demais para mim", dissera ela, e ele se irritou tanto que quase lhe dá um soco. Mas se acalmou e de noite tentou ter uma conversa conciliatória, que planejava encerrar com uma trepadinha. Ela, contudo, nem ouviu direito o que ele falou, porque dormiu, ou fingiu que dormiu e, entre cotoveladas e pequenos safanões, virada para o outro lado, recusou-se a

acordar.

E não adiantou nada insistir até a exasperação que ela dissesse qual era o problema. Nenhum problema, dizia ela, você está inventando coisas. Mas como não havia problema, se ela estava toda diferente, ela sabia que estava diferente, por que não reconhecia isso e dizia logo o que era? Podia ser franca, podia abrir o peito, quem sabe se não era alguma coisa de que ele não sabia e podia corrigir? Nada. E, depois de algum tempo, ela inventava uma desculpa e saía de perto dele. Enervante. E de enervante o clima passou a insuportável, quando, procurando nas gavetas dela um chapéu que ela tinha tomado emprestado, bateu-se com dois cadernos grossos, cheios de escritos com a letra dela.

— Que diabo é isto aqui? — perguntou-lhe gritando, assim que a viu, depois de, incrédulo e tão indignado que não conseguia ficar sentado, passar grande parte da manhã lendo e relendo os cadernos, até ela voltar da praia.

— Esses cadernos são meus. Onde foi que você achou?

— Eu sei que são seus, eu sei que são seus! Eu... -- Passe para cá meus cadernos, você não tem nada que bisbilhotar minhas coisas, me dê meus cadernos!

— Não dou! E tenho todo o direito de bisbilhotar, isso não é bisbilhotar, é saber da vida de minha mulher, tenho todo o direito!

— Não tem direito nenhum, passe meus cadernos para cá, Ângelo Marcos, eu estou falando sério.

— Eu sei! E como você fala sério! Escute esta jóia aqui, esta jóia primorosa: "Talvez, do ponto de vista da mulher casada que queira transar fora de casa, mas queira também conservar o casamento, seja melhor vários amantes simultâneos do que um só. É possível que o monopólio seja danoso ao casamento e, além disso, mudar de homem..."

— Me dê esses cadernos, você não tem nenhum direito de fazer isso!

— Pare de falar no que eu não tenho direito de fazer!

Quem sabe de meus direitos sou eu. Eu tenho todo o direito de exigir esclarecimentos. Minha mulher agora escreve textos pornográficos, que beleza! Autora de livros de sacanagem, que beleza! E em que experiência a senhora se baseia, como são suas pesquisas? Porque, por aqui, seu conhecimento de putaria parece excelente.

— Me dê os cadernos, me dê os cadernos! Eu nunca andei bisbilhotando nada seu!

— Porque eu não tenho nada para ser bisbilhotado, minha vida é completamente aberta, não tenho nada secreto.

Muito menos esse lixo degenerado que eu nunca imaginei que uma mulher como você...

— Me dê esses cadernos, me dê esses cadernos!

Sim, os cadernos chegaram a rasgar-se bastante, na verdadeira luta corporal pela posse deles. E ela ainda teve o cinismo de referir-se a uma tal Suzana Friedman, Fondman Foster, qualquer coisa assim, como se ela fosse duas pessoas. Essa Suzana seria a autora, não ela. Só se ela estiver esquizofrênica. Táí, não deixa de ser uma possibilidade. Ela pode estar ficando lelêu da cabeça, uma tia dela é maluca e vive entrando e saindo do sanatório e dizem que o avô dela morreu doido varrido. Mas como convencê-la a se examinar? Bem, agora é observar o comportamento dela, porque, se for maluquice, acaba se manifestando feio. Talvez Bebel possa ajudar. Não, não, fica chato. Bem, isto se vê depois. Era só o que faltava, estar casado com uma mulher pirada. Passatempo estranhíssimo, esse de inventar outra personalidade, como ela mesma disse, e sair escrevendo aquele tipo de coisa. Mas pode não ser tão grave, pode ser até uma perversão dela, que ele nunca havia detectado. Se ela não estivesse em Itaparica, de onde não queria mais sair nem a passeio, ficaria desconfiado, mas na ilha não há perigo. Não só não tem

homem, como a fiscalização é em tempo integral. É, só vendo o desenrolar dos acontecimentos.

Mas o clima ficou mesmo absolutamente insuportável, inclusive porque, depois do episódio dos cadernos, ela não queria mais falar nada com ele e só respondia ao que não podia evitar, assim mesmo monossilabicamente. Tão insuportável que ele resolveu passar uma temporada indefinida em Salvador. A mãe da negrinha, através de quem o contacto tinha sido feito, era servente na Prefeitura, podia ser chamada ao telefone a qualquer momento, a cama estava resolvida. Ficaria talvez uma semana ou duas. Talvez assim ela se tocasse, talvez desconfiasse que ele estava com um caso. Ciúme, suspeita, isso são grandes armas, quando bem usadas. É, mulher segura demais não dá pé, tem que ter uma certa insegurançazinha, que é para ela não botar banca, nem se meter a besta.

Olhou em volta, satisfeito por não ver nenhuma cara conhecida por perto, ninguém que pudesse querer vir para sua mesa ou convidá-lo para outra. Esperar em restaurante, sem fumar nem beber, é um saco, nunca tinha pensado nisso. Nando dissera "entre nove e nove e meia". Nove e vinte agora, ele não estava atrasado. Mas bem que já podia ter chegado, pelo menos uma boa conversa ajudaria a tirar aqueles problemas da cabeça. Embora o jantar fosse mais de negócios do que de amizade, porque Nando ia trazer o tal banqueiro nova-iorquino que orienta seus investimentos em dólares. Quando contara a Nando que vinha pegando oito por cento ao ano na sua conta em Nassau, quase fora recebido com vaias. "Você está maluco", falou Nando. "Do jeito que a economia americana vai, daqui a pouco não cobre nem a inflação, você está maluco." E aí, quando o gringo apareceu, numa de suas costumeiras viagens, Nando resolveu promover o contacto.

E finalmente lá vinham eles, passando ao lado do bar e se aproximando.

— Está aí há muito tempo?

— Não, não, uns quinze minutos.

— Deixe eu lhe apresentar. Este aqui é o Abe Kaplan.

Abe, este é o famoso Dr. Ângelo Marcos, de quem venho tanto lhe falando. Abe é casado com brasileira, fala português melhor do que a gente, você não precisa gastar seu inglês.

Simpático, o americano, apesar da mania de enfiar o dedo entre o colarinho e o pescoço a cada trinta segundos. Adorava o Brasil e especialmente a Bahia. Todo ano saía num bloco de Carnaval da Barra, de sexta a domingo. Vinha especialmente da Nova Iorque para isso, na companhia de Hannah, sua mulher, nascida aqui, no bairro de Nazaré.

— Eu sei dos problemas, mas ainda assim é um grande país, tem muitas grandes qualidades. E esta cidade... — disse, fechando o punho e dando um murrozinho no ar — esta cidade — repetiu, abanando a cabeça — é efectivamente mágica. Eu sempre digo a Hannah, eu tenho alguma coisa de baiano, eu realmente tenho.

Nando quis saber o que iam beber. Ângelo Marcos disse que não podia beber e ele sugeriu pelo menos uma pipoquinha de chope, que diabo, já estava curado, não sentia nada, uma pipoquinha de chope não podia fazer mal. Ângelo Marcos concordou, pediram a pipoquinha, o americano quis um gim num copo enxaguado com martíni seco e Nando um uísque com gelo. Silenciozinho curto, Nando perguntou como iam as coisas na ilha. Tudo bem, tudo bem na ilha, nada muda na ilha. Novo silêncio e, depois de tomar um gole vagaroso de seu gim, o americano falou. Já sabia do problema de Ângelo Marcos. Nando tinha razão, era um rendimento ridículo, coisa da década de 60, praticamente. O panorama tinha mudado muito, nos últimos anos. Ângelo Marcos quis saber se ele operava com bancos nova-iorquinos e ele disse que sim. Em Nova Iorque, em Miami, em São Francisco, em Los Angeles, Zurique, Frankfurt, Luxemburgo, Lichtenstein, Cidade do Panamá, Ilhas Cayman, lhe

Channel Islands — como se diz lhe Channel Islands em português? — e assim por diante, porque a gama de serviços requeridos pela complexidade das estruturas financeiras, econômicas, tributárias, mobiliárias e até políticas exigia uma rede de ação variada e versátil, Ângelo Marcos não imaginava a complexidade de certas operações. Por exemplo, no próprio caso de Ângelo Marcos, ele tinha certeza de que não tratariam apenas de operações na área bancária, havia muitas outras opções a considerar, isso dependia de um número muito grande de fatores e circunstâncias, a coisa tinha de ser analisada. Ângelo Marcos já tinha uma firma numa praça conveniente, como a do Panamá, ou tinha apenas contas bancárias em dólares? Só contas bancárias? Então estava perdendo dinheiro e estava tendo dificuldades em deslocar dinheiro para o Exterior. Isso tudo tinha de ser resolvido através de um planejamento cuidadoso, que envolvesse o mínimo de risco. Sugeriu, por conseguinte, que marcassem uma reunião em seu escritório de Salvador, somente os dois, para um levantamento preliminar das possibilidades. Seu escritório no Comércio, com secretária e tudo, era mantido em operação permanente, mesmo com ele ausente a maior parte do tempo. E era o melhor lugar para esse tipo de conversa, segurança absoluta. Sabia que não era muito comum, mas de vez em quando alguém tinha problemas com a polícia e a Receita Federal por causa de negócios como esses, não convinha facilitar, ainda mais no caso de um homem público como Ângelo Marcos, que não podia expor-se a escândalos. Aqui não deviam conversar, aqui até os guardanapos têm ouvidos, conversas em restaurantes, no mundo todo, são um dos mais poderosos meios de divulgação.

Achou muito engraçada esta última observação, riu dando tapinhas na mesa e tomou um novo gole de gim. Se Ângelo Marcos concordava, podiam marcar para a próxima quinta-feira, daí a dois dias, que tal quatro horas da tarde? Perfeito, perfeito, exclamou quando Ângelo Marcos assentiu, e sacou do

bolso interno do paletó uma agenda de bordas de metal dourado, em que fez uma anotação rápida. Pronto, agora podiam passar para assuntos mais amenos, embora de grande importância, como bebida, comida, mulheres e música.

E mesmo que quisessem continuar conversando sobre negócios, teriam de mudar de assunto de qualquer forma, porque um riso familiar a Nando e Ângelo Marcos fez-se ouvir do lado do bar que uma coluna ocultava e, dando uns passinhos de dança ao longo do balcão, surgiu Tavinho, que imediatamente deu com a mesa deles e encerrou a dança com um floreio.

— Canalhas! Nem para me chamar! Biltres! Safardanas!

Aí em confraria, enquanto eu curto a minha Soledade!

Estendeu o braço, enlaçou uma mulher de vestido justo vermelho e dourado que vinha logo atrás dele e levou-a até a mesa.

— Con Ustedes, Soledad, mi amante argentina! — declamou, exibindo a moça.

Não, claro que não era sua amante argentina, era amante brasileira mesmo, explicou ruidosamente depois que ambos se sentaram, e a moça ficou abanando a cabeça e sorrindo meio sem graça. Kathya, disse ele, com cá-tê-agá-ípsilon, gracinha, não? Ah, que bom tê-los encontrado, tinha passado uma semana horrenda, um fim de semana catastrófico e agora tudo melhorara, primeiro com a resolução de um monte de problemas, depois com a entrada de Kathya em cena e, como chave de ouro, o encontro com os amigos.

— Kathya — disse ele, apontando com a mão espalmada —, este aqui é o Dr. Fernando Caldas de Andrade Magalhães, rico milionário. E este é o Dr. Ângelo Marcos Barreto, igualmente rico milionário.

— E este é um amigo meu americano, Abe Kaplan — disse Nando. — Rico milionário, ha-ha.

— Não diga isso, ainda não fiz meu primeiro bilhão.

— Fá-lo-á, fá-lo-á. Na companhia desses dois aí, você aprende tudo.

Eles só não têm um bilhão de dólares porque na Bahia não tem um bilhão de dólares, isto aqui é uma merda.

Vocês sabem que eu já bolei o título de um samba-enredo para rico baiano? O título é "Descascando o Camembert e Baixando a Georges Aubert" — ou seja, grossura com pobreza. Isto aqui é uma merda. Mas na América o que mais tem é bilhão de dólar, aprenda com eles e você chega lá.

— Aí é que você se engana, Tavinho, nós é que aprendemos com ele. Ele é consultor financeiro, é um dos diretores da Lewis & Strauss, sabe tudo de grana.

— Consultor financeiro? Estou entre feras!

— Você até que podia ser cliente do Abe também, Tavinho. Não, sério mesmo, o Abe é cobra nesse negócio. Você podia aproveitar a oportunidade de ele estar aqui para marcar um papo com ele, acho que vale a pena.

— Se eu tivesse alguma grana. Vocês estão cansados de saber que a grana é do velho, e o velho não consulta ninguém, acho que nem a ele mesmo ele confessa quanto dinheiro tem e o que faz com ele. Não, lamentavelmente o único tipo de consultor de que eu preciso é consultor sentimental. Tenho andado numa, meu amigo... Quer dizer, agora, com a Kathya, estou melhor — gracinha, não é? — mas tenho andado numa péssima. Sua amiga, Nandinho, aquela sua amiga, nunca mais.

Nem chegar perto prefiro a companhia de uma ariranha hidrófoba.

— Que amiga, Ana Camila?

— Ana Camela, você quer dizer. Ana Dromedária. E, ainda por cima, quem saiu de casa fui eu. Não tem nada lá que seja dela a não ser os panos de bunda dela e aquela coleção de desenhos que toda vez que eu acordava para ir mijar tomava um susto, quando me batia com os que ela pendurou nas paredes do quarto.

— Separação de novo?

— Não, esta é a última, pode ter certeza.

— Qual é o número desta?

— Esta foi a número seis. Mas não vai ter a sete, não dá mais pé mesmo, não tem jeito. Inclusive, ela já está de caso com outro cara, tenho certeza. Casamento, quando degradingola na cama, degradingola em tudo, esta é que é a verdade.

— É verdade. Eu fui casado com outra, antes de Hannah, e foi a mesma coisa. Tem uma personagem de Tennessee Williams, não me lembro em que peça, que bate na cama assim e diz "when o marriage is on the rocks, the rocks are here". Grande verdade, grande verdade.

— É, tem uns dois meses que eu vinha notando como ela estava toda diferente, toda arredia, cheia de banca, cheia de desculpas para não chegar perto de mim. Sem falar nos dias em que amanhecia virada num contratorpedeiro e tinha um comportamento que seria considerado ofensivo num curral de jegues. Está na cara, eu tenho experiência, já devo ter tomado uns oito cornos em minha carreira, eu manjo esse negócio.

Mulher, quando começa assim, é porque está dando para outro cara, não falha nunca. Até afta ela disse que tinha, para não me beijar, quando eu quis agarrar ela pela última vez. Só não quero que o sacana vá morar lá, aí também já extrapola, é ou não é, aí não. Já dei um prazo para ela se mandar.

— Ela disse que estava com afta, foi?

— A julgar pela conversa dela, deve ter sido uma crise de febre aftosa, o que, aliás, em se tratando de uma vaca, não é de espantar. Estou cheia de aftas, Tavinho, ai, ui, ai, ai, por favor!

Você precisava ver. E não foi isso só, não, até o velho truque da enxaqueca com enjôo pintou, ela que nunca teve enxaqueca na vida. Mas é isso mesmo. Como é que se diz? Estou refazendo minha vida com Kathya — gracinha —, sou um homem livre e feliz e estou adorando o apart-hotel.

Chega desse papo, coisa mais antiga, se reunir para falar em mulher, isso é altamente suburbano. Vocês podem não acreditar, mas eu vou comer. Que é que vocês vão comer? Abe, você vai de hearts and minds?

— O quê?

— É um prato que Garcez inventou, um amigo nosso. É coração de galinha com miolo de boi, que é que você acha?

Muito bem, eu vou pegar uma picanha fatiada. Miguel, não me olhe com essa cara novamente, você não se contenta em ser o pior garçom de Salvador e ainda fica com essa cara?

— É porque eu sei que o senhor não vai comer a picanha e depois vai botar a culpa no cozinheiro. Por que o senhor não come um peixinho? O senhor sempre se dá bem com o peixe.

— Que coisa mais intolerável, um garçom que sabe o que é melhor para a gente. Bom sacana você é. Muito bem, Miguelito, qual é o peixe?

— Badejo.

— Cação. Está certo, canalha, traga esse cação. Kathya vai de carpaccio, não é carpaccio, meu amor? Deixe que eu faço os pedidos, Nando, quem vai pagar esta merda sou eu, já resolvi, estou em clima de comemoração. Nosso irmão do Norte?

— Acho que a picanha é uma boa idéia. Picanha e uma batata assada.

— Picanha e batata assada para Mr. Kaplan, Miguel.

Nando, eu sei que é salada de agrião, costela, arroz com salsinha e creme de espinafre, que ele vai dizer que desta vez está uma merda. Certo? Certo. E Dr. Ângelo Marcos? Dr. Ângelo Marcos! Que foi, Marquinhos, a arroba do cacau baixou?

— Hem? Não, nada, eu estava distraído, pensando aqui.

Este chope não desceu bem. Miguel, me dê uma água tônica, com uma rodelinha de limão e gelo. Acho que não vou comer, estou meio enjoado.

Não estava, mas realmente não tinha mais fome e passou o resto do jantar afetando interesse pela conversa e rindo do que falava Tavinho, embora não prestasse atenção. Aproveitou a desculpa do enjôo para sair antes da sobremesa que o americano pediu e voltou para casa. Quando chegou, não pôde sair logo do carro, porque um dos cachorros tinha escapado para a garagem e se postado diante dele, rosnando. Teve de buzinar várias vezes, para um segurança vir até a garagem e levar o cachorro para fora. Muito irritado, chegou a dizer que ia matar o bicho, mas logo seu pensamento voltou para onde estava antes e ele foi para a cama e não conseguiu dormir direito.

Rato Preto foi de marrada de curimã, não foi de bomba como o tio dele. A curimã, como todo mundo sabe, pode até estar bastante tonta da detonação da dinamite, mas, mormente se for grandinha, deve ser pegada com muito cuidado. Nada de pegar pela frente, porque ela escorrega entre as mãos, escapole e dá uma marrada na boca do estômago do indivíduo que pode matar. Como de fato matou Rato Preto, que não ouviu os conselhos dos mais velhos e, na usura do peixe, foi de cara numa curimã de uns seis quilos, que arremeteu de lá como uma bala de canhão e ele caiu duro dentro d'água e só saiu dali para o velório. O tio não, o tio morreu de bomba propriamente, morreu desfeito. Na companhia do compadre dele, Ebinoel, que deu sorte porque a canoa era grande e ele estava na popa, enquanto o outro detonava na proa, à frente. Era tiro de dois peixes, porque primeiro eles derrubaram uma manta de chicharos e ficaram no aguardo do xaréu que vinha comer o chicharro esparramado na pedra do fundo. Aí o xaréu apareceu mais cedo do que eles esperavam, ele se afobou, não prestou atenção no pavio, mordeu a espoleta distraído e a bomba estourou no peito dele. Ebinoel ficou tonto e até hoje é meio surdo e se queixa de zunideira nos ouvidos, mas não teve nada de grave, catou os pedacinhos do compadre que pôde, para levar num saco para a

família. Isso se deu em 1956.

— Aqui na ilha, se morre de tudo, não tem essa conversa de que aqui não acontece certas mortes — disse Mero Doido, que desde as cinco horas estava fazendo um levantamento dos mortos ligados ao Mercado e das causas de suas mortes. — Você não diz uma doença, inclusive das mais modernas, que alguém aqui não tenha morrido. Até umas doenças que não são nem bem doenças aqui se morre, como Galo Cego, que teve uma espinha no nariz que foi virando câncer e comeu a cara dele toda e ele morreu fedendo e com a cara toda comida. Isso de uma espinha. Filu foi de hidropisia, Nandá foi derrame, Roque Feio foi diabete, Lazarão foi tifo, Mosquete foi tuberculose, Unha Grande foi doença de Chagas e Zoinho dizem que foi de Aids. Até Aids já deu aqui, e Zoinho não era falso ao corpo, pelo contrário. Aqui dá tudo. E agora o neto mais velho de Quatinga morreu de tumor no cérebro.

— No cérebro.

— No miolo. Um tumor bem no meio do miolo, que não dava para tirar. Passou não sei quanto tempo no hospital e morreu já sem dar conta de nada, em coma.

— Em coma.

— Desfalecido. Quatinga disse que o caso dele era raro, pagaram até a internação, o enterro e a cova, para ficarem com o miolo dele para estudo. Quatinga disse que era um tipo de lombriga no miolo, que o médico disse isso, embora ele, Quatinga, não creia muito, porque ninguém nunca ouviu falar de lombriga no miolo da pessoa.

— É, mas o médico tinha razão, não é bem uma lombriga, mas é verme, sim. Eu soube desse caso, só não sabia que era com um neto de Quatinga.

Lúcio Nemésio tinha feito o prognóstico certo, claro. O menino estava condenado mesmo. João Pedroso deu um murro leve no balcão, sem falar mais nada. Evidente que não tinha culpa do que acontecera com o menino e,

portanto, não havia por que sentir-se culpado. Mas não se sentia bem, a notícia lhe fora bem mais desagradável do que deveria normalmente ser.

Aliás, tudo estava ficando desagradável. Não queria mais afastar-se de Ana Clara, principalmente depois daquela tarde esplendorosa em que conversaram tanto e tiveram certeza de que estavam apaixonados. Tinha ciúmes, tinha ânsias, tinha raiva de Ângelo Marcos, embora não a mostrasse nunca, nem a ela. E tinha medo de perdê-la, não importava em que circunstâncias, mesmo que — como às vezes fantasiava, hesitante e nervosamente — viessem a morar juntos. Principalmente se viessem a morar juntos, até. Porque ele não era quem ela pensava, não era absolutamente quem ela pensava. Sentiu as orelhas quentes, quando lembrou dos elogios que ela lhe tinha feito e de quanto ela dissera que o admirava. Admirar o quê? Ela não sabia quem ele era, não sabia, ele não era nada e, quando ela descobrisse, certamente deixaria de amá-lo.

É, tudo desagradável. Lembrou-se da última vez em que fora dormir dizendo que iniciaria vida nova. Enésima vez, era como certas pessoas querendo deixar de fumar. Não mudara nada, exceto a situação dele e de Ana Clara. O relacionamento em si mudara para melhor, mas todo o resto, por causa disso mesmo, piorara.

— Quatinga saiu hoje? — perguntou de repente, sem saber bem por quê.

— Saiu, mas deve voltar logo. Ele botou rede de fundo ontem e foi buscar faz mais de duas horas, daqui a pouco ele está aí.

Foi para a rampa, olhou na direção da marca da rede, o saveiro de Quatinga já aparecia à distância. Impaciente, esperou andando de um lado para o outro, em cima do cais, até que, uns quinze minutos mais tarde, o saveiro fundeou perto da rampa.

— Quatinga! — gritou, mesmo antes de acabarem a amarração da poita.

— Quero lhe falar!

— Eu não trouxe nada hoje. Só seis sambulhos roídos de siri, e olhe lá. Só parei aqui para deixar uns dois para minha mãe, mas vou levar o saveiro embora para trás da fonte e depois vou costurar a rede lá mesmo.

— Mas antes eu quero lhe falar. Não dá para você descer um instantinho? Eu lhe pago uma cerveja.

— Eu não quero me molhar, João. Não pode ser de meio-dia para a tarde?

— Duas cervejas! E você está de calção por baixo, não custa nada ficar só de calção e descer, aí é raso, você só vai molhar a bunda. Eu tenho um assunto a falar com você que me interessa muito.

Quatinga tirou as calças e a camisa, escorregou pelo lado do saveiro e vadeou até a rampa. Que sangria desatada era aquela, algum problema?

— É o seguinte, Quatinga: você ou alguém de sua família andou consultando Bará da Misericórdia, nos últimos anos?

— Para que você quer saber? Você está fazendo investigação para Padre Monteirinho? Minha filha mais nova vai casar agora, não quero complicação com o padre, ele não admite que ninguém consulte Bará.

— Eu não sou dedo-duro, Quatinga, não tem nada de padre no meio. A informação é por causa da morte de seu neto.

— Que é que tem a morte de meu neto com Bará? Quando ele ficou doente, levaram logo direto para o hospital, ele não foi tratado por Bará. Talvez antes fosse, porque eu sei de fonte certa que Bará tem curado muita gente. Eu mesmo não acredito nesse negócio de lombriga no miolo.

— Alguém de sua família já foi tratado por Bará?

— Rapaz, olhe lá esse negócio. Você não vai dizer a Padre Monteirinho, vai?

— Claro que não, eu já disse que não vou. É porque eu acho que tenho

um palpite sobre como seu neto pegou essa doença.

— Agora não adianta nada, ele já morreu.

— Mas pode ser que, se meu palpite estiver certo, a gente possa evitar que outras pessoas venham a pegar a mesma doença. Diga lá, alguém de sua família já se consultou com Bará?

— Minha mulher. Minha mulher tinha uma dor que nenhum médico acertava a curar. Aí ela procurou Bará e ele curou ela em uma semana, só com chá e oração.

— Ela ficou lá uma semana?

— Oito dias. Voltou boazinha.

— E a saúde dela é boa?

— Uma jumenta, graças a Deus, uma jumenta para trabalhar, nem gripe ela tem.

— Mas foi só ela que consultou Bará, na sua família? O menino que morreu nunca esteve com Bará?

— Bom, estar, deve ter estado, porque ele foi com a avó, fazer companhia a ela, porque, quando dava a dor, ela não agüentava se mexer e precisava de uma pessoa para dar assistência.

— Ele ficou lá os oito dias todos?

— Ficou, ficou, voltou com ela.

— Ele gostava de cachorro?

— Nunca reparei. Lá em casa não tem cachorro, eu não suporto cachorro, acho um bicho porco desgraçado, que cheira e lambe cu e depois vem lambar a gente.

— Exatamente, exatamente. Você não sabe como está batendo na tecla.

— Não suporto cachorro, não suporto.

— Mas o menino você não sabe.

— Bom, todo menino gosta de cachorro, não sei se na rua ele andava

com cachorro. A gente criava ele muito solto, nem na escola ele ia.

— Quando sua mulher se tratou com Bará, eles mataram um carneiro?

— Carneiro?

— Me disseram que ele costuma mandar sacrificar um carneiro.

— Não sei nada desse negócio de carneiro. Ela não me falou nada de carneiro, falou só do chá e das rezas.

— E Bará tinha cachorro nessa época? Você sabe me dizer se tinha cachorro e carneiro lá, nessa época?

— Sei não, eu mesmo nunca estive lá.

João Pedroso chamou Inocência do armazém, deixou três cervejas pagas para Quatinga, passou na peixaria, disse a Boa Morte e Nascimento que ia sair e tomou o ônibus para Amoreiras. Sabia onde eram as casas de vários dos Mãozinhas, todas em Amoreiras, e sabia também que a maior parte deles não fazia nada, a não ser jogar dominó, tomar cachaça e, eventualmente, pescar. Pelo menos alguns deles deviam estar no largo.

Estavam no largo dois deles, discutindo jogo do bicho, num grupo embaixo de um oitizeiro. João Pedroso cumprimentou os conhecidos, pôs a mão no ombro de Mãozinha Três e pediu para falar com ele em particular. Foram para um banco do outro lado do largo e João Pedroso perguntou a respeito dos cachorros de Bará. Sim, ele sempre tivera cachorros, gostava muito de cachorros. Mas não carneiros, inclusive porque não era sempre que ele mandava matar carneiros, pelo contrário. Os carneiros eram arranjados por ali mesmo.

— E, nas vésperas do sacrifício, os carneiros já ficam lá no terreiro dele? não.

— Depende. Às vezes ficam, dois três dias. Às vezes, — E o que é que fazem com o carneiro morto?

— O coração se queima. A carne fica para o povo mesmo, quem está

por lá.

— E as tripas?

— Bem as tripas às vezes tem um ou outro que quer fazer meninico, mas de costume o povo fica com a carne e dá as tripas e o bucho aos cachorros.

— Eles cozinham as tripas, antes de dar aos cachorros?

— Oxente, onde já se viu cachorro fazer questão de cozimento, ainda mais vira-lata? Vai é cru mesmo, eles pegam tudo cru mesmo, não deixam nada.

— E, quando os carneiros estão esperando o abate, ficam no mesmo lugar que os cachorros?

— Ficam, fica tudo por ali mesmo, só que os cachorros soltos e os carneiros amarrados com corda comprida, para poderem pastar.

— Os cachorros passam pela grama que eles pastam?

— Passam, passam. Os cachorros vivem para lá e para cá, já viu cachorro parar quieto?

Sentado no ônibus de volta, João Pedroso pôs a cabeça um pouco para fora da janela, respirou fundo e sorriu. De repente, o mistério da equinococose estava praticamente resolvido. Ia procurar Lúcio Nemésio para contar-lhe a novidade e ia procurar Monteirinho também. Afinal, se ficasse provado que os cachorros de Bará estavam contaminados e eram uma ameaça à saúde pública, seria um bom golpe contra ele, talvez definitivo. Monteirinho podia se pegar com o prefeito ou até com Ângelo Marcos, que não era mais Secretário da Saúde, mas tinha muito prestígio. Só era preciso ter certeza, talvez conversar com o próprio Bará. Claro, conversar com Bará, sim, perguntar mais sobre os carneiros e cachorros, ver a coisa pessoalmente, antes de dizer algo a Lúcio Nemésio.

Que diabo teria acontecido a ele? Nunca se achara com tanta iniciativa e

disposição assim, parecia outra pessoa. Tinha realmente feito aquilo tudo, nesta manhã? Tinha, tinha. Desde que Padre Monteirinho lhe falara dos cachorros e carneiros, sentira que ali podia estar uma pista, mas não fizera nada, como sempre, nem mesmo participara ao padre sua suspeita, com medo de ele querer que fizesse alguma coisa. Estranho, estranho. E que alívio sentia, que grande peso das costas tirava! Alívio não, quase uma euforia intensa, euforia, sim, um sentimento de leveza, confiança e liberdade. Não avaliava antes quanto sua maneira de agir, ou melhor, de não agir, o incomodava. Não avaliava também quanto era fácil agir, era fácilimo, não havia dificuldade nenhuma. Respirou fundo outra vez, sorriu outra vez. Tudo estava diferente mesmo, ou era apenas uma sensação momentânea? Não podia negar que tinha agido, era uma coisa concreta. Mas havia mudado? Sabia lá, mas tinha certeza, uma certeza que nunca experimentara antes, de que procuraria Bará e levaria à frente aquela investigação. Aliás, por que não providenciar isso agora mesmo? Levantou-se, falou com o motorista e desceu na beira da estrada. Ainda estava perto de Amoreiras, dava para caminhar de volta e pedir a um dos Mãozinhas que o levasse a Bará na primeira oportunidade, se possível imediatamente.

Caminhando com uma rapidez que sabia desnecessária, mas não conseguia refrear, chegou de volta ao largo de Amoreiras, onde encontrou Mãozinha Três no mesmo lugar.

— Que afobação é essa, Seu João, perdeu alguma coisa? O senhor chega a estar vermelho.

— Não, não é nada de mais, e que eu me lembrei de lhe pedir uma coisa. Você me leva a Bará?

— O santinho? O senhor quer falar com ele?

— Claro que quero, Mãozinha, senão não lhe pedia para me levar lá.

— É consulta? O senhor vai se consultar com ele?

— Não, que besteira, não quero consulta nenhuma. Eu tenho um

assunto a falar com ele.

— É o mesmo assunto que ele queria falar com o padre e antes queria falar com o senhor?

— Não. Mais ou menos. É, é, diga a ele que é isso. Pode ser hoje?

— Hoje não pode, antes eu tenho de falar com ele, que é para ele arranjar tempo. Lá vive cheio de gente, é uma romaria — E quando é que você fala com ele? Hoje mesmo?

— É urgente assim?

— É, é muito urgente.

— Então mais tarde eu vou lá e vejo se falo com ele. Às vezes não dá para falar com ele assim direto, mas eu dizendo que é um recado do senhor, possa ser...

— Diga, diga que é um recado meu, que eu preciso conversar com ele urgente. Mas não me enrole, Mãozinha, vá lá assim que você puder. Não se incomode, que eu lhe dou uma gratificação, depois de falar com ele.

Bateu nas colunas do telheiro que cobria o ponto de ônibus, quase sapateou de excitação. Teve vontade de voltar a Mãozinha Três para reforçar seu pedido, chegou a se mexer para ir até ele, mas se achou exagerado e não foi. Tudo encaminhado, nada de precipitação, não há por que querer apressar demais as coisas. Estalou os dedos, foi até a esquina ver se o ônibus estava aparecendo no fim da rua e resolveu aguardar perto da praia, onde ficou olhando o mar e pensando muito em Ana Clara.

CAPÍTULO 7

Apesar de tudo, felicidade. É, não deixava de ser, embora uma felicidade que, como sempre, não podia ser completa Mas somente a ausência prolongada de Ângelo Marcos já limpava a atmosfera consideravelmente. Que bom, que bom, que bom! Quando acordava, o primeiro pensamento, quase um sobressalto automático, era sobre como enfrentar mais tantas penosíssimas horas na companhia dele e, logo em seguida, como uma aurora que de súbito iluminasse a noite, chegava a lembrança de que ele não estava ali, estava longe, muito longe, e não devia chegar nem hoje, nem amanhã, nem depois. Que alívio! Bastava isto para que tudo lhe parecesse belo e estimulante, e ela se levantasse num salto, tão alegre que atravessava o quarto saracoteando e cantando.

Paixão, paixão, paixão, paixão tão caudalosa que novos sabores desabrocham nas frutas, o ar morde as narinas, o andar fica leve, letras de música se tornam filosóficas, cruzar as pernas gera calores insuportáveis e todos os sentimentos são exacerbados. Que confusão! O caso de Cacilda e do sarigüê, por exemplo, esse caso chegava a ser ridículo. Claro que era ridículo, sarigüê é sarigüê, ninguém suporta sarigüê, é impossível. E galinha é galinha, a gente come galinha, galinha é para isso. Cacilda era uma galinhazinha sura e franzina, muito simpática, que aparecera ainda franga, não se sabia de onde, e tomara residência perto da cozinha. Quando, depois de quase um mês, ela já íntima da casa e estimada por todos, a dona dela a procurou, Ana Clara não quis devolvê-la e pagou por ela três vezes o que a mulher pediu.

Portanto, só podia pensar em pena capital para o sarigüê. Mas não daquele jeito exagerado, parecia que o mundo ia acabar por causa da morte de Cacilda. Foi num dia como os que estava vivendo agora, em que acordara com uma fome inacreditável e fora para a cozinha pensando em breakfasts

cinematográficos, tudo misturado como num painel colorido, sucões de laranja, ovos mexidos com presunto, torradas descomunais, geléias, queijinhos, baguetes e patês, tudo, tudo, tudo, quando deu com Cornélio à porta da copa, enxugando lágrimas nas mangas da camisa. Chegou a achar graça naquela visão e teve vontade de perguntar se ele não tinha medo de estragar a maquilagem, mas ele, depois de um soluço, arregalou os olhos na direção dela e pareceu a ponto de desfalecer.

— Cacilda! — exclamou ele, cobrindo o rosto com as mãos. — O sarigüê matou Cacilda, Don'Ana Clara!

Era verdade. Junto do abrigozinho onde ficavam os botijões de gás e onde ela gostava de passar a noite, lá estava o cadáver dela, uma massa informe de penas e sangue. Coitada de Cacilda, claro, mas Ana Clara parecia que tinha perdido um parente, porque não quis mais comer, ficou choramingando e com o queixo tremendo a manhã quase toda, e teve um acesso de fúria contra o sarigüê. Quando Edsonil disse que já tinha visto o bicho e que ele costumava aparecer de noite, andando por cima do muro, ela mal reconheceu a própria voz, esganiçada e nervosa, exigindo que, nesse caso, ele armasse uma emboscada e matasse o sarigüê, matasse aquele assassino horroroso, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida.

Pouco mais de nove horas da noite, estava no andar de cima e ouviu uma gritaria no pátio de trás. Viu da janela Edsonil, com um cacete na mão e secundado por Cornélio, que não fazia nada a não ser dar gritinhos e agir como se fosse correr a qualquer momento, acuando o sarigüê. Correu para baixo e, por trás de Edsonil, viu o bicho. Parecia um ratão horrível e nojentíssimo, mostrando os dentes e sibilando, junto à parede.

— Mate, mate! — gritou ela, e Edsonil deu diversas cacetadas no bicho, até que ele parou de se debater e ficou encolhido no chão, pondo sangue pela boca entreaberta.

— Vou levar para casa — disse Edsonil. — Minha mãe come.

— Sua mãe come esse bicho nojento? — disse Ana Clara, aproximandose um pouco, e então viu alguma coisa se mexendo na barriga do sarigüê. — Ai, tem umas coisas se mexendo na barriga dele, que coisa horrível!

— São os filhos — disse Edsonil. — É fêmea e estava com a barriga cheia de filhos. Eles entram na moqueca também.

— Mas eles estão vivos!

— Estão, mas vão morrer. De qualquer jeito eles vão morrer, eles mamam aí dentro da barriga dela.

— Não, não pegue agora, não, deixe eu sair, deixe eu sair!

Pronto. Primeiro, um verdadeiro luto federal por causa de uma simples galinha pé duro. Segundo, sentir-se a bandida das bandidas, a desalmada das desalmadas, a maior das pecadoras contra a Natureza, lavando as mãos como uma sonâmbula, sem conseguir esquecer a visão da sarigüêia, lá estendida, com a barriga parecendo formigar de bichinhos. Horror, horror.

Confusão de sentimentos, era isso, tudo exagerado, tudo parecendo filtrado pela violência daquela paixão, tudo incrementado por ela. Até Suzanna Fleischman tinha ficado hiperbólica, venenosíssima, logo depois do incidente dos cadernos. Quem com porcos se mistura farelos come, havia escrito rancorosamente, num mau humor que só vendo para acreditar, não tinha uma palavra branda. Páginas destrambelhadas a respeito da fúria censorial de Ângelo Marcos. "Somente Com Durex, É Impossível Defender A Dignidade Ultrajada", intitulava-se a peça, escrita com uma canetona alemã de tinta preta, em letras graúdas e estabanadas, que às vezes escoriavam o papel. E realmente tinha tentado consertar com fita adesiva a massa amarfanhada e dilacerada em que Ângelo Marcos conseguira transformar a maior parte das folhas dos dois cadernos apreendidos. Primeiro passou ferro nos pedaços amassados. O resultado não foi bom, mas, mesmo assim, pegou a fita adesiva e procurou

juntar os fragmentos de cada uma das folhas, em cima de uma mesa. Inútil, jamais conseguiria montar aquele quebra-cabeças de centenas de peças mutiladas — e aí teve uma crise de raiva, bateu os pés, esmurrou repetidamente o encosto de uma poltrona com ambos os punhos e jogou os restos dos cadernos no chão, para sapatear em cima deles. "Filho da puta, filho da puta, filho da puta!", começavam a primeira, a segunda e a terceira versões do artigo contra Ângelo Marcos.

Jogou fora todas essas, mas foi até o fim da quarta, que começava em tom que ela considerou moderado. Em vez de "filho da puta" três vezes, dizia: "O filho da puta, que, na minha opinião, não sei por que (talvez porque todo homem que curte bater em mulher na cama é veado — V depois este ponto com mais profundidade), é veado enrustido, apesar de suas escapadas sexuais ridículas, está pensando que pode mais do que pode". E, com ironia e raiva, passava a fazer uma espécie de estudo de caso, sem falar em nomes, usando só "ele", "ela" e "o outro". Ele, sabia-se quem era: ladrão, corrupto, covarde, muquirana, machista, veado de armário, mentiroso, vaidoso, chato, hipócrita, ignorante, repelente, enrolão, etc. etc. etc. Ela, não se sabia quem era, visto ela própria não saber. Mas o que parecia é que era uma babaca fraca de caráter, estava ali se delineando a figura de uma perfeita babaca, que não sabia o que fazer da própria vida e suportava as indignidades infligidas por ele, inclusive a suprema: abrir as pernas para ele. Se ele quisesse que ficasse de quatro, ficaria, para não discutir. Já ficara, já ficara de quatro em várias ocasiões e, mesmo depois de amar a fundo pela primeira vez, amar outro homem, ainda ficaria de quatro, por comodismo e covardia? Claro, a babaquice e a covardia podem ser redimidas por um gesto de coragem. E o gesto de coragem é mandar esse filho da puta à merda, chegar na cara dele, revelar-lhe e enfatizar-lhe a cornidão, falar tudo o que pensa dele, dizer que soque o dinheiro dele no rabo e ir à luta. E nem precisava tanta coragem assim, porque teria companhia na

luta, não teria?

Ana Clara não queria pensar nisso e chegou a fechar o caderno, para não reler os trechos que mais a perturbavam. E João, como reagiria João a isso? Abriu o caderno novamente e Suzanna Fleischman continuava implacável. A existência do outro somente facilitava, talvez até muito, mas não determinava nada. Largar o filho da puta era um ato de auto-respeito e decência, impossível não ver isso com toda a clareza, a não ser, naturalmente, que ela não tivesse nem decência nem autorespeito. Ou seja, nenhum caráter. Igual a ele. Igual. O outro não tinha nada a ver com a decisão básica. Pode, sim, ter sido o estopim e pode vir a ser o apoio. Se topasse assumir a separação dela, como deveria, melhor. Se não topasse, era porque não valia a pena mesmo, tratar-se-ia de outro pulha, numa trinca de pulhas. Não é com durex que se defende a integridade e a liberdade de ser como se quer ser, é com dureza, concluía dramaticamente Suzanna Fleischman. Cada uma tem o marido que merece e se queixar sem fazer nada é descarração, mulher que vive se queixando do marido é descarada.

— Discordo completamente de Suzanna — tinha dito Bebel, para grande surpresa de Ana Clara. — Acho precipitação, ela está é mordida, porque Marquinhos destruiu os cadernos dela. Você se lembra do tempo da racionalidade? Pois é, um pouco de racionalidade não faz mal a ninguém, se bem que eu saiba que você tem andado mais irracional do que uma búfala, nos últimos tempos. Isso tudo começou como uma coisa lúdica, uma coisa descompromissada, uma coisa alegre, embora— e eu já tinha lhe dito — eu estivesse vendo você marchar para entrar nessa. Tudo bem, pintou a paixonite, dá uma certa graça, tudo bem. Mas fazer o que ela sugere aí, para mim, é mais do que irracional, é loucura. Está certo que foi uma sacanagem, o negócio dos cadernos. Mas daí para insultar ele e dizer que ele é corno na cara dele, não sei o quê, tudo isso só vai prejudicar você, que vai sair de prostituta e pode até

tomar um tiro, a troco de um prazer irracional e besta. E, vamos e venhamos, você não está acostumada a trabalhar, não sabe fazer praticamente nada e ia mudar bastante de padrão de vida, você não sabe como isso pesa, eu já vi muita gente dançar, entrando numa dessas. Mesmo que João também não tome um tiro e tope a parada, coisa que você não sabe, porque de repente ele não admite casamento, o que não seria de surpreender, considerando que ele ficou solteiro até hoje. E, se ele topa, você vai ficar a vida inteira aqui na ilha, nesta pasmaceira, sem sair, sem viajar, sem nenhuma mordomia. Você me desculpe, mas Suzanna está meio na base do "nosso amor e uma cabana", isso nunca deu certo.

— Também não é assim, João não é nenhum miserável.

— Comparado com Marquinhos, é. Mais do que miserável, indigente. Você não pode imaginar a diferença, deixe de ser boba. É muito diferente ser mulher de um rico importante de ser mulher de um peixeiro da ilha, por mais transado que seja esse peixeiro e por mais que a mulher goste dele. E, pelo amor de Deus, por que você não pode continuar tendo João como amante? Eleja falou em morar com você?

— Não, nós nunca tocamos nesse assunto.

— E então? Mais um sintoma de que ele não está ligado nessa.

— Isso eu não sei, mas essa questão que está colocada aqui é importante, essa questão da dignidade. Eu não quero mesmo ir mais para a cama com Ângelo Marcos.

— Isso passa, isso é uma fase, pode crer. E, enquanto durar a fase, você pode dar um jeito. Peça a Marquinhos que dê um tempo, diga que você está numa fase de pesquisa mística, invente um negócio qualquer. Tem que ter um jeito, Aninha, fazer essa maluquice é que você não pode. Ou, pelo menos, pense mais um pouco. Aliás, pense bem mais.

É, ia pensar, ia pensar um dia destes, ia acabar tendo de enfrentar o

problema. Mas não queria pensar agora, preferia ficar assim neste estado meio abobalhado e extasiado, como se o tempo tivesse parado, como se não fosse haver futuro. E queria também desfrutar da ausência tão agradável de Ângelo Marcos e da convivência tão livre com João, sem ficar ponderando perspectivas assustadoras. Será que tudo era uma fase mesmo, será que tudo passaria e ela voltaria a ter a mesma vida com Ângelo Marcos?

Não, não, paixão, paixão, paixão tão avassaladora que, depois que passou o auge da raiva, começou a escrever divagações líricas e fez até uns dois poemas.

Como é possível todo o tempo não sentir, escreveu ela que teu corpo sobre o meu é tudo e que dentro de mim tu és tudo e eu sou tudo e que teu beijo para mim é tudo e que tudo só é algo se é contigo e que tudo começa quando me penetras e começa outra vez quando me irrigas?

"Me irrigas" não é bom, pensou Ana Clara, parece nome de tempero verde português. D'pois que Vossa Echelência r'fogaire bem os miúdos do capão, deite à p'nela um molho de mirrigas frescas. É, a poesia pode não ser lá muito boa, mas é que tudo parece poesia e qualquer coisa traz sorrisos e lágrimas aos olhos,

sim, traz aos olhos qualquer coisa lágrimas e traz à alma qualquer coisa risos, não é o mundo mais que o reflexo de tudo o que pressinto no teu rosto.

Ai, ai, que coisa mais deliciosamente besta, ela estava virando uma Camoas decassilábica. Uma Camoas de quinta categoria, mas uma Camoas. Dera para ler poesia, coisa que raramente tinha feito antes. Outro dia mesmo, em vez de ir à praia, pegara um daqueles livros em papel bíblia que Ângelo Marcos usava como enfeite e ficara lendo sem parar, até quase duas horas da tarde, dando uma choradinha emocionada de vez em quando. Quando ele voltaria? Não sabia porque não queria, ele já tinha telefonado. Estava meio frio, mas ela fingira que não notara. Não falou nada sobre a volta e ela também

não perguntou, era como se tivesse medo de que ele dissesse "amanhã". Mas, da próxima vez, perguntaria, não queria ser surpreendida por uma chegada repentina. E o trataria muito bem ao telefone, para evitar encheção de saco, como já vinha fazendo desde o dia em que ele ligou de Salvador, avisando que não ia voltar tão cedo, porque precisava ir em viagem de negócios a São Paulo e aproveitar para fazer um check-up. Ela ficou tão contente que chegou até a desejar mentirosamente que ele não demorasse e a lamentar que ele não tivesse tempo de dar uma passadinha na ilha, antes de ir a São Paulo. Sim, mandaria por Edsonil tudo o que ele pediu, gostaria de estar em Salvador, para ajudá-lo a fazer a mala.

Monstra, pensou, enrolando uma ponta de cabelo entre os dedos. Monstra, sim, porque lembrou claramente que, no dia da viagem dele, imaginou que não seria mau que o avião caísse e só não desejou com muito ardor que isso acontecesse por causa dos outros passageiros. Mas bem que eu podia ser uma viúva rica, disse em voz alta, e desceu para a sala com vontade de escorregar pelo corrimão.

Normalmente, por volta das seis da tarde, João Pedroso tomava seu segundo banho diário, vestia uma bermuda, pegava um livro e ia sem camisa para o Largo da Quitanda, ler e beber até por volta das sete ou oito. Mas nesse dia não queria beber nada, porque, depois de uma espera de vários dias, em que muitas vezes xingara Mãozinha Três, finalmente ia encontrar Bará da Misericórdia. Nove horas, dissera Mãozinha, prometendo encontrá-lo no largo algum tempo antes, para levá-lo até Bará. Não podia arriscar-se a beber demais e esquecer ou não perceber detalhes importantes. Portanto, não iria ao largo, para não se expor à tentação, mesmo porque, assim que o via, Luiz Garçom, sem consultá-lo, punha diante dele uma dose dupla de uísque com gelo. E depois outra e mais outra e mais outra, até que, sentindo-se bêbedo, mas ainda

com razoável autocontrole, voltava para casa ou ia, muito raramente, conversar com Lúcio Nemésio.

Mas teve dificuldade em deixar de sair. Não por causa da bebida, que não parecia agora lhe fazer tanta falta, mas porque se impacientava com aquela espera solitária. Antigamente, com toda a certeza, não se aborreceria tanto, porque se habituara à solidão e, quando queria conversar e não tinha com quem, freqüentemente falava sozinho. Mesmo depois que deixou de conversar longamente com Monteirinho quase todo dia, continuou acostumado a ficar sozinho em casa. Mas agora não. Agora, apesar de haver inicialmente relutado em admitir isto, considerava-se lesado. Lesado, pensou com raiva. Claro que não era casado com Ana Clara e que, nos últimos dias, a ausência de Ângelo Marcos tinha facilitado muito seus encontros e até chegaram a falar em namorar abertamente, agarrar-se no escuro do Jardim do Forte e sair passeando de mãos dadas no Boulevard. Mas cada vez mais sentia que não era suficiente estar com ela apenas algumas horas. Não bastava, principalmente depois que passaram a conversar muito na cama. Somente na cama, não serve — e ele deu um pontapé irritado na perna da escrivainha.

Tinha uma mulher, afinal. Coisa estranha sentia-se casado com Ana Clara, embora obrigado a conviver com ela daquele jeito. Sentia-se casado, harmonizado, confiante, necessitado dela. Nunca havia imaginado que isso pudesse acontecer com ele, mas tinha acontecido. E por isso mesmo se considerava lesado. Curioso que se chamasse sempre o marido de corno e o amante de corneador. Em muitos casos, isso podia ser verdade, mas no dele não era, o corno era ele. Era ele quem tinha de dividir a mulher que amava com um homem que ela não amava, mas que podia exigir dela o cumprimento de obrigações conjugais. Notou como havia pensado de maneira eufemística, como se não quisesse encarar a realidade de frente. Obrigações conjugais, uma conversa; cama mesmo, trepada, intimidade, tudo. Havia momentos em

que pensava em perguntar a ela se ela ainda dava para Ângelo Marcos e como era que isso acontecia. Mas claro que não faria isso, seria apenas um exercício grosseiro de sadomasoquismo. Como podiam suportar aquilo, continuar vivendo daquele jeito, como podia ele suportar o ciúme, o despeito e a raiva que cada vez mais o avassalavam? E a falta que sentia dela? Agora mesmo, gostaria de estar falando com ela, conversando sobre a aventura de logo mais, talvez até indo até Bará na companhia dela, se ela quisesse.

— Merda! — exclamou, levantando-se para pegar o livro que estivera tentando ler, mas achou que não agüentaria leitura científica arrevezada e pegou uma revista. Sentou de novo, folheou a revista, não conseguiu prestar atenção em nada e levantou-se outra vez, para andar acima e abaixo pelo casarão. E terminou por caminhar maquinalmente para a porta e sair, tomando a direção do Largo da Quitanda. Ainda era muito cedo para a chegada de Mãozinha Três, mas sempre haveria alguém com quem conversar sobre besteiras e esquecer as chateações.

Esqueceria de fato, ainda que por alguns instantes? Achava que não, enquanto descia a rua devagar, com o peito apertado, cheio de dúvidas. Mesmo que tivesse coragem de tocar no assunto com ela — como pensava que teria, mais dia, menos dia —, ela não acharia uma pretensão descabida, uma idéia desmiolada? Parou de cabeça baixa, entrelaçou e estalou os dedos. Angústia, verdadeira angústia — e recomeçou a andar tão devagar quanto antes, acabrunhado pela certeza de que não conseguiria deixar de falar no assunto e pela quase certeza da recusa dela.

Havia pouca gente no largo, somente um pequeno grupo que conversava nos bancos embaixo da castanheira e um casal sentado a uma das mesas do bar.

Tamanca, Zé Nunes, o escrivão, o dono da farmácia e uns dois pescadores. Assuntos: peixe, a lua, a maré, o vento, dominó. O pior de todos

era este último, porque nunca tivera paciência de jogar dominó e não entendia nada do jogo. Chegou perto da roda, era dominó mesmo, com Tamanca descrevendo em minúcias exaltadas o desenrolar de uma rodada em que, de parceria com João Grande, derrotara Nicolau Cocota e Bertinho Doido. Lasquinê! Passada! Buchada! Japonês! João Pedroso ainda tentou interessar-se, mas não entendia mesmo nada e sentou-se em frente ao sol, que começava a apagar-se.

Já escuro, apesar de o assunto haver mudado de dominó para futebol, de que ele entendia mais ou menos, levantou-se olhando para o relógio e resolveu que ia beber alguma coisa, afinal. Já passava das sete horas, daí a pouco Mãozinha chegaria, não haveria tempo para ele ficar bêbedo. E, realmente, quando Mãozinha chegou, daí a pouco mais de uma hora, ele não estava bêbedo, estava até se sentindo bem melhor do que antes, como se algo lhe tivesse garantido que tudo ia dar certo, a começar pela investigação junto a Bará e a terminar pela conquista exclusiva de Ana Clara. E passaria toda a viagem até Bará quase em euforia, apesar da lama lhe ensopando os sapatos, se, já perto de chegarem, não lhe viesse de repente um sentimento parecido ao das vezes em que vira o lagarto de dois rabos. Não era tão forte e tão assustador, mas, de qualquer maneira, as árvores e arbustos pareceram entrar numa vibração maligna, a noite ficou ameaçadora e mais escura.

— Onde estamos? — disse, parando com a mão na testa.

— Mais um bocadinho, a gente está lá. Daqui a pouco a gente chega no pé do outeiro e aí é só subir.

— Sim, mas que lugar é este aqui?

— O povo chama de Baixa da Jaqueira. O senhor está sentindo alguma coisa?

— Estou. Não, não é bem que eu esteja sentindo alguma coisa, mas estou achando este lugar esquisito, como se houvesse alguma coisa aí nos

matos.

— Virgem Maria, só a pessoa se benzendo. Este lugar é assombrado, eu não gosto de passar aqui de noite. Quando eu vim com Padre Monteirinho, o tempo todo uma coruja esteve agourando e até hoje eu tenho medo, porque não sei o que ela estava agourando. Eu disse ao padre que não acredito nessas coisas, mas acredito. Quer voltar? Depois eu digo ao santinho que o senhor não pôde vir, fica para outra vez. Se o senhor quiser, a gente volta, por mim tanto faz.

— Não, não, nada disso — falou João Pedroso, resolvendo que aquela sensação era imaginária, embora dessa hora em diante procurasse não olhar para os lados enquanto caminhavam, até subirem o outeiro e chegarem à jaqueira, embaixo da qual Bará os esperava, iluminado por uma espécie de gambiarra e ladeado por dois cachorros.

— É deveras uma grande satisfação — disse ele, sorrindo e estendendo a mão para João Pedroso. — Receava que, devi do às recentes condições pluviáteis, que tornaram o caminho assaz alagadiço, o senhor professor desistisse da visita, que muito me honra. Deixe que me apresente. Sebastião Boanerges da Conceição, para servi-lo. Mas não me causa moosa que me chamem pela alcunha de Bará, eis que a tal já me habituei, ao longo dos anos.

Era tudo como Monteirinho havia descrito, tanto o homem, quanto a casa, quanto os arredores. E a maneira de falar dele também, impossível não ficar impressionado com aquela fluência anormal, especialmente levando-se em conta sua sintaxe complicada e seu palavreado pedante, emitido por uma voz aguda e algo efeminada. Sentaram-se na sala, Bará pediu desculpas pelo estado da mobília e Mãozinha Três, depois de receber um discreto olhar seu, levantou-se e foi para dentro, dizendo que ia tomar um cafezinho.

— Já de muito ansiava ter a dita de conhecê-lo — falou Bará. — Lamentei profundamente quando o senhor, inicial mente, não aceitou meu

convite, que lhe fiz por motivos, creia-me, que julgo do interesse da Humanidade. Conheço a reputação intelectual do professor, que se oculta sob um palio de meritória humildade, mas que sei sobejamente merecida, pelos seus conhecimentos da ciência biológica.

— O senhor se engana, meus conhecimentos são muito superficiais, abandonei a ciência há muito tempo.

— Vá lá que aceite sua modestíssima avaliação, mas, de qualquer forma, seus conhecimentos serão incomensuravelmente superiores aos meus. O problema que se me confronta...

— Eu já sei, Padre Monteirinho me contou.

— Receio que, neste caso, o relatório não me terá sido favorável. Sua Reverência encarou tudo o que lhe contei com acirrado ceticismo.

— Vou ter de decepcionar o senhor, mas sou obrigado a dizer-lhe que concordo inteiramente com o padre. Sua história é fantástica demais para ser aceita sem provas.

— Sim, eu compreendo, mas, não obstante, o que contei a ele é absolutamente veraz. Ele falou das criaturas ao professor?

— Falou, falou. Falou também de uma cigana misteriosa e de outras coisas igualmente difíceis de acreditar.

— Sim, mas a cigana, se é que ela realmente é cigana, não representa mais do que um acessório, no caso em tela.

— E o senhor também duvida que ela seja cigana?

— Não duvido, nem deixo de duvidar. O que insisto é em que não é necessário acreditar em nada, digamos, sobrenatural, na falta de melhor terminologia, não é preciso acreditar em nada de fora deste mundo, para aceitar a história. Ele lhe falou, portanto, das criaturas. Qual é a opinião do senhor?

— Nenhuma. Não posso ficar fazendo conjeturas sobre algo que nunca

vi e de cuja existência tenho fortes dúvidas. O senhor dispõe de algum elemento adicional, além dos que passou ao padre? Alguma prova?

— Não, desgraçadamente não. Tenho buscado informações de todas as maneiras a meu alcance, mas os resultados não são nulos. Após o primeiro contato que tive com as criaturas e suas mães, malograram todas as tentativas de saber de seu paradeiro. Mas tenho razões para crer que se acham ainda aqui na ilha, ou seus arredores imediatos. Seria muito difícil para aquelas mulheres deslocar-se na companhia das criaturas, sem chamar a atenção. Além disso, são gente extremamente pobre e simples, como podia-se depreender facilmente de sua aparência, seus modos e sua fala.

— Está certo, Seu Bará, não quero chamá-lo de mentiroso, mas como posso dar opinião sobre algo que nunca vi?

— Talvez se eu reproduzisse a descrição que fiz a Sua Reverência, se eu...

— Não ia adiantar nada, Seu Bará, íamos ficar na mesma.

Posso até aceitar que o senhor tenha visto essas tais criaturas, mas, enquanto o senhor não apresentar provas concretas, ou melhor, enquanto o senhor não me mostrar essas criaturas, não vou poder dizer nada.

— Mas alguma coisa o senhor acha que pode ser feita, do contrário não se teria disposto a vir até aqui.

— Bem, vou decepcionar o senhor novamente. O que me traz aqui não é este assunto.

— Não? Mas deu-me Florisvaldo, o amigo que o acompanhou até aqui, a nítida impressão de que era precisamente isto. Ele não sabe qual é o assunto, mas disse-me que o padre certamente falara com o senhor e que o senhor achara o assunto merecedor de perquirição.

— Errado, Seu Bará. Eu vim aqui por outra razão. Eu vim aqui para fazer-lhe algumas perguntas a respeito de certas práticas, comuns em seu

terreiro.

— Prefiro que se refira a esta humilde propriedade como simplesmente minha casa, eis que não passa disso. Não sou sacerdote de religião alguma, se bem reconheça que assim me julgam, mas isto não é minha culpa, jamais me arroguei tal condição.

— Desculpe, não quis ofendê-lo, pensei que estava usando a expressão correta. Mas, como eu ia começando a dizer, estou aqui para investigar o surgimento de uma doença muito rara entre nós e tenho alguns indícios que me levam a crer que essa doença tem algo a ver com suas práticas.

— Não posso crer nisso, professor. Até hábitos de higiene, que o nosso povo não observa, tenho procurado inculcar-lhe. Se o senhor quiser verificar, verá que dispomos de água corrente e instalações sanitárias adequadas, além de fazer eu questão de limpeza e asseio generalizados.

— Não se trata disso, é algo mais complexo. Quantos cachorros o senhor tem aqui?

— Inúmeros, teria que fazer um esforço para listá-los, até porque acolho os chamados vira-latas, que de quando em vez aqui procuram comida e abrigo. Mas devo dizer-lhes que, por ocasião das campanhas de vacinação, providencio a inoculação de todos.

— Não é isso, Seu Bará, por favor espere um minuto, eu já esclareço de que se trata. O senhor também sacrifica carneiros, não é verdade?

— Eu, pessoalmente, não, mas algumas das pessoas que vêm aqui o fazem. Segundo elas — e não tenho razão para duvidar delas, embora não possa comprovar —, sob instruções por mim transmitidas.

— Ah, o senhor transmite essas instruções quando está em transe?

— Se o senhor quiser usar o termo. O fato é que, conscientemente, nunca me recordo dessa e de outras instruções a mim atribuídas.

— Bem, de qualquer maneira não vem ao caso. O fato é que os

carneiros são sacrificados, como o senhor acaba de admitir. Esses sacrifícios são freqüentes?

— Não, são eventuais. Talvez haja uns oito ou dez por ano.

— E, segundo eu sei, a carne é distribuída entre várias pessoas. As vísceras são dadas aos cachorros?

— Sim, freqüentemente.

— Seu Bará, eu acho que tanto os seus cachorros quanto os seus carneiros...

— Eu não crio carneiros, eles são obtidos de gente que tem criação por aqui, algumas poucas pessoas. Como os carneiros não são muito comuns aqui, às vezes até são trazidos de fora, Nazaré das Farinhas, por exemplo.

— Mas a maior parte é daqui mesmo.

— É, sim. Algumas pessoas das cercanias mantêm dois ou três carneiros, para abate.

— É o seguinte, Seu Bará: os carneiros podem ser hospedeiros intermediários de um verme cuja forma adulta vive nos intestinos de cachorros. Quando o cachorro defeca, há ovos desse verme nas fezes. Se alguém, por acidente, ingere algo contaminado com essas fezes, também é vitimado pelo verme.

Com os carneiros se estabelece um verdadeiro ciclo. Eles comem grama contaminada com os ovos, se tornam hospedeiros intermediários, as vísceras são comidas por cachorros, que se tornam hospedeiros definitivos, defecam, os carneiros comem e por aí vai. Mas o homem pode entrar no processo também.

Isto porque não só pode comer algo contaminado sem saber, como pode alisar um cachorro que tenha se lambido e depois comer alguma coisa sem lavar as mãos e ingerir ovos. Isto é muito sério porque esses ovos vão formar cistos no organismo da pessoa, cistos esses que podem alojar-se em

qualquer órgão do corpo, como o fígado e os pulmões. E o problema é que já houve vários casos disso aqui, inclusive um com morte, embora não seja uma doença comum entre nós, até porque temos pouquíssimos carneiros. E eu estou inclinado a crer que seus cachorros estão contaminados e estão causando o surgimento desses casos. O menino que morreu com um cisto no cérebro passou alguns dias aqui, em companhia da avó.

— Sim, lembro-me de uma senhora que passou creio que uma semana aqui, em companhia de seu neto.

— Exatamente.

— E a criança faleceu? Mas isto é terrível, é profundamente lamentável.

— Pois é. Eu só queria certificar-me de tudo e participar-lhe que será feita uma investigação, é uma questão de saúde pública.

— Mas não tenho nada a objetar, se se trata do bem-estar do povo. Apenas preocupo-me com o destino de meus cães. Se o resultado for positivo, terão de sacrificá-los?

— Não sei, Seu Bará, não entendo dessas coisas, não sei dos meios eficazes para o combate a esse verme, não sou parasitologista, nem epidemiologista, nem nada disso. Apenas, tive algumas informações e decidi investigar. Agora, vou passar o caso a quem de direito. Mas é evidente que haverá algumas conseqüências para o senhor, não sei quais, talvez o impedimento da continuação de suas atividades, não sei bem. Como já disse ao senhor, não entendo do assunto, minha parte acaba aqui.

— Não deixa de ser irônico que a origem da maior parte desses carneiros, que o senhor acha haverem trazido a moléstia, tenha sido exatamente o hospital.

— O hospital? O hospital cria carneiros?

— Atualmente, creio que não. Mas, logo no início, depois da construção de algumas alas novas, havia um pequeno rebanho, que depois eles doaram a

pessoas das redondezas daqui. Algumas criaram os ovinos algum tempo, outras os comeram.

— Isso é curioso. E de onde teriam vindo esses carneiros do hospital?

— Ignoro completamente.

— Curioso, curioso. Bem, Seu Bará, eu agradeço a gentileza de me receber e lamento que minha visita não tenha sido propriamente agradável.

— Não se preocupe, senhor professor, o senhor está realizando um trabalho cívico, creia que não abrigo o menor ressentimento. O que tem de ser, tem de ser.

— É isso mesmo. Bem...

Já era bastante tarde quando desceram o outeiro. Mãozinha Três observou com satisfação que a coruja não piara nem na vinda nem na volta, mas João Pedroso não respondeu, porque, em quase todo o percurso, tornou a sentir aquela espécie de presença maligna.

— Mas a rua Augusta está sempre movimentada e a locadora fica a dois quarteirões daqui, aberta dia e noite — disse Nando. — Perigo por perigo, a gente podia ser assaltado aqui mesmo, dentro do hotel. Não seria a primeira vez que isso aconteceria. Você fica completamente tabaréu, quando chega no Rio ou em São Paulo, até parece que nunca viajou na vida.

— Não adianta. Não alugo carro nem saio a pé, só vou de táxi. Principalmente depois do assalto de Tavinho, porque agora eu estou nas estatísticas. Ele e eu éramos os últimos do nosso círculo que não tinham sido assaltados. Agora eu sou o único. Quer dizer, mais dia, menos dia, me pegam, é inevitável. Mas não é por ser inevitável que eu vou facilitar. Não, nada disso, vá por mim e telefone para esse escort service, a gente pega as meninas, janta com elas aqui mesmo, traz para o quarto e come, é muito simples, não há necessidade nenhuma de sair.

Estavam reunidos no escritório de Nando dias atrás, justamente para combinar a viagem a São Paulo, quando Tavinho telefonou, perguntando se podia dar uma passadinha lá, precisava conversar, precisava ver amigos. História horripilante, disse ele ao chegar, pálido, trêmulo e com um curativo na testa. Um dez horas da noite, estava ele se aprontando para sair, com uma bochecha já barbeada e a outra por barbear, quando bateram na porta e ele pensou que era Kathya, que o pessoal da portaria já conhecia e subia sem avisar pelo interfone e nem usou o olho mágico, foi logo abrindo. Foi logo abrindo e recebendo pelo meio dos cornos a boca de um três-oitão, na mão de um sujeito enorme, seguido por um crioulo de escopeta. Não falou nada, mas tomou uma porrada na testa dada com o lado do revólver e os dois foram entrando e perguntando pelos dólares. Qual é dólar, tinha respondido ele, eu tenho lá nenhum dólar, e o cara deu-lhe outra porrada na testa, desta vez mais forte, suficiente para ele se empapar de sangue e tomar quatro pontos mais tarde. Foi empurrado para a cama, onde o amarraram, e passaram a revirar o apartamento todo. Levaram os cartões de crédito, os talões de cheques, o correntão, o Rolex de ouro, o Audemars Piguet de bolso, o televisor, dois papelotes de dez gramas cada, a roupa que estava no armário, levaram a porra toda. Ficaram no prédio até as duas da manhã, limparam tudo, comeram várias mulheres — inclusive Kathya, que deu azar e chegou uns quinze minutos depois de eles terem tomado conta da portaria, cortado os fios dos telefones e trancado todo o pessoal do apart-hotel no almoxarifado e aí ela foi currada por dois, ali mesmo na portaria. Deram porrada em diversos, comeram e cagaram no restaurante e levaram o que afanaram em três peruas grandes. A polícia disse que eram onze, todos com revólveres de grande calibre e artilharia pesada, tinha um até com granada. Assim que o velho abotoar o paletó, dissera Tavinho, eu torro tudo o que me couber e emigro desta merda, vou morar no Alasca. Qualquer coisa é melhor do que esta bosta aqui, talvez somente o

interior do Haiti e o Baixo Gabão sejam um pouco piores.

— É, não vou, não tem quem me faça. Telefone para as meninas. Para mim, pergunte se tem duas bem jovens, uma loura e uma morena, que também rocem, estou a fim de uma suruba.

— Ah, eu não, nunca curti muito esse negócio de suruba, eu só quero uma.

— Ah, você não sabe o que está perdendo, não existe visão mais bonita que duas mulheres lindas se roçando na sua frente.

— Eu já vi, não me interessa muito, já passei a fase. Mas gosto não se discute, eu peço as suas duas, pode deixar, eu já usei esse serviço, é o melhor de São Paulo e aceita todos os cartões de crédito, a gente pode gastar à vontade. O número do telefone está na minha agenda.

— Você não tem medo de que Bebel pegue essa agenda, não?

— Só se eu fosse otário de botar com o nome do escort service. O nome do service não é Top Escort Service? Pois aqui está o nome de um grande amigo meu, paulista, Tadeu Orico Prado, t-o-p, sacou? Pode deixar, que eu conversei com Tadeu e a gente faz esse programa.

Pegou o telefone e acertou tudo. Perfeito, as três, todas estudantes universitárias deslumbrantes, viriam em cerca de uma hora, inteiramente de acordo com as especificações, e eles as esperariam no Golden Grill, o restaurante principal do hotel. E, enquanto Nando ia tomar banho e se aprontar, Ângelo Marcos pôs os pés em cima da mesa, cruzou as mãos na nuca e pensou como esta viagem a São Paulo estava saindo muito melhor do que a encomenda, inclusive em relação a Ana Clara, o que, aliás, ele havia previsto. A estratégia funcionou com maior presteza que a esperada, desde o primeiro dia. Quando telefonou para ela, avisando que ia a São Paulo e nem passaria na ilha antes, sentiu que ela foi logo abrandando os modos e o tratou com uma amabilidade, até carinho, que havia muito tempo não manifestava. Só

faltou pedir para que ele não viajasse. Assustou-se, claro, de repente o marido não estava tão na mão dela assim. E mais assustada ainda deve ter ficado subsequente, porque, depois da chegada a São Paulo, ele levou dois dias sem dar notícias, só telefonou no terceiro e, assim mesmo, muito rapidamente, em tom que, se não chegava a ser frio, também não era afetuoso. Ela estava um doce do outro lado, verdadeira mudança de água para vinho, mudança esta que se acentuou nos dias seguintes, a ponto de estarem agora praticamente como nos bons tempos, pelo menos por via telefônica.

É isso mesmo, não se pode tratar mulher com muita moleza. Essa conversa de igualdade, feminismo etc. e tal é desmentida pelos fatos, mulher só gosta de macho, é um dado biológico, não se pode escapar disso. Ela pode ser independente como for, cabeça aberta como for, moderna como for, mas, se o homem cai nessa besteira de tratá-la como igual, dança feio. Estão aí dezenas de casos, para demonstrar que isso é inegável. Depois da doença, ele tinha começado a dar atenção demais a ela, a ouvi-la demais, a dar uma colher de chá, e aí deu no que deu. De certa maneira, fora até bom que ela tivesse escrito os cadernos, porque, se ele não pegasse aqueles escritos, talvez fosse tarde demais, na hora em que quisesse recolocar as coisas nos eixos. Aqueles cadernos eram a maior bandeira de que ela estava mesmo se desinteressando dele e, realmente, se não fosse pelo isolamento na ilha, talvez tivesse se metido em alguma aventura. Mulher não tem a cabeça muito segura, é um ser instintivo, funciona muito mais na base hormonal e animal do que na base intelectual, não há exceção, quem pensa o contrário quebra a cara. Se o sujeito não manobra bem essa característica irracional do comportamento delas, elas ficam inseguras e partem para preencher suas necessidades instintivas de qualquer maneira. Mulher é fêmea, como dizia o velho Palmeira, na Faculdade. Não se esqueçam disso, dizia ele, naqueles papos memoráveis na cantina: mulher é fêmea. Primeiro fêmea, segundo fêmea, terceiro fêmea, depois gente.

E, como ele gostava de repetir, não existe mulher séria no sentido clássico, existe mulher malcantada.

Felizmente, na ilha não havia cantadas nem cantadores. Quem poderia preencher os requisitos? Algum dos médicos do hospital? Nunca. Além de eles raramente aparecerem na cidade, ela acha todos uns pentelhos insignificantes. Quem mais? João Pedroso? Nunca. Não só por ela, que sempre foi grã-fina e metida a besta e preferiria morrer a dar para um peixeiro, como por ele, que é seu amigo e um sujeito decente, respeitador, tímido e talvez bicha enrustida, já com mais de 40, sem nunca ter casado e sem andar com mulher. Pronto, esgotara a lista. Além disso, na ilha se sabe tudo e se fofoca tudo, como ela mesma vive se queixando. Onde ela ia se encontrar com o amante? Na rua? Dentro de um carro? Só se fosse na própria casa, mas ela nunca teria essa coragem, inclusive por causa dos empregados.

Não, besteira, esquecer esse negócio de amante, isso é problema superado, besteira, besteira. Superadíssimo, tanto assim que, ao contrário de sua expectativa inicial, levaria um presente para ela. De tarde, entrara na joalheria superchique que funcionava no saguão do hotel e, sem pestanejar, pagara uma fortuna incalculável por um conjunto de colar, pulseira e brincos de águas-marinhas em ouro branco, que ela preferia ao amarelo. Além de ser um presente fantástico, a que nenhuma mulher ficaria indiferente, era também um excelente investimento, um patrimônio para toda a vida, porque claro que não deixaria que ela ficasse com o conjunto, caso houvesse uma separação ou um problema grave.

E os investimentos, por sinal, constituíram outro aspecto altamente positivo da viagem. Depois de longas conversas e análises com o americano, realmente uma fera em matéria de finanças e contabilidade, ficou clara a vantagem de liquidar a maior parte de suas ações na Bolsa de São Paulo e suas aplicações em fundos ao portador, para investir em dólares fora do país. Até

porque confiar nesta economia de merda, que um dia destes acaba de degradingolar de vez, junto com tudo mais, chega a ser maluquice e, se o sujeito não se cuidar, vai no mesmo caminho que o país, ou seja, para o brejo. E todos, absolutamente todos os seus lotes de ações estavam em alta, a desova foi um sucesso total. Nando, em tom de brincadeira, mas deixando transparecer uma ponta de inveja, chegou a xingar aquela sorte toda, que ele próprio não teve. Na realidade, não haveria sido necessário vir a São Paulo para fechar os negócios, mas valera a pena, não só para dar um tranco em Ana Clara, como porque, por alguma razão, é mais estimulante, mais revigorante e satisfatório ganhar dinheiro pessoalmente em São Paulo do que na Bahia, a Bahia é econômica e financeiramente broxante. Ganhar dinheiro em São Paulo é como um time de futebol baiano fazendo bonito entre times sulistas, é uma espécie de consagração. Chega-se em pleno território deles e mete-se a mão na granolina. E depois São Paulo, ao contrário do que os próprios paulistas vivem dizendo, é uma cidade fantástica, uma cidade onde tudo funciona, ninguém é um babaca incompetente como quase todo mundo na Bahia, come-se bem, fode-se bem, acha-se tudo. Além disso, havia o check-up. Check-up para valer só em São Paulo, todo mundo sabe disso. Junto desses hospitais e centros médicos daqui, os da Bahia são enfermarias medievais. E tudo também tinha corrido às mil maravilhas, depois de uma bateria de exames impressionante. Recuperação surpreendente, estado geral excelente para sua idade, recomendações mínimas e muito mais suaves que para a maioria de seus amigos: hábitos moderados, nada de fumo, um pouco de exercício, comida leve no colesterol e mais outras bobagenzinhas.

Levantou-se num salto, subitamente invadido por uma onda de energia eufórica que lhe deu até vontade de soltar uns gritos. Sim, era um homem feliz, um homem em plena realização, com tudo o que ambicionava a seu alcance. Marchou para o banheiro, onde Nando, com a porta aberta, estava retocando

o penteado e passando uma geléia cheirosa no rosto.

— Pronto, rapaz, você já está belo, um verdadeiro galã de cinema, vamos andando. E para que tanto capricho na aparência, se a maior diversão hoje vai ser na base de todo mundo nu?

— As meninas ainda demoram, não precisa ter pressa.

— A gente pode ficar conversando no bar do restaurante, é melhor do que ficar enfurnado aqui.

— Marquinhos, eu estive pensando. Você não tem medo de Aids, não? Aqui em São Paulo, inclusive, a barra de Aids é pesada.

— Qual é, rapaz, essa história de Aids é muito malconta da, há muita hipocrisia na classe médica, por causa da pressão dos veados. Veado, no meu tempo, disfarçava, era tudo na moita, eles tinham vergonha de ser veados. Agora, não, agora eles têm associações, fazem manifestações, querem direitos e não sei o quê. Aí, os médicos, para não serem aporriados e denunciados por eles, ficam pondo panos quentes e usando meias palavras. Mas, na verdade, todo mundo sabe que Aids dá mesmo em quem toma no rabo ou toma pico. Na qualidade de médico, eu vou lhe dizer quais são os primeiros sinais de Aids. São um peso nas costas e um bafo na nuca, sacou? Como é que um tecido vaginal hígido vai transmitir coisa nenhuma? Aquilo é feito para esticar mesmo. É verdade que tem uma porrada de anos que eu não abro um livro de Medicina, mas tenho certeza de que são necessárias agressões repetidas, exposições múltiplas, organismos debilitados por drogas ou orgias e assim por diante. E está provado que muito esperma na mucosa retal acaba deprimindo a resposta imunológica. Quer dizer, não só tem de tomar no rabo, como tem de tomar muito no rabo. Sem essa de Aids, não tem nada de Aids, pode afogar o ganso numa boa.

— Mas sempre é um grilo. Eu li numa revista que, na África, por exemplo, dá muito em heterossexuais.

— Mentira. Quer dizer, parcialmente mentira. Eu quero saber qual é a estatística confiável na África, com a maior parte do criouléu cagando nos matos e desconhecendo até vidro e papel. E crioulo gosta muito de uma enrabação, todo mundo sabe disso. Para não falar nas condições higiênicas deles, todo mundo com cancro no cacete e na xoxota, sífilis, lepra, elefantíase, o caralho. Aí a infecção é inevitável. Não é assim, meu caro Dr. Fernando, deixe de ser besta. Vamos dar um tiro definitivo nesta conversa baixo astral: quem não deu o rabo não precisa ter medo de Aids. Você já deu o rabo?

— Eu não.

— Eu também não. Portanto, ao combate!

Noite extraordinária. Que beleza, as putinhas paulistas, meninas finíssimas, excelente papo, na Bahia seriam umas ladies, dá para você levar para qualquer lugar, que elas não fazem feio, pelo contrário. Eram exatamente como pediram, a loura e a morena para Ângelo Marcos e outra morena para Nando, por sinal a bunda mais espetacular das três, o que o deixou com alguma inveja, decidido a guardar o nome dela, para da próxima vez chamá-la. Ficaram algum tempo no bar do restaurante do hotel, mas acabaram decidindo sair. Gabi, a morena de Ângelo Marcos, descendente de italianos, falou em comida italiana e todo mundo fez boca de comida italiana. Saíram em dois carros com motorista, Ângelo Marcos sentado no banco de trás do seu, entre as duas moças. Que peitos tinha a lourinha, duas verdadeiras esculturas, com uma penugenzinha enlouquecedora entre elas. Não agüentou, passou o braço por trás dela e enfiou-lhe a mão no decote. A outra se mexeu ao lado esquerdo, e ele, notando como a saia dela estava no meio das coxas, alisou-lhe o joelho e fez a mão subir, com ela abrindo deliciosamente as coxas. Chegou a pensar em cancelar o jantar, mas achou que ficava chato e se contentou com uma bolinação cada vez mais frenética, até chegarem ao restaurante, um lugar digno de qualquer metrópole européia, com uma decoração de altíssima

categoria. Quase não entram, porque não tinham reservado uma mesa, mas Nando, com a maior classe e discrição, tacou uma nota de cinquenta dólares na mão do maitre e num instante apareceu uma mesa de canto, exatamente como convinha a eles.

Que farra! Já no quarto, nu com as duas, mergulhou na cama entre elas, uma das quais começou a se esfregar na bunda dele, enquanto a outra o chupava. Que sensação! E elas se roçando? E ele botando as duas de quatro lado a lado e metendo numa e noutra alternadamente? Gozou nas duas e ainda teve tesão para continuar na brincadeira a noite toda, embora sem gozar mais. Gostou tanto que, quando elas saíram, já dia claro, não conseguiu dormir imediatamente. Ficou deitado de barriga para cima na cama, pensando em que noite de prazer requintado tinha tido, da comida às mulheres — são coisas como essa que levam à plena realização do homem refinado e bem-posto na vida.

Esperando dar onze horas, quando Padre Monteirinho já se teria desincumbido de suas tarefas matinais na igreja e estaria trabalhando no escritório da casa paroquial, João Pedroso decidiu de repente abrir a gaveta central da escrivaninha e tirar dela um álbum, não de fotografias, mas de cartas, escritas numa letra miúda, quase de imprensa, e todas destinadas a ele. Eram as cartas do pai, a complementação escrita do que lhe falava quando morava em sua casa, que nunca cessou de bombardeá-lo onde quer que estivesse e fazer com que se sentisse num permanente inferno de recriminação e culpa. A carta do vestibular de Direito, que não quis fazer, e o velho considerou aquilo covardia e traição. A carta sobre o caráter de um verdadeiro homem. A carta sobre fracasso. A de sua biografia, desde uma infância onde já se percebia fraqueza de vontade e lassidão. A da velhice desconsolada. A da permanente decepção. E mais dezenas de outras, cada uma lembrada por uma

ferida especial.

Fechou o álbum, mas conservou-o nas mãos. Por que guardara estas cartas tão cuidadosamente? Porque, embora isso lhe custasse e ele o fizesse entre estremeções e interrupções nervosas, de vez em quando as relia? Não sabia por quê. Mas agora sabia outra coisa, sabia que não queria mais lê-las, nunca mais. Passou a vê-las, finalmente, como simples insultos despeitados, invejosos e doentios, partidos de um homem que, apesar de ser seu pai, jamais gostara dele, um homem que, se julgando superior, era na verdade um frustrado mesquinho, autocrático e recalcado. De uma forma ou de outra, sempre soubera disso, mas se acostumara de tal forma a ver as coisas acontecerem como o pai vaticinava, que nunca o questionou. Lembrou-se do dia da morte dele. Não sentira nada. Não quis ver o defunto, escondeu-se da maior parte das visitas e só foi ao enterro porque não podia deixar de ir, ainda mais sendo filho único. Muitas vezes se indagara se não era um insensível absoluto — como o pai, aliás, o acusara várias vezes —, por ter tal indiferença pela morte de quem, afinal, o tinha feito e criado. E também passara a vida toda torturado pelo quarto Mandamento. Mas não. Em primeiro lugar, nunca o desonrara em nenhum sentido, sempre levando uma vida correta, embora frouxa. Nem desonrara a mãe, embora secretamente houvesse abafado muita raiva dela, por nunca se ter oposto às violências e injustiças do pai, nem nunca ter defendido o filho contra acusações absurdas. Em segundo lugar, ver a verdade não era desonrar. Se o sujeito é filho de um ladrão confirmado e reconhece que o pai é ladrão, não está desonrando o pai. E, em terceiro e último lugar, chega! Olhou para o álbum, sem abri-lo. "Nunca mais abro esta merda", disse em voz alta, apertando e quase amassando as cartas. Mas parou o braço a meio caminho, no momento em que ia repor o álbum na gaveta. Não, por que guardar esse negócio, que morbidez masoquista é essa, que é que havia de importante nessas peças pedantes e mentirosas, que deviam ter sido

enterradas com ele? Claro, pensou, tocar fogo. Levantou-se, imaginando como faria para queimar o álbum e só deixar cinzas pisadas. Resolveu que armaria uma fogueirinha simples, no quintal. Uns gravetos, umas folhas secas, querosene ou álcool em cima, e fogo. Achou uma garrafinha de querosene no armário debaixo da pia, marchou para o quintal com o ar sisudo de quem participa de uma cerimônia importante. Escolheu um lugar no centro da grama, jogou nele o álbum e ia abrir a garrafa de querosene, mas subitamente achou que aquilo era solenidade demais para dar fim numa besteirada sem importância, apanhou o álbum, caminhou de volta para a casa e, ao chegar à porta da cozinha, destapou a lata de lixo e o deixou cair dentro dela.

Já eram quase onze horas e, de muito boa disposição, saiu com as mãos nos bolsos em direção à casa paroquial. Tudo estava mudando. Até o afastamento entre ele e Monteirinho agora lhe parecia, embora reconhecesse não ver razão concreta para isso, uma coisa superável. Recuperaria o amigo e a convivência, sim, não sabia como, mas tinha certeza. Ensaiou um pouco o que diria a ele. Talvez um certo suspense, uma certa encenação brincalhona. E estava ainda imaginando como começaria, quando chegou à porta da casa paroquial.

— Com licença, Chico — disse a Chico Frade, sacristão e secretário de Monteirinho, que estava no vestíbulo, conversando com duas velhas. — Eu acho que Padre Monteirinho está me esperando, eu mandei recado.

Estava, sim, podia ir entrando, era gente de casa, o padre se entocara na sala maior, lá de cima, para fazer as contas do orfanato. João Pedroso encontrou a porta entreaberta, deu duas batidinhas e o padre levantou os olhos de uma massa desordenada de folhas de papel pautado.

— Por que você não arranja uma máquina de calcular?

— disse João Pedroso, entrando e parando diante da mesa do padre. — Você vai acabar ficando doido, com essas contas todas que vive fazendo.

— Eu não acerto a mexer com máquinas. E eu sou bom em tabuada e aritmética, sempre fui. Mas, sim, que surpresa!

Como vai você? Desde a hora em que recebi seu recado, fi quei curiosíssimo. E tive um palpite: é alguma coisa relaciona da com Bará, não é? Você descobriu alguma coisa?

— Descobri, descobri.

— Vá sentando aí e me conte. Você soube alguma coisa das tais criaturas?

— Das criaturas? Não, das criaturas não. Eu estive lá e ele veio com a mesma conversa que teve com você, que viu as criaturas, coisa e tal, mas sem prova nenhuma. Eu também acho que é chute.

— Mas você então desmascarou alguma fraude dele?

— Não, não desmascarei fraude nenhuma.

— Então o que é, pare de fazer mistério!

— Eu não estou fazendo mistério nenhum, você é que fica me enchendo de perguntas e não me deixa falar.

— Está certo, está certo, vamos lá.

— Você vai gostar tanto da notícia que bem poderia me oferecer um drinque. Já são mais de onze horas, meu horário de tomar qualquer coisinha, antes do almoço. E hoje vou al moçar com Lúcio Nemésio, no hospital, e no hospital não se serve bebida alcoólica. Coisa horrível, mas só vou porque o assunto interessa muito a Lúcio Nemésio também, e acredito que ele vai ajudar você. Como é, sai o drinque ou não sai?

— Além de fazer mistério, você está fazendo chantagem. Você sabe muito bem que eu não tenho uísque aqui no escritório.

— Mas tem lá embaixo, que eu sei. Quer que eu vá buscar?

Monteirinho suspirou, foi até o topo da escada, chamou Chico Frade e pediu que ele trouxesse a garrafa de uísque, gelo e um copo. João Pedroso,

apesar da impaciência do padre, só começou a falar depois que tomou o primeiro gole. Mas fez menos rodeios do que planejara e resumiu rapidamente a história da equinococose e da visita a Bará. Estava quase seguro de que o foco da doença tinha a ver com as atividades de Bará e de que seus cachorros eram hospedeiros do verme e estavam contaminando gente, talvez até ele mesmo. Isso, claro, significava que a Saúde Pública podia agir contra o feiticeiro e talvez significasse também que ele seria obrigado a suspender suas práticas, ou seria expulso de onde estava. Ia falar com Lúcio Nemésio, que com toda a certeza tomaria alguma medida. E, se confirmada a suspeita, tanto Lúcio Nemésio como, provavelmente, Ângelo Marcos podiam tomar a frente das providências contra o feiticeiro. Que tal?

— Você tem razão — disse o padre. — Belíssima notícia.

Belíssima. A mão da Providência está ajudando a Igreja.

Quando é que você vai continuar a investigação?

— Eu não vou continuar a investigação, não tenho con dição para isso, isso requer conhecimento especializado, técnica e metodologia especializadas. Eu vou falar com Lúcio Nemésio. O hospital é do Estado, portanto ele pode mandar gente lá ao terreiro de Bará, para examinar a cachorrada e fazer tudo mais que deve ser feito, inclusive interditar o terreiro, sei lá, deve haver uma porção de coisas ao alcance deles.

Não entendo nada da legislação sobre o assunto, mas tenho certeza de que alguma coisa pode ser feita.

Quando saiu, parou à frente de um oitizeiro no Largo da Quitanda, porque não pôde conter o impulso de admirar a grande árvore, sólida como uma torre de pedra e ao mesmo tempo viva e vibrante, habitada por dezenas de pássaros e milhões de outros seres e agitando as folhas miúdas contra um céu muito azul. Teria ficado mais tempo assim detido, se não fosse por um bulício que percebeu na forquilha do oitizeiro e o surgimento repentino da

cabeça de um grande calango, no meio das folhas e gravetos ali acumulados. Teria dois rabos, como aquele outro, era ele outra vez? Aproximou-se do tronco do oitizeiro e o rodeou, na esperança de flagrar o calango pela traseira, mas o bicho disparou pelas galhas acima com tal velocidade que ele não conseguiu mais vê-lo. Seria ele? Por que pensava que era um só, e não vários? Por que não se esquecia dele? Por que ele lhe trazia sempre aquele sentimento já praticamente esquecido, mas agora revigorado, de que alguma coisa estava terrivelmente errada e havia um mal tangível, pulsando nas coisas em torno?

Esfregou a cabeça, apertou a nuca e saiu quase correndo para o ponto de ônibus.

Assim que desceu do ônibus, encontrou Lúcio Nemésio de pé junto ao portão principal do hospital, inspecionando a construção de uma fossa e se queixando de que até de fossa era obrigado a entender, porque, se não ficasse em cima deles, saía tudo errado, e com fossa de hospital não se brinca. Deu ainda algumas instruções, mas não demorou muito mais. A fossa já estava quase pronta, podiam dar uma passada em seu escritório, conversar em paz e depois subir para o refeitório. Há muito não se viam, até parecia que moravam numa cidade grande. Uma montanha de trabalho no hospital, que, além de tudo, é um verdadeiro suplício de Sísifo, porque a maior parte dos doentes que saem curados fica doente das mesmíssimas coisas outra vez, dá uma certa frustração. Mas, sim, que novidade era essa, que fazia o homem-ostra João Pedroso sair de seus cômodos para vir honrá-lo com uma visita ao hospital?

— Eu acho que descobri a chave para o mistério da equinococose — disse João Pedroso, depois de se sentarem no escritório.

— Você o quê? Você soube que o menino, aquele de que lhe falei, morreu?

— Soube, ele é neto de Quatinga, um pescador amigo meu.

— Coitado, não tinha jeito mesmo. Mas você resolveu o mistério? Não

me diga! Vou lhe conceder a Medalha do Mérito Hospitalar, que não existe mas eu crio hoje. Como é que foi isso?

— Bem, não tenho certeza absoluta, mas acho que encontrei a resposta. Você já ouviu falar de Bará, um que o povo chama de santinho, Bará da Misericórdia?

— Já, já.

— Ele faz sacrifícios de carneiros. Nesses sacrifícios, queimam o coração do carneiro, mas a carne é distribuída para consumo, inclusive as vísceras. E as vísceras muitas vezes são dadas cruas aos cachorros. Ele tem uma porção de cachorros no terreiro dele. O neto de Quatinga uma vez passou oito dias no terreiro, na companhia da avó dele. Aí eu fui ligando uma coisa a outra... Sou capaz de apostar que, se você fizer um levantamento dos doentes de equinococose que passaram por aqui, todos tiveram contato com Bará. Com os cachorros dele, quero dizer.

— Fantástico! Bela hipótese de trabalho. Vou mandar uma assistente social verificar. Não vai ser difícil, são pouquíssimos casos. Bela hipótese, boa notícia você me dá. Se for um foco assim localizado e circunscrito, vai ser fácil eliminá-lo. Se bem que eu não conheça a metodologia de um trabalho desse tipo, mas eu consigo um sanitarista na Secretaria, consigo uma equipe especial.

— É, a única coisa que não encaixa foi aquilo que você me disse a respeito dos carneiros. Você se lembra, você disse que não sabia de nenhum carneiro gaúcho por aqui. A doença não é mais comum no Sul, na Argentina, Uruguai etc? Aliás, tem um dado curioso: Bará me disse que o hospital andou dando carneiros. Mas, pelo visto, você não sabia disso. Deve ser mentira dele, mas por que ele inventaria essa história?

— Bem, só se foi há uns três ou quatro anos, quando eu passei mais de seis meses nos Estados Unidos. O pessoal dos laboratórios cria uns bichinhos aí, os gringos também, mas eu nunca soube de carneiro nenhum. Mas vou

mandar apurar agora, não deixa de ser interessante. Se eu conseguir que este interfone maluco funcione, falo com D. Salete agora, para ver isso. D. Salete, eu queria um favor da senhora. É para a senhora verificar se, na época em que eu estive fora, nos Estados Unidos, aqui houve algum carneiro.

— Não precisa verificar, Dr. Nemésio, eu sei desses carneiros. Eles vieram com o Dr. Grimes, mas depois parece que ele resolveu que não precisava mais deles e aí deu todos a famílias de pacientes do hospital. Eu sei porque ele me pediu para escolher as famílias e fazer as doações. Eram uns quinze ou vinte carneiros e ovelhas.

— Muito obrigado, D. Salete. Dr. Grimes, hem? Claro, claro! Solução completa, meu caro Dr. João Pedroso: os cachorros do Dr. Grimes eram gaúchos, só podiam ser, porque antes o Dr. Grimes, que veio para cá na minha ausência, trabalhava na Argentina.

— Mas por que diabo ele trouxe os carneiros? Ele estava desenvolvendo algum projeto com carneiros?

— Excentricidade de inglês, maluquice, ele é meio abilolado. Provavelmente usava os carneiros para reações serológicas e ficou afeiçoado a eles, inglês é assim.

— Mas, se ele era afeiçoado a eles, por que deu todos, mesmo sabendo que o pessoal ia comer a maioria?

— Bem, não sei, talvez tenha ficado chocado com a fome e a miséria do povo daqui e tenha decidido que essas pessoas precisavam dos carneiros mais do que ele. Não sei, só perguntando a ele.

— Por que você não pergunta?

— Não posso, ele está na Alemanha, só volta para o ano.

— É, estranho esse negócio dos carneiros, agora fiquei curioso. O que é que esse Dr. Grimes fez?

— Hem? Ah, ele é microbiologista, faz umas pesquisas aí com os outros

gringos, eu não acompanho bem.

— E trabalhava com carneiros, hem? Interessante.

— Desculpe, mas não acho tão interessante assim. Carneiro pode não ser o animal mais usado em pesquisa médica, mas é usado. Ele pode ter inoculado os bichos com alguma bactéria e queria ver os resultados, sei lá.

— É, certo, claro.

Mas Lúcio Nemésio não parecia muito calmo, depois da revelação. Mudou de assunto, passando a falar sobre os contatos que ia fazer para conseguir uma equipe especial na Secretaria da Saúde, para então discorrer um tempo enorme sobre a estupidez da burocracia. Durante o almoço, apressado porque ele tinha muito o que fazer à tarde e não parava de olhar para o relógio, João, que o estava achando esquisito, falou nas criaturas vistas por Bará, e ele quase engasgou embora se tenha recomposto com rapidez.

— Que foi que houve? — perguntou João.

— Eu não me emendo e nunca aprendo a mastigar direi to. Acho que me engasguei com uma cartilagem de galinha.

— Eu tive a impressão de que você tinha tomado um susto, quando eu falei nas criaturas.

. — Susto? Mas por que eu haveria de tomar um susto com essa história louca? Não, foi engasgo mesmo, pode ter certeza.

Não fez nenhuma pergunta sobre as criaturas, passou o resto do almoço praticamente em silêncio e se despediu de João Pedroso antes mesmo do cafezinho, agradecendo a colaboração e pedindo desculpas pela pressa. João Pedroso desceu o elevador pensativo e continuou pensativo durante toda a viagem, no ônibus de volta. E ainda estava intrigado e distraído, quando, ao descer no ponto final, quase tropeça em dois cachorrinhos pug, puxados por Rosário, a mulher de Nemésio.

— Desculpe, D. Rosário, quase piso nos seus cachorrinhos.

— Meus não, de Lúcio.

— Eu não sabia que ele gostava de cachorros.

— Ele não gosta tanto assim. Deram a ele, mas na verdade quem fica com eles sou eu, eu acho eles muito engraçadinhos, você não acha?

— Acho, acho. Curioso, nunca vejo eles, quando vou visitar Lúcio.

— Eles não estavam aqui, estavam na casa de minha filha, por isso é que você nunca viu.

— Como são os nomes deles? Eles atendem?

— Atendem, sim. Este daqui é Watson e este daqui é Crick.

— Como é?

— Watson e Crick. Idéia de Lúcio. Eu achei ótimo. Eles são ingleses e têm mesmo cara de Watson e Crick.

— Watson e Crick... Engraçado...

— E, eu também acho.

— Mas não é por isso. É que... Bem, não vem ao caso.

— O passeio deles já está atrasado, tenho que ir andando. Uma boa tarde para você, João, prazer em vê-lo, vamos embora, meninos.

João parou debaixo do abrigo e se apoiou numa pilastra. Claro, podia ser tudo casual, tudo impressão, mas, seja estava intrigado antes, ficou mais ainda. Por que diabo Lúcio Nemésio pusera aqueles nomes nos cachorros? Por que logo Watson e Crick?

CAPÍTULO 8

Estava pasma. Abobalhada, boquiaberta, sem entender nada. Nunca esperou essa reação, jamais. Não planejara falar-lhe tão cedo depois da volta de São Paulo, mas a situação ficou insustentável logo no primeiro dia. Sempre fora muito regular e contara estar menstruada no dia da volta dele, bênção de Deus. Mas a menstruação não chegou e não dava para fingir, porque às vezes ele encarava modess numa boa e aí ia perceber a fraude. Veja-se que ponto esse tipo de coisa atinge: chegou a pensar em se enfiar um tampão e botar um modess sujo de ketchup, com sinceridade! Aliás, só não botou porque não tinha ketchup na casa, a verdade era essa, a repugnância havia ficado absolutamente invencível.

Fizera uma tentativa séria de segurar a barra um tempinho, mas não calculou bem sua tolerância, que dependia bastante do apoio da menstruação, em medida muito maior do que previra. Que sacrifício o beijo ardente da chegada — felizmente era fim de semana e Bebel e Nando vieram com ele e mandava a compostura que não ficassem se chupando escandalosamente na frente dos outros — como ela mesma lhe disse, com toda a delicadeza possível. E, para piorar as coisas, a oposição acirrada de Bebel.

— Qual é nojo nenhum, mulher, deixa de ser maluca! — gritara ela, irritadíssima. — Deixa de ser fresca! Você está completamente fora de si, mas completamente fora de si! Aninha, você tem certeza de que não está doente, não tem tido febre, alucinações?

— Não dá, Bebel, não dá, você não pode calcular o suplício. Como é que eu vou fazer de noite? Só em pensar me dá um arrepio.

— Tome um porre, faça qualquer coisa, o que você não pode é entrar nessa, isto é a loucura mais destrambelhada de sua vida! Largar um casamento confortável, com dinheiro e status, para daqui a pouco estar catando camarão

no Mercado, para a freguesia do marido? Onde é que você está com a cabeça, mulher, onde já se viu uma coisa dessas?

— Eu acho que é tudo exagero seu. Mesmo que a vida aqui seja um pouco monótona, eu já estou me acostumando, Salvador fica ali ao lado, João não é tão miserável assim.

— Sim, e isto lembra um outro aspecto. Você já conversou com João?

— Não, ainda não. Mas...

— Ainda nem falou com ele? Mas, meu Deus do céu, é pior do que eu pensava, é loucura varrida, de hospício, bolinha e choque elétrico! Aninha, pelo amor de Deus, você não está vendo que está agindo como uma total desmiolada, querendo destruir sua vida? Como é que você vai fazer uma coisa dessas sem falar com a outra parte interessada? E se ele tirar o corpo fora, como é que fica?

— Eu não acho que ele vai tirar o corpo fora, eu acho que ele vai topar.

— Acha, acha, acha. Você tem que ter certeza! Aliás, você não tem que ter certeza de nada, você tem mais é que desistir dessa besteira monumental! Quer dizer que você acha que ele vai topar, não é? Que beleza, você acha.

— Mas, mesmo que não achasse, me separaria de Marquinhos de qualquer maneira, não é só por causa de João que eu quero me separar, é por mim mesma, não agüento mais.

— Aninha, faça alguma coisa por você mesma. Isso passa, isso é uma fase, todo mundo passa por isso uma ou duas vezes na vida, é normal, o que você não pode é perder o juízo desta forma. Dê um tempo, façam uma viagem juntos, viagem é excelente para essas coisas, faça qualquer coisa para se salvar, menina!

— Eu também já pensei nesse negócio de dar um tempo, mas é difícil, Bebel, você não imagina como é difícil.

— Está certo, eu acredito. Mas não é impossível.

— Você veja, se eu já estou sofrendo assim por causa de hoje à noite, pense no que eu vou passar durante esse tal tempo.

— Eu já falei, hoje à noite tome um porre, feche os olhos e enfrente. Mulher não precisa de nada duro para trepar; pode ser vulgar, mas felizmente é verdade. Um porrezinho facilita tudo, e quem sabe se as coisas não correm tão mal assim, quem sabe se amanhã não é outro dia, é ou não é? Até o pretexto do porre tem, chegada, reaproximação, essas coisas.

Ele já lhe deu o presente?

— Que presente?

— Ele vai lhe dar um presente. Vai lhe dar um presente, vai ter chamego. Lembre que você é casada com ele, namorou com ele, saiu com ele, dançou com ele, fez tudo com ele, também não é assim nenhum monstro, vá lá, dê uma chance a si mesma, pare com a frescura.

Fez tudo para parar com a frescura, sim, e tomou um porre, sim. Não um grande porre, mas o suficiente para ficar com as abas das narinas insensíveis. Passava o polegar e o indicador sobre o nariz e não sentia o nariz. Não foi difícil, foi champanhe aberta supostamente para celebrar a volta de Ângelo Marcos, muito champanhe, amplamente encorajado por Bebel, que por sinal ficou de pilequinho, levantou a saia algumas vezes e disse uma meia dúzia de besteiras, que fizeram Nando se despedir e ir dormir mais cedo, seguido logo por ela.

E aí veio a parte aterrorizante. Primeiro, beijos e mais beijos no quarto, apertões e tudo mais. Resolveu que ia gemer. Não gemidos de prazer, mas gemidos de sofrimento mesmo. E aí gemeu, gemeu, enquanto ele lhe massageava a bunda como um padeiro amassando pão e lhe chupava resfolegantemente os peitos, até que descobriu que os gemidos estavam dando prazer a ele e não conseguiu mais emitir nenhum som. Coisa horrorosa, foram, sim, para a cama. Primeiro ele lhe puxou a calcinha para baixo, resfolegando

ainda mais alto do que antes. E então a agarrou pelos quadris e mergulhou a cara no meio das coxas dela, fazendo com uma língua uma coisa de que ela nunca gostara e que apenas lhe dava cócegas incômodas , mas agora a irritava tanto que ela, mesmo preferindo estar muito longe dali, puxou a cabeça dele para si, um pouco para se livrar daquela comichão ridícula, um pouco na esperança de que ele se sufocasse. Mas não se sufocou e a fuçou de tal forma e tão insuportavelmente que ela teve de interromper aquilo e — canalhice das canalhices, que mais tarde Suzanna Fleischman denunciaria sem perdão — gritou amooooor, amooooor, com a voz embargada, o código para indicar que tinha gozado, que ela usava quando ainda se davam bem. Mas se arrependeu, porque, o pau pingando aquela agüinha repugnante que sempre a tinha feito fechar os olhos antes de aceitá-lo na boca, ele ficou de bruços, puxou-lhe a cabeça para baixo e esfregou-lhe a glândula nos lábios, para depois enfiar-se em sua boca e ficar como quem queria gozar assim. Não, não podia gozar assim, e ela, mal contendo um engulho insopitável, empurrou-o, abriu as pernas e fez com que ele a penetrasse, enquanto fechava os olhos com força, apertava as costas dele querendo que ele morresse e esperava, com o rosto virado, que ele terminasse, o que ele fez com o rosnido habitual e o quase repelão com que costumava afastar-se logo em seguida, rolando para o lado e arfando de barriga para cima, até, se Deus quisesse mais uma vez, adormecer.

Deus quis, graças a Deus, e ela, pegando com as pontas dos dedos o lençol para onde escorrera o que ele jorrara nela, levantou-se sem fazer barulho, para limpar com o mesmo lençol e forte nojo o lado interno das coxas, jogar o lençol na arca de roupa suja, tomar uma longa e meticulosa chuveirada, voltar para a cama e dormir afastada e de costas para ele. Acordou com um gosto ruim na boca, muito mais cedo do que esperava, e resolveu pular da cama e se ocupar de tudo o que fosse possível, felizmente Bebel estava aí para ajudar. Afinal, resistir era a posição dela, ela tinha de ajudar. E

não podia ver João, tinha que se apoiar em Bebel mesmo. Mas que situação horrível!

O presente piorou tudo. Como é que podia ficar com o presente? Estava acabando de se aprontar para ir fazer compras e passar absolutamente a manhã inteira no supermercado e nas quitandas, quando ele, também de certa forma madrugando, apareceu ainda de pijama e entregou a ela um embrulho, bem mais pesado do que seu tamanho indicava. Uma lembrancinha de São Paulo, disse ele, afetando um riso modesto. Ela ficou desconcertada, teve por um segundo vontade de dizer que não queria. Mas conseguiu fazer "oh!" e abriu o pacote. Três estojos finíssimos. Dentro, brincos, colar, pulseira, todos horrendos, águas-marinhas escandalosas em ouro branco lavrado por um ourives com doença de Parkinson e rodeadas por vexatórios círculos de brilhantezinhos. Ouro branco, disse ele, como você gosta.

Foi então que ela caiu no choro e — que coisa mais terrível — ele pensou que era de emoção pelo presente, mas claro que não era, era choro de raiva e frustração, raiva e frustração ainda maiores porque não pôde rejeitar o abraço que ele lhe deu e foi obrigada a chorar com a cabeça no ombro dele, que felizmente ainda não havia escovado os dentes e teve a decência de poupá-la de seu bafo de tigre matinal, não tentando beijá-la na boca. Nem se lembra direito como agradeceu pelas lindas jóias, ali aos prantos. Ele finalmente foi lá fazer suas abluções e ela bolou uns óculos escuros e um lenço na cabeça, entrou na perua e saiu fazendo os pneus cantar. Teve outra crise de choro no caminho, tão forte que parou no acostamento e ficou debulhada em lágrimas e soluços, com a cabeça encostada no volante. Merda, merda, merda! Por que as coisas não podem ser simples, por que a pessoa fica fazendo, não o que quer, mas o que os outros querem? Não era a vida de Bebel, era a sua, a sua! Teve o impulso de manobrar o carro e voltar para resolver logo o problema de vez, devolver as jóias e dizer por que não podia ficar com elas. Não falaria em João,

mesmo porque não tinha esse direito sem consultá-lo, mas falaria que queria a separação, pronto. Chegou a engrenar uma marcha-à-ré quando voltava à estrada, mas mudou de idéia. Não, não de cabeça quente e cara de choro, não, devia ser uma coisa fria, mesmo porque ele podia ter uma reação violenta, provavelmente teria, ela precisava estar calma e senhora de si.

Passou mesmo a manhã no supermercado, enchendo diversos carrinhos com uma quantidade indecente de compras, inclusive presentes para os empregados e filhos dos empregados, uma orgia. Mas a manhã não se esgotara ainda e ela resolveu que primeiro faria um lanche vagaroso ali ao lado e depois ia percorrer uma a uma as barracas de frutas, verduras e cerâmicas que se alinhavam defronte. Conseguiu chegar até o meio-dia, hora que, não sabia por quê, resolvera fixar. Estava calma agora? Estava. Antes de dar partida, baixou o espelhinho do pára-sol e conferiu a aparência. Tudo bem, os olhos não estavam mais vermelhos, tudo normal. Pronto, mas talvez devesse ensaiar um pouco. Marquinhos, eu tenho um assunto muito sério a falar com você. É, essa é a melhor fórmula, não há por que querer inventar melhor preâmbulo, não se deve inovar o tradicional. Tenho um assunto muito sério a falar com você, sente aí. Eu venho pensando muito e cheguei a uma conclusão: quero me separar de você. Assim estará bom? Talvez não, é muito de sopetão, ele pode tomar um susto e ter uma reação muito violenta.

Pois sim. Ele começou ficando pálido e tendo um acesso de choro, com a mão na cabeça e os olhos lixos nela. Não acredito, não acredito, por que, por quê? Começou a abrir a porta, como quem ia sair, desistiu, fechou a porta, voltou para diante dela. Por que, por quê?

Ela quis ser delicada. De início, evitou dizer que não o amava mais, entrou com uma conversa meio existencial, meio cheia de psicanálises, disse que queria estudar, voltar à Universidade, dar um sentido a uma existência até então vazia, blabláblá etc. etc. Mas ele parecia considerar inaceitáveis esses

argumentos, ou então não ouvi-los, porque ficava recitando o mesmo "por quê?", "por quê?".

— Bem, o amor acabou — disse ela, finalmente. — É isso, o amor acabou, tanto de minha parte quanto da sua, reconheça.

— Como, o amor acabou? Como você pode dizer isso depois da noite que tivemos ontem?

— Digo porque é verdade.

— Mas isso não é possível. São essas idéias loucas ae Bebel? Bebel foi quem lhe meteu isso na cabeça? Eu pego aquela filha da puta! Ela vai ver o que eu faço por ela se meter no casamento dos outros, aquela...

— Deixe disso, Marquinhos, Bebel é contra.

— Ela é contra? Ah, quer dizer que Bebel já sabe, o assunto foi amplamente discutido, e o cornão, o cornão aqui!

Cornão! O cornão é, como sempre, o último a saber. Ai, ai, ai!

Dói! Dói muito! Dói! Quem é o cara? Aninha, pelo amor de Deus, eu tenho o direito de saber, eu não vou fazer nada contra ele, eu lhe prometo, mas eu tenho de saber!

— Eu quero me separar de qualquer forma, Marquinhos.

Com homem ou sem homem.

— Mas tem outro cara, claro que tem outro cara, você tem que me dizer quem é!

— Eu estou lhe dizendo que a razão é que o amor acabou.

De fato, era, tecnicamente não se tratava de uma mentira. Mas também não era a verdade completa, verdade verdadeira mesmo, e ela teve que tourear um assédio interminável, entre lágrimas, suspiros, gemidos ofegantes e caras trágicas. Eu lhe peço, eu lhe peço, é uma súplica que eu lhe faço, lhe peço de joelhos! E o comportamento exemplar que ele tivera na viagem a São Paulo, só em respeito e por amor a ela? Podia ter caído na gandaia, devia ter caído na

gandaia, mas não, besta, otário, palhaço, camisolão, pica doméstica, marido besta apaixonado, não fizera nada, ficara lá como um monge, cuidando da saúde e do patrimônio da família. Mais lágrimas e ais e uis e caras tremendas, ela em pleno ensaio geral para o purgatório. Uma bela hora, despenca ele lá de cima com as jóias que ela dissera não poder aceitar e, fazendo uma das piores caras até então, implorou que ela as aceitasse, lhe desse uma outra oportunidade, afinal como se jogariam fora, assim sem mais nem menos, tão estupidamente, anos e anos de convivência e amor? Uma nova oportunidade, uma nova oportunidade, o amor não morreu, vamos viajar, nós fazemos uma viagem à Europa, dois meses, três meses, vamos rever Paris! E mais choros e caras e por-favores, terror, terror. Até apelo à caridade cristã teve.

Mas ela, firme. E firme mesmo com a desaprovação de Bebel, que, quando soube da notícia, ficou quase fora de si, e brigou, brigou mesmo com ela. Chato, mas é isso mesmo. A presença dela não ia ajudar em nada, e então tudo bem que tenha ido embora com Nando, em sinal de protesto, ou qualquer coisa assim. Mais tarde as coisas se acertariam, inclusive porque, depois de um cerco repetitivo e insuportável, ela terminou concordando em dar o tal tempo que ele vinha pedindo aos choramingos. Mas sob certas condições, todas as quais ele acatou avidamente, inclusive a que dava a ela poder de veto sem protestos sobre relações sexuais, enquanto se sentisse como estava se sentindo. Um tempo, 30 dias, tempo de sobra. Até se arrependeu por ter aceito um prazo tão longo, mas já era tarde para propor outro, não só ficava chato como não queria que ele começasse novamente as lamentações e súplicas ululantes. Nunca pensou que fosse dar nisso, quanto mais se vive, mais se aprende. Pasma. Abobalhada. Boquiaberta. Aninha, meu bem, sabe que eu hoje resolvi cozinhar para você? Saco.

Mais saco ainda porque ele não desgrudava, nem parecia haver chance de que fosse a Salvador tão cedo. Estava todo entregue a sua famosa Operação

Reconquista, transformado numa verdadeira bisnaga de vaselina toda bодosa, impossível de tolerar mais de cinco minutos de cada vez, e olhe lá. Não, ela tinha que fazer alguma coisa para falar com João, não podia esperar um golpe de sorte, nem ficar naquela situação durante todo o bendito tempo que estava dando a Ângelo Marcos. Claro, as coisas mais óbvias são as mais difíceis de ver. Óbvio, óbvio. Por que não podia ir numa boa à peixaria, onde sua presença seria considerada normal, e entregar a João, pessoalmente, um bilhete? É, bobagem ficar cheia de dedos, as coisas realmente são simples, quando se quer. Ela vai lá, entrega o bilhete, e pronto. Mas que dirá o bilhete? Nada sobre o caso, não dá para bilhete, nem para carta, não dá nem para livro. O bilhete conterà apenas uma mensagem de paixão e a marcação de um encontro. Encontro onde? Na casa dele, bolas, por que não?

Desta vez João Pedroso não precisara de nenhum dos Mãozinhas, para levá-lo a Bará. Já conhecia o caminho e o convite desta vez era taxativo: Bará tinha provas da existência das criaturas, estava disposto a exibí-las privadamente a João Pedroso. Estava também com medo e pedia encarecidamente que fosse guardado absoluto sigilo quanto a tudo aquilo, os fatos haviam mudado muito, estava realmente com medo. Lembrando-se da parte do bilhete onde ele falava nesse medo, João Pedroso se arrependeu de não ter chamado um dos Mãozinhas para acompanhá-lo. Não ficava propriamente assustado com o caminho escuro e ermo, iluminado somente por sua pequena lanterna. Mas a verdade é que preferia ter companhia, nunca mais passaria por ali sozinho, sentia-se nervoso e apreensivo sem razão visível. E estava mal-humorado também, com vontade de brigar, sem paciência para nada, irritado com tudo. Agora que Ângelo Marcos tinha voltado da viagem e parecia disposto a nunca mais se abalar da ilha, ele não podia mais ver Ana Clara. Passara várias noites maldormidas, tentando engendrar um plano para estar com ela, pelo menos para falar-lhe a sós, mas não atinou com nada. Não

podia, nem queria, conversar com ela na frente do marido, era cada vez mais uma coisa intolerável, aquele fingimento todo, aquela conversa irreal, aquele embaraço por trás de cada palavra ou gesto. Aliás, não acertava mais a estar com Ângelo Marcos de jeito nenhum, ficava se contendo para não dar as costas e ir embora sem dizer nada, ficava tendo o impulso de contar logo tudo a ele e resolver as coisas de uma vez por todas, ficava achando que ia fazer alguma loucura. Quando ele, numa amabilidade que dava vontade de bater nele, o convidou para participar de nova pescaria em sua lancha, inventou uma mentira para não ir, não queria ir, tinha ciúme, tinha raiva, não podia suportar aquela situação.

Duvidou outra vez de que teria coragem de dizer a ela que pensava em morarem juntos, casados ou não, mas juntos, só um com o outro. Continuava com medo da resposta. E, apesar de não depender propriamente da peixaria, com o que havia herdado da família, não tinha nem um milionésimo do dinheiro de Ângelo Marcos — e como é que uma mulher acostumada àquele tipo de vida ia descer tão brutalmente de padrão? É inútil dizer que isso não tem importância, porque tem, falta de dinheiro muda as pessoas. Será que ela tinha dinheiro dela mesma, independente de Ângelo Marcos? Se tivesse, facilitaria, poderia se dar muitas das coisas a que está habituada. Mas é bem capaz de não ter e, nas circunstâncias, todo mundo vai entender que ele não queira dar nada a ela, como não ia querer, ia ser um inferno. Ou seja, ainda por cima, com a separação, ela estava ameaçada de ficar sem um tostão. A troco de quê? A troco disto daqui? É, mas não podia deixar de falar, não podia, tinha que dar um jeito.

Distraído, nem percebeu que chegara ao outeiro de Bará e parou quando já tinha passado dele. Olhou o relógio, nove horas, estava no horário. Subiu, passou pela jaqueira e encontrou Bará na porta, apoiado na bengala e muito sério. Foi ao encontro dele, que, sem falar nada, fez uma leve curvatura,

indicou a porta com a mão estendida e abriu passagem.

— Muito boa noite, Dr. João Pedroso — disse, depois que já estavam sentados. — Sou sobremaneira grato por sua vinda. Desta feita, creio que a situação se agravou muitíssimo e julgo que o caso exige uma estratégia sigilosa. Os homens do hospital estiveram aqui.

— Sim, o caso da equinococose. Eu já imaginava, fui eu mesmo quem passou a informação a eles. Lamento, Seu Bará, mas é preciso investigar a doença aqui e, se os resultados forem positivos, não há jeito de o senhor não arcar com alguma conseqüência. E, honestamente, mesmo que eu pudesse fazer alguma coisa para evitar isso, não faria. Mas foi para isso que o senhor me chamou aqui? Estou com seu bilhete aqui no bolso. O seu bilhete diz...

— Recordo-me perfeitamente do teor da missiva, Dr. João Pedroso. Não foi para livrar-me das autoridades sanitárias que o convidei, não é do meu feitio o emprego desses recursos. A razão do convite é a que está no bilhete, já o senhor verá. Referi-me aos homens do hospital talvez inadvertidamente, fora da ordem lógica em que pretendia conduzir minha exposição ao senhor. Será talvez porque me encontro presa de intenso nervosismo, por crer que algo portentosamente mau se passa. E parte desse nervosismo, quiçá a maior parte, certamente a maior parte, se deve a essa visita dos homens do hospital. Não por causa da doença, como já disse ao senhor. De fato, levaram alguns cachorros para exames de laboratório, mas pareciam menos bem menos interessados nos cachorros do que numa determinada informação.

Quando o senhor esteve com as autoridades, falou das criaturas?

— Não, não falei, não havia necessidade.

— Muito curioso, então. Terá, neste caso, o padre fala do?

— Um momento. Pensando bem, eu falei. Claro, sim, falei, mas falei casualmente, não como denúncia, mesmo por que o senhor conhece minha posição em relação a essas criaturas. Mas agora que o senhor me conta isso...

Interessante.

Eles perguntaram pelas criaturas?

— Perguntaram repetidas vezes. E, se bem que a mentira me moleste e lhe tenha absoluta aversão, menti-lhes, nesse caso. Neguei a existência das criaturas, neguei tudo, fiz-me de desentendido.

— Não compreendi. O senhor mentiu por quê? Não tinha tanto interesse em que a história das criaturas fosse investigada?

— Tinha e tenho. Mas desconfiei deles. Desconfiei do jeito deles, das maneiras e gestos deles, dos atos deles, das falas deles. Eles me pareciam perseguidores, agiam como se estivessem querendo capturar as criaturas, de cuja existência não pareciam ter dúvidas, mesmo sem eu lhes mostrar, naturalmente, as provas de que hoje disponho. Como eu já tinha observado que as mães das criaturas se comportavam como se estivessem sendo perseguidas, juntei, como se diz, dois mais dois, e achei que, mentindo, estaria protegendo essas infelizes e seus filhos. Creia-me, Dr. João Pedroso, os homens do hospital, os que perguntaram pelas criaturas, eram perseguidores sinistros, estou absolutamente convicto. Deve ter sido por isso que, ainda agora, falei neles antes do tempo.

— E as provas, onde estão as provas?

— O senhor já as terá. Primeiro, deixe que lhe explique que nada entendo da arte e da técnica fotográficas. Mandeí comprar uma máquina simples, equivalente ao que antiga mente se denominava máquina de caixão, mas com a vantagem de que sua simplicidade convinha à minha ignorância e seu preço a minhas minguadas posses. Sempre tive a certeza de que tornaria a ver as criaturas e decidi carregar a câmara comigo, quando tivesse notícia delas. E tive. E as vi de novo. E as fotografei. Estava já escurecendo e as mães, principalmente uma delas, quiseram agredir-me por causa da máquina, tive muito trabalho para fugir, mas felizmente estava montado.

— Depois então o senhor conta os detalhes, mas agora mostre as fotografias, agora estou interessadíssimo.

Bará levantou-se, saiu corredor abaixo e voltou com um envelope amarelo na mão. Realmente, devia enfatizar que as fotos não estavam muito boas. Havia conseguido bater quatro e duas delas eram pouco mais que borrões mal focalizados. Mas as outras duas, principalmente uma, estavam bem mais claras. Com a vênica de Dr. João Pedroso, pediria para ir apresentando as fotos uma a uma, da pior para a melhor.

A primeira e a segunda eram efetivamente pouco mais que borrões. Viase do lado esquerdo da primeira o que aparentava ser a parede de uma casa ae varas e, do lado direito, meio agachado, um vulto que podia ser de gente, mas também podia ser um animal ou até um objeto. A segunda era quase igual à primeira, com a diferença de que o vulto estava mais no centro do quadro e parecia ter levantado a cara na hora do disparo, embora os traços não fossem visíveis, com exceção da boca aberta, em que apareciam dentes falhados e muito grandes. A terceira assustou João Pedroso, que a levou para baixo de uma luminária. O torso, meio de perfil, de um menino muito estranho aparecia bem visível, embora pouco iluminado. Nariz chatíssimo, quase imperceptível, prognatismo inferior muito acentuado, formas estranhas.

— Que orelhas enormes! E que é isso no rosto dele, é cabelo?

— É cabelo, sim. Este é mais cabeludo, os outros são bem menos. Nunca tive tempo para observar direito, mas acredito que há muitas diferenças entre eles, são semelhantes, mas visivelmente diferentes. E aqui está a quarta foto.

João Pedroso estremeceu, quase deixa cair a foto. Muito bem focado, embora parcialmente oculto pelo que aparentemente era um braço de mulher negra, estava, de frente, um rosto que o sobressaltou, uma cara como nunca tinha visto antes, uma expressão que dava arrepios. Que havia de diferente

naquela cara? Sim, era de gente, mas não era de gente. Estava assustada, os olhos arregalados, a pele peregueada sob o lábio inferior, os cabelos das maçãs do rosto arrepiados, os dentes estranhos à mostra, gigantescas orelhas de abano e as narinas muito largas. Seria um truque do feiticeiro, algum menino disfarçado? Mas não parecia, parecia terrivelmente real. Não podia ser um macaco, nenhum macaco teria aquela pele, nos lugares onde não havia cabelos. Não podia mesmo ser macaco, não havia macaco com aquela cara. E não havia menino com aquela cara, não podia haver.

— Onde... Onde, meu Deus do céu... Que coisa mais estranha, o olhar dele, que coisa mais estranha... Onde o senhor tirou essas fotos?

— No Matange. Elas estavam escondidas nas brenhas mais fechadas lá do Matange, num lugar a que não se pode ir senão a pé ou no lombo de uma alimária, assim mesmo com extrema dificuldade.

— E quem levou o senhor lá foi a tal cigana?

- Não, não foi. E isto é outra agravante do caso. Já várias pessoas sabem da existência delas. Quem as viu no Matange foi um caçador de tatus, que me contou e, embora eu lhe pedisse sigilo, ele me disse que já tinha falado a outras pessoas, antes de mim. Foi ele quem me levou lá. Tenho feito o possível para evitar que comentem o assunto, mas sou extremamente cético sobre a probabilidade de que consiga êxito. - O senhor já voltou lá, depois disso?

Já, elas não estão mais lá, não há nada, a não ser o esqueleto do tugúrio delas. Temo por elas, as infelizes. Estou seguro de que, mais cedo ou mais tarde, os homens do hospital as encontrarão e aí não sei o que farão, mas não antecipo boas coisas.

--- Mas o senhor acha mesmo que o hospital tem conhecimento dessas criaturas?

—Não acho só isso. Talvez o senhor me considere fantasioso, mas estou imbuído da convicção de que se trata de alguma coisa originada lá, algo que

eles criaram e lhes escapou. O senhor não é obrigado a levar isso em conta, é claro, mas é esta também a convicção da cigana. Ela pode realmente nem ser cigana, mas disse algo deveras interessante. Disse que tem ódio desses homens porque são o mesmo tipo de gente que quis exterminar os ciganos. Não é interessante? Eu achei.

— Isso está me deixando confuso, estou realmente confuso, não posso acreditar. O senhor sabe mais alguma coisa sobre elas?

— Não, nada, só o que vi e o que presumo. Mas estou absolutamente certo do que vi e do que presumo. Compreende agora por que acho que é um assunto que interessa a toda a Humanidade, como disse ao padre?

— Sim, claro, mas... Não posso acreditar, isto..

E continuou tartamudeando algum tempo, com as fotos nas mãos, até que resolveu pedi-las emprestadas. Precisava conversar com o padre, ouvir sua opinião, queria pensar melhor, ver o que podia ser feito para esclarecer o mistério. Bará concordou, reiterando apenas seu pedido de sigilo, ao qual João Pedroso aquiesceu, saindo sem saber o que pensar.

De volta à casa, pegou de novo as fotos e passou muito tempo examinando-as debaixo de uma lâmpada forte. Usou uma lupa, mas o grão do filme era grande e o aumento não ajudava. Não parecia um truque, mas também ele não entendia de truques fotográficos. Por outro lado, Bará soava sincero e genuinamente apreensivo. Que história louca! E o hospital, haveria alguma coisa de verdadeiro nas suspeitas de Bará? Não sabia mesmo o que pensar.

— Não sei, realmente não sei o que pensar — disse a Padre Monteirinho pela terceira vez, depois de bater-lhe à porta antes mesmo de o dia raiar, para contar-lhe o acontecido e mostrar-lhe as fotos.

— Se você não sabe, imagine eu — disse o padre, depois de dar uma nova olhada numa das fotos e virá-la de frente para baixo. — Essa foto, esta

daqui, de fato é perturbadora, não gosto de olhar para ela. Será, meu Deus? Fico como você, não sei o que pensar, fico alternando em achar que é tudo uma fraude grosseira e achar que é algo realmente sério. E, se for verdade o envolvimento do hospital, Lúcio Nemésio saberá disso?

— Aí é que está. Me parece impossível Lúcio Nemésio estar envolvido com a criação de monstros. Mas o fato é que só contei a ele. E ele não prestou atenção, pareceu até não ter ouvido direito o que eu tinha dito, preocupado com um engasgo que lhe deu na hora.

— Ele pode ter fingido não prestar atenção.

— Pode, pode. Na verdade, até o engasgo pode haver sido consequência do susto que ele teria levado com a informação. Se as criaturas realmente desapareceram do hospital, eles devem tê-las procurado, mas depois desistiram, achando que elas talvez tivessem ido para longe. E, agora que souberam que elas permanecem na ilha... Será? Meu Deus, será? Eu não posso acreditar, isso tudo tem de ter uma explicação. É, embora eu não saiba para que, é capaz de ser um truque de Bará.

— Isso é. Aquele charlatão deve ser capaz de tudo.

— Você sabe que a mim, desta vez, ele pareceu sincero?

E o medo dele também parece sincero. E a verdade, tenho de reconhecer, é que, agora que penso no assunto, há certas coisas quanto a Lúcio Nemésio que são no mínimo curiosas e até intrigantes. Eu sei que ele é um médico brilhante e grande cirurgião, mas sempre achei que conhecia mais Biologia, Embriologia, Genética, essas coisas, do que o comum dos médicos, às vezes ele fala com a segurança e o conhecimento de um especialista. Sempre levei isso na conta de uma espécie de hobby, mas agora não sei, a gente tem de desconfiar. E você sabe como se chamam os dois cachorros dele, que outro dia eu vi com D. Rosário? Watson e Crick. Eu sei que você não sabe o que quer dizer isso, eu explico. Watson e Crick são os nomes dos dois

pesquisadores que descobriram a estrutura helicoidal do DNA, a dupla hélice. Aliás, costuma-se dar o nome de um deles a cada uma das hélices. Por que viria à cabeça dele chamar os dois cachorrinhos logo de Watson e Crick? Por que exatamente esses dois nomes estariam na mente dele? Isso é circunstancial, mas, à luz do que estamos sabendo agora...

— E tem aquela conversa de os carneiros serem do hospital, como você me falou.

— Pois é. Eu achei qualquer coisa de diferente no jeito dele, quando ele me falou no tal Dr. Grimes, o homem dos carneiros, talvez estivesse mentindo, ou não dizendo toda a verdade. E trazer carneiros a tanta distância, de outro país, somente para fazer reações serológicas? Não entendo disso, mas acho exagero.

— É, tem umas coisas esquisitas, tem mesmo. Mas, como você diz, é tudo circunstancial, pode ser tudo uma bobagem perfeitamente explicável. Não podem ser macacos mutantes, que eles usem para experiências de laboratório, como cobaias?

— Você sabe o que é que eu vou fazer? Eu vou perguntar a ele. É isso mesmo, vou perguntar a ele.

— E você acha que ele lhe conta?

— Se não houver nada demais, como espero que não haja, ele me conta. Ele já sabe da história das criaturas de qualquer jeito, não estarei quebrando a promessa de sigilo que fiz a Bará. É, é isso, eu vou conversar com ele.

Telefonou para o hospital pouco depois das oito e não conseguiu falar com Lúcio Nemésio. D. Salete explicou que ele tinha viajado para o Rio, onde eslava participando de um congresso e tomando uma série de providências, devia voltar dentro de poucos dias, queria mandar algum recado? Não, não queria recado, mas queria aproveitar a oportunidade para confirmar uma informação: qual era mesmo a especialidade do Dr. Grimes, o dos carneiros?

Embriologia? Mas Dr. Lúcio Nemésio tinha dito que ele era microbiologista.

— Bem, eu pensava que ele era embriologista, mas, se o Dr. Lúcio falou que ele é microbiologista, deve estar certo, Dr. Lúcio está sempre certo—disse D. Salete, e João Pedroso se despediu e desligou, deixando a mão parada em cima do telefone durante muito tempo.

— Fora de brincadeira — disse João Pedroso, depois que explicou a Ana Clara a razão de sua cama ser tão grande. — Juro a você que esta cama era mesmo desse tio-avô meu, do lado de minha mãe, que dormia com duas mulheres, duas irmãs, por sinal. Aí ele mandou fazer esta cama especial, que eu encontrei caindo aos pedaços na fazenda dele e mandei restaurar para mim. Tio Dodô, grande homem, deixou duas viúvas saudosas.

— Que coisa incrível, naquela época! Tio Dodô devia ser uma fera. Mas, mesmo assim, é um exagero, é um campo de futebol.

— Se você quiser, a gente passa para uma cama-patente velha, que eu tenho lá dentro. Para quem curte trilha sonora de mola rangendo, não tem melhor.

— Cama-patente! De hoje que não ouço falar em cama-patente! Adoro cama-patente, sempre me lembra a roça, na infância. Um dia destes a gente experimenta a cama-patente, eu quero. Mas hoje vamos ficar na cama de Tio Dodô mesmo, eu adoro chegar na beira assim e rolar para cima de você, rolaaaar! Meu amor! Meu amorzão, minha tesão, meu macho, meu homem, meu amor! Ai, paixão!

Que facilidade! Bem verdade que tinham armado altos esquemas de segurança, planos minuciosíssimos, sincronização de relógios, todas aquelas coisas ótimas de filme de espionagem. Emocionante. Tantas horas, exatamente, eu entro pela porta da frente e abro a porta do fundo e deixo aberta, aí você sai do beco na hora em que não houver ninguém por perto e aí

você, com cuidado... E, mas nem precisava de nada disso realmente, tem sido a maior facilidade, em tudo. Primeiro o bilhete que ela, com grande naturalidade, entregou a ele no Mercado, depois de demorar muito mais tempo do que o necessário para escolher e comprar dele um badejo. Estava, digamos, um pouco travessa. Deu até duas apalpadinhas na bunda dele, quando, a pretexto de espiar um cação dentro de um dos freezers, se esgueirou com ele por um desvão dentro da peixaria. E, na hora em que se curvou para olhar o peixe, deu um jeito de encostar-se nele. Ele ficou vermelhíssimo e ela teve vontade de dar um beijo nele, mas não deu, claro que não havia condição. Assistiu à limpeza do peixe feita por Boa Morte e só então, depois de tagarelar ainda um tempinho, pegou o dinheiro e o bilhete e os entregou a João. Teve que piscar o olho diversas vezes, porque ele queria dar o peixe de presente, mas acabou percebendo aquela piscada frenética e pegou o dinheiro e o bilhete. O bilhete dizia:

"Querido amado, "Morro de saudade, não penso em outra coisa, morro de saudade, morro de saudade, morro de saudade, morro de saudade, morro de saudade e paixão. Quero você só para mim, todas as horas, todo o tempo, só penso nisso, morro de amor, morro de saudade, morro de paixão, morro de vontade de abraçar você, ADORO VOCÊ! ADORO, ADORO, ADORO, ADORO! NÃO SUPORTO VIVER SEM VOCÊ!

"Não vou esperar que as coisas aconteçam para poder ver você e ter você, não vou ficar nesta angústia e nesta ânsia, vendo cada momento da vida, em que podia estar com você, passar para nunca mais voltar. Não, a vida é curta e já perdemos muito tempo, todo o tempo em que não nos conhecíamos ainda. Nós vamos nos encontrar. Eu tenho um plano diabólico (eu sou boa de planos diabólicos, cuidado comigo, meu homem tem de andar na linha). Vou lhe telefonar hoje à tarde, às três em ponto, para a gente combinar. Mas lhe antecipo logo: se você fizesse aquela perguntinha clássica, "your place or

mine?" , minha resposta seria "your place, darling". Beijos, beijos, beijos, tudo, eu toda, tudo, tudo, tudo! "Sua mulher, "A.C."

Ele ficou com cara de abestalhado, ao ver o papel branco dobrado entre as notas e ia devolvê-lo, mas ela piscou o olho novamente e sussurrou "é para você". Pediu a Boa Morte que levasse o peixe para o carro, disse "tchau, João" de um jeito que sabia que bulia com ele e saiu, rebolando só um bocadinho de nada.

O telefonema não podia ser de casa, naturalmente, ainda mais agora que Ângelo Marcos, achando que ela não notava, tinha entrado numa crise obsessiva de fiscalização sobre ela e desconfiava de tudo, com perguntinhas de jeito inocente, seguidas de gestos apaziguadores, com os quais fingia que estava inquirindo só por curiosidade. Numa hora destas, o apoio logístico de Bebel fazia grande falta. É, mas em breve o apoio não seria mais necessário, porque, tempo ou não tempo para Ângelo Marcos, a separação estava absolutamente decidida, não havia mais como voltar atrás. Será que Bebel ia romper com ela, que coisa mais besta! Bem, um problema de cada vez, primeiro o telefonema. Deu um jeito de sair sozinha e foi ao Grande Hotel com a maior cara de pau, de óculos escuros e chapéu com o cabelo preso por baixo, pediu para usar um telefone e, apesar de um sarará da portaria não tirar os olhos dela, conversou muito com João. Bem, nem tanto assim, mas o suficiente para trocarem suspiros e declaraçõezinhas de paixão e, principalmente, para que marcassem o primeiro encontro na casa dele. Foi preciso um certo sangue-frio para esperar a hora de Ângelo Marcos fazer a sesta em que felizmente se viciara, embora ele, justiça seja feita, tenha sido muito pontual, começando a roncar precisamente às duas e meia. E pronto, o resto engrenou logo, tudo fácilimo, problema nenhum.

— Você não acha que as coisas são bem mais simples do que parecem?
— disse ela, enfiando uma perna pelo meio das dele. — Esta já é a terceira vez

em que a gente se encontra aqui, sem o menor problema. E a complicação vai acabar de vez daqui a pouco tempo, porque o prazo dele vai ter que se esgotar, embora pareça durar eternamente.

— É mesmo, a gente complica. Primeiro, a separação, que, pelo visto, não vai ser nenhum bicho-de-sete-cabeças. E nós vivermos juntos também não é, pelo contrário, já vou até mandar dar uma arrumada na casa para receber você, uns consertinhos, pintura nova, limpeza, essas coisas. Não me esqueço como eu achava isso quase impossível, como me torturava, querendo falar sobre isso com você e tendo medo da resposta.

— Você é bobo mesmo, não é? Naquele bilhete que eu lhe dei no Mercado, eu deixei isso bem claro. Lembra como eu assinei? Assinei "sua mulher". E lhe chamei de "meu homem", você não se lembra? Eu até fiquei achando que estava me oferecendo demais, antes de conversar com você.

— É, mas na hora eu pensei que era apenas uma maneira de falar. Agora é que eu vejo que não era, essas coisas a gente só vê depois.

— De qualquer forma não tem importância, porque tudo vai se encaminhar sem problemas, eu tenho até a impressão de que ele já está começando a se conformar, faz vários dias que não me chateia mais com aquela choraminação para eu não ir embora de casa.

Mas não era bem assim, porque, pouco mais de meia hora mais tarde, quando ela já estava em casa, sentada no varandão de cima e rabiscando umas anotações de Suzanna Fleischman, ele irrompeu da sala lívido, apertando na mão um envelope e um pedaço de papel.

— Mentirosa! Mentirosa! Um homem mata por causa dessas coisas, você sabia?

Mata!

— O que foi? Não estou entendendo nada.

— Mata, você ouviu? Mata!

Marchou para ela com a mão que segurava a carta levantada, como se fosse bater nela, parou a meio caminho, ainda muito pálido e com os lábios tão brancos que quase não se distinguiam no meio do rosto, fez menção de estender-lhe o papel.

— Mas não: — gritou. — Mas não, ah não, não vou entregar isso a você para você ler. Do jeito que você se revelou uma perfeita vigarista, mentirosa e salafária, é bem capaz de jogar tudo fora, você é uma mentirosa, mentirosa! E eu não vou entregar isso a você, isso é uma prova, é uma evidência concreta, que eu vou conservar. Mentirosa, mentirosa, mas que coisa, eu estou sem palavras, eu não sei o que dizer. Um homem mata por causa dessas coisas, você sabia? Mata!

— Ângelo Marcos, você quer parar de me ofender e me dizer do que se trata? Em primeiro lugar, não lhe dou o direito de me dizer essas coisas, não existe mais nada entre nós que lhe dê esse direito e, mesmo que existisse, eu não gosto de ser xingada, me respeite.

— Eu sou seu marido!

— Isso diz você, mas eu não me considero mais sua mulher e você sabe muito bem disso.

— De qualquer maneira, não é preciso que você se considere minha mulher ou não, para eu lhe chamar de mentirosa, porque isso é o que você é. Mentirosa, traiçoeira, enganadora, desleal, hipócrita, eu... Eu... Eu... Eu não acho palavras para dizer o que quero, meu Deus do céu, a que ponto você chegou, nunca imaginei que isso pudesse me acontecer, meu Deus do céu, eu devo estar tendo um pesadelo. Quando você me negou, eu acreditei na sua negativa, acreditei porque pensava que lhe restava um mínimo de decência. E agora, agora...

Um homem mata por causa de uma coisa como essa, você sabia? Mata!

— Você quer fazer o favor de me explicar o que está acontecendo? Eu

não estou entendendo nada, o que é isso em sua mão, uma carta?

— Escute, escute, veja que maravilha, que beleza, veja como você conseguiu me desmoralizar! "Prezado amigo Dr. Ângelo Marcos Barreto: Quem lhe escreve estas linhas é um amigo e admirador, que lamenta profundamente ver a situação delicada em que o senhor se encontra, sendo apunhalado pelas costas. Se o senhor questionar sua esposa sobre onde era que ela estava na quinta-feira passada, vai ter uma surpresa desagradável. Pergunte a ela em que casa e com quem ela passou a tarde e...".

— Não acredito! Carta anônima? Isto é uma carta anônima? Mas só faltava esta agora, carta anônima! Deixe eu ver essa carta.

— Absolutamente! Ela não sai de minha mão!

— E você acredita em carta anônima?

— Não é por ser anônima que vai deixar de ser verdade.

Onde é que você foi na quinta-feira e onde é que você foi hoje, que, quando eu acordei, você ainda não tinha chegado?

— Não é de sua conta, eu não sou prisioneira, vou onde quiser e não tenho de lhe dar satisfações.

— Se você não tem nada a esconder, não tem por que não me dizer. Você vai me dizer, você vai me dizer, eu não vou ficar desmoralizado dessa forma, com a cidade toda rindo e me chamando de corno pelas costas, você vai me dizer, nem que seja debaixo de porrada, você vai me dizer!

— Não levante a mão para mim! Se você bater em mim, vai se arrepender!

— Quem vai se arrepender é você, se não me contar!

Quem vai se arrepender é você!

Sim, pensando bem, talvez fosse mesmo o melhor momento para contar. Não por causa dos gritos dele e pela cara de que estava mesmo à beira de atacá-la a murros e pontapés, mas porque a hora era tão boa quanto

qualquer outra, tinha chegado o momento de dar um fecho definitivo a toda aquela palhaçada desgastante e ridícula, por que não? E talvez fosse uma chance de encerrar antes do tempo o tal prazo, que não fazia sentido nenhum. Apesar da confusão toda e da ameaça de violência, ela estava surpreendentemente calma, talvez até triunfantemente calma. Que lhe podia acontecer? Olhou bem nos olhos dele, respirou fundo e pediu, com a voz pausada, que ele se controlasse, sentasse e escutasse. Ela não tinha mentido, quando dissera que não estava querendo a separação por causa de outro homem. Queria a separação de qualquer maneira, não havia mais a mínima condição, da parte dela, para viverem juntos. Mas havia um homem, sim. Não falara para não ofender-lhe os brios, se bem que não visse por que ele tivesse de ficar com os brios ofendidos, já que ela, explícita e declaradamente, não se considerava mais sua mulher, mesmo antes do dia em que conversou pela primeira vez sobre a separação. Mas, já que ele insistia, havia um homem mesmo.

Ele se levantou quase num pulo, andou meio a esmo e cambaleante pela varanda, voltou para perto do sola onde estivera sentado e despencou sobre ele, com as pernas derreadas, escondendo o rosto com as mãos.

— Ai! Ai! Ai! — exclamou depois de algum tempo, descobrindo o rosto e olhando para ela com os olhos úmidos. — Dói, dói, dói, você não pode imaginar como dói, ai, ai, ai, meu Deus, como você pôde fazer isso comigo, desde quando isso vem acontecendo?

— Mas ou menos desde o dia em que descobri que não queria mais continuar casada com você.

— Você compreende a gravidade disso, você sabe o que fez e está fazendo? Ai, ai, ai!

Levantou-se outra vez, atravessou a varanda de ponta a ponta diversas vezes, dando murros nas palmas das mãos, estalando os cleros e apertando os

lados da cabeça, para finalmente estacar diante dela.

— Quem é ele? — perguntou, tirando a carta do bolso onde a havia posto. — Quem é ele?

— Não vou lhe dizer agora. Depois eu digo, mas preciso primeiro falar com ele. O assunto interessa também a ele e, sem que ele saiba, não vou contar.

— Vai, sim! Ah, vai! Você vai me contar agora, eu tenho direito de saber! Você tem que me contar!

— Você não tem nenhum direito de saber. Se eu contar, como já prometi, é porque quero.

— Ana Clara, meu Deus do céu, de repente o sujeito descobre que morou não sei quantos anos com uma estranha, eu não conheço mais você, talvez nunca tenha conhecido, meu Deus do céu!

— Nesse ponto, eu acho que concordo com você. Nós nunca realmente nos conhecemos.

— Mas por que você não quer me contar, você acha que eu vou fazer alguma coisa com ele?

— Não sei, mas não é por isso, é porque não acho correto contar agora. Eu já disse que só conto depois de falar com ele, e é o que vou fazer.

— Eu não acredito que isto está acontecendo, não acredite! Eu ouço e não acredito, de repente o mundo desaba dessa forma, de repente tudo parece uma alucinação, ai, ai, ai, ai, ai!

— Ângelo Marcos, se acalme, você está criando uma tragédia desnecessária. Você já sabia que eu queria me separar, sabia que eu não tenho mais amor por você. E você também não tem por mim, reconheça, isso é puro orgulho ferido, mas sem razão de ser, não estou ofendendo você, não fiz nada para humilhar você, nunca quis diminuir você, nada disso.

— Não fez nada? Você olha para minha cara e diz que não fez nada?

— Não fiz mesmo. Pior seria se eu não tivesse honestamente vindo falar com você e aberto o jogo. Eu compreendo que você esteja transtornado, mas tudo isso pode ser visto com calma, com racionalidade. É uma coisa que podemos encarar civilizadamente, como adultos.

— Essa conversa toda é muito bonita para os outros, mas comigo não cola. Como é que eu vou ficar calmo, como é que eu posso ficar calmo?

— Talvez, se você concordar em abdicar do prazo que pediu e eu sair de casa, as coisas melhorem para você.

— Nunca! Ou você me diz quem é esse cara agora, ou não tem mais separação! Não tem separação, ouviu, você vai ficar aqui mesmo, não vai para lugar nenhum!

— Pare de falar como se fosse meu proprietário, não existe nada que você possa fazer para evitar a separação. Inclusive, considerando seu machismo, é até bem melhor para você que eu saia logo. Vamos esfriar a cabeça, vamos discutir isso civilizadamente. A separação é inevitável, por que ficar protelando tanto?

— Não, não, não vou abdicar de prazo nenhum. Desse prazo não abro mão e espero que você tenha a hombridade de manter sua promessa.

Mas o tom dele mudara, como se, de repente, houvesse resolvido ficar mesmo calmo. Ela se animou a continuar argumentando, mas ele alegou que precisava respirar e pensar um pouco e, com um pedido de licença surpreendentemente cortês, saiu da varanda, dizendo que mais tarde conversariam. Foi para o gabinete, trancou a porta e se sentou à escrivaninha, olhando fixamente para a frente. Sim, era natural que, depois daquela porrada, ficasse transtornado, mas agora, passado o primeiro impacto, não tinha nada que se comportar como um cretino emocional. Um homem como ele, com

uma experiência de vida vastíssima e uma inteligência superior, não podia perder a parada para uma bobalhona, cuja única esperteza era apenas derivada de sua descarção. Lembrou-se do capítulo de um livro americano sobre processos decisórios pessoais, que havia lido não fazia muito tempo. Claro, claro, analisar cuidadosa e metodicamente todos os recursos a seu alcance, para enfrentar a crise e orientar os acontecimentos conforme sua vontade e conveniência. Claro, claro.

Menos de meia hora mais tarde, já estava preparando na cabeça o que diria a Ana Clara e que, naturalmente, não teria coisa alguma a ver com o que ele realmente decidira fazer. Nada de esquentar a cabeça. Desistiria de recriminá-la, assumiria apenas a atitude magoada e abalada que convinha à situação. Não insistiria mais em saber o nome do outro, mas não abdicaria do prazo, que era indispensável para o sucesso do plano. Que, por sinal, não podia ser mais simples. Uma outra viagem a São Paulo, desta vez bem mais rápida do que a anterior, para procurar o melhor detetive particular especialista nesses assuntos, lá deveria haver diversos muito bons. Não queria nem saber de detetives baianos, que, além de deverem ser de uma incompetência exemplar, ainda o exporiam ao risco de que a coisa se espalhasse, Salvador ainda é, basicamente, uma cidade pequena e fofoqueira. Sim, São Paulo, São Paulo, viva São Paulo. Assim, tranqüilamente, teria o nome do filho da puta em pouquíssimo tempo, além de provas de adultério que mais tarde poderiam ser usadas em juízo, se fosse o caso. Perfeito. E, depois... Sim, o que faria depois já estava também decidido, mas não queria continuar com isso na cabeça, uma etapa de cada vez era a conduta correta. Ana Clara não sabia com quem estava lidando, pensou, levantando-se com um pequeno sorriso de contentamento, para voltar a varanda.

— Já pensei, já me acalmei — disse a ela, com ar tristonho e voz um pouco débil. — Você tem razão, não há motivo para escândalos, aquilo foi só

o primeiro impacto, afinal foi uma porrada muito forte. Está sendo, aliás. Mas você tem razão. Eu vou até me afastar de você alguns dias, vou viajar para Salvador e talvez para São Paulo também, acho que é um jeito de me reciclar um pouco. Talvez — quem sabe? — você sinta falta de mim, porque... porque... Porque eu ainda não desisti de reconquistar você, alguma coisa tem de acontecer para evitar que você me deixe. Você só não tem razão numa coisa: eu não deixei de amar você, nunca deixei, nunca deixarei. Sou um homem ferido, que pede apenas o direito de batalhar mais um pouco pelo que é seu. Mesmo que você me dissesse o nome do outro, eu não faria nada contra ele, procuraria somente fazer alguma coisa a meu favor, como estou procurando. Mas pode conservar o seu segredo, eu compreendo, eu compreendo.

Falou mais um pouco, deu um beijo leve na testa dela, disse que ia dar uma volta pelo Jardim do Forte e saiu. Ela continuou sentada, com o bloquinho de anotações na mão e o sobrolho franzido. Muito esquisita, essa reviravolta, muito esquisita mesmo. Até que era possível que fosse sincera, mas ela não podia facilitar. De repente, graças a um bisbilhoteiro desconhecido, tudo, que estava tão simples, complicara de novo. Com ele ausente, não havia empecilho a seus encontros com João, mas havia o bisbilhoteiro. E se, numa próxima carta anônima, o bisbilhoteiro entregasse João? Agora mesmo era que ela não diria nunca o nome dele a Ângelo Marcos, essa mansidão toda podia ser um truque para que ele agisse com violência, assim que tivesse a informação. Não, não, situação delicada, pensar, pensar. E pensar rápido, porque, mesmo que o prazo dele fosse maior, as coisas iam mesmo ficar insustentáveis, porque ela tinha certeza, havia vários dias, de que estava esperando um filho de João, filho esse que, como sabiam todos os amigos do casal, não podia ser de Ângelo Marcos, que se vasectomizara muitos anos atrás.

Apesar de estar com um pouco de pressa, João Pedroso se deteve à beira

da rampa do Largo da Quitanda, para admirar as cores de todos os matizes que o sol das dez horas da manhã criava, tanto sobre a água cheia de canoas e saveiros quanto sobre as árvores, casas e pessoas que circulavam ruidosamente. Domingo com cara completa de domingo, ar de festa, cheiros e gostos sentidos, pressentidos e lembrados, uma vaca deitada debaixo da castanheira, ruminando placidamente. Aproximou-se dela, alisou-lhe a testa e ficou muito tempo vendo-a esperar circunspectamente os bolos de comida que lhe subiam pela garganta a intervalos, fazendo ondular o couro brilhante e sedoso do pescoço. "Vaca", disse ele em voz baixa, imitando o jeito de falar de um vaqueiro. "Ê-boi!" — e ela pareceu ter entendido, erguendo a cabeça e por um instante e fixando nele os grandes olhos pestanudos. "Ê-boi", repetiu e sentiu ternura pelo enorme bicho, que aparecera ali na praça para também participar do domingo. Levou muito tempo contemplando a vaca, até que um estrépito ao largo fez com que desviasse a vista para o canal, onde a água se rompia em dezenas de reflexos metálicos, causados por uma manta de tainhas aflitas pulando e quase voando, à frente de um xaréu faminto, do qual só se via, de quando em vez, a cauda amarela em disparada. Na beira do cais, um grupo de meninos gritou e bateu palmas, enquanto a perseguição às tainhas continuava mar afora, até desaparecer entre as biribas e bóias à distância. João Pedroso pensou que gostaria de ser pintor, gostaria que o tempo parasse e ele pudesse ficar ali, transferindo visões e delírios para uma tela. E ainda permaneceu alguns minutos parado, pintando um enorme quadro na cabeça.

Mas lembrou-se de que tinha marcado o encontro para as dez horas e já estava atrasado. Falou entre dentes "até logo, vaca" e tomou o Largo, para dobrar a esquina em direção à casa de Lúcio Nemésio. Apalpou o bolso da camisa, sentiu as fotos de Bará e chegou a começar a puxá-las para vê-las de novo, mas não fez isso, quase como se não tivesse coragem. Sim, ia ter de vê-las outra vez daí a pouco, mas agora parecia que olhá-las ia estragar o dia, não

ia fazer bem. Recordou que cogitara em chamar Monteirinho para ir com ele a Nemésio, mas terminara desistindo. Na presença do padre, com quem o médico não tinha aproximação e talvez não conseguisse as respostas que pretendia. Mas haveria mesmo respostas? Por que não desistia disso tudo, por que não ia viver sua vida, agora à beira de uma mudança tão radical, por que queria apurar aquela história louca? Não sabia direito, talvez não tivesse vontade de saber, somente queria.

— Desculpe o atraso — disse, quando entrou no gabinete de Lúcio Nemésio, que estava sentado à sua mesa, girando devagar um grande globo terrestre iluminado por dentro, e se levantou à sua chegada. — Eu fiz amizade com uma vaca e fiquei um tempinho conversando com ela.

— Você fez amizade com uma vaca?

— É, passando pelo Largo da Quitanda, encontrei uma vaca deitada, ruminando. Aí fui apreciar a ruminação e acho que fiquei tendo uma crisezinha filosófica, ali com ela.

— Interessante, eu hoje também estou bastante filosófico. Só que minha companhia não era uma vaca, era ali aquele globo. Você acha a Terra bonita?

— Acho, acho. Não só naquelas fotografias tiradas do espaço, como aqui mesmo, na superfície. Claro que nós fazemos um grande esforço para estragar tudo, mas é um planetazinho tão arrumadinho, tão certinho.

— Isto é porque você não mora no Círculo Ártico. Eu já esperava essa sua opinião, é mais ou menos o consenso universal. Mas um ser cuja estrutura orgânica não fosse baseada em compostos de carbono e água e tivesse um metabolismo completamente diverso do nosso acharia isto aqui o próprio inferno. Aliás, você, que certamente acredita em inferno, pode muito bem imaginar o inferno com uma atmosfera de metano e lagos de ácido sulfúrico, ou qualquer coisa assim. Essa tal beleza existe porque está nas coisas que, de uma forma ou de outra, nos servem.

Você já leu Spinoza?

— Não.

— Eu estive lendo, faz algum tempo. Ele perde o latim dele com aquelas proposições envolvendo Deus, de premissas absolutamente gratuitas, se bem que o Deus dele seja menos inaceitável do que o de vocês, não é uma pessoa, nem se mete em nossa vida. Aliás, nem entendo direito por que ele precisa de Deus para desenvolver o raciocínio dele, é uma mania generalizada nesse pessoal. Mesmo quando praticamente não se acredita em Deus, tem-se que recorrer a ele como categoria conceitual, já enchi o saco disso. Mas, quanto à beleza, acho que ele acerta em cheio. Claro que a beleza não está na natureza dos objetos, mas em nossa própria subjetividade. Eu estava pensando nisso, enquanto girava o globo. Não acho nada arrumadinho, acho que podia ser vastamente melhorado, notadamente quanto a nós. Nacionalidade mesmo. Fico vendo essas manchas coloridas que definem Estados e nações e me convenço que se trata de uma completa estupidez, patriotismo, línguas mais belas do que as outras, gente mais bonita do que outras, não sei o quê. As únicas diferenças relevantes são o estágio intelectual e tecnológico, o resto é total besteirada.

Eu mesmo não divido ninguém entre brasileiros e não-brasileiros, divido, por exemplo, entre débeis mentais e não-débeis mentais, canalhas e não-canalhas, competentes e incompetentes, e assim por diante.

Sim, mas não queria ficar monologando, outro dia falariam sobre o assunto. Qual era o grande tema da conversa? Ficara curioso. Alguma nova descoberta sobre a equinococose? Já mandara algumas pessoas do hospital ao terreiro de Bará, o trabalho estava em andamento, logo obteriam os primeiros resultados.

João Pedroso teve dificuldade em começar, como se houvesse ficado com um certo medo do que poderia ouvir. Manteve-se em silêncio alguns

instantes, olhando o rosto atencioso e quase jovial de Lúcio Nemésio. Mostraria logo as fotos? Não, talvez a melhor idéia fosse usá-las como arma final, se Lúcio Nemésio negasse o interesse do hospital pelas criaturas, ou alegasse desconhecer o assunto. E então principiou falando a respeito do primeiro convite de Bará, a visita do padre e suas próprias visitas. Ficou atento para ver se observava alguma mudança na fisionomia do outro, mas este apenas tirou os óculos de leitura, que antes deixara pendurados na ponta do nariz, e se recostou, com as mãos cruzadas sobre a barriga, sem interrompê-lo nem uma vez.

— Bem — encerrou João Pedroso. — É isso. Eu achei que lhe interessaria. Achei, não, tenho certeza. Mas também tenho certeza de que existe uma explicação perfeitamente razoável para tudo, eu devo estar vendo assombrações.

— Você tem certeza de que essas criaturas foram real mente vistas? — disse Lúcio Nemésio, com a mesma cara impassível. — Aqui na ilha?

— Mais ou menos. Se estas fotografias que eu trouxe aqui não forem truques, sou obrigado a admitir que tenho.

Pela primeira vez, Lúcio Nemésio pareceu perturbado, porque inclinou o tronco bruscamente para trás, como quem toma um pequeno susto, e estendeu a mão para pegar as fotos com mais rapidez do que o normal. Pôs os óculos e passou muito tempo examinando cada uma, mordendo o lábio inferior.

— Quem fez estas fotos?

— O próprio Bará. Tomei elas emprestadas e estou mos trando a você em confiança, porque ele me pediu sigilo.

— Interessante, interessante. Onde foi que ele tirou as fotos?

— No Matange, no meio dos matos. Mas, quando voltou, as criaturas e suas mães não estavam mais lá.

Lúcio Nemésio levantou-se, foi até a janela, pôs as mãos no parapeito e

permaneceu um longo tempo olhando para o mar, que se descortinava por trás das copas dos tamarindeiros da beira do cais. A certa altura, pareceu que ia voltar-se, mas tornou à mesma postura e continuou sem falar nada. João Pedroso ficou nervoso, pensou em lhe perguntar alguma coisa, mas preferiu esperar, mexendo nas fotos, que tinham sido deixadas sobre a mesa. Apesar de todo o movimento do domingo lá embaixo, havia um grande silêncio ali onde estavam, quebrado apenas pelo zunido quase inaudível de uma máquina estranha, que João Pedroso não conhecia e só agora notara, ao lado da mesa. O sol, por trás da cabeça de Lúcio Nemésio, fazia com que seus cabelos brancos um pouco desgrehados parecessem uma espécie de auréola luminosa. Finalmente, ele abandonou a janela e se sentou outra vez, mas desta feita com o tronco ereto e as mãos segurando a quina da mesa, como um orador que se prepara para fazer uma declaração formal.

— Não, João, você não está vendo assombrações — falou, em voz mais baixa do que a que usara antes, e João Pedroso sentiu uma espécie de palpitação. — Eu estava ali pensando em como lhe responderia. Confesso que me ocorreu afetar completo desconhecimento desse assunto, mas depois decidi em contrário, por três razões. Primeiro, tentar inventar uma versão falsa não só seria trabalhoso demais, como você provavelmente não se convenceria. Segundo, confio no seu espírito científico e tenho admiração pela sua formação, embora sempre me espantem suas convicções religiosas, como você sabe. Terceiro e, de certa maneira, mais importante, há uma coisa que talvez o choque, mas estou sendo completamente franco com você: o que vou lhe contar é absolutamente sigiloso e, por conseguinte, só lhe conto porque sei que não passará de você, independentemente de sua vontade, pelo menos de forma que venha a afetar o projeto que vou lhe descrever. Se você me perguntar como tenho certeza disso, eu lhe direi que apenas tenho certeza, ou não lhe contaria nada. Espero, apenas, que nunca tenha de lhe provar essa

certeza. Não estou seguro de sua reação, mas, se for negativa, não vai adiantar nada, devo enfatizar isso. Eu não permitirei em hipótese alguma que esse projeto seja prejudicado. Mas, antes de passar ao principal, tenho uma indagação preliminar: agora que você percebeu a importância da coisa, ainda quer realmente saber do que se passa?

João Pedroso, o coração batendo forte, demorou em responder. Assustarase de repente, teve até mesmo o impulso de fugir e, apesar de estar com as fotos diante de si, não quis mais olhá-las. Lúcio Nemésio parou de falar e apenas o mirou fixamente, até que ele balbuciou "sim, sim", com a garganta apertada.

— Eu menti para você, quando lhe disse que o Dr. Grimes é microbiologista — disse Lúcio Nemésio. — Na verdade, ele é embriologista e faz parte de uma equipe que está conduzindo um projeto de altíssima complexidade, que envolve vários tipos de especialistas. Depois que você me perguntou a respeito dele, já me informei sobre os carneiros. Ele estava fazendo experiências com embriões de carneiros em estágio de blastocisto. É uma técnica de transferência de material genético, em que algumas células são injetadas no blastocisto e, digamos assim, colonizam o embrião. Mas isso só produz transgênicos do tipo mosaico, que não nos interessam, por que, nos mosaicos...

— Quer dizer que o trabalho é com engenharia genética?

— Sim, embora a existência dessas criaturas, como naturalmente você já deve ter compreendido, não seja fruto de engenharia genética. Esses seres são criados a partir de algumas técnicas de fertilização e manipulação embriológica, vamos dizer, relativamente simples, que requerem basicamente paciência. Mas estamos estudando o genoma deles, não só aqui, mas em outros centros, pois um projeto desses é complexo demais para que o conduzamos sozinhos, é claro. Nossa parte, em relação à produção dos híbridos, por

enquanto já está cumprida. Eles não estão mais aqui, com exceção desses três, que em breve serão encontrados e encaminhados para o mesmo lugar que os outros. O que, aliás, me faz lembrar que não achariam nada relacionável diretamente com eles, se o hospital fosse submetido a inspeção, e isto, por sinal, dificilmente permitirei, por uma questão de princípio. Temos material genético deles estocado, naturalmente, mas ele só pode ser identificado pela equipe responsável e por mais ninguém. E continuamos nosso trabalho, a que você lamentavelmente se opõe, por puro obscurantismo e, desculpe, por superstição. Você ficaria surpreendido com algumas vitórias nossas, em coordenação com outros centros. Por exemplo, na produção de animais transgênicos, nós aplicamos técnicas de microscopia que os gringos chamam de differential interference micro-scopy, não usamos mais centrifugadoras. De certa maneira, essas técnicas estão na base de uma taxa de sobrevivência de ovos transgênicos muito superior, muitíssimo superior, às obtidas por outros pesquisadores. Geralmente, em mamíferos grandes, onde o citoplasma dos ovos atrapalha a manipulação, essa taxa é por volta de um por cento. E nós aqui já estamos perto de cinco por cento, e melhorando. As criaturas, como você as chama, são híbridos, não são propriamente animais transgênicos, embora a nossa intenção seja produzir alguns desses animais a partir do material genético delas. Elas são, ao mesmo tempo, um projeto paralelo aos projetos genéticos e também um projeto convergente. Esse trabalho, é claro, envolvendo de cem mil a duzentos mil genes, não é coisa simples, mas, no futuro, a previsão é que não usemos processos de fertilização convencional para a produção delas, mas, sim, manipulação genética direta, embora deva admitir que isso ainda não está muito próximo. Eu sei que você sabe disso, mas não sabe dos progressos que temos feito. Animais transgênicos dos mais inesperados já podem ser produzidos, até entre espécies biologicamente muito diversas, homem com lagarto, por exemplo.

— Homem com quê? Você disse lagarto?

— Foi, disse lagarto como poderia dizer papagaio, foi só um exemplo.

— E alguém andou fazendo experiências com lagartos aqui?

— Que eu saiba, não. Só se foi algum maluco aí, nas horas vagas, testando uma hipótese qualquer. Mas, que eu saiba, não. Por quê?

— Não, nada. Mas eu quero continuar ouvindo essa história. Lúcio, eu estou absolutamente estupefato, eu não posso acreditar nisso tudo. E você...

— Pois acredite, porque é verdade. Já há experimentos semelhantes em outros centros, alguns dos quais trabalhando em coordenação conosco. Escolheu-se o nosso centro para realizar esse tipo de trabalho porque reúne condições muito boas. Apesar do imenso atraso e pobreza da região, há uma cidade grande perto, capaz de facilitar um grande número de coisas. E aqui dispúnhamos de mulheres cujos úteros pode mos utilizar para a fixação do ovo. Como você pode imaginar, é bastante difícil convencer uma mulher a gestar e parir um bebê, digamos, aberrante. A escolha recaía nas macacas, claro, fêmeas de chimpanzé. Isso, contudo, prejudica aspectos importantes de toda a pesquisa, porque, criado por uma macaca, o desenvolvimento da criatura é seguramente diferente do que seria, se ela fosse criada por uma mãe natural humana. E há os processos de socialização, aprendizado etc, que só podem ser bem estudados nessas condições. Nós escolhemos mulheres negras. Não por preconceito nosso, mas por causa, de certa forma, do preconceito generalizado. Escolhemos negras porque a sociedade branca acha os negros parecidos com macacos. Isso pode evitar certos problemas práticos. Também demos preferência a negras geneticamente alopécicas, exceto pelos cabelos da cabeça e um pouco o púbis. Com isso, creio que conseguimos minimizar um pouco o problema da pelagem das criaturas, que é surpreendentemente acentuada. Nós aplicamos uma bateria de hormônios ovulatórios nas mulheres, freqüentemente obtendo três ou quatro óvulos por ovulação e assim

alcançamos melhores índices de êxito na inseminação.

— Mas as mulheres, as mulheres! Usadas como cobaias, forçadas a emprestar seu corpo para essas experiências! Como se pode fazer uma coisa dessas?

— Cobaias, sim, mas você sabe muito bem que o uso de cobaias humanas é bastante generalizado em muitos casos, não vejo problema nisso. Mesmo porque, não é como você disse, elas não foram forçadas, todas concordaram plenamente com os termos do projeto.

— Claro que eu não acredito nisso. Se fosse assim, três não teriam fugido.

— Tudo um mal-entendido. Uma delas, que liderou as outras, é um pouco desequilibrada, estava em tratamento.

Mas estou seguro de que elas serão facilmente persuadidas a voltar, conosco estão numa situação que traz muitas vantagens, de toda ordem, para elas. Elas estão muito bem cuidadas, em todos os sentidos.

— Meu Deus do céu, eu não posso acreditar! Lúcio, você não percebe a monstruosidade disso tudo? Meu Deus, Lúcio, não é verdade, você está brincando comigo!

Mas ele, sem dar importância aos olhos arregalados e à palidez de João Pedroso, disse que não era brincadeira. E continuou a falar, como se tivesse prazer em fazer aquela exposição da maneira mais minuciosa e objetiva possível, num tom inteiramente destituído de emoção. Não se tratava de nenhum projeto do tipo Admirável Mundo Novo. A pretensão, pelo menos por enquanto, não era a produção em grande número dessas criaturas, até por causa das objeções que teriam de enfrentar das forças retrógradas, ou seja, a maior parte da sociedade. Tratou-se de criar um número limitado deles, número esse já conseguido, para uma série de estudos. As utilidades hipotéticas eram muitas, desde a formação de bancos de órgãos, até testes de

medicamentos e vacinas. Além, é claro, de passos mais sofisticados, ainda impossíveis, mas perfeitamente conjeturáveis, tais como a utilização de estruturas neurônicas, em lugar de certos chips, em circuitos eletrônicos, 306 com vastas implicações para a capacidade de processamento e o desenvolvimento de inteligências artificiais.

Não, não, claro que não eram gente, eram animais, filhos de macacos. E, como animais, pode-se fazer tudo com eles. João Pedroso mesmo, que amava os animais, não obstante contava que comia até galo. E comeria a vaca com que fizera amizade. E colaboraria profissionalmente, se fosse o caso, no desenvolvimento de raças mais apropriadas para corte. Também não achava nada de mais que as galinhas de granja fossem debicadas e criadas em cubículos mínimos, como verdadeiras máquinas de transformar proteína vegetal em animal, que, aliás, era o que elas eram, deixemos de hipocrisia, hipocrisia esta refletida até nos eufemismos usados para devorar a carne de cadáveres. Até matar o animal é designado nobremente como "abater" e não matar mesmo. Galinhas abatidas, não galinhas mortas. Gado em pé, não gado vivo, antes de ser morto, e assim por diante.

Alma, novamente? O que é alma? De qualquer forma, sendo animal e não homem, a criatura, segundo os que acreditam na alma, não tem alma. E mesmo levando-se em conta esse argumento de Deus e da evolução, não há nada no projeto que contrarie, tecnicamente, Deus e a evolução. Deus criou o mundo e com ele a evolução, muito bem. O homem é fruto dessa evolução e, portanto, o que é fruto dele é também, por via indireta, fruto da evolução. Argumento irrespondível logicamente, dissesse João Pedroso o que dissesse. As criaturas eram fruto da evolução, da mesma forma que as variedades modernas de milho, o gado etc. E, se Deus tudo cria sobre este mundo, as criaturas também eram dele, como as mulas e outros híbridos. E, de um jeito ou de outro, tratava-se de um programa que viria a beneficiar um número

incalculável de pessoas, de forma que não se podia permitir que objeções supersticiosas se antepusessem. O homem era apenas uma parte em mil de uma biomassa de dois milhões de milhões de toneladas, mas devia desenvolver a capacidade de controle total sobre essa biomassa, usando-a em seu total e exclusivo benefício.

— Resta saber se as pessoas querem esse benefício — disse João Pedroso, agora sentindo uma mistura de medo e raiva, indagando a si mesmo se Lúcio Nemésio não era um louco, um louco desvairado. — As pessoas deviam ser consultadas. As pessoas não se consideram apenas partículas de uma parte em dez mil da biomassa terrestre — Mas é o que são. E esse negócio de consulta é outra balela supersticiosa. Ninguém devia ser consultado, ninguém entende o suficiente do assunto para orientar essas decisões.

Nada mais ridículo do que a chamada massa ignara opinar sobre o que não entende, sobrepondo-se à opinião de quem entende. É a mesma coisa que essa patifaria mediocrizante e demagógica, que é deixar estudantes e funcionários semi analfabetos elegerem reitores, chefes de departamento e professores. A democracia é uma farsa e você sabe muito bem disso. O que é que um presidente eleito entende dos assuntos sobre os quais decide — física nuclear, energia elétrica, transportes, agricultura, finanças públicas etc. etc. etc? Nada, é claro. Quem decide são os assessores nomeados, os especialistas. E é como deve ser, quem deve decidir é quem entende.

Essa coisa de democracia é realmente uma superstição, um fetiche obsoleto, assim como nacionalismo, noção de pátria e semelhantes.

— Lúcio, eu vou dizer o que eu acho. O que eu acho é que você está louco, está completamente louco. E estava enganado, quando me disse que eu não passaria nada adiante. É meu dever passar tudo adiante, fazer tudo para impedir essa monstruosidade, e eu vou fazer.

— Não estou absolutamente maluco. Quem está maluco é você, preso a uma porção de noções ridículas e desprovidas de qualquer racionalidade — disse Lúcio Nemésio, pegando nas fotos como quem manipula as cartas de um baralho e, em seguida, num gesto quase casual, lançando-as na máquina ao lado da mesa.

— O que é isso que você fez com as fotos?

— Esta máquina é americana. É muito útil, quando se está envolvido num trabalho como o meu. Chama-se paper shredder. Quando se põe qualquer papel nela, ela o reduz a tiras finíssimas, o papel vira maravalha, mais ou menos. Foi o que acaba de acontecer a suas fotos, o que deve ser suficiente para lhe mostrar que eu não estava brincando, quando lhe disse que não permitiria que nada afetasse o projeto.

— Você não pode fazer isso!

— Já fiz.

— As fotos não lhe pertencem! Isso é uma violência inominável!

— Talvez, mas é como lhe disse. Lamento muito que você tenha tomado a decisão que tomou e que para mini é uma decepção, embora, de certa forma, já a esperasse.

— Lúcio, você pode estar certo de que eu vou lutar contra isso, você vai ver!

— Não vai adiantar nada, é perda de tempo. Ou talvez mais do que isso.

— Você está me ameaçando?

— Eu não, você é quem está me ameaçando, ameaçando meu projeto.

— Eu vou lutar, eu vou lutar!

— Faça como quiser. Como já falei, preferia muito que isso não acontecesse. Você quis saber das coisas, eu lhe contei a verdade. Mas não será por isso, repito, que permitirei que o projeto seja prejudicado.

— Você está louco, Lúcio, louco, inteiramente louco.

Saiu sem se despedir, quase correndo. Lúcio Nemésio levantou-se, andou atrás dele até a porta, desistiu de acompanhá-lo e voltou à mesa. Desligou o paper shredder, examinou os restos irreconhecíveis das fotos, ficou algum tempo pensando, com a mão no queixo, para depois pegar o telefone.

— D. Salete? Desculpe incomodar a senhora em seu dia de folga, mas surgiu uma emergência. Chame todo o staff dos dois anexos, quero uma reunião rápido, estou indo para o Hospital agora mesmo. Localize o Secretário de Saúde em Salvador, quero falar com ele, vou precisar de uma equipe dos comandos sanitários ainda hoje. E chame o pessoal de choque de nossa equipe também, eles irão juntos com o comando. E localize também a juíza, preciso de uma ordem judicial para tomar certas medidas num terreiro de candomblé aí, onde há um foco de uma doença gravíssima, temos que eliminá-lo.

Deu mais algumas instruções, desligou o telefone, vestiu um paletó com os cotovelos das mangas em couro, desceu, entrou no carro e partiu para o Hospital.

Se era assim que João Pedroso queria, era assim que ia ser.

CAPÍTULO 9

Sim, a reportagem saíra. Bem verdade que num jornal de baixa circulação e muito diferente do que eles queriam, mas já era alguma coisa. Padre Monteirinho pegou outra vez o jornal das mãos de João Pedroso, leu o título: "Criação de Monstros Genéticos Denunciada na Ilha". Duas fotos legendadas, uma de Bará — "Curandeiro diz que provas desapareceram" — e outra de João Pedroso — "Biólogo afirma ter certeza da existência dos monstros". O texto, que ambos leram diversas vezes com desgosto e raiva, estava longe de ser convincente. Apesar da legenda sob sua foto, João Pedroso era mencionado como "peixeiro, porém se dizendo biólogo formado". E as informações, que ele tinha passado tão minuciosa e claramente quanto pudera, todas truncadas a começar do título, uma série de asneiras incompreensível e contraditória. E apenas uma referência ao hospital: "naquele nosocômio, uma recepcionista informou que a diretoria só tinha conhecimento do lato através do repórter e a história era tão absurda que não merecia comentários".

— Eu agora estou achando que seria melhor não ter conseguido a reportagem — disse João Pedroso. — Eu acho que isso aqui, em vez de ajudar, atrapalha.

Mas que outra coisa podiam ter feito? Logo depois da conversa com Lúcio Nemésio, João Pedroso entrara esbaforido na casa paroquial, em tal estado que Monteirinho largou os talheres em cima do prato em que estava almoçando e perguntou se ele estava tendo um enfarte.

— Talvez esteja, talvez esteja. Mas acabe seu almoço, que eu lhe conto, vá, acabe seu almoço, acabe, vá!

— Sente aí, vou mandar buscar um prato para você.

— Não, não, não quero nada, não posso nem pensar em comida.

— Mas o que foi que houve? Você está completamente transtornado, os

olhos esbugalhados, o cabelo todo assanha do, você esteve em luta corporal com alguém?

— Não, não. Não, Monteirinho, não é nada disso, acabe seu almoço, vá, acabe!

— Já acabei. Como é que eu posso almoçar, com você aí, parecendo que viu duzentas visagens? Dona Marta, me faça o favor, pode tirar a mesa. Vamos sair daqui, João, vamos para a biblioteca, vamos conversar.

— Eu não queria interromper seu almoço, me desculpe.

— Tudo bem, não tem importância, eu não gosto muito de carne assada, de qualquer forma, e um jejunzinho de vez em quando faz até bem.

Na biblioteca, com as mãos trêmulas, João Pedroso acendeu um cigarro, deu duas tragadas fundas e contou a conversa com Lúcio Nemésio.

— Não posso acreditar — disse o padre. — Não posso, é monstruoso demais para ser verdade.

— Mas é verdade, é verdade! Ele me contou tudo isso, insistindo que não era brincadeira.

— Mas você não acha que ele estaria correndo um risco grande demais, lhe contando essas coisas? Afinal, ele não pode garantir que você não saia espalhando isso por aí.

— Não, ele diz que não corre nenhum risco. Sei lá. ele parece que está louco, parecia que tinha prazer em me contar aquilo tudo, quase como se tivesse necessidade, como se fosse uma questão de orgulho profissional. E repetiu várias vezes que tinha absoluta certeza de que eu não ia poder fazer nada.

— E as fotos?

— Ah, isso eu me esqueci de lhe contar. Você não pode imaginar o que aconteceu. Eu cometi a tremenda burrice de mostrar as fotos a ele. E aí, já no fim da conversa, ele pegou as fotos de cima da mesa como quem não quer

nada e jogou todas as três numa máquina que ele tem, para destruir papéis e documentos.

— Ele o quê? Meu Deus!

— É isso que você ouviu. As fotos foram reduzidas a frangalhos minúsculos.

— Mas tem os negativos, não tem? Bará deve ter os negativos.

— É verdade! Sim, Bará! Epa, será que Lúcio Nemésio vai fazer alguma coisa contra Bará? Claro que vai. Se ele foi capaz de destruir as fotos daquela forma cínica, claro que ele vai fazer alguma coisa, claro que vai!

— É, tudo indica. Inclusive porque ele tem a desculpa da tal doença cujo foco você diz que está no terreiro.

— É verdade. Eu tenho de ir lá agora mesmo. Me em preste seu jipe, que eu vou de jipe até onde puder e de lá corro para o terreiro.

— Não posso, o jipe está na oficina, com o radiador fura do. Pepeu disse que amanhã ele fica pronto.

— Não, tem que ficar pronto hoje, eu tenho de falar com Bará agora, é a única chance de fazer alguma coisa para denunciar esse negócio.

— Mas hoje é domingo, Pepeu deve estar por aí, tomando cachaça depois da pescaria.

— É, mas ele vai ter que dar um jeito. Eu vou andando, não posso perder tempo.

Esvaziou o copo e saiu pela rua Direita, quase em disparada. Pepeu costumava mesmo tomar cachaça em um dos bares do Largo da Quitanda e com certeza estaria lá. Mas não estava. Estava numa feijoada, na casa de Honorino. E onde era a casa de Honorino? No Alto, perto da casa de Raul Grande. E onde era a casa de Raul Grande? Mais ou menos junto à igreja — e João Pedroso ofereceu dinheiro a um menino para levá-lo lá, subiu a ladeira do Alto com tanta pressa que ficou sem poder falar direito, ao chegar ao topo e

conseguir, finalmente, encontrar a casa de Honorino. Não, não queria tomar uma bebidinha, ficava para outro dia, queria apenas falar com Pepeu urgentemente, onde estava ele? Tinha saído para buscar umas cervejas, não ia demorar. João Pedroso, respondendo ao que lhe falavam apenas com gestos e sorrisos sem graça, esperou na janela um tempo que lhe pareceu eterno, até que, uns dez minutos depois, Pepeu, cambaleando um pouco, apareceu na esquina, com uma sacola cheia de garrafas.

— Pepeu! Preciso falar com você! Urgente!

Começou a falar ainda na rua. Pepeu pareceu ter dificuldade em entendê-lo, havia bebido um pouco, era domingo, o que é que podia ser tão urgente assim? Não adiantava nada mexer no radiador do jipe do padre, que, aliás, estava com problemas no motor de arranque também. O radiador não valia mais nada, tinha mais buracos do que uma peneira, precisava ser substituído por outro, que ele mesmo ia comprar em Salvador, segunda-feira. Mas João Pedroso insistiu, devia haver um jeito, nem que fosse adaptando o radiador de um dos carros esbagaçados que ele sabia existirem na oficina, exatamente para isso, para que suas peças pudessem ser usadas em consertos.

— Vai ficar um serviço porco desgraçado — disse Pepeu.

— Não garanto nada.

— Está certo, não precisa garantir, eu me responsabilizo.

— Não dá para almoçar antes, não? A feijoada já vai sair, é aniversário de Honorino, que é meu compadre e pode se ofender.

— Não, pode crer que ele não se ofende, eu falo com ele.

De fato, Honorino não se ofendeu, mas tinha também bebido um pouco e fez questão de explicar, entre lembranças de sua juventude, como não era homem de se ofender à-toa, porque, quando se ofendia, aí sai de baixo, a coisa ficava preta, ele não corria de nada. Quando se ofendia — a mulher dele era testemunha, não era, Vicentina? — era homem de enfrentar três ou quatro,

como já enfrentara, não foram uma nem duas vezes. Agora, se ofenderia, como amigo, se, antes de sair, João Pedroso não tomasse pelo menos um golezinho de aguardente — nada dessas cachaças engarrafadas em fábricas, mas cachaça pura mesmo, a melhor de Santo Amaro, feita no sítio de um amigo seu, uma beleza. João Pedroso, com vontade de gritar de exasperação, levantou o copo, tocou-o no de Honorino, bebeu um gole e, depois de novo aperto de mão e novo abraço, conseguiu sair com Pepeu.

No portão da oficina, outro contratempo: Pepeu esquecera a chave do portão na casa de Honorino, dentro de sua capanga. Havia uma duplicata, mas estava lá dentro, era o mesmo que nada. Podiam mandar um menino buscar a capanga, não demoraria muito, ele estaria de volta dentro de uns quinze minutos. Enquanto isso, continuariam a aproveitar o domingo, tomando uma cervejinha ali defronte. Não, não, nada disso, nesse caso tinham de pular o muro. Mas como, um muro liso dessa altura? Uma escada, alguém podia emprestar uma escada.

Conseguiram a escada depois de João Pedroso fazer uma busca frenética de porta em porta pela rua abaixo e, finalmente, Pepeu passou por cima do muro, demorou lá dentro procurando a duplicata da chave e abriu o portão. Estado lamentável, o do radiador do padre, não servia para nada. Bem, agora ver o que se podia arranjar e, depois que Pepeu passou o que pareciam ser horas, remexendo numa pilha caótica de peças, ferros e tralhas, encontrou o que queria.

— Vai demorar muito?

— Um pouquinho, isso aqui vai ser uma armengação desgraçada, não se; se esta mangueira vai dar certo aí, acho que vou ter de fazer um corte aqui na entrada e ver se dá para botar uma braçadeira.

Radiador instalado, com Pepeu dizendo o tempo todo que aquilo não ia dar certo e a água podia ferver, o motor não pegava. João Pedroso foi de novo

para a rua, recrutar gente para empurrar o jipe e, depois de umas quatro tentativas e vários estrondos, ele pegou. Apesar de parecer engasgar volta e meia, andava razoavelmente e João Pedroso já se sentia melhor, quando, ainda longe da entrada da Misericórdia, no meio da estrada deserta, ouviu um chiado, vapor d'água começou a esguichar pelos lados do capo e o jipe parou, com uma espécie de tombo.

Não havia nada o que fazer, a não ser caminhar por aquela estrada onde o calor levantava do asfalto ondas visíveis de ar quente. João Pedroso empurrou o jipe para o acostamento, fez o que pôde para fechar as janelas semi-arruinadas e, sem olhar para trás, partiu em marcha acelerada para a Misericórdia. Depois de pegar a entrada, ainda teria todo o longo caminho até o outeiro onde Bará morava. Será que ainda havia tempo? Devia haver, devia haver, afinal de contas era domingo para Lúcio Nemésio também, não era possível que ele fosse tão rápido.

Mas foi. No pé do outeiro, em meio a uma pequena aglomeração de gente, estavam duas caminhonetes e dois carros da polícia. Em torno deles, alguns soldados e homens vestidos de branco. Um tenente da Polícia Militar que parecia estar no comando, escutava, de braços cruzados e com ar impaciente, o que lhe falava um homem agitado, que repetia "não é possível, não é possível!".

— Tanto é possível, que já está feito — disse o tenente. — Isto aqui é uma ameaça à saúde pública e um centro de curandeirismo, de prática ilegal da Medicina. Está fechado e interditado e vai continuar fechado e interditado, temos ordens do Comando, da Saúde Pública e da juíza de Direito.

— Mas não é possível, não é possível!

— Ou o senhor se retira, ou vou ser obrigado a levar o senhor detido, o senhor não pode interferir numa ação policial.

Um soldado que estava atrás do tenente tomou-lhe a frente e empurrou

o homem com a ponta do cassetete — vamos andando, vamos andando, não tem mais nada para ninguém fazer aqui. João Pedroso aproximou-se do tenente, disse "boa tarde, tenente" e perguntou o que estava acontecendo. Não estava acontecendo nada demais, apenas tinham recebido ordens para dar apoio a uma operação da Saúde Pública, para interdição daquele lugar. Somente o morador, sua família e seus empregados podiam ficar ali, assim mesmo sob vigilância, para que a entrada das pessoas que procuravam o curandeiro não fosse permitida, ali havia um foco de uma doença gravíssima, que já tinha causado a morte de diversas pessoas. João Pedroso perguntou se não podia subir para falar com o curandeiro e o tenente disse que não, ninguém podia subir.

—Mas fui eu quem descobriu o foco da doença, eu estou colaborando nesse caso.

— O senhor tem algum documento aí?

— Não, mas o senhor pode conferir com o Dr. Lúcio Nemésio, no hospital. Eu preciso subir para verificar algumas coisas, é urgente. Se eu não subir agora, podemos perder várias pistas importantes.

O tenente hesitou, olhando para João Pedroso como quem faz uma avaliação. Tinha rádio nas viaturas, mas não podia comunicar-se através dele com a direção do hospital. Não dava para voltar depois, quando a confusão já tivesse terminado? Daí a pouco esse pessoal se acalmaria e se dispersaria, não ia demorar muito. Mas João insistiu e ele, tirando o quepe para enxugar-lhe as bordas internas com um lenço sujo, terminou fazendo um gesto conciliatório. Vá, vá, mas não demore.

Bará estava na sala, derreado numa poltrona e, quando viu João, fez menção de levantar-se, mas apenas empertigou-se e continuou sentado. Desculpouse, aquela bendita perna mirrada, além de não servir para nada, ainda doía de vez em quando. Que João Pedroso ficasse à vontade — apesar

do perigo de ser contagiado pela tenebrosa doença ali constatada. Desculpou-se novamente, desta vez por ter falado em tom irônico com quem não merecia, mas estava amargurado, muito amargurado. Não tanto por irem processá-lo por exercício ilegal da Medicina, nem por haverem interditado aquilo que chamavam de terreiro, nem pela certeza de que seria obrigado a sair dali e ir para outra terra. De certa forma, tanto fazia, podia morar em qualquer lugar mesmo, não era a primeira vez em que isso lhe acontecia. E, se o prendessem, tinha a forte esperança de que deixariam que levasse livros para a cela, de forma que não sentiria muito a diferença entre estar lá dentro e cá fora. Mas lamentava, lamentava muito que agora não pudessem mover uma palha em relação ao problema das criaturas. Tinham remexido a casa toda e até os negativos das fotos sumiram. Ainda bem que as cópias estavam em poder de João Pedroso, pois, se houvessem ficado com ele, teriam sido apreendidas também — e João, com vontade de chorar e inundado de vergonha, despencou no sola.

Agora, folheando o jornal pela milésima vez, na companhia de Monteirinho, lembrava como terminara por quase chorar mesmo, depois de contar a Bará o que acontecera durante a visita a Lúcio Nemésio, visita de que se arrependia pelas suas conseqüências para Bará, mas que, pelo menos haviam rendido a confirmação de suas suspeitas. Sim, era tudo terrível, tudo muito mais terrível do que imaginara. Mas não estavam perdidos, iam lutar, pelo menos ele ia lutar, pois se sentia responsável por aquilo tudo — e mesmo que não se sentisse. Claro que Lúcio Nemésio ia começar uma busca geral em toda a ilha, para achar as criaturas e suas mães. Mas ele também iria fazer uma busca, conhecia a ilha muito bem, arranjaria carro, cavalo, jegue, o que fosse necessário. E arranjaria testemunhas, como aquelas pessoas que Bará achava terem pelo menos ouvido falar nas criaturas. Mesmo sem provas mais concretas, podia conseguir que a coisa fosse inves- 318 ligada, podia

movimentar a opinião pública. Não tinha experiência nisso, mas iria lutar, com o apoio do padre, com o apoio dos seguidores de Bará, com todas as armas que pudessem arranjar. E, quanto ao próprio Bará, devia haver alguma coisa legal a ser feita, mandado de segurança, habeas-corpus, qualquer coisa assim, ele fazia questão de levar isso adiante.

— É — disse Padre Monteirinho. — Ajudar Bará você vem conseguindo, mas a gente está fracassando quanto ao problema das criaturas, que é o principal. Até as testemunhas que a gente arranjou para o repórter só fizeram piorar as coisas, como se vê aí na matéria, um dizendo que eram uns bichos com cara de preguiça, outros dizendo que tinham escamas nas costas, um verdadeiro festival de imaginação. Inclusive, agora eu acho que parte desse pessoal estava mentindo deliberadamente, só para aparecer nos jornais.

— Nem me fale nos jornais, nunca pensei que fosse tão difícil assim conseguir fazer alguma coisa sair nos jornais. To dos prometeram mandar repórteres aqui, mas só esse pasquim daí é que cumpriu. Será que não tem o dedo de Lúcio Nemésio aí, não?

— É bem possível, ele conhece todo mundo. Ih, telefone, telefone. Será possível que não tem ninguém lá dentro, para atender a esse telefone? Você me dê licença, telefone tem esse dom irritante: quando toca, interrompe qualquer coisa, interromperia o próprio Sermão da Montanha.

— É bom, que eu aproveito para pegar os jornais de hoje, que já devem ter chegado. Vá atender seu telefone, que eu vou dar um pulo ali na banca.

Ainda embaixo da marquise da banca, abriu os primeiros cadernos de todos os jornais, esquadrinhou cada página e, no começo, não conseguiu achar nada sobre o caso. Calma, é preciso ter calma, com calma se acha alguma coisa, não é possível que não tenha saído nada. Pôs os jornais em cima do balcão, resolveu examiná-los pausadamente. Claro, aqui estava uma nota, numa coluna de segunda página. Curandeiro perigoso. Os curandeiros e feiticeiros têm

muito mais poder do que se pensa. Não poderes mágicos, que esses só são poderes para os ingênuos e ignorantes. Mas poderes concretos mesmo, como é o caso de um certo Bará da Misericórdia, que agora vem sendo objeto — ou criador — de matérias sensacionalistas, a respeito de supostos monstros, que estariam sendo criados no Hospital Regional Freyre da Costa, na ilha. O que ocorre é que o feiticeiro espera resistir, com este truque, à ação da Saúde Pública, que não só o acusa de prática ilegal da Medicina, como, talvez mais seriamente ainda, de disseminar, com seus rituais, uma nova doença, até então inexistente na região, que já fez diversas vítimas, inclusive fatais. O espantoso em tudo isso é, como foi sugerido acima, o poder exercido por esse feiticeiro, que conta até mesmo com o apoio do pároco local, Padre Olavo Bento Monteiro, que confirma as alegações sobre os tais monstros.

Filhos das putas. Mais outra notinha aqui, filhos das putas. Irreverência. A irreverência do nosso povo não se limita aos cariocas, ela existe em toda parte. Agora mesmo, na ilha, o peixeiro e suposto biólogo João Pedroso, que deu uma entrevista absurda sobre a existência de meninos-macacos na ilha, está sendo chamado na ilha de João Macaco e Marido de Chita de Tarzan. Filhos das putas! E era mentira, ninguém o estava chamando de apelido nenhum. Filhos das putas. E mais notinhas e notonas, agora encontrara uma porção delas. Entrevista de Lúcio Nemésio. Curandeirismo, equinococose, superstição, envolvimento de bemintencionados de excessiva boa-fé. O hospital faz pesquisa, sim, pesquisa de alto nível e de vital interesse para a coletividade, nada de tão patentemente absurdo quanto o desenvolvimento de seres exóticos. Isto é um feito da imaginação de um embusteiro, digamos, criativo. E não apreendemos foto nenhuma, os nossos não são laboratórios fotográficos. Todo o material apreendido — incluindo cinco cachorros, um carneiro e mais alguns objetos sem valor — foi cadastrado e pode ser visto por qualquer um. Filho da puta. Mais notinhas, mais notinhas, todas desse tipo,

filhos das putas, filho da puta.

— Filho da puta, esse Lúcio Nemésio — disse, quando chegou finalmente à casa do padre, depois de caminhar devagar de volta da banca, parando de vez em quando, com os olhos nos jornais. — Me desculpe por estar dizendo palavrão a padre, mas só filho da puta mesmo, é a única expressão cabível. O que é que você tem, que cara é essa, você também já viu os jornais?

— Não, não vi os jornais. E acho que nem quero ver, já basta o que aconteceu agora.

— E o que foi que aconteceu?

— O telefonema. O telefonema era do bispo auxiliar da Arquidiocese. Me deu um esbregue horroroso porque eu estou envolvido com curandeiros e feiticeiros. Eu quis explicar, mas ele somente redobrou o esbregue. E me chamou para ir lá falar com ele, certamente para me espinafrar pessoalmente, ou coisa pior.

João Pedroso jogou os jornais no assento de uma cadeira. Agora esta. Olhou para o padre com pena, quis dizer alguma coisa, não achou o quê. Passou a mão no ombro dele, andou alguns instantes pela sala, acabou dizendo que ia sair para pensar, uma hora destas voltaria. Pegou os jornais, juntou-os numa massa amarrotada e saiu calado. Na rua, depois de ficar parado muito tempo, sem saber para onde iria, resolveu que iria para casa e telefonaria para Ana Clara. A qualquer momento Ângelo Marcos poderia estar de volta e ele precisava vê-la, precisava muito vê-la, quem quisesse que suspeitasse do telefonema — de qualquer maneira a situação dos dois ia definir-se de uma vez, mais dia, menos dia.

O detetive insistira em conseguir mais provas antes de fazer seu relatório, mas deixara transparecer que já sabia quem era o amante de Ana

Clara e Ângelo Marcos praticamente o forçou a desembuchar logo de vez, dando-lhe uma gratificação por fora que o deixou de olhos arregalados. E assim que ele começou a falar, Ângelo Marcos achou que ia literalmente cair para trás e até se apoiou no espaldar de uma cadeira. Não era possível! Absurdo, não era possível! Mas era, e ali estavam as fotos, claríssimas, bela teleobjetiva, quase doses de Ana Clara, entrando descaradamente na casa de João Pedroso e, antes de transpor inteiramente a soleira, se curvando e deixando patente que estava beijando a pessoa que abrira a porta — João Pedroso, naturalmente, apesar de o detetive vir com uma conversa estilo filme americano, não se podia ter certeza plena e coisa e tal, até que Ângelo Marcos disse que aquela era toda a certeza de que precisava e dava o serviço por encerrado.

Mas que peito, o dessa putinha sem-vergonha! E o sacana do João, com aquela cara de merda e aquela timidez aveadada e, ainda por cima, completamente ridicularizado agora por causa de uns meninos-macacos que ele diz que existem e todo mundo sabe que é invenção dele e de um curandeiro desqualificado. Bebum reles, peixeiro de merda, escória ambulante, fracassado na profissão em que diz que se formou — mas... mas... mas bem dizia Vó Dalvíha que mulher só não vai para a cama com sapo porque não sabe distinguir o macho da fêmea. Se soubesse, não ia faltar mulher para o sapo. João Pedroso? Logo João Pedroso? Não se podia conceber desmoralização maior. Não, não, só matando.

Só matando mesmo, é claro, não é força de expressão, é matar mesmo, apagar. Nunca tivera dúvida, desde que soubera da verdade: sumiço definitivo. Nela, não. Nela pensaria depois, dependia de muita coisa ainda. Mas o filho da puta não ia ter perdão. Serviço profissional, coisa impecável. Já tinha até um plano: matar e jogar no mar, com pesos, para o corpo nunca ser achado. Sumiço completo, nada de desovar cadáver por aí, para Ana Clara suspeitar

logo dele e causar problemas. Nada disso. Sumiço integral, desaparecimento da face da terra, evaporação. O bom seria cremar vivo o filho da puta e jogar as cinzas na latrina, mas, infelizmente, não dava pé. Encher o canalha de chumbo e jogá-lo no mar era realmente a melhor solução.

Já tinha também o executor do plano, não precisou nem pensar. Fazia questão, uma questão sentimental, por assim dizer, de também participar, mas como coadjuvante. Para o papel principal, Boaventura, claro. O número do telefone da fazenda dele estava anotado há muito tempo, numa tirinha de papel que guardava na carteira. Ia telefonar imediatamente, assim que tivesse oportunidade. Não poderia ser uma ligação feita de casa, não queria que constasse em sua conta aquela chamada inusitada. Tinha de ser do orelhão, e tarde da noite, não só para estar seguro de que encontraria Boaventura em casa, como para não haver ninguém por perto, estranhando que ele estivesse usando um orelhão, com tantos telefones à sua disposição. É, não vai ser problema, também é paranóia excessiva achar que alguém vá de fato se intrigar por ele usar um orelhão, que bobagem, podia ser uma ligação para sua própria casa, uma necessidade qualquer. Sim, ligaria do orelhão, a cobrar, tinha certeza de que Boaventura acolheria logo a chamada. Recado simples: preciso de você, venha com o equipamento mais moderno e sofisticado, hospedese no Grande Hotel e me visite como amigo, fazendeiro em Goiás e colega de UDR, nada de suspeito. E, depois do serviço, ficaria ainda alguns dias na ilha, para não haver simultaneidade entre sua partida e o despacho de João.

Quanto mais se vive, mais se aprende. João Pedroso! Pondo-lhe chifres, metendo em sua mulher, ela lá embaixo dele de pernas abertas, talvez até sendo enrabada. É, isso acontece, tem mulher que não deixa o marido gozar na boca e deixa o amante, não dá a bunda ao marido e dá ao amante, com ele mesmo já tinha acontecido isso, mais de uma vez. Certamente ela dizia a João a mesma coisa que, por exemplo, Conceição lhe tinha dito tantas vezes: nunca

fiz isso com meu marido, só faço com você, não sei o quê. Humilhante, coisa mais humilhante não pode haver, é preciso muito autocontrole para não explodir, mas muito autocontrole mesmo. É, está direito. E esse negócio ia continuar por tempo indeterminado, se ele mio houvesse contratado o detetive e mandado que ele viesse na frente, porque é possível que, com sua presença na ilha, eles não tivessem tido a cara-de-pau de se encontrar daquela forma tão cínica. Mas o detetive veio, disfarçado de fotógrafo para agências de turismo, e já sabia tudo sobre ela, já sabia onde era a casa, como eram os carros, já tinha foto dela, tudo, tudo. Não demorou, deu logo com toda a sórdida verdade. Aquele filho da puta comendo ela na maior, e o palhaço aqui custeando e ainda sofrendo por causa dela. Mas ela vai tomar uma porrada tal, que vai aprender de vez. E, na melhor das hipóteses, vai viver sempre na certeza de que ele tem a ver com o sumiço de João, sem poder provar nada, vai enlouquecer.

E pensar que agora estava calmo e controlado, mas quase pusera tudo a perder de manhã, na hora em que a empregada que fazia um serviço na sala, enquanto ele lia os jornais, lhe estendeu o telefone e disse que era o Sr. João Pedroso. Não se conteve e deu um pulo que assustou a empregada e a fez perguntar, cobrindo o fone com a mão, se devia dizer que não o encontrara em casa.

— Não, não! Eu estou, eu estou! — falou ele, depois de tomar o fone da mão dela e também cobri-lo. — Estou! Agora me dê licença.

Esperou a empregada fechar a porta e percebeu como tinha ficado nervoso, o coração batendo e um suor muito frio lhe molhando a testa e o pescoço. Que era aquilo, estava com medo daquele filho da puta? Ia falar com ele gaguejando, todo tartamudo? Não era possível, isso também não! E chegou mesmo a engolir saliva e respirar fundo, disposto a abrir logo o jogo com o sacana, dizer que não era otário e ameaçá-lo de viva voz. Descobriu o fone,

abriu a boca, mas se deteve a tempo. Não, otário seria se entrasse nessa, aí a vingança se tornaria inviável, os acontecimentos tomariam um rumo completamente diverso, não, não, nada de precipitação, autodomínio, autodomínio — embora, no início do telefonema, sua voz tivesse soado um pouco estrangulada.

— Alô, João, como vai essa força? Faz tempo que não conversamos, precisamos nos ver. Alguma novidade, muito peixe por aí?

— Não, novidade nenhuma. Quer dizer, eu precisava falar com você, se possível hoje mesmo.

— Você... Você precisa falar comigo? Aconteceu..

Aconteceu alguma coisa?

— Bem, você já deve ter ouvido falar, pelo menos Ana Clara já deve ter lhe contado.

— Ana Clara. É com Ana Clara? Não, ela não me contou nada, não me contou nada.

— Mas você deve ter ouvido falar, sim, mesmo tendo estado fora. Saiu uma porção de coisas no jornal, a respeito desse assunto.

— Ah, você quer dizer... Ah, sim, bom. É... Sim, você quer dizer esse negócio dos homens-macacos? Você está me tido nesse negócio, não está? Mas, rapaz, você está levando essa história a sério mesmo? Para mim, isso é piada. Você viu mesmo esses homens-macacos?

— Não, não vi nenhum homem-macaco. Pessoalmente, não vi nenhum, nem nunca disse que vi.

— Eu tenho a impressão de que li aí num jornal qualquer que você disse que tinha visto.

— É, saiu uma porção de coisas sem pé nem cabeça nos jornais, eu me arrependi de ter procurado os jornais, acho que foi precipitação minha, só fez piorar as coisas. Mas olhe, Ângelo Marcos, eu tenho certeza da existência

dessas criaturas, tenho até a esperança de achá-las, porque, segundo eu imagino, elas ainda estão por aí. Eu precisava falar com você sobre isso, o assunto é sério, pessoalmente eu lhe explico.

— Falar comigo não é nenhum problema, João, você sabe disso, eu já me sinto seu velho amigo. Mas, por dever de honestidade, devo lhe dizer que essa história, por mais que eu goste de você e o respeite, é meio dura de engolir. Eu não posso acreditar que...

— Pelo menos deixe que eu lhe explique. Acredite, me custou muito pedir para você se interessar pelo assunto, mas é pela gravidade do fato, não é por mim. Se fosse por mim, eu não incomodaria você, mas é de interesse público, é de vital interesse público e você, afinal, é um homem público, tem dedicado toda a sua vida ao serviço público.

— Está certo, João, vamos conversar, não custa nada.

Você não quer dar um pulinho aqui à noite, aí pelas oito e meia, nove horas?

— Bem, se só pode ser à noite, tudo bem.

— É porque eu tenho uma série de coisas para fazer hoje e agora mesmo já estava na porta, você quase não me pega em casa. Acho que algumas horas não vão fazer diferença, vão?

Antes do telefonema, não estava de saída coisa nenhuma, mas agora que o canalha, com aquela cara-de-pau, tinha tido o topete de vir pedir-lhe apoio, achava que podia prejudicá-lo ainda mais, sabia lá como, ajudar a desmoralizá-lo antes de sua morte. Talvez fosse uma boa idéia, porque aí muita gente ia especular que seu desaparecimento teria sido uma fuga, todo mundo sabe que fugir é do temperamento dele. Sim, sim, talvez até Ana Clara ficasse achando isso e aí se sentiria abandonada e traída, excelente, excelente. Fazer qualquer coisa por aquele filho da puta, nunca, mas que cara-de-pau, que cinismo!

Procurou o número do telefone do gabinete de Lúcio Nemésio no

hospital e falou com D. Salete. Lúcio Nemésio estava em reunião agora, em outra ala do hospital — era coisa urgente? Se fosse urgente, talvez ela pudesse dar um jeito. Não, não era urgente, mas será que Lúcio Nemésio não poderia recebê-lo, mais tarde, de tarde, qualquer hora? D. Salete disse que tinha certeza de que sim, porque a agenda dele não estava muito carregada para a tarde, depois do cancelamento de outras duas reuniões. Mas, em todo caso, telefonaria daí a pouquinho, para confirmar.

Telefonou meia hora depois e confirmou. Cinco horas, estava bem? Estava

perfeito e agora, às três e tanto, ele se preparava para se distrair até o momento de sair para o hospital, fazendo uma coisa que havia deixado de lado subitamente, havia algum tempo. Matar pardais. Tivera uma idéia a que não podia resistir, apesar de considerá-la um pouco imprudente. Com a boca já cheia d'água como de outras vezes, pegou a espingarda e desceu para o pátio. Os bichos não deviam estar ariscos, provavelmente já tinham esquecido a espingarda. Carregou o pente, engatilhou a espingarda e foi para as proximidades das latas de lixo, em torno das quais vários deles estavam ciscando. Escolheu um dos maiores e atirou. Começou a ter uma decepção, porque o pardal deu um pulo, caiu no chão e logo levantou vôo na mesma direção que os outros. Mas não chegou a transpor o muro e tombou na quina do pátio. Beleza de tiro, embora o bicho, como ele constatou, preparando-se para dar um tiro de misericórdia, ainda não estivesse morto. Pensou em esmagá-lo com o pé, mas teve nojo e então deu-lhe mais dois tiros na cabeça. Pegou uma pá de lixo de junto das latas, tirou um saco plástico do bolso e jogou dentro dele o cadáver do pardal.

Depois de muitas outras tentativas, havia ferido mais dois, um na asa e outro no dorso. Teve dificuldade em pegá-los no chão, porque eles corriam, se batiam e bicavam com força. Mas conseguiu enfiar ambos no saco, sem se

preocupar em matá-los de vez. Já que ia guardá-los no freezer do subsolo, eles iam morrer mesmo, virados em picolés, não era necessário ficar dando aqueles tiros à queima-roupa, que sempre o faziam temer um ricochete. E pronto, três já bastavam, grande colheita. Olhou as horas, mais de quatro e meia, daí a pouco sairia para o hospital. Mas tinha tempo para ir calmamente ao freezer socado lá embaixo, aonde ninguém ia, fechar o saco dos pardais e pô-lo lá dentro, encostado numa chapa. Os bichos se agitaram dentro do saco e ele pensou em que seria interessante que o freezer tivesse uma portinhola de vidro, para que pudesse apreciar aquele congelamento. Bem, de qualquer forma estava na hora de sair, e foi tirar o carro da garagem. Quando passou pela saletinha junto à sala de estar, encontrou Ana Clara, acabando de trancar alguma coisa na gaveta da cômoda. Deviam ser os tais cadernos da tal Suzanna Frischmann, ela agora vive malocada pelos cantos, escrevendo. Isto quando não está fodendo com João Pedroso, claro. Carinha de santa, inocente, um anjo. Sorriu para ele, cínica, amoral, insensível, cínica. Sorriu para ela também.

— Sabe? — disse, da forma mais casual que pôde. — João Pedroso vem aqui hoje à noite.

— João Pedroso? Você chamou?

— Não, ele é que me telefonou, de manhã, esqueci de lhe falar antes.

— E o que é que ele quer?

— Não sei direito. Parece que ele quer meu apoio para essa loucura dos homens-macacos que ele inventou. Para mim, ele está é maluco, doido do juízo.

Aliás, eu nunca achei ele muito certo.

— Eu não tenho tanta certeza assim de que essas criaturas não existem. João é um cara muito competente.

— Qual é, Ana Clara, até você? João é apenas um peixeiro de merda como outro qualquer, com uns vernizezinhas que ele diz que pegou na

Faculdade, mas pode muito bem ter aprendido em almanaques, aquilo é cultura de almanaque. — Antigamente você não pensava assim.

— É, mas, com a convivência, fui sacando a dele, é um merda, um fracassado alcoólatra.

— Eu não concordo, essa é sua opinião. Mas, de qual quer maneira, você não devia falar assim, afinal de contas ele é seu amigo.

— Mas eu não estou dizendo isso em público, estou dizendo em casa, a minha mulher, será que eu não posso fazer um comentário sincero qualquer, na intimidade de meu lar?

— Está certo, Ângelo Marcos, tudo bem, me dê uma licencinha aqui, que eu tenho de providenciar umas coisas.

— Eu vou sair.

— Eu percebi, você está com a chave do carro na mão. O jantar sai às oito.

Putinha. Cínica. Despudorada. Tem coragem de dizer que aquele filho da puta, que junto com ela o apunhala pelas costas com o maior desplante, é amigo? E ainda fica fazendo a defesa dele! Que coisa inacreditável, a que ponto ela é capaz de chegar, a que abismo de amoralidade e falta de escrúpulos? Mas, quando ele mencionou João Pedroso, ficou claro que ela se desconcertou um pouco. Um segundinho só, mas se desconcertou. Putinha safada. E nem queria saber aonde ele estava indo, mais ou menos arrumado e a esta hora da tarde, hora de encontros clandestinos. Nem queria saber. Perfeita indiferença, desprezo. Está certo, está certo, vamos ver quem ri melhor.

Entrou no carro irritado, saiu com uma marcha-à-ré brusca, sem olhar para os lados. Mas, na estrada, se acalmou e passou a dirigir a pouco mais de quarenta por hora, olhando a paisagem e cantarolando. Não podia dizer que estava feliz, mas estava pelo menos contente consigo mesmo, agindo de uma maneira fria e objetiva, como a situação requeria. Não, não estava infeliz,

estava senhor dos acontecimentos, absolutamente em controle. Ao buzinar para que lhe abrissem o portão do estacionamento do hospital, esperou sorridente e cumprimentou o porteiro com afabilidade.

Logo no começo da conversa com Lúcio Nemésio, que por sinal estava de excelente humor e extraordinariamente amável, teve dificuldade em abordar o assunto, não sabia como tocar nele sem correr o risco de provocar irritação. Mas o próprio Lúcio Nemésio acabou por falar primeiro nas tais criaturas. Como Ângelo Marcos já esperava, negou tudo. Mas negou de uma forma em que seu rosto parecia indicar o oposto de suas palavras, como se estivesse se divertindo com aquilo. Ângelo Marcos desconfiou e disse que, se houvesse alguma ponta de verdade naquilo, ele era a favor, achava uma experiência fascinante, Lúcio Nemésio podia confiar nele.

— Eu sei — disse Lúcio Nemésio. — Não se trata de confiança ou de não-confiança. A verdade é que não temos nenhum desses tais meninos-macacos aqui.

— Mas João Pedroso está absolutamente convicto de que eles existem. Hoje mesmo ele me telefonou e vai lá em casa, com toda a certeza para pedir meu apoio. É por isso que eu vim conversar com o senhor. Se eu puder ajudar em alguma coisa, estou à sua disposição, claro que não vou ficar do lado dele.

— João Pedroso é um bom rapaz, mas é um supersticioso religioso, que se deixou envolver pelos truques de um curandeiro sensacionalista. E, mesmo que quisesse, você não poderia apoiá-lo, porque não há o que apoiar.

— Mas, como eu já disse, isso eu nunca faria. Eu nunca prejudicaria o progresso da Ciência. Pelo contrário, acho que João Pedroso e o curandeiro devem ser desmoralizados de uma vez por todas, isso que eles estão fazendo é inadmissível.

Que é que o senhor acha que eu posso fazer?

— Nada, não precisa fazer nada. Eles já estão desmoralizados, ninguém

acredita neles, nunca vão conseguir provar nenhuma de suas alegações.

— Isso não prejudicou o hospital, não prejudicou algum projeto?

— Não prejudicou nada, está tudo dentro da mais perfeita normalidade.

— De qualquer forma, eu quis participar ao senhor a minha disposição de ajudá-lo no que for preciso. No que de pender de mim, este hospital será sempre defendido, tenho orgulho dele também.

— Muito obrigado, Ângelo Marcos, eu sei disso, muito obrigado.

Ainda ficou por ali, conversando fiado e sem jeito de voltar a mencionar as criaturas, até que achou que o velho iria daí a pouco desculpar-se e pedir-lhe que fosse embora. Despediu-se com efusão e voltou devagar como viera, dirigindo com uma mão no volante e outra no queixo. Claro que o velho sabia muito mais coisas e não queria falar. Aquele jeito de conversar, quase irônico, quase gozativo, e aquelas explanações excessivamente minuciosas e técnicas, para explicar porque não poderiam estar fazendo híbridos e trabalhando em Genética, no hospital. E essas fundações estrangeiras não dão ponto sem nó, ambas são ligadas a grandes indústrias químicas e farmacêuticas, é óbvio que há altos interesses comerciais no trabalho desenvolvido pelos laboratórios do hospital. Pensando bem, estaria fazendo um grande favor a eles, ao liquidar João Pedroso. Devia ser recompensado por isso, não era justo que não fosse. Tinha cada vez mais a certeza de que Lúcio Nemésio lhe escondera alguma coisa e, ao parar na garagem, estava com inveja dele, havia caroço embaixo daquele angu, sem dúvida nenhuma.

Entrou em casa, foi direto ao subsolo, abriu o freezer, pegou o saco dos pardais e o sacudiu. Três pedras de gelo dentro, tudo certo. O jantar saía às oito, como tinha dito Ana Clara, com aquele ar metido a merda que dera para usar quando falava com ele. Havia tempo, por conseguinte, para ir lá em cima, queimar um baseado e curtir qualquer coisa. E depois jantar, forçando Ana Clara a conversar e dar opiniões, para em seguida esperarem a visita de João

Pedroso, que ele já estava começando a achar interessante e até útil, quebrava-lhe um pequeno galho.

João Pedroso olhou para o relógio pela terceira vez. Só tinham passado uns cinco minutos desde a segunda vez, ainda não eram nem sete e meia. Ana Clara ficou contra a visita, chegou mesmo a se exaltar um bocadinho e falar muito alto, como nunca falara antes. Que idéia, logo agora que o prazo de Ângelo Marcos se aproximava do fim, que situação constrangedora! Constrangedora sob todos os sentidos. Por exemplo, ela não podia dizer que ficava satisfeita com essa história de João mendigar favores a Ângelo Marcos, era muito chato, era quase humilhante.

Em primeiro lugar, eu não vou mendigar — dissera João.—Vou expor a ele esse problema, que não é um problema meu, é um problema de todos, da própria Humanidade.

- Está certo, você já disse isso. Mas eu tenho certeza de que não vai adiantar nada falar com ele, ele não vai se sensibilizar. Você só vai se expor a um vexame. E eu também, é claro, que situação chata! Antes, não, mas depois que a gente combinou morar juntos, eu fico sem graça, vai ser muito chato, depois ele vai jogar tudo na minha cara, vai ser um inferno.

— E, mas eu preciso. Eu não conheço ninguém, não tenho nenhum prestígio, pelo contrário, ando até meio desmoralizado com essa onda dos jornais. Então eu preciso da ajuda dele, a coletividade precisa da ajuda dele e de quem ele mais puder arregimentar — - Você diz que não é um problema seu, mas age como se fosse. Desde que você se meteu com esse negócio, ficou completamente diferente, nervoso, inquieto, meio agressivo...

— Eu estou agressivo, é? Desculpe, eu não tinha notado.

— Não tem importância, eu compreendo. Mas acho que você podia ficar mais calmo e, inclusive, se preparar para enfrentar a hipótese, que para

mim é a mais provável, de que não consiga fazer nada. Não é que eu queira, claro, mas você deve estar preparado para isso. Você não tem provas, não tem nada, Lúcio Nemésio é poderoso e influente, o padre talvez seja transferido daqui por causa dessa história, sua situação não é boa, é meio sem esperança, não é, não — Pode sei, mas eu iria considerar isso uma derrota terrível, eu nunca aceitaria perder essa, essa derrota me destruiria.

— Eu acho que você está exagerando, João, não pode ser assim. Você tem que ser realista, ver as coisas como elas são e não como você quer que elas sejam.

— Isso é fácil de falar. Se você tivesse visto aquelas fotos e tivesse ouvido a conversa sinistra de Lúcio Nemésio, estaria arrepiada de medo até agora. Você tem idéia, você tem mesmo idéia do que isso significa?

Lembrou-se de como falara então, durante mais de uma hora, agitado e quase febril, e de como ela tinha razão, quanto ao estado dele. Estava agressivo, sim, houve momentos em que ela o irritou e ele foi mais ou menos ríspido. Interessante, ela nunca o irritara antes, mesmo quando ficava com as pirracinhas brincalhonas de que gostava talvez um pouco demais. Agora, contudo, achava que ela não compreendia a gravidade do que ele dizia e denunciava, achava-a até um pouco indiferente, insensível àquela calamidade. Mas despediram-se com muitos beijos e afagos, a visita decidida, apesar de ela insistir em dizer que achava péssima idéia.

Sete e meia, finalmente. Sim, mas ainda com pelo menos uma hora pela frente. Estava nervoso? Estava, estava. Podia desistir, não podia? Ana Clara devia ter razão, a conversa ia acabar não adiantando nada, talvez fosse uma perfeita besteira, como foram outras iniciativas, a começar pela dos jornais. Que pensaria Monteiro sobre isso? Não, não perguntaria nada ao coitado do padre, não podia mais envolvê-lo nisso, ele lá atolado em problemas com a Arquidiocese e com medo de ser transferido para uma dessas paróquias aonde

só se chega de lombo de burro ou helicóptero.

Pôs a mão no telefone. Era fácil, bastava telefonar para Ângelo Marcos, cancelando a visita, agradecendo a atenção e mantendo a distância que agora a decência mandava. Levantou o fone, mas o pôs de volta no gancho logo em seguida. Não, não, desistir era apenas mais um recuo. Prometera a si mesmo que não deixaria de tentar nenhum recurso, por mais remota que fosse sua chance de dar certo, não iria recuar mais uma vez. Mas estava nervoso, muito nervoso, e resolveu que a melhor coisa era passar o tempo restante andando sem rumo, ou lendo qualquer coisa na praça.

Sabia que não devia beber, mas, que diabo, precisava de uns dois drinques para acalmar-se, também não podia chegar à casa de Ângelo Marcos todo encagaçado e hesitante. Acenou para Luiz Garçon, pediu um uísque simples com muito gelo, mas mudou de idéia assim que acabou de falar e — por que não, já que ia tomar a segunda de qualquer jeito? — disse que queria uma dose dupla mesmo, como de costume. E menos de quinze minutos mais tarde já tinha pedido a segunda dose dupla, seguida da terceira, por volta das oito e dez, e a saideira, simples, tomada apressadamente às oito e vinte.

Sim, o álcool acalma. Desde o fim do segundo copo, sentira que o nervosismo se diluía. Mas estava bem? Não estava, como constatou, ao levantar-se da mesa e demorar um pouco para equilibrar-se direito. Não muito bêbedo, certamente, mas bem mais bêbedo do que previra. Puxando um certo fogo. Merda! Respirou fundo algumas vezes, esfregou as têmporas, mordeu o lábio inferior com força. Merda! Bem, começava a melhorar agora, a tontura fora mais por causa da mudança de posição, estivera sentado muito tempo e se levantara bruscamente. Ajeitou a camisa, puxou as calças para cima, atirou na cesta de lixo a revista que estivera lendo e, pensando em como era ridículo ter bebido para não ficar nervoso e ficar nervoso justamente por ter bebido, começou a andar para a casa de Ângelo Marcos.

Que, por sinal, pitando um charuto jamaicano, se sentia muito bem, muitíssimo bem mesmo, espichado numa chaise longue na varanda de cima, enquanto Ana Clara fingia que assistia calmamente a um filme no telão. Excelente tabaco, charutaço. Pelo preço, devia vir folheado a ouro, mas vale, tudo o que é bom vale. Ergueu um pouco o tronco para olhar a rua lá embaixo. Não já estava na hora de o filho da puta aparecer? Estava, estava, lá vinha ele rente aos tamarindeiros e, pelo andar, já vinha meio pronto. Deve ter ficado nervoso e tomou um porre para criar coragem, bom sacana. Bem, descer para receber o ilustre personagem.

De perto, João Pedroso parecia menos bêbedo do que de longe, mas estava visivelmente tocado. E afobado, desajeitado, cheio de risinhos amarelos. Ana Clara apareceu lá de cima, bitoquinha em João, puta safada, cínica. O sangue ferve, mas gelo nele, eles não vão levar a melhor nessa. Sim, o distinto não queria beber mais, não? Já que começara o porre, podia muito bem encerrá-lo, birita havia de sobra, e bem melhor do que as que costumava entornar, uísque mesmo e não iodofórmio nacional e Old Strocssner. Não falou assim, claro, mas foi o que pensou, quando ofereceu uísque a João. Estranhamente, ele recusou, mas Ângelo Marcos agiu como se não o tivesse ouvido e foi até o bar, onde despejou em cima de três cubos de gelo uma dose enorme de escocês, para depois trazer o copo e enfiá-lo na mão dele.

— Vinte anos — disse, com um sorriso exagerado. — Da pesada, você vai gostar. Não acompanho você porque não posso. Ana Clara, quer alguma coisa, meu bem?

— Obrigada, você fez um martíni para mim?

— Claro, querida, meio seco, não é?

Beijinho em Ana Clara, abracinho, carinho de esposo. O filho da puta ia ter de agüentar, o território ali não era dele. Se ela dizia a ele que não dava mais para o marido, ele agora ia ficar na dúvida, com mais uns afagozinhos, uns

olhares e umas alisadinhas. E ela, a putinha, também não podia fazer nada — isto realmente estava divertido, como antecipara. Voltou com o martíni, novo beijinho, esfregadinha no braço, perto do peito. Podiam conversar ali mesmo na sala, ou João queria uma sessão secreta, a portas fechadas, tipo top secret. Que dois descarados, que par de filhos das putas, em que desconforto estavam agora, que beleza!

Bem, já que João demorava tanto em falar, preferindo ficar ali com cara de besta, tomando um golinho atrás de outro, ele mesmo abordaria o assunto. Sabia do que se tratava, claro, João já lhe dissera ao telefone. Ia ser franco, como, aliás, já fora ao telefone. Não acreditava realmente nessa história, João estava laborando em algum equívoco. E não pensassem que ele falava aquilo sem base, por pura noção preconcebida. Hoje mesmo, à tarde, tivera o cuidado de procurar Lúcio Nemésio no hospital e ele negara tudo muito convincentemente. Não só negara como se dispusera, embora não lhe coubesse o ônus, a mostrar provas, evidências.

— Quer dizer que, se você quiser, pode fazer uma inspeção no hospital, correr ele todo?

— Não cheguei a perguntar isso nesses termos, João, mas creio que sim.

— Então você vai fazer essa inspeção? Não podemos perder essa oportunidade, você vai?

— João, de novo vou lhe ser sincero. Ser sincero é duro às vezes, mas que vou fazer, é do meu feitio, não sei ser de outro jeito. Eu gosto muito de você, mas também sou amigo, muito amigo, de Lúcio Nemésio, tenho-lhe o maior respeito e consideração. Eu não posso arriscar essa amizade, duvidando da palavra dele e querendo verificar se ele não estaria mentindo. Eu sei que ele não está mentindo e ele tem o direito de esperar isso de mim, eu sei que ele não está mentindo.

Não sabia nada disso, claro, e teve problemas para não demonstrar

excessivo interesse por certos detalhes, quando João, bastante bêbedo e com a língua subitamente desatada, lhe fez uma espécie de discurso apocalíptico e patético, em que contou a conversa com Lúcio Nemésio, falou nas mães fugitivas e seus filhos monstruosos, na violência inominável cometida contra a gente pobre da região. Ângelo Marcos, de repente, teve certeza absoluta de que Lúcio Nemésio lhe mentira e contara a verdade a João.

— João, você me desculpe, me desculpe mesmo, mas eu não posso acreditar nisso.

— Mas João tem razão num ponto, Marquinhos, você bem que podia fazer essa visita. Acho que, como visita, a coisa funcionaria sem problema, uma visita não ofende ninguém, Lúcio Nemésio podia até gostar, se não tem realmente nada a esconder.

— Não, Aninha. Desculpe, mas isso está fora de cogitação, absolutamente fora de cogitação.

Detalhes ótimos, Marquinhos para lá, Aninha para cá e mais alisadinhas, bem na frente do filho da puta, que ficava nervosíssimo, estava na cara. Cada vez mais bêbedo, não sabia mais contra-argumentar, permanecia ali, abestalhado, com uma cara de pamonha mole. E ela certamente apreciando o tipo de merda que resolveu preferir ao marido. Tremendo prazer em ficar negando, com elegância, eloquência e simpatia, o que ele pedia. Impossível, a tal visita. Parecia que havia tirado a noite para pedir desculpas pela franqueza, mas era o que tinha de fazer de novo. E, com franqueza, sua posição não lhe permitia expor-se ao mesmo ridículo — perdão pela franqueza novamente, mil perdões — que João. E vissem bem que João não tinha uma imagem pública a preservar, como ele. Imaginassem o desastre que não seria, um desastre de conseqüências irreparáveis. Se houvesse provas, tudo bem. Mas, nas circunstâncias...

Óbvio que João estava dizendo a verdade, Lúcio Nemésio tinha um

esquema fantástico qualquer, era aquilo mesmo, vacinas, bancos de órgãos, enzimas, hormônios, todo tipo de proteína, uma infinidade de aplicações inimaginável, uma mina de ouro. Tinha de haver um jeito para ele participar daquilo e quase devaneia, imaginando qual seria esse jeito, um pouco irritado porque João, falando num tom grotescamente emocional, não o deixava pensar direito. Queria encontrar um jeito de fazer perguntas sem denunciar-se, queria informações, não aquela baboseira sentimentalóide sobre o homem ser um ser moral e sobre a existência de alma nas tais criaturas e sobre as mães negras ameaçadas de seqüestro e cárcere privado pelo hospital — como se não fosse uma boa para uma negra miserável dessas passar comendo do bom e do melhor, dormindo em cama com colchão e sendo tratada como gente, em vez de ficar penando nas brenhas, sem dinheiro nem para comprar o tempero para a moqueca de marisco de terceira que passou o dia inteiro atolada no mangue para catar, ora vai-te à merda. E que diabo era isso, agora chorava? Desculpava-se porque chorava, aos borbotões e caretas? Que horror! Chorando, veja você. Que é isso, rapaz, não precisa chorar, o mundo não vai acabar, essas criaturas não existem, você mesmo diz que nunca pôs os olhos nelas, mas que bobagem. Tome mais um negócio, vá, se acalme.

Chorando. Chorando como um bezerro, na frente dele e de Ana Clara. Belo espetáculo para ela, o sacana lá com pinta de veado, chorando com aquela cara de santa puta arrependida. Chorando e bêbedo que não se agüentava em pé, quando, depois de se controlar um pouco, mas ainda com o queixo tremendo, resolveu sair. Pronto, aí estava mais uma utilidade nessa excelente visita: pretexto para sair e tomar um par de providências. Bancaria o magnânimo e sairia com ele para ajudá-lo, caso ele caísse. Apesar da distância não ser muita, ia levá-lo de carro, fazia questão. Olhando-o com o que agora parecia ser muita raiva, João Pedroso recusou. Mas estava bêbedo demais para resistir a Ângelo Marcos, que o segurou pelo cotovelo, levou-o para o carro

estacionado no pátio, instalou-o no assento junto ao do motorista e pediu a Ana Clara que fosse buscar as chaves. Enquanto isso, desceu rapidamente ao subsolo, pegou os parciais congelados, subiu de volta ao pátio e jogou o saquinho no banco traseiro, antes de Ana Clara reaparecer.

— Volto já, meu bem — disse, beijando-a na bochecha, porque ela desviou a boca.

— Até logo, Ana Clara. Desculpe — disse João, com a voz engrolada.

— Tudo bem, João.

Putinha sem-vergonha, nessa ela tinha se dado mal. Ambos tinham se dado mal. Confronto clássico entre um homem superior e um bosta, na cara dela. E a ousadia dela em ficar do lado dele, hem? Muito cinismo, realmente. E este filho da puta, se não estivesse tão bêbedo, ia acabar querendo partir para a agressão física. Naquele momento logo antes da saída, ficou de cara feia, como quem está querendo dar um soco. Só faltava essa, comer a mulher de outro e ainda dar porrada nele. É, ia terminar acontecendo, mais cedo ou mais tarde, mais uma razão para dar um fim nele.

— Você vai entrar por aqui ou pelo portão do lado? — perguntou ao chegarem, mas João estava dormindo e teve de ser sacudido para acordar.

— O que foi?

— Nós já chegamos, não é aqui sua casa?

— Hem? É, sim, claro. Sim, claro, muito obrigado, boa noite.

Ângelo Marcos ficou parado ao volante todo o longuíssimo tempo que João Pedroso, tropegamente, levou para contornar o carro, chegar à porta e conseguir abri-la, para praticamente despencar lá dentro. Demorou também muito para fechar a porta, a ponto de o outro pensar em ir lá ajudá-lo, porque já estava ficando impaciente, não queria demorar demais e despertar alguma suspeita em Ana Clara. Mas finalmente a porta se fechou com estrondo e uma luz se acendeu lá dentro, sinal de que o bebum tinha conseguido pelo menos

rastejar corredor abaixo. Procurando não fazer barulho, Ângelo Marcos saiu do carro, pegou o saco dos pardais, rompeu-lhe a parte superior e despejou seu conteúdo no batente da porta. De manhã, estariam descongelados, e queria que João se deparasse com eles ao sair de madrugada, queria muito que ele visse ali aqueles três pardais mortos e pensasse sobre eles. Não queria só que ele morresse, queria que, de alguma forma, ficasse com medo de morrer, ficasse angustiado e amedrontado, antes de morrer. Pouco importava que fosse ligar os pardais à história do matador, era esse mesmo o efeito desejado. E não poderia provar nada, eram simples pardais mortos, como dezenas de outros que aparecem nas calçadas igualmente mortos, depois de um temporal, por exemplo.

De volta ao carro, dirigiu até o Campo Formoso e estacionou. Tudo deserto, o orelhão lá, de pé como um obelisco benfazejo. Tirou da carteira o papelzinho com o número do telefone e discou a pagar. Boaventura estava em casa, sim, aceitou logo a ligação, disse que viria imediatamente, estava tudo entendido.

Ótimo, ótimo. Agora, voltar tranqüilo para casa, ouvir um pouco de música e comentar com Ana Clara o babaca que é João.

— Eu acho que estou no mesmo caminho — respondeu Padre Monteirinho, quando João Pedroso, voltando para devolver-lhe a chave do jipe, que tinha tomado emprestado outra vez, lhe disse que já não distinguia direito o real do imaginário e às vezes achava que tinha morrido e se encontrava no inferno. — Essa história toda está me rendendo uma chateação atrás da outra. D. Túlio só faltou me ameaçar de excomunhão, e eu tive de ouvir tudo calado, é claro — que é que eu ia dizer? Deve ser um pesadelo, não é, não? Eu já tive pesadelos tão reais, que, depois de acordar, levava uma porção de tempo para me convencer de que não estava, de verdade, naquela situação do pesadelo. E,

o que é pior, tenho quase certeza de que vou mesmo ser transferido, é questão de dias. Já sei até quem é o padre cogitado para vir para meu lugar, eu o conheço.

— Monteirinho, isso me deixa ainda mais pirado, eu não devia ter metido você nisso, eu só faço besteiras.

É, só fazia besteiras mesmo, uma atrás da outra, como encher a cara na hora da conversa com Ângelo Marcos e se comportar daquela maneira deprimente. Tinha escornado no quarto contíguo à sala, que nunca usava, porque não agüentara andar mais. E tinha acordado por volta das cinco da manhã, de início esquecido do que acontecera na noite anterior. Mas, depois de matar uma sede infernal com quase toda uma garrafa de água gelada, passou gradualmente a lembrar-se e a sentir uma vergonha indescritível, vontade de desaparecer, vontade de não estar em lugar nenhum. Como é que tinha podido fazer aquilo?

Mas fizera e não havia jeito de fugir de si mesmo. Que estaria pensando Ana Clara? Que pergunta, claro que devia estar envergonhada e decepcionada, muito decepcionada. Talvez decepcionada para sempre. Não, não, também não era assim, foi um deslize sério, mas não foi o fim do mundo. Chato é que não atinava com um jeito de estar com ela, mesmo que só para apenas conversar, agora que Ângelo Marcos parecia disposto a nunca mais sair da ilha. E, quando a encontrasse, que diria a ela?

Entrou no banheiro, passou pelo espelho do armariozinho embutido, parou para se mirar. Olheiras, barba grisalha, ar derrotado e infeliz. Que merda. Demorou muito tempo se olhando como se fosse outra pessoa, um sujeito estranho do lado de lá. É, um estranho, um bobalhão desconsolado e estranho. Já parecia querer ficar ali toda a manhã; imóvel em frente ao espelho, quando lhe veio um engulho invencível, que o fez vomitar, na pia mesmo, uma gosma esverdeada e fedida. Acabou de vomitar, suando muito e com os olhos

cheios d'água, limpou a pia e foi para o chuveiro, debaixo do qual fez a barba pelo tato, para não ter que se olhar no espelho novamente.

Pensou em comer alguma coisa, mas decidiu que não toleraria nada no estômago, a não ser um cafezinho, que tomou fazendo caretas. Bem, não ia ficar o dia inteiro sentado, remoendo o que havia acontecido. Ana Clara terminaria compreendendo, momento de fraqueza, essas coisas. Mas o problema das criaturas, este, sim, este continuaria sempre a atormentá-lo e a única maneira de enfrentar esse tormento era continuar tentando fazer alguma coisa. Não conseguira nada com Ângelo Marcos, mas podia procurar outras pessoas. Podia encontrar as criaturas antes dos homens do hospital. E então, com um susto, lembrou-se de que havia marcado para aquela manhã uma conversa com Bará, que, apesar de ter ganho uma liminar de mandado de segurança, resolvera ir embora definitivamente, talvez para Cachoeira ou Nazaré das Farinhas. Viu as horas, ainda tinha muito tempo. Sim, antes de ir embora, Bará queria vê-lo, talvez pudessem ter alguma idéia nova.

Como se explicavam aqueles três pardais mortos que encontrou no batente, ao sair mais tarde, para tomar o jipe do padre emprestado e ir ter com Bará? Dois pardais e meio, aliás, porque um deles parecia ter sido roído por um bicho qualquer e lhe sobrara pouco mais que a cabeça e as pernas. Lugar estranho para os pardais virem morrer, e logo três juntos. Não era um ebó, ninguém faz despachos com pardais. Mas apenas os pardais, nada mais? Chutou os cadáveres para junto do meio-fio. Muitas poças na rua. É, devia ter chovido forte durante a madrugada, não ouvira nada por causa do porre. É, choveu forte, alguma coisa os espantou do oitizeiro, eles voaram, o vento e a água os derrubaram aqui. Mas três de vez? Bem, não era impossível, e já se preparava para ir embora, quando uma recordação quase perdida saltou em sua cabeça e ele empalideceu. Deus do céu, será? Não, não podia ser, era loucura em demasia, mas não lhe saiu mais da cabeça a história dos pardais contada

por Ângelo Marcos, a história do matador que começou matando pardais. Mas como ocorreria a Ângelo Marcos aquele tipo de ameaça, se se considerava seu amigo e não sabia nada sobre o caso com Ana Clara? Ou sabia? Não, não podia saber, tinham sido discretíssimos. Ou não tinham sido? Traição de Bebel, agora que andava tão afastada de Ana Clara? E por que, se pretendia matá-lo, Ângelo Marcos se denunciaria antecipadamente? Sim, claro, os pardais não provavam nada, nem sequer era possível saber se tinha sido mesmo Ângelo Marcos que os pusera lá. Ou ele estava apenas querendo assustá-lo? Ou era somente uma brincadeira, talvez até uma brincadeira feita por outra pessoa, uma travessura de menino? Claro, tudo besteira paranóica, nada a ver com Ângelo Marcos, coisa de meninos, ou coisa da chuva. E, depois, como era que Ângelo Marcos ia arranjar pardais e dar um jeito de pô-los em sua soleira? É, besteira. Mas João Pedroso dirigiu com o cenho franzido durante todo o percurso até as proximidades da casa de Bará, sentindo-se agoniado e incapaz de pensar no que conversaria no encontro. Encontro que se revelou muito mais desalentador e melancólico do que antecipara, porque Bará lhe garantiu que o hospital tinha capturado os fugitivos, fazia alguns dias, embora ele próprio só tivesse sabido poucas horas antes. João Pedroso não quis acreditar, mas ele foi peremptório. Estava absolutamente seguro, as caminhonetes do hospital haviam sido vistas pelas beiras dos matos em toda parte, desde o dia em que invadiram sua casa. Passados mais dois dias, a movimentação delas cessou. Naturalmente porque conseguiram seu objetivo, do contrário não desistiriam tão facilmente. Eles dois podiam perder a esperança de encontrá-las, mesmo porque tinha a certeza intuitiva de que não havia mais criaturas daquelas em poder do hospital. Achava que Lúcio Nemésio falara a João com tanta franqueza por várias razões — vaidade, arrogância, exibicionismo, ou mesmo loucura —, mas uma delas também fora a que ele mesmo insinuara: as criaturas não permaneceriam ali, estavam ali temporariamente. Agora já

deviam ter sido transportadas para outros centros da organização deles. Talvez até as três mães houvessem fugido porque souberam da transferência e não queriam ir, como outras criaturas ou mães devem ter ido. Não, não, nunca mais chegariam àquelas criaturas.

João Pedroso ainda persistiu um pouco em duvidar, mas logo resolveu que Bará tinha razão, como já tivera outras vezes. Sim, não teriam desistido tão cedo da busca, eles ganhavam todas, eram terríveis, certamente já haviam capturado os fugitivos, sim. Suspirou, levantou-se, acendeu um cigarro e deu um palavrão. E, parecia mesmo que nunca haveria jeito, e a retirada de Bará era o retrato de toda a situação. Apontou para algumas peças de mobília empilhadas, junto a caixotes com objetos embalados, e perguntou se a mudança já estava sendo providenciada. Em tom entristecido, Bará disse que sim, partiria para Cachoeira no dia seguinte. João quis comentar alguma coisa, mas não lhe ocorreu nada e se deixou tomar pelo ar quase funéreo do ambiente. Até que Bará, pedindo desculpas, disse que precisava trabalhar na preparação da mu dança e, portanto, tinha de despedir-se. Apertou a mão de João e lhe agradeceu a ajuda dada e a confiança finalmente manifestada. João o abraçou demoradamente, não disse nada e saiu. Não se sentia bem, não se sentia nada bem.

— E você não está vendo alguns aspectos interessantes nisso tudo? — perguntou Padre Monteirinho, depois que João lhe passou as chaves do jipe, sentou-se e lhe falou da visita a Bará.

— Aspectos interessantes? Se você chama uma porrada atrás da outra de "aspecto interessante", imagino que sim.

— Não, não me refiro a isso. É que eu nunca fui capaz de engolir essa conversa da cigana, esse negócio de Bará, essas coisas todas. Está certo, a existência das criaturas é outro problema. Mas lembre que a única evidência da existência delas, a única evidência concreta, eram aquelas fotos, que Bará pode

muito bem ter forjado. E agora diz que as criaturas foram levadas embora. Isso não será porque ele sabe que nunca houve as criaturas e que, se por acaso forçassem uma inspeção completa no hospital, não iam achar nada?

— E a minha conversa com Lúcio Nemésio?

— Será que ele não estava fazendo uma espécie de brin cadeira com você? Sabendo que não havia criaturas e que, portanto, não se arriscava a nada, ele pode ter resolvido lhe contar aquela história, uma espécie de história de assombra ção.

— Monteiroinho, eu estou estranhando você. E a invasão imediata da casa de Bará, no próprio domingo, foi brincadeira? E o desaparecimento dos negativos?

E a campanha de ridículo nos jornais? E a própria conversa, a própria conversa!

Eu sei que não era mentira, eu estava lá, eu vi nos olhos dele!

E como é que um homem com formação de cirurgião geral, por melhor que seja essa formação, pode ter tanta intimidade com aqueles assuntos, uma intimidade de quem convive com eles? Eu sei que o que ele me disse é verdade, eu sei!

— Isso tudo é muito relativo, João. Por exemplo, o próprio Bará pode ter destruído os negativos, para que um possível exame não revelasse que eram fraudes.

— Monteiroinho, eu estou realmente estranhando você, estranhando muito. Pois eu digo a você solenemente: eu vou dedicar minha vida a deslindar esse negócio, a minha vida!

— É aí que eu acho que você devia agir com mais realismo. Você está levando muito a peito uma coisa sobre a qual, afinal de contas, existem dúvidas.

Talvez você deva desistir de dar murro em ponta de faca e se resignar a

que jamais vai saber..

— Você também? Você também? Você não, você não pode!

— Você também, como? Quem mais lhe disse isso?

— Não vem ao caso, esqueça. O que realmente interessa é que você se horrorizou tanto quanto eu com as fotos das criaturas e com o que Lúcio Nemésio está fazendo, e agora age como se tudo fosse natural, como se não houvesse horror nenhum.

— Isso não é justo, você sabe que não é isso. Mas é porque eu realmente tenho dúvidas, há momentos em que tudo me parece mesmo invenção do feiticeiro, como sempre suspeitei.

— Monteirinho, o que você está dizendo, na verdade, é que a Providência Divina, querendo interferir no problema das criaturas, não agiria por meio de uma pessoa como Bará.

Isto é de uma grave arrogância, você sabe?

— Não vejo arrogância nenhuma, não sei por que razão eu devo pôr fé num embusteiro vulgar.

— Bará não é um embusteiro vulgar, é um sujeito interessante.

— Está certo, é um embusteiro interessante, mas um embusteiro.

Continuo a duvidar dele.

— E a duvidar de mim?

— Não é uma questão de duvidar de você.

— Claro que é.

— Não é! É apenas porque você está tão obsedado, que age com precipitação, não vê as coisas com calma, não analisa todas as possibilidades.

— E como é que você quer que eu aja com calma, quando eu tenho certeza do que estou falando? Como é que você quer que eu cruze os braços? Principalmente um sujeito como eu, que nunca fez nada na vida? Você se lembra de meu peca do, não se lembra? Claro que se lembra. Você não quer

deixar que eu redima meu pecado, Monteirinho, é isso que você quer, veja bem!

Sim, é isso o que ele quer, pensou com raiva, depois de um bate-boca que ficou cada vez mais áspero, até que decidiu sair, despedindo-se rispidamente e batendo a porta. Quase meio-dia, o sol quente, o ar parado e uma solidão mortal, todos na rua lhe parecendo figuras de uma outra dimensão, que não conseguiria sequer tocar e que não o viam. Sentou-se à mesa de sempre, no Largo da Quitanda, Luiz Garçon lhe perguntou se queria que mandasse buscar os jornais. Não queria, só queria beber mesmo. Situação surrealista, sentia-se fora do mundo. Talvez a pergunta de Monteirinho tivesse razão de ser: aquilo tudo estava acontecendo mesmo? Onde estava realmente, que se passava realmente, o que queria dizer "realmente"?

Tinha pensado em beber depressa para se embriagar, mas mudou de idéia à chegada do copo, que durante muito tempo não levou à boca, girando-o entre as duas mãos. Os parciais. Gostaria de saber da opinião de alguém sobre os pardais. Mas não podia falar com Monteirinho, porque não queria constrangê-lo, já que o assunto envolvia Ana Clara. E não podia falar com Ana Clara porque não era possível estar com ela. Diabo, essa situação tem de ser resolvida e tem o negócio do prazo e tudo mais. Bem, talvez ela bolasse um jeito, ela era sempre mais engenhosa que ele. Confusão, confusão. Pegou o copo, bebeu um golezinho e, ao levantar os olhos para o mar defronte, notou que se formava uma soalheira, estranha para essa época do ano e essa hora. Nada se mexia, nem uma onda, nem um peixe, nem um barco, nem a névoa estática que ocultava o outro lado da baía e diluía os contornos das bóias ao largo da rampa. Embora tivesse que franzir os olhos e eles lhe doessem um pouco, fitou a bola de aço reluzente que o sol formava na água, como se fosse o olho de Deus posto nele. Desviou o rosto, olhou em torno, era uma soalheira igual àquela em que os meninos lhe tinham trazido o lagarto de dois

rabos. Sim, agora tinha certeza de que o outro lagarto de dois rabos, o do Grupo Escolar, estava mesmo rindo, claro que estava rindo. Talvez não ele próprio, mas seguramente que fazia parte de um riso geral, uma espécie de riso da Natureza. Não sabia explicar isso bem nem a si mesmo, mas tinha certeza, era um lagarto que sorria.

A única diferença entre as duas soalheiras era que esta não trouxe com ela aquele medo esquisito que sentira antes. Agora não sentia medo, sentia até uma espécie de paz, incompreensível para alguém com seus problemas. Mas sentia mesmo essa paz e de novo procurou encarar o reflexo do sol, o que não chegou a fazer, porque Padre Monteirinho surgiu à sua frente.

— Eu estava procurando você — disse ele. — Quero pedir desculpas.
Eu

sei quanto isso está significando para você. Desculpe certas coisas que eu disse.

— Eu também estava pensando em procurar você para pedir desculpas. Me desculpe. Ainda mais que me sinto responsável por essa enlacrada em que você está metido. Me desculpe também, sente aí. Quer tomar alguma coisa?

— Um guaraná.

— Um guaraná. Sabe, Monteirinho, eu estive pensando uma coisa que parece meio boba, mas não é. Estive pensando que realmente esse negócio de nós acharmos que o homem é o filho diletto de Deus é de uma insolência monumental. Por essência, não somos filhos diletos coisa nenhuma, somos o que nós nos fizemos, aquilo que fizemos de nós mesmos. Não sei se você me entende. Ou nós nos aproximamos de Deus ou enfrentamos, não o Seu ódio, porque Ele não tem ódio, mas Sua indiferença. E eu creio que Ele está cada vez mais indiferente, não por causa d'Ele, mas por nossa causa. Acredite, Monteirinho, o lagarto vai sorrir. O homem é por definição um ser moral e,

quando ele deixa de ser um ser moral, ele só pode alegar ser filho de Deus *latu sensu*, como qualquer bicho ou planta, mas não *strictu sensu*. A imagem, mas não à semelhança. E a imagem é o que menos interessa, porque Deus é todas as imagens. Acredite, rapaz, Ele está indiferente, o problema é nosso. Além disso, Ele é atemporal, logo todo tempo para Ele é presente, o tempo também é um problema nosso. Compreendi isso agora, com preendi muito bem olhando esta soalheira, olhando o sol refletido na água e tendo certas recordações. O tempo é um problema nosso também, assim como o que fazemos conosco e com o que nos cerca — o que é a mesma coisa —, o tempo não passa da tradução do nosso esforço em nos integrarmos a Ele, ou seja, à a temporalidade. A alma é mortal, meu caro Monteirinho. Morreu, dançou, só quem não morre é quem vai à Glória! E a Igreja não pode fazer nada, a Igreja está por fora das pessoas! Tinha que ser por dentro!

— Quantos você já bebeu?

— Nem meio. Não é nada disso, Olavo Bento, estou lúcido, nunca estive mais lúcido em minha vida. Mas uma lucidez que chega a doer, me sinto um tanto profeta, daqueles porretas, do Velho Testamento. Em verdade lhe digo, Ele está indiferente. Nós fizemos toda esta merda que está aí, fazendo toda esta merda, nos afastamos d'Ele, é um raciocínio elementar. Não é Ele que Se afasta, somos nós. E o lagarto vai sorrir, pode crer.

— Não entendi, que lagarto..

— Nada, nada, meu caro Reverendo, nada, nada. Lembre-se, meu caro Reverendo, mesmo que nunca tenham existido as tais criaturas aqui, em algum lugar elas existem e existirão, assim como muitas outras coisas do mesmo tipo, ninguém vai poder evitar isso. Concorda?

— Talvez concorde, mas confio em que a Humanidade...

— Se concorda, vá rezar! O lagarto vai sorrir! Agora que eu sei que Deus está indiferente, não tenho mais medo!

E continuou a talar, sem ligar para o espanto do padre, que, preocupado, só saiu depois que ele resolveu ir para casa, almoçar.

CAPÍTULO 10

Chegara a dizer a Monteirinho que ia desaparecer, mas não, não ia desaparecer coisa nenhuma, de repente tudo mudara. Por vários dias depois da bebedeira, sem ter notícias de Ana Clara e se sentindo cada vez mais frustrado pelo desaparecimento das criaturas, João Pedroso permaneceu num desespero soturno e, ao contrário do que teria feito em outras circunstâncias, nem mesmo rezava, estava com vergonha de Deus. Até mesmo o telefonema de Ana Clara não o alegrou a princípio, pois tinha medo de que ela o estivesse chamando para dizer-lhe que não mais o queria. Assumiu então uma postura defensiva, deve ter soado esquisito para ela, cheio de evasivas e reticências, falando em derrota e frustração. Agora se preocupava um pouco por ter agido assim, ainda mais que o telefonema fora apressado e nervoso, porque ela tinha falado de casa, aproveitando uma ausência providencial de Ângelo Marcos. É, mas não chegava a ser um grande problema e ele estaria muito diferente, quando se encontrasse com ela. Por sinal que antes do esperado, embora em circunstâncias meio misteriosas. No telefonema, ela contara que daí a dois dias, ou seja, amanhã, Ângelo Marcos ia viajar na lancha, em companhia de um amigo fazendeiro que estava passando uns dias na ilha. Queriam dar um passeio e aproveitar para levar a Salvador umas tais antiguidades que esse amigo andara comprando e encaixotando — uma porção de bugigangas velhas, de arcas a máquinas de costura e ferros de passar — e agora queria despachar para a cidade dele. Certo, então amanhã se encontrariam. Era o que ele estava pensando, até descobrir o bilhete, junto à porta. Um tanto misterioso também, apenas uma tirinha datilografada, dizendo: "Meia-noite, na Areia do Sete, no mastodonte." Ângelo Marcos teria antecipado a viagem para a noite? E por que na Areia do Sete? Talvez pela tradição romântica, ali sempre se namorou, traquinagem dela. Claro, tudo deserto, principalmente nesta época

do ano, com as casas de veraneio vazias. É, podia ser que Ângelo Marcos houvesse mesmo resolvido sair à noite e ela, já preocupada ou ansiosa por causa de seu jeito ao telefone, talvez não agüentasse esperar até o dia seguinte. Podia ser também que de repente tivesse suspeitado que essa súbita viagem era uma cilada. Bem, de qualquer forma devia ter lá suas razões, ele não faltaria.

Tudo mudou, sim, tudo clareou, depois do telefonema e do bilhete. O prazo de Ângelo Marcos estava praticamente esgotado e o desespero se evaporara. A obsessão, não, a obsessão continuava, ele ia lutar contra aquilo, ia fazer o que pudesse. Agora, por alguma razão, estava confiante. Pensara melhor e vira que a luta não era contra um alvo específico, como os projetos de Lúcio Nemésio. Era contra todos os projetos do mesmo tipo ou espírito. Por isso, em seu livro, provavelmente nem mencionaria Lúcio Nemésio ou o hospital. Sim, um livro. Ia escrever um livro, já traçara um plano de pesquisa bibliográfica e começara a anotar alguns temas e idéias, por enquanto desarrumadas. O poder político e econômico sobre a evolução das espécies, notadamente a humana. Se o homem controla a evolução, esta será ditada pelos que detêm o poder. O poder sabe o que é melhor para a espécie, ou sabe apenas o que é melhor para ele, a curto prazo? Sociologia da Genética. Ética Genética. Ditaduras programando padrões genéticos oficiais. Agora que a criança pode ser especificada, eis aqui as especificações do governo. Ilegal ter filho que não atenda às especificações, impatriótico. Predeterminação do sexo: culturas onde, por causa de dotes ou qualquer outra razão, não seja bom negócio ter filha, só vão produzir homens; culturas vice versa só vão produzir mulheres. Superpopulação de um ou de outro, trinta homens por mulher (e toda uma economia em torno disso, com a maior parte das mulheres milionária), o governo interfere: de agora em diante, proibido ter filho homem, só pode mulher. Predeterminação de aptidões. O plano do governo estabelece quotas, com base em projeções estatísticas, para preencher adequadamente as

necessidades futuras de mão-de-obra. Nas economias de livre iniciativa, os pais vão estudar essas projeções e investir na feitura de filhos com aptidões mais lucrativas. Várias maneiras de usar tudo isso para acabar de estropiar o Terceiro Mundo. Pools genéticos superiores monopolizados, como os das galinhas de granja, hoje em dia. Apoio a ditaduras que manipulem o perfil genético da população conforme o interesse prevalente. Fornecimento de gametas para as barbaridades deles. Patentes para substâncias e procedimentos destinados a eliminar defeitos de origem genética. Quem quiser certeza de filho que não herde defeitos pague os royalties. Países ricos com gerações perfeitas e nós cheios de tudo quanto é problema de saúde geneticamente condicionado e comprando os remédios e geringonças deles para nos tratar.

Bastava sentar-se para fazer as anotações e não conseguia mais parar de rabiscar, uma idéia pulando atrás da outra. Mas não podia entusiasmar-se demais, tinha que dar um tom sóbrio ao livro, que evitasse qualquer semelhança com pseudoliteratura científica, do tipo sensacionalista. Olhou para os volumes enfileirados nas estantes. Será que ainda sabia trabalhar com eles? Sabia, sim, e tinha que conseguir vários outros, tinha que ter uma bibliografia pelo menos razoavelmente atualizada. Ainda devia existir a livraria importadora do velho Madeira, talvez nas mãos dos filhos dele. Pois é, ir a Salvador, dar uma espiada nos catálogos do velho Madeira, encomendar uns livros, assinar umas revistas. Esfregou as mãos, sorriu. As coisas estavam calmas agora, nada daquela reação histérica à existência das criaturas, que só redundara em desgaste. Não, um livro, um trabalho sólido, o início de um movimento que certamente teria adesões. Um livro que publicaria de qualquer maneira, mesmo às suas próprias custas.

Quando saiu, pouco antes da meia-noite, estava contente. Abotoou o casaco por causa do vento frio e, antecipando muito abraçar e beijar Ana Clara pela primeira vez em tantos dias, tomou o Boulevard para caminhar até a Areia

do Sete. Como previra, ninguém na rua, nada, nem um cachorro, nem um gato, somente os estalidos dos bichos da vazante em suas locas. Uns vagalumezinhos entre os galhos dos tamarindeiros, o vento cada vez mais trio. Dobrou a esquina do cais, andou rente a ele até a Areia do Sete. Com dificuldade, porque estava muito escuro, vislumbrou o mastodonte, nome que ela dava à grande caminhonete diesel que gostava de dirigir de vez em quando. Apressou o andar, procurando enxergá-la dentro da cabine, sem conseguir. A dois passos do carro, estacou, com a lembrança súbita dos pardais mortos. Sim, por que não pensara nisso, por que agira de forma tão imprudente, mas, ora, João Pedroso, você não faz nada certo, mas nada mesmo! Com toda a certeza, não era Ana Clara, era Ângelo Marcos, dentro da caminhonete.

Não levava a ameaça a sério, e agora que aconteceria? Hesitando entre voltar e verificar se sua suspeita era verdadeira, acabou se acercando mais um pouco.

Pensou em chamar por ela, mas, se não fosse ela, isso o denunciaria.

— Ângelo Marcos?

— Não — disse uma voz grossa dentro da cabine, e duas balas calibre 45, disparadas por uma pistola com silenciador, atravessaram o coração de João Pedroso, que morreu no mesmo instante e caiu na calçada junto à caminhonete, de onde um homem que saiu dela o apanhou e, sem muita dificuldade, o depositou dentro de um grande caixote forrado de plástico, que estava na carroceria entre vários outros do mesmo tipo, pôs cadeados nos três fechos, limpou as manchas de sangue com um pano que depois jogou no mar, voltou à cabine e saiu 352 em direção ao Grande Hotel, onde entrou, estacionou, trancou o carro e subiu para o quarto.

Em casa, sentado no gabinete com a tevê ligada, Ângelo Marcos olhou para o relógio. Evidente que tudo tinha dado certo, Boaventura era um profissional perfeito. Sensacional, a idéia das antiguidades, que ele tivera assim

que soube dos detalhes do serviço. Quanto a este aspecto, o plano não dava cuidado. Carregado na lancha, junto com os outros, o caixote contendo o cadáver de João Pedroso — e Ângelo Marcos, ao pensar nisso, teve um arrepio e sentiu a boca aguada, como lhe acontecia quando matava pardais — seria jogado numa parte funda da baía, com pesos de chumbo, para que afundas se e nunca fosse encontrado. A esta altura, se tudo tivesse corrido como previsto, João Pedroso já devia estar na carroceria da caminhonete emprestada a Boaventura, devidamente empacotado e aguardando embarque às sete horas da manhã. Excitado, Ângelo Marcos quis levantar-se e andar pela sala, mas tinha que se manter calmo, porque Ana Clara ainda estava acordada, escrevendo na saletinha, e não podia suspeitar de nada. Ela teria telefonado? Com certeza, claro que tinha, não ia perder aquela chance rara, criada por ele mesmo, que inventou uma história sobre um amigo que talvez tivesse chegado em seu veleiro e fundeado na ponte nova, e aí saiu e ficou fora de casa um tempinho. Ou ela teria desconfiado dessa viagem, assim sem mais nem menos, inteiramente contra o que se esperava dele? Não, também não era tão assim sem mais nem menos, explicara bem: devia favores a esse seu amigo, não lhe podia negar nada. Era uma aporrinhação, mas não podia negar mesmo. Teria colado? Havia sempre uma margem de dúvida. Como, aliás, havia em vários outros aspectos do plano, porque dependiam da sorte em proporção bem maior do que gostariam, mas não tinha tempo, não podia esperar que ela fosse viver com João Pedroso, como, com toda a certeza, já estava combinado. O negócio era agir logo, arriscar um pouco. Não, não, tudo ia dar certo, tudo já estava dando certo.

Bem, não adiantava nada ficar ali, agoniado diante da tevê, onde um cretino com cara de profeta asmático babava um rosário de asnicas a respeito do meio ambiente, às quais não prestava atenção, mas o incomodavam da mesma forma. Precisava ir dormir, tinha de acordar cedo no dia seguinte.

Boaventura estaria lá embaixo, com a caminhonete e as antiguidades, às sete horas. Tinham de chegar cedo ao Mercado, para comprar iscas, porque se, ao pararem para fazer a desova, alguma embarcação passasse por perto, fingiriam que estavam pescando, até que ela se afastasse. Baixa estação, meio da semana, provavelmente não haveria embarcação nenhuma, mas seguro morreu de velho. E iriam somente os dois, é óbvio, a tripulação estava do outro lado, devendo embarcar para a viagem de volta. Sim, dormir, apesar de achar que ia ter dificuldade em pegar no sono. Levantou-se, apagou a luz do teto, deixando um abajur aceso, passou pela porta entreaberta da saleta, parou e deu boa-noite a Ana Clara, sem entrar. Ela respondeu "boa-noite", e ele foi para o quarto onde vinha dormindo sozinho desde o auge da crise.

Pensou em tomar um comprimido para dormir, mas ficou com medo de não acordar na hora certa, mesmo com despertador, como já lhe acontecera mais de uma vez. Devia ter falado com Cornélio ou qualquer outro para chamá-lo pouco depois das seis, mas não falara, paciência. Atrapalhou-se um pouco com os botões do despertador digital, acabou conseguindo marcá-lo para as seis e quinze. Às sete estaria pronto, lá embaixo. Ficou de cueca, ligou baixinho a FM de alto-falantes embutidos na cabeceira da cama, apagou a luz e deitou-se. Curioso, a mesma música que estava tocando na FM do hotel, quando se encontrara pela última vez com Boaventura, no quarto dele. A mesma música — e ele sentiu uma ereção forçar-lhe a braguilha da cueca.

Nas vezes anteriores, não tinha havido nada corporal entre eles, somente a instalação ocasional de um certo clima, logo desfeito com desvios de olhares, mudanças de assunto ou passeios até a sacada. Mas, nesse dia, chegara mais cedo do que o combinado e, quando telefonou para o quarto, Boaventura disse que ainda ia tomar banho, por que não subia? Subiu e ele abriu a porta de bermuda e sem camisa. Tomaria banho rápido, Ângelo Marcos podia ficar à vontade, na tevê estava passando um desses programas ótimos, sobre bichos.

Mas Ângelo Marcos disse que achava esses programas chatíssimos, pediu licença, desligou a tevê, ligou a FM e se sentou na poltrona da porta do banheiro, que Boaventura não fechou. Não só não fechou, como a deixou aberta o suficiente para que, da poltrona, pudesse ser visto debaixo do chuveiro. Que semelhança com aquele outro hotel, daquela outra vez! Que ar carregado de sexo, que desejo descontrolado! E Ângelo Marcos, depois de remexer-se na poltrona e apertar-lhe os braços, levantou-se já desabotoando a camisa e ficou nu, indo juntar-se ao outro embaixo do chuveiro. Abraçaram-se, beijaram-se e passaram sabonete um no outro, demorando ternamente entre as pernas e atrás. Depois se enxugaram com pressa e, ainda um pouco molhados e desgrehados, caíram na cama e rolaram enlaçados. Com jeito, Ângelo Marcos, depois que já tinham se agradado por vários minutos, evitou que Boaventura o penetrasse, porque agora tinha medo, e, numa excitação que o fazia tremer, baixou a boca pelo ventre do outro abaixo, para chupá-lo com volúpia, beijando-lhe de vez em quando as virilhas e encostando seu rosto nelas. Boaventura, ajoelhado na cama, começou a fazer movimentos de vaivém e ele então o recebeu na boca o mais fundo que pode, esperando, com a próstata comichando e doido de prazer, que gozasse — o que aconteceu logo depois, em grossas golfadas de esperma que lhe chegaram à garganta e que engoliu quase com sede, enquanto Boaventura, apertando-lhe a cabeça com força, gemia e despencava para o lado.

Não precisara de mais nada para gozar também e agora lembrava, sentindo a mesma comichão, embora menos intensa, como, na hora em que, gemendo cada vez mais alto, Boaventura subitamente detivera suas estocadas, para simplesmente apertar sua cabeça, penetrando-lhe a boca até onde podia — sinal claro de que ia gozar —, a comichão aumentou, um espasmo lhe contraiu o púbis e, enquanto o outro ejaculava nele, ele ejaculava no carpete em que se ajoelhara. Sim, que momento de êxtase, embora, logo depois, um

certo constrangimento afligisse os dois. Só depois, antes não, antes era aquela tesão irrefreável, como esta que o avassalava agora, com a música lhe exacerbando a lembrança. E então, chupando os dedos da mão esquerda para lembrar Boaventura, masturbou-se até gozar na ponta do lençol, rolando de bruços em seguida e caindo no sono pouco depois.

Dormiu bem melhor do que esperava e, quando o despertador zumbiu, já estava modorrando, meio acordado. Levantou-se de bom humor, com uma disposição que lhe lembrava o tempo de menino, quando acordava sabendo que tinha um brinquedo novo ou um dia especial pela frente. Um dia especial. E, ao deixar o quarto, já barbeado, banhado e vestido para sair, chegou mesmo a cantarolar, a caminho do café da manhã. Estava com muita fome e resolveu transgredir radicalmente a dieta. Dois ovos estrelados, é isso mesmo. Dois ovos estrelados, gemas não muito duras, três salsichinhas fritas, muito pão com manteiga. Comeu tudo, tomou três xícaras de café com bolachas e geléia, e até pensou em fumar um cigarro. Não, não, cigarro não, bastava aquele bem-estar, por ter comido o que realmente queria, pela primeira vez em tanto tempo.

Saiu precisamente na hora em que a caminhonete dirigida por Boaventura entrava no pátio. Teve um instante de ansiedade, mas Boaventura, mesmo antes de parar, sorriu e virou o polegar para cima. Tudo em cima, podiam sair imediatamente. E precisavam, a maré ia virar numa vazante grande daí a pouco e, se se atrasassem demais, podia não dar para a lancha encostar no cais do Mercado e ia ser um problema. Edsonil e mais dois irmãos, chamados desde o dia anterior, já deviam estar esperando por eles na rampa, para carregar os caixotes. Depois de deixar um recado para Ana Clara, que ainda dormia, Ângelo Marcos foi lá dentro, pegou uns apetrechos, sentou-se ao lado de Boaventura e partiram.

Nenhum problema. Encontraram iscas logo ao chegar, os negões estavam a postos, foi fácil arrumar uma canoa para que Ângelo Marcos fosse

até a lancha e a manobrasse para junto do cais. Os negões não tiveram muita dificuldade com os caixotes, apesar de alguns deles, como o de João Pedroso — que Ângelo Marcos sabia qual era e quase sorriu quando ele foi baixado à lancha —, serem bastante pesados. Lancha carregada, os negões soltam as amarras, Boaventura pula para o passadiço, Ângelo Marcos manobra espetaculosamente ao largo da bóia grande e parte para Salvador, já na boca da vazante, maré a favor.

Mas não seguiram uma rota direta, porque precisavam antes chegar aonde pudessem descarregar o caixão, que agora Boaventura furava em vários lugares, com uma broca. Em dois pontos, fez furos em círculo e conseguiu abrir rombos de mais ou menos quinze centímetros de diâmetro, explicando que todos os buracos eram para que o caixote se enchesse de água e os dois maiores para que os peixes e siris entrassem e dessem conta do resto do serviço. Em seguida, passou fios por alguns dos buracos pequenos e amarrou neles diversos pesos de chumbo, pelos lados do caixote.

— Pronto — falou, olhando o resultado com satisfação.

— Pronto para despachar. É só empurrar pela borda.

— Empurre aí mesmo, aqui é bastante fundo.

É, nem precisaram parar de todo. Ângelo Marcos pôs a lancha em marcha lenta, ligou o piloto automático, olhou em torno, não viu nada além dos contornos da baía e das costas da ilha, e desceu para ajudar Boaventura a jogar no mar o caixote, agora muito pesado, por causa do chumbo. Estenderam uma lona sobre a borda para não arranhá-la e, com alguma dificuldade, puseram sobre ela o caixote, que logo emborcou para dentro d'água e afundou numa rapidez até um pouco decepcionante. Um certo anticlímax — então era isso, tudo terminado dessa maneira chocha? Sim, era isso, tudo terminado, quase não teve graça. Ângelo Marcos olhou para Boaventura, apertou-lhe a mão. Voltou para os comandos e acelerou outra vez,

olhando para trás, na tentativa, que sabia inútil, de marcar o ponto onde deixara o cadáver daquele filho da puta.

Às onze horas, o caminhão da transportadora já viera ao Iate Clube, buscar as antigüidades de Boaventura, e Ângelo Marcos resolveu telefonar para Ana Clara. Não denunciou em nada o prazer que sentia com o telefonema, prazer que tinha antecipado e de que agora desfrutava com maior intensidade do que previra, falou com a voz cordial e despreocupada. Queria somente avisar que ele e seu amigo iam ficar para almoçar na cidade com outros amigos e só voltariam lá pelo fim da tarde, estava tudo bem? Estava, estava, mas ele achou, pelo tom dela, que não estava. E tinha razão, porque, nervosa e irritada, ela não compreendia por que João Pedroso não atendia o telefone e já estava disposta a ir até a casa dele, desse no que desse.

Ana Clara parou no meio da conversa sobre o jantar, que estava tendo com Cornélio, e quase começa a chorar. A chorar não, a berrar, a berrar como uma vaca, a gritar como uma possessa, bater-se pelas paredes, arrancar os cabelos, se arranhar toda, rolar no chão e roer as pernas das mesas. Que diabo fazia ali, que absurdo era aquele, que farsa mais louca, que horror! Que estava acontecendo, afinal, que queria dizer tudo aquilo, alguma coisa fazia sentido? O queixo tremeu e os olhos marearam, mas engoliu em seco e se controlou. Sim, Cornélio, mas não era festa de Lions Club, strogonoff não, pelo amor de Deus! Nem nada desses filés altos rodeados de aspargos, palmito e ervilhas, que passam por comida nos banquetes dos políticos. Não, uma coisa decente. Aquele robalão que está no freezer, assado inteiro. E uma mal-assada grande, de filé, várias mal-assadas. Arroz, farofa, purê de aipim, salada de leijão-fradinho, mais umas alegrias, pronto, um jantar direito. Ambrosia, compota de caju, goiabada com queijo mesmo e aqueles queijos fedorentos que devem ser tirados da geladeira uma meia hora antes, para ficarem ainda mais fedorentos.

Que bom que Cornélio nem choramingou nem discutiu, aí era que ela ia

berrar mesmo. A vida parecia agora uma coisa por um fio, uma coisa sempre à beira de desintegrar-se — e esse jantar era o cúmulo. Despedida para o tal amigo fazendeiro, um tipo oleoso e escorregadio, com um sorriso crocodilesco. E Lúcio Nemésio e Rosário também, Deus do céu! E ela absolutamente perdida, sem saber o que pensar, nem o que fazer, nem para onde ir, nem com quem falar, grávida, solitária, desesperada, cheia de ódio, frustração e suspeita. Que loucura, ninguém dizia nada, ninguém falava nada, João desaparecido, evaporado da face da Terra, e ninguém fazia nada. Ele teria fugido mesmo, teria enlouquecido, onde poderia estar? Os peixeiros dele foram à polícia, Boa Morte lhe contara. Um agente fez uma busca na casa de João e não encontrou nenhuma pista, mas se dispôs a telefonar para a Secretaria de Segurança e pedir que se interessassem, embora fosse um caso que eleja conhecia de sobra. Todo dia acontece: o sujeito sai para comprar cigarros e nunca mais ninguém põe os olhos nele, todo dia tem um caso desses. O negócio era contatar os parentes dele, se é que ele tinha algum, e aguardar, não havia nada a fazer.

Nada a fazer, nada a fazer! Como, nada a fazer, não era possível que o mundo tivesse ruído tão fragorosamente, logo agora que tudo parecia correr para o melhor dos desfechos. Desespero, desespero, desorientação total, baratinação absoluta, não será melhor morrer? O prazo esgotado, ela lá, naquela situação indescritível, obrigada até a ouvir ironias de Ângelo Marcos. Deus do céu, tinha que haver alguma coisa a seu alcance, tinha que haver um jeito qualquer para sua vida. Apesar do afastamento, tentara até falar com Bebel, mas, como sempre acontece quando se precisa, ela estava na Europa. Desespero, desespero, desespero por dentro, por fora, por todos os lados.

Agora já abandonara a maior parte das precauções e nem ligara para a possibilidade de Ângelo Marcos surpreendê-la, nas diversas vezes em que passou pela casa de João e até quando se postou defronte dela como uma

estátua, horas seguidas. Procurara o padre também. O padre parecia não gostar dela, mas dane-se, precisava falar com alguém sobre aquele mistério. Mas ele também não sabia de nada e aparentemente concordava com o agente policial, achando que João entrara em crise com a tal história dos meninos-macacos e aí resolvera mesmo desaparecer, ultimamente vinha falando muito nisso — e ela lembrou, com uma angústia insuportável, que ele tinha dito qualquer coisa desse tipo, no último telefonema. Mas não podia, ele não podia desaparecer, seria possível que ele fosse tão diferente do que ela pensava, seria ele aquilo mesmo que aparentara, quando tomara aquele pileque aviltante, na presença de Ângelo Marcos? Deus do céu, Deus do céu, que fazer, que pensar?

Mas tinha de ficar calma, tinha de controlar-se, tinha de fazer uma avaliação fria. A única maneira de sair dessa era ponderar todos os aspectos da coisa com objetividade e então agir. Pensar segundo o método de Suzanna Fleischman, o método do "pior que pode acontecer". Pensa-se no absolutamente pior que pode acontecer e aí se vê que dá para segurar, no fim tudo dá certo. Sim, o primeiro passo, para ganhar tranquilidade psicológica, é pensar no pior que pode acontecer. Não é simples, requer imaginação, raciocínio lógico, intuição. E ela ficaria calma, tinha que ficar calma, não podia afundar cada vez mais nesse desalento impotente.

Mas como ficar calma durante esse jantar horrível, em que todos lhe pareciam odiosos e suspeitos? Fez o possível para prestar atenção na conversa e ser simpática, mas volta e meia as caras deles como que se destacavam dos corpos e ficavam boiando no ar, uns balões assombrados. Não queria pretextar mal-estar para sair, queria ser educada, mas, a cada momento desses, era maior o seu impulso de sair correndo e nunca mais ver nenhum deles, nunca mais. Em vez dessa tal fuga, João bem que podia ter sido assassinado por um deles. Quem sabe se Ângelo Marcos, com essa expressão repelente de felicidade e fazendo as graças sem graça habituais, não tinha recebido outra carta anônima,

desta vez falando explicitamente em João? E Lúcio Nemésio? Se fosse verdade aquela história sobre o hospital, ele não seria capaz de mandar eliminar João? Não, claro que não, tudo loucura, tudo delírio, mas, de qualquer forma, ela tinha dificuldade, cada vez mais dificuldade, em continuar na companhia deles.

— Este robalo me faz lembrar um que eu peguei perto da boca do Paraguaçu — disse Ângelo Marcos a Lúcio Nemésio. — Uma beleza, nesse dia peguei três, um deles maiorzinho do que esse. Bastante maiorzinho, aliás, uns sete a oito quilos. O senhor nunca pesca, não é, mestre?

— Não, peixe para mim é um pedaço de comida que se compra na peixaria.

— É uma pena, senão nós podíamos pescar juntos na lancha. Se bem que meu melhor companheiro de pescaria, que entende tudo dessas águas por aqui, parece que resolveu sumir. O senhor já soube, não soube? João Pedroso desapareceu sem deixar vestígios.

— É, eu soube. Não me surpreende muito, porque João foi sempre meio perturbado, meio esquisito, e agora estava pior, até um tanto mitômano. Embora ele tenha inventado aquela história toda, eu não guardo mágoa dele, continuo gostando dele e estou preocupado, porque acho que ele pode ter enlouquecido de vez.

— Eu também acho. Ninguém some assim, sem mais nem menos, só maluco mesmo. E também tem o problema da bebida, ele bebe como um camelo. Outro dia mesmo, aqui em casa, tomou um pifão tão colossal, que eu tive de levar ele em casa.

— A polícia descobriu alguma coisa? Que pergunta boba, claro que não, até porque eles não ligam para esse negócio de gente desaparecida, a não ser que seja seqüestro ou assassinato. E não creio absolutamente que João tenha sido assassinado ou seqüestrado, não posso imaginar quem faria isso. O nosso João Pedroso... Que foi, minha filha, que é que você tem, Don'Ana, está

passando mal? Que palidez é essa?

— Enxaqueca — disse Ana Clara, com a voz tremida e a cabeça à roda, para em seguida levantar-se, pedir desculpas gaguejando, e disparar para o quarto, onde se trancou, caiu de bruços na cama e começou a chorar. Alguns minutos mais tarde, levantou-se atordoada e, ainda chorando, remexeu numa gaveta e tirou dela dois frasquinhos de remédio, um tranqüilizante e um soporífero. Mas, antes de resolver de qual dos dois tomaria, lembrou-se da gravidez. Não podia usar aqueles remédios, certamente eram do tipo que fazia mal ao feto. Sim, o filho na barriga, agora filho sem pai. Seria possível, era isso mesmo? Já vinha fantasiando tanto esse filho antes nunca desejado e agora tão querido, já tinha tanta certeza de que seria homem e aprenderia a pescar com o pai, já se imaginava ensinando coisas a ele, que desespero, que angústia horrível — e caiu de novo na cama para chorar.

E foi ainda deitada, embora não mais de bruços, mas fitando o teto com o olhar parado e a expressão vazia, que Ângelo Marcos a encontrou, depois de bater na porta várias vezes, sem resposta. Entrou no quarto, ela pareceu não haver notado sua presença, mesmo quando ele se aproximou da cama, curvou-se e perguntou se a enxaqueca havia melhorado. Ela não disse nada e ele repetiu a pergunta algumas vezes, com o mesmo resultado. Até que ela se ergueu na cama num movimento abrupto, encarou-o com raiva e disse que não queria conversar nada com ele, que fosse embora, saísse dali e nunca mais a procurasse.

— Vá embora, vá embora, vá embora! — gritou, pondo-se de pé e agitando os punhos fechados. — Vá embora!

— Tenha calma, Ana Clara, eu só vim saber como você está passando. Antes de sair, todo o pessoal estava preocupado com você, e eu também. Só vim para isso, perguntar não ofende.

— Ofende! Ofende! Tudo o que vem de você ofende! Vá embora! Vá

embora, por favor, me deixe!

— Está certo, mas não vejo razão para você ficar nesse estado.

— Que é que você entende do meu estado? Que é que você sabe do meu estado? Você não tem nada a ver com meu estado, sabia? Nada!

— Não entendo a razão, mas entendo o suficiente para ver que é um estado de quase histeria, de histeria pura e simples, aliás.

— Estado de histeria, não! Eu vou lhe dizer qual é o meu estado. Meu estado é interessante, não é assim que se diz?

Pois é, estado interessante, ouviu bem?

— Não entendi.

— Você nunca entende nada do que eu lhe digo. Estado interessante, estado interessante, estado de gravidez, entendeu agora? Eu estou grávida! Grávida!

Eu vou ter um filho, entendeu agora? Eu estou grá-vi-da!

— Você o quê?

— Pelo amor de Deus, Ângelo Marcos, vá embora, me deixe, por favor, vá embora, eu não quero ver você.

— Ah, não, agora você vai explicar isso direitinho. Você disse que está grávida?

— Não foi isso o que você ouviu?

Tinha sido isso, sim, mas ele ainda insistiu em confirmar algumas vezes, a cada vez fazendo gestos mais dramáticos e pausas bruscas na caminhada que passou a dar para cima e para baixo. Isso era incrível, então ela estava grávida desse tal homem de quem era amante? Tinham chegado a esse ponto sua insensibilidade, irresponsabilidade e feita de caráter? E continuava achando que ele não tinha o direito de saber quem era esse homem? Quem era?

Ela respondeu e ele teve a mesma reação que tivera ao ser informado da gravidez. João Pedroso, João Pedroso? Absolutamente incrível! João Pedroso?

Aquele canalha, aquele pulha, afetando amizade, ganhando confiança, para depois apunhalá-lo nas costas! E ainda tivera o cinismo de, já na condição de amante de sua mulher, vir pedir apoio e favores, impossível maior canalhice! Não, só podia ser uma brincadeira de mau gosto, aquilo não estava acontecendo! E reparasse ela a que situação humilhante e degradante tinha descido, por suas próprias mãos. Depois de engravidá-la, o canalha não quis assumir a responsabilidade e fugiu. Fugiu como tinha fugido a vida toda, para não enfrentar a realidade, o covarde, o pulha, o canalha! É, de fato ela devia estar se sentindo muito bem, grávida dele e sem poder alimentar a mínima esperança de vê-lo outra vez, porque ele fugira — otária, babaca, puta descartável, palhaça! E, sim, naturalmente que aquele filho não ia nascer, para quando ela ia marcar o aborto?

— O aborto? Você deve estar maluco, eu não vou abortar coisa nenhuma, eu vou ter meu filho.

— Não, quem está maluca é você, claro que você vai abortar, você sabe que não pode ter esse filho.

— E por que não posso? Evidente que eu posso, quem manda em mim sou eu e resolvi que vou ter meu filho.

— Ah, não, ah, não vai mesmo, mas não vai mesmo! Você sabe perfeitamente que eu sou vasectomizado e meus amigos também sabem, eu não vou passar por essa desmoralização!

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra. O filho não é seu mesmo e eu nunca tive a intenção de dizer a ninguém que ele é seu. Não é desmoralização nenhuma, acontece todo dia. Uma mulher casada se apaixona por outro homem, larga o marido e tem um filho desse outro homem.

— Mas você não me largou! Você ficou grávida de outro na constância de seu casamento!

— Não larguei porque você não deixou. Mas vou largar.

— Vai largar, como? Como, se aquele canalha desapareceu, abandonou você, com seu abacaxi na barriga?

— Isso é problema meu e, além do mais, esse desaparecimento é passageiro, ele deve ter viajado para tratar de algum assunto urgente, eu tenho certeza de que ele volta.

— Pois a minha certeza é de que ele não volta. Um covarde daqueles, um frouxo, um desfibrado, um bêbedo, ele vai voltar coisa nenhuma, pode esperar sentada, ele está é tomando cachaça em Rondônia ou qualquer lugar assim, até engravidar a próxima otária e se mudar para a Bolívia.

— Eu já disse que isso é problema meu, você não tem nada com isso.

— Com o filho eu tenho! O filho me afeta, afeta minha honra, minha reputação, minha dignidade! Você não vai ter esse filho!

— Chega! Vá embora! Me deixe! Chega! Saia da minha frente, você me irrita, não tenho nada a conversar com você, saia!

— Você não vai ter esse filho, sua puta descarada, sua safada, sua puta reles, você não vai me desmoralizar, sua puta vagabunda, você não vai me desmoralizar!

— Ângelo Marcos, você não se atreva a levantar a mão para mim, você não se faça de besta de vir me bater!

— Puta! Puta descarada!

Lançou-se na direção dela com a mão direita espalmada no ar, mas ela o segurou pelos punhos, deu-lhe um pontapé na canela e, depois de hesitar um instante, enquanto ele esfregava o local do golpe, pegou as chaves que estavam em cima da cômoda e saiu correndo. Ele correu atrás dela, mas não a alcançou e conseguiu somente ver, a alguns metros de distância, o instante em que o sapato dela enganchou num degrau da escada e ela rolou até o térreo, onde, depois de tentar mexer fracamente o tronco, permaneceu deitada numa posição contorcida.

Hospital, claro. Ela merecia aquela queda, merecia até mais, mas não queria ser acusado de omissão de socorro. Chamou Cornélio para ajudá-lo a carregá-la até um carro, o mesmo cujas chaves ela pegara antes de sair correndo, para poupar tempo. Pegou no pulso dela, não estava tão fraco quanto imaginara. Bem, de qualquer forma não saberia fazer nada para ajudá-la, podia até fazer alguma coisa que provocasse uma piora. Por outro lado, mexer nela não poderia agravar algum traumatismo? Chegou a levantar-se, pensando em telefonar para o hospital e pedir uma ambulância, quando ela mudou de posição com um gemido e tentou sentar-se, sem conseguir, até que ele a ajudou.

— Melhor não se mexer muito. Está doendo onde?

— No pé. No pé, na cabeça e na barriga.

— Será que dá para você ir amparada até o carro, ou quer que eu chame uma ambulância?

— Não sei, não sei, eu estou tonta. Ai!

— Eu acho melhor chamar a ambulância, sim, o atendimento já começa a caminho. Quando eu disser que sou eu, eles chegam em cinco minutos.

Em nove, na verdade. E Ângelo Marcos pegou o carro para segui-los, chegando logo depois que já a tinham levado para dentro. Na portaria, muita gentileza — ela parecia bem, estava bastante lúcida e com bom aspecto, para quem tinha sofrido um acidente. Ele não gostaria de acompanhar os exames? Não, não gostaria, ficava muito nervoso quando acontecia algo a uma pessoa da família, preferia esperar embaixo mesmo, no salão de estar.

Só saiu do hospital muito tempo depois, quando já andara quilômetros em volta do salão e no jardim e já folheara todas as revistas que encontrara. E, apesar da espera, não saiu descontente, pelo contrário, saiu muito satisfeito. Ela tinha fraturado um ossinho do tornozelo, fratura boba, já imobilizada. Tinha tomado uma porrada na cabeça, mas não passara de um galo e de uma

tonturazinha, não chegara a haver propriamente concussão. Estava lá dentro, sedada, até porque o médico disse que ficara muito nervosa e agitada, assim que soube que perdera o filho. Deu para repetir que era uma sarigüéia, contou o médico, Ângelo Marcos sabia o que queria dizer isso? Não, não sabia e, embora não dissesse isto ao médico, tampouco queria saber. Mas não teve como recusar dar uma olhada nela, o que não foi muito difícil, porque ela estava dormindo, embora com o rosto estranhamente contraído. Demorou um pouquinho diante dela, despediu-se do médico e voltou para casa, pensando em como era bom que aquilo por que torcera tanto, enquanto esperava no salão, houvesse terminado por acontecer. Agora estava livre desse chatíssimo problema da gravidez dela, Deus é grande.

— Pirada — disse Tavinho. — Não pirada dessas de ter de amarrar e sifonar um galão de tranqüilizante na veia, mas pirada, completamente pirada.

— Também não é assim — disse Bebel. — No começo, sim, parecia bem pior. Quando eu cheguei da Europa, pensei que ela ia morrer, pálida, meio escaveirada, com aquele pé engessado e aquela muletinha, sem querer falar, sem querer comer, depressão braba mesmo, a ponto de eu ter até pensado em morar com ela uns tempos, com medo de que ela se suicidasse. Mas hoje não, hoje ela está ótima. Tem umas manias meio estranhas, mas dá para dizer que é somente excentricidade. Não, pirada ela não está, não.

— Então não sei o que é que você entende por piração.

Você não se lembra daquele dia, na casa dela mesma, em que eu falei em a gente fazer uma pescaria na ilha? Eu falava com ela e parecia que ela não estava ouvindo. Eu repetia: hem, Ana Clara, por que não fazemos outra expedição de pesca na ilha? E ela, nada. Parecia que eu era completamente invisível e inaudível. Eu fiquei grilado com aquilo e aí futuquei o braço dela: hem, Ana Clara, você não está ouvindo? Hem, Ana Clara, que é que você acha

de uma nova expedição de pesca, na ilha? Você ouviu, você e Nando, os dois ouviram o que ela respondeu.

Ela fez uma cara quase de raiva e disse: eu não suporto a ilha e odeio lancha.

— É, eu sei, eu já sabia, ela já tinha me dito isso antes.

— E você não se espanta, não? Como é que pode ser isso, se ela adorava a ilha?

— Sei lá, talvez por causa do acidente, sei lá, as pessoas mudam, de repente ela mudou, simplesmente.

— Ah, qual é, Bebel, e depois eu falei naquele amigo de vocês, aquele cara que marcava os lugares da pescaria, como é o nome dele?

— João Pedroso.

— Pois é, eu falei nele e ela se levantou, ajeitou o cabelo e disse: não me lembro de nada disso, você tem a imaginação muito fértil, Tavinho. E foi saindo.

— É, eu sei. É, é meio esquisito, mas também não é suficiente para se afirmar que ela está maluca. Ela pode estar querendo esquecer alguma coisa, isso acontece. Além disso, ela tomou uma pancada na cabeça, no acidente.

— Ah, uma pancadinha de nada, Marquinhos me contou. E também me contou que ela anda pirada, sim, e o médico receitou um coquetel de bolinhas da pesada para ela.

— Bem, o fato é que ela continua minha amiga, e excelente amiga, por sinal. Gosto muito da companhia dela e não acho ela nada maluca.

— Tudo bem, tudo bem, não vamos brigar por causa disso. Venha cá, me dê um beijinho, venha cá. Gostosa! Sabe que cada dia eu acho você mais gostosa? Não me canso de lhe comer, é melhor agora do que quando éramos casados, não é, não? Por que a gente demorou tanto em começar a se encontrar?

— Porque você vivia cheirando e o mínimo que ia fazer era contar a Nando na primeira oportunidade.

— Mas você sempre disse que você mesma contava tudo a Nando.

— Não no seu caso. No seu caso, eu abri uma exceção, não acho que ia pegar bem com ele, melhor assim como está, em segredo. Nem pense, mas nem de longe, nem por uma fração de segundo, em contar nada a Nando.

— Claro, claro, meu amor, não só já prometi, como não estou cheirando mais mesmo, não há perigo.

— Às vezes eu desconfio dessa sua regeneração. Eu...

— Ah, deixe disso, não tem de desconfiar de nada, eu sou um homem sério. Venha cá, venha, deixe eu sentir essa bundinha, essa bunda fantástica! Ai, gostosa!

Não houve como evitar a trepadinha saideira, aliás ótima. Tavinho estava se revelando um talento na cama, quem diria. Mas o resultado foi que saiu atrasada do apartamento dele. Precisava anotar algumas coisas a fazer no dia seguinte, precisava dar telefonemas para uma porção de gente e já passava das cinco da tarde, não ia dar tempo para tudo. O dia seguinte não seria propriamente tarde demais, mas o tempo já estava ficando curto e essa festa tinha que ser absolutamente impecável, sem a menor falha. Requeria dedicação exclusiva e, portanto, nada de diversões extracurriculares, ou seja, nada de Tavinho, até depois da festa. Tudo corria muito bem e coisa e tal, mas não só a organização da festa não podia ser atrapalhada, como a verdade era que estava se encontrando demais com Tavinho. Na semana anterior, três vezes, um grande exagero. Uma hora dessas, Nando ia acabar desconfiando, e isso não podia acontecer. Não, ninguém podia saber desse caso, talvez somente Ana Clara.

Mas poderia mesmo? E se ela, de repente, pirasse mesmo, de vez? Por enquanto, Tavinho não tinha razão, ela estava sob controle, estava

praticamente normal. Aliás, inteiramente normal, a não ser, talvez, para quem a conhecia intimamente antes. Nunca mais caíra em depressão, como nos primeiros dias. Como nos primeiros dias, não; como nos primeiros dois ou três meses, pensando bem, parecia que ela nunca mais ia recuperar-se, uma coisa triste. Nessa época, ainda não havia chegado a amnésia — se é que realmente ela tem amnésia, essa amnésia esquisita, meio especializada demais. E aí, quando se dispunha a falar com Bebel, contava tudo o que agora não lembra mais. Contou sobre a gravidez e o aborto e como, durante alguns dias, teve pesadelos medonhos, em que era uma sarigüêia que uma vez fizera matar de pancada e que estava cheia de filhos imaturos na bolsa. Aí chorava, às vezes dias a fio, como também chorava quando falava em João Pedroso, de quem, allernadamenle, como quem recita uma ladainha, dizia que perdoava e não perdoava, perdoava e não perdoava, perdoava e não perdoava. Quanto a Marquinhos, não falava em seu nome, chamava-o apenas de "ele" e costumava trancar-se a chave quando ele estava em casa. Mas explicava que não havia desistido de deixá-lo, apenas não tinha energia para isso — e aí chorava novamente e se dizia uma pessoa desprezível, um verme, um inseto que não merecia viver. Foi nesse tempo que Bebel resolveu passar uns dias na companhia dela, com medo de que ela se matasse. Mas, quando chegou à casa dela para conversar sobre o assunto, teve uma surpresa enorme, porque, vestida num macacão de brim, com uma tesoura de jardinagem na mão e uma colher de pedreiro enfiada no bolso de trás, pedaços de folhas grudados no rosto suado e o cabelo preso no alto da cabeça, ela a recebeu com um sorriso escancarado, abraçando-a sem tocá-la com as mãos, porque estavam sujas de terra.

— Suzanna Fleischman! — exclamou, esfuziante. — Estou escrevendo desde as seis da manhã e agora resolvi esfriar a cabeça, fazendo um pouco de jardinagem.

— Mas que maravilha, mas não posso acreditar, você está tão bem! Não acredito, para quem, há três dias... Mas que bom, Aninha, você está outra pessoa, que milagre!

— Eu não estou outra pessoa, eu sou outra pessoa. Eu não sou Ana Clara, eu sou Suzanna Fleischman, você me conhece.

— Sim, eu sei. Mas você também é Ana Clara.

— Não, não. Sou exclusivamente Suzanna Fleischman.

Ana Clara é outra.

— Sim, mas...

Demorou muito para Bebel perceber que ela estava falando sério e não se considerava mesmo Ana Clara, só Suzanna Fleischman. Naturalmente que sabia— como confidenciou com uma caretinha marota — que os outros achavam que ela era Ana Clara. Aí ela fingia, só por conveniência, que era Ana Clara. Tudo truque, uma maneira de Suzanna não se aporrinhar. Por exemplo, claro que Suzanna não se dava com Ângelo Marcos, tinha o mais completo desprezo por ele, mas, na frente dos outros, falava com ele, ninguém desconfiava de nada.

— E a separação, você vai levar adiante a separação?

— Que separação? Quem pode se separar dele é Ana Clara, eu não tenho nada com ele, nunca fui casada com ele.

Ele me sustenta, não tenho preocupações materiais, é como se ele fosse o meu mecenas. E, aliás, ainda é muito pouco para ele expiar todas as bandidagens que fez, faz e fará, aquele canalha absoluto. Eu, inclusive, sustento que ele é veado, sempre sustentei, e não tem coragem de encarar a realidade.

— E você acha que Ana Clara se separa?

— Ah, não sei. Estou chegando à conclusão de que Ana Clara é uma debilóide, uma dondoquinha de merda, sem nada na cabeça. Separa nada, ela

não é de nada, ela merece aquele calhorda cheiroso — fedorento, melhor dizendo.

— Ainda bem, inclusive porque João Pedroso sumiu e, independentemente de eu ser contra, ela enfrentar essa separação sozinha ia ser muito difícil.

— Que João Pedroso? Não entendi nada do que você falou.

— Anin... Suzanna... Suzanna, você está falando sério?

Você não sabe nada de João Pedroso?

— Pode me chamar de Aninha, todo mundo me chama assim, estou acostumada. Agora, quanto a esse João, claro que não sei nada sobre ele. Tenho a vaga impressão de que já ouvi falar, mas me esqueci e não tenho vontade de me lembrar. Dá muito trabalho, eu preciso ocupar minha mente com outras coisas, estou cheia de projetos, cheíssima de projetos, você precisa ver. Estou inspiradíssima, vamos aqui ao meu escritório — resolvi montar um escritório sério, de escritora mesmo, e vou aprender datilografia, para escrever direto na máquina —, vamos aqui no meu escritório, para eu lhe mostrar umas coisas. Está tudo no começo. Até uma novela eu estou escrevendo. Uma novela!

Na escrivaninha, entre uma profusão de blocos, canetas de todos os tipos, grampeadores, furadores, pesos de papel e dezenas de miudezas de escritório, um caderno de capa dura, com uma etiqueta branca colada no frontispício, onde se lia "As Venturas de Amanda Cienfuegos, ou A Ruindade Recompensada — obra moral e educativa, contendo lições sobre o Amor, o Dinheiro e a Felicidade Sem Trabalho". Essa Amanda Cienfuegos era uma mulher fantástica, lindíssima, gostosíssima, interesseira e ordinária. Acabava ela ficando milionária, comendo e corneando todo mundo e casando com o rei e corneando o rei também. Contado assim, podia parecer sem graça, mas ela garantia que ia ficar ótimo. Mas o projeto principal não era esse, o projeto

principal era reescrever Maquiavel. Isso mesmo, reescrever Maquiavel! Ela já tinha ouvido falar de "O Príncipe". Aí, não sabia bem por que nem como, resolveu dar uma fuçada naquelas coleções virgens do filho da puta e encontrou logo "O Príncipe". Livrinho pequenininho, leu todo em poucas horas, maravilha. De início, pensara apenas em parodiá-lo, escrevendo outro, com o título de "Teoria e Prática da Mulher Esperta". Mas aí não, aí bateu esse negócio de mulher e poder e aí ela decidiu encarar a reescritura do bicho. "A Princesa — Maquiavel para Mulheres." Que tal o título? Ela achava excelente. Não começara pela ordem, mas pelos pedaços que considerava mais interessantes, como aquele sobre a obtenção de principados através da malvadeza. Fantástico, fantástico, tremendas idéias — quando estivesse pronto, Bebel seria a primeira a ver. E a publicação estava garantida, o patife pagaria, claro, era obrigação dele. Pega uma dessas editoras do Rio ou de São Paulo, dessas de prestígio, dá uma grana aos caras e publica o livro. Nada de lançamentos, já tinha resolvido como seria sua carreira literária. Seria tipo misterioso, ninguém ia saber a identidade de Suzanna Fleischman — só mesmo os únicos que sabem hoje, Bebel e o salafrário —, nada de fotografias, nada de entrevistas, mistério absoluto. Ah, mas havia tanto a fazer, que excitação! Depois dessa jardinagem, ia comer qualquer coisinha — estava com o estômago roído de fome, fome de pastel, fome de sanduíche, fome de coxinha de galinha, de tudo quanto era porcaria — e pegar nos cadernos outra vez, Amanda já estava partindo para aprontar a primeira sacanagem de uma longuíssima série.

Mesmo depois de acostumada, às vezes Bebel ainda levava algum tempo para saber se estava falando com Ana Clara ou com Suzanna, até porque, quando a chamavam de Ana, ela não deixava de responder, mesmo que no momento fosse Suzanna — o tal truque de fingir que era Ana, embora também houvesse as roupas e o modo de se aprontarem, sempre um pouco

diferentes. Suzanna arrancara Ana Clara definitivamente da depressão, porque, quando de repente ela desapareceu e Ana Clara voltou, voltou muito diferente. Faladora, gastadora, fresquíssima, meio frívola, engraçada, risonha e festeira — embora com novas esquisitices, como não querer nem ouvir falar na ilha ou na lancha, ficar com náuseas ao ver ou cheirar peixe fresco e, da mesma maneira que Suzanna, alegar não se lembrar absolutamente de João Pedroso. Bem, no começo a pessoa estranha, mas depois se habitua. A alternância entre Ana Clara e Suzanna acabou não fazendo grande diferença. Pelo contrário, tornava a amizade mais divertida, dava-lhe mais variedade. De alguma forma, as duas continuavam sendo a mesma pessoa, amiga, agradável, confidente, seguramente bem melhor do que no tempo em que resolvera fazer aquela maluquice de ir viver com um peixeiro e já estava até falando e pensando como ele.

Tudo mudou para melhor, pensou Bebel, quando, pouco depois das cinco horas, pôs o carro na garagem e correu para o gabinete de Nando, que estava usando como escritório central para as providências da festa. Listas e mais listas, milhões de listas, uma confusão infernal. Ânsia para começar logo o trabalho, de vez em quando tinha a impressão de que nunca conseguiria fazer tudo. Foi ao quarto, vestiu uma roupa leve e voltou, quase correndo. Pegou a primeira lista, fez um gesto irritado, como quem ia jogá-la na cesta e se arrependeu a meio caminho. Lista de convidados de Ângelo Marcos. Algumas pessoas aceitáveis, mas muita gente de baixa extração. Por que tivera a triste idéia de pedir uma lista a ele? Bem, ele estava muito prestigiado, talvez sáísse até candidato a Governador, uma espécie de terceira opção, no arrancharabo em que estava se transformando a disputa dentro do partido.

Aliás, Ângelo Marcos de repente entrara numa das melhores fases de sua vida, até em relação a Ana Clara. Surpreendentemente, aprendeu a

conviver com ela nos termos dela e estava se dando muito bem. Bem, talvez não tão surpreendentemente assim, porque todo mundo sabia de sua ligação com Mônica Leitão Sobral, que a esta altura já era praticamente teúda e manteúda. E aí, enquanto Ana Clara não incomodasse e Suzanna Fleischman ficasse lá com seus escritos amalucados, as coisas estavam convenientes para ele. E talvez saísse candidato mesmo, talvez fosse até eleito. É, pensou Bebel, vamos mandar os convites de Sua Excelência. Esse pessoal político se segregaria naturalmente, e ela montaria dois ambientes básicos, que facilitariam a divisão da festa. De um lado, a caretice. Do outro, o embalo. Tinha que dar certo, estava jogando tudo nessa festa — quarenta anos de Nando, tinha que ser tudo realmente perfeito.

E tudo chegou, realmente, a ser quase perfeito. A casa parecendo um palácio iluminado no meio do jardim e do gramado, a piscina feérica, uma orquestra na varanda grande, som de discoteca lá embaixo, ela e Ana Clara lindíssimas e ligadíssimas, divisão impecável entre o embalo e a caretice, os banheiros cá de baixo cheios do pessoal que cheira e as mesas lá de cima tomadas pelos solenes, tudo realmente acima de qualquer crítica. O único problema aconteceu por volta das três horas da manhã, quando um grupo de homens armados tentou transpor a área de segurança que separa o jardim do muro externo, para fazer um assalto. Mas os cachorros e os vigias funcionaram, bem como todos os alarmes que Nando instalou, e até a polícia chegou imediatamente, entrando em tiroteio com os assaltantes, matando dois, ferindo três e pondo os outros em fuga. Nando não se recusou a dar entrevistas aos jornais, no dia seguinte. Pelo contrário, fez até questão, porque achou que, divulgando como sua casa era protegida, desencorajava futuros assaltos. E aproveitou para denunciar a falta de segurança nas cidades brasileiras e revelar-se favorável à instituição da pena de morte, a seu ver a única maneira de conter a onda de violência. Nas colunas sociais, o destaque

foi para Bebel Magalhães. Na hora em que os tiros estavam espoucando lá fora, a orquestra parou e começou a instalar-se um certo pânico, ela disse que de repente se lembrou do naufrágio do Titanic, quando os músicos continuaram tocando enquanto o navio afundava, e aí puxou o maestro pela manga e fez a música recomeçar como se nada estivesse acontecendo, tendo sido muito aplaudida pela sua coragem e sangue-frio.

Já no fim da tarde, depois de adejar em espirais sobre as cristas das ondinhas ao largo da ponte velha, um pato-d'água majestoso e pausado embicou para baixo de repente, recolheu as grandes asas e virou uma flecha, que mergulhou e emergiu adiante, com um peixe faiscando na ponta. Padre Monteirinho, parado à beira do cais para admirar o pássaro, sorriu e suspirou. Sentia falta desta paisagem e deste ar, falta bem maior do que aquela de que tinha consciência antes. Como era diferente da paróquia que agora ocupava, no sertão, a uns seiscentos quilômetros dali, em outro mundo. O mar ampliava o horizonte, era a liberdade, a sensação de que haverá sempre outro lado, sempre uma saída. Suspirou outra vez, retomou a caminhada que começara tão logo chegara à cidadezinha que fazia meses não via. A velha caminhada do tempo em que morava ali, tempo que agora parecia tão longínquo, o velho roteiro. Que, por sinal, hoje podia terminar no Largo da Quitanda, a poucas dezenas de metros de onde estava. Sim, por que não, pararia no largo, escolheria uma mesa defronte do pôr-do-sol, pediria uma cerveja — uma cerveja, não, um uísque, em homenagem aos velhos tempos — e iria cultivar a melancolia agridoce que certamente lhe viria, entre lembranças saudosas e sentimentos antigos.

Ainda era Luiz Garçom. Claro que ainda era, por que razão haveria de ser outro? Mas tudo de fato lhe parecia tão remoto que se surpreendia em ver as mesmas coisas, como se tanto tempo fosse passado que tudo tivesse de

estar diferente.

Mas não estava, não havia diferença alguma. Com a praça quase deserta, sentou-se exatamente no lugar que esperara encontrar desocupado, pediu um uísque com um pouco de água e gelo e fixou os olhos no horizonte à frente, onde o sol já era metade de uma bola vermelha, entre nuvens esfiapadas. O uísque chegou, a noite começou a baixar rapidamente, apenas uma das lâmpadas da praça se acendeu e Monteirinho ficou envolvido numa penumbra suave, sentindo realmente a melancolia que antecipara.

Começando a bebericar o segundo uísque e prometendo a si mesmo que não iria ao terceiro, embora quisesse, pensou em como, se não fosse pela passagem ocasional de Luiz Garçon e por duas vezes conversando em algum lugar que não podia precisar, era possível achar que estava sozinho no mundo, parado no tempo, destacado de tudo, perto de Deus. Lua nova, céu escuro, ele escorregou um pouco na cadeira para ver mais confortavelmente as estrelas, e se irritou quando seus olhos foram encandeados pela luz alta de um carro que encostou do outro lado, com a frente para sua mesa. Protegeu os olhos com a mão, mas a luz continuava a incomodá-lo e o ocupante do carro parecia não querer sair dele, nem apagar os faróis. Já pensava em reclamar, quando finalmente as luzes foram desligadas e um vulto corpulento saiu do carro, dirigiu-se para uma mesa próxima, sentou-se e transformou-se numa silhueta negra, contrastada com a cal do tronco do oitizeiro por trás dela.

Monteirinho estava de rosto para cima outra vez, quando sentiu que o homem o olhava. Usava um chapéu, o que acentuava a escuridão sobre seu rosto, mas era impossível não perceber a direção de seu olhar persistente. Quem seria esse sujeito, que pretendia com esse olhar desagradável? Sim, cada vez mais desagradável, fazendo-o remexer-se na cadeira e querer levantar-se para ir para qualquer outro lugar. Que bobagem, não dava nem para ter certeza de que o homem estava realmente com os olhos pregados nele, podia ser

impressão. Não, não era. Mas também era um simples olhar de um desconhecido, não havia por que ser tido como hostil. Mas havia. Se não hostil, pelo menos não amistoso. Talvez nem isso, mas certamente desagradável. Desagradável, sim. E não somente o olhar, mas seu dono, embora não lhe visse as feições. Talvez pudesse mudar-se para uma mesa por trás da castanheira, onde aquele olhar não o alcançasse, mas, antes de decidir-se, tomou um susto, porque o estranho levantou-se e, em passadas rápidas, veio em sua direção.

— Boa-noite — disse, e Monteirinho espantou-se ao ver quem era. — O senhor é Padre Monteiro, não é? Nunca fomos apresentados, mas naturalmente que o conheço bastante de nome. E de vista.

— Eu também conheço o senhor, de nome e de vista. O senhor é Dr. Lúcio Nemésio, diretor do hospital, não é?

Quando o senhor chegou ali, não o reconheci, talvez o chapéu...

— É, pois é, sou eu mesmo. Muito prazer. O senhor se incomoda que eu sente um pouco em sua companhia?

Incomodava-se, sim. Ele estava falando com amabilidade e não havia como tratá-lo mal, mas, por causa da lembrança da história das criaturas e da possibilidade de que fosse verdadeira, sua presença deixava Monteirinho perturbado. Para não falar no constrangimento, porque, afinal, haviam trocado acusações mútuas em público, se bem que a briga principal tivesse sido com João Pedroso. Mas respondeu que claro que não se incomodava, e Lúcio Nemésio voltou brevemente à mesa onde estivera, pegou seu copo e sentou-se defronte. Fazia muito tempo que não via o padre — alguma viagem, ou coisa assim?

— Não. Transferência. Estou em outra diocese, em Santa Maria da Vitória.

— Santa Maria da Vitória? Longe, hem?

— É verdade, longe mesmo.

— E está dando um passeio aqui na ilha, para matar saudades.

— Não, não é bem isso. Saudades eu tenho, mas não vim por causa delas, vim para buscar umas coisas minhas, que deixei aqui temporariamente, até arrumar minhas instalações em Santa Maria da Vitória. Já resolvi tudo, volto amanhã.

— O senhor deve estar estranhando que eu tenha vindo lhe falar. Depois daquele problema das denúncias de João Pedroso, que o senhor apoiou, o senhor pode achar que existe alguma animosidade de minha parte. Não existe nenhuma, posso garantir-lhe. Aquilo foi um equívoco, que compreendo perfeitamente.

— Eu vi as fotos.

— Que fotos?

— As fotos que o senhor destruiu.

— As fotos não queriam dizer nada, eram truques grosseiros.

— Mas o senhor as destruiu.

— Porque não queria mais chateações, ficar dando entrevistas a repórteres estúpidos, só para esclarecer uma fraude de que vocês foram vítimas.

— Não foi bem isso que João Pedroso me contou.

— O senhor sabe que o nosso João é um homem problemático. Mesmo assim, gosto dele, também não guardo mágoa nenhuma dele, por causa desse episódio. Pelo contrário, preocupo-me com ele. Foi esta a razão por que vim até o senhor.

Achei que, sendo seu amigo, podia ter notícias dele. O senhor sabe onde é que ele anda?

— Não faço a mínima idéia. Às vezes, penso que ele pode ter sido assassinado.

— Assassinado? Quem poderia querer assassiná-lo? A quem interessaria sua morte?

— Não sei, é tudo especulação, coisas que passam pela cabeça da gente, e é irresponsabilidade dizê-las em voz alta.

— A mim essa hipótese nunca ocorreu. Eu acho que ele está vivo e gostaria de saber onde.

— Dr. Nemésio, nisto que vou dizer ao senhor não vai nem um pouquinho de agressividade, quero deixar bem claro.

Não é minha intenção ofendê-lo ou acusá-lo, mas não posso deixar de fazer-lhe esta pergunta. A verdade é que, se o senhor e João eram inicialmente amigos, depois romperam em circunstâncias desagradáveis, em que o senhor chegou a falar muito mal dele e ele do senhor. O que se supõe a partir disso é que sua curiosidade pelo paradeiro dele não é tanto por amizade, como o senhor diz, mas talvez por interesse. É esta a pergunta: o senhor não estará, no fundo, preocupado em encontrá-lo para saber o que ele pode estar fazendo, para denunciar a existência das criaturas?

— Desculpe, padre, também não quero ofendê-lo, mas isso é uma bobagem. Até porque, mesmo que o senhor não acredite na minha sinceridade, a verdade objetiva é que nada que João Pedroso faça pode impedir a marcha dos acontecimentos. Há um processo em andamento, um processo inexorável e irreversível. Os muitos joões pedrosos que certamente aparecerão poderão no máximo afetar levemente um aspecto ou outro.

— Eu confesso ao senhor que, num certo momento, cheguei a ter minhas dúvidas quanto ao que João me contou, até me desentendi um pouco com ele por causa disso, mas agora o senhor parece estar admitindo tudo o que ele disse. Do jeito que o senhor fala...

— Eu não estou admitindo nada, estou falando sobre o curso da evolução científica. Aquilo que João e o senhor denunciaram como

monstruoso e inadmissível não só não é nem uma coisa nem outra, como é inevitável. Esse tipo de projeto e outros, correlatos, já estão sendo conduzidos em vários centros.

— O senhor está dizendo que esse homem-macaco existe?

— Existe, existe. Ou se não existe ainda, deverá existir e existirá.

— Mas o senhor realmente não acha isso uma monstruosidade, uma aberração?

— Absolutamente. É apenas um animal novo, que abre imensas perspectivas de progresso em vários campos do conhecimento, tanto básico quanto aplicado. O homem precisava desse animal e, quando teve condições, criou-o, é somente isto. Ainda estamos muito longe de poder construir um animal desses geneticamente, de maneira que a hibridização foi o recurso adotado. Posteriormente, esse animal pode ser aperfeiçoado através de recursos estritamente genéticos, no nível molecular mesmo.

— Esse animal também será usado como cobaia?

— Naturalmente, da mesma forma que qualquer outro animal.

— Mas esse não teria o direito de se recusar a ser cobaia?

— Como assim? Animal não é sujeito de direito, isso é maluquice de ecologista ignorante. Se animal fosse sujeito de direito, a onça teria o direito de comer o senhor, assim como o boi, se fosse carnívoro. Mas quem tem o direito de comer o boi é o senhor, não vice-versa.

— E o direito de não sofrer? Eles não têm o direito de não sofrer?

— Não. O homem, que, inclusive, é o único animal capaz de conceituar o sofrimento, é que tem, talvez, o direito de não presenciar o que julga, fundadamente ou não, ser o sofrimento de um animal. Animal não tem direito nenhum, só quem tem direito é gente. Além disso, em condições normais de laboratório, essa coisa de sofrimento é muito relativa, procura-se evitá-lo, até porque é estressante, e o estresse induz reações fisiológicas muitas vezes

indesejáveis para a manutenção das condições experimentais.

— Dr. Nemésio, o senhor, como João já me disse, não acredita em Deus, o que cria um abismo entre nós, mas deve haver um conteúdo humanista em sua formação, não é possível que não haja. O senhor não acha terrível criar-se um híbrido do ser humano com um animal e, ainda por cima, chamar esse híbrido de "apenas um novo animal"?

— Não, porque, como o senhor mesmo disse, não creio em Deus, ou seja, não creio que sejamos fruto do sopro divino.

Para mim, somos animais ainda bastante primitivos mas inteligentes e dominantes e com possibilidades de progresso. Meu humanismo é porque eu sou homem, é claro. Se a espécie dominante fosse o gorila e eu fosse gorila, eu seria um gorilista. O homem é apenas uma espécie temporária, num planeta temporário, num universo temporário, e o mínimo que pode fazer por si mesmo é utilizar a inteligência para prolongar mais seu poder sobre a Natureza. O resto é pensamento voluntarista ou superstição, ou ambas as coisas. A sociedade, a partir de agora, começa a controlar seus elementos com racionalidade, vai poder livrar-se de vários problemas, antes fora de seu controle. Eu acho que vamos atingir um grau elevadíssimo de controle — não no futuro próximo, claro, mas vamos, mais cedo ou mais tarde.

— Eu vejo nesse híbrido e em outras coisas do mesmo tipo a rejeição pelo homem de sua semelhança com Deus. Eu vejo o poder, tantas vezes corrupto, como é no Brasil, perpetrando cada vez maiores monstruosidades e se perpetuando de forma hedionda.

— Quanto à semelhança com Deus, receio que partamos de premissas inconciliáveis. Mas, de qualquer forma, tenho dificuldade em compreender como se concebe um ser absoluto de barba, bigode e cabelinho no nariz.

— O senhor sabe que não me refiro a isso, refiro-me à consciência, que é nossa semelhança com o Criador. Vocês, materialistas, jamais conseguiram

explicar a consciência.

— Nem vocês. Vocês apenas transferem o problema.

— Não quero discutir questões de fé com o senhor, para mim isso tem importância, para o senhor não tem. Mas veja o problema moral contido nisso, o problema político. O poder político plasmando a Humanidade e a Natureza.

— Isso é inevitável. Quem chegou, chegou, quem não chegou, não chega mais. O poder hoje dispõe de tais instrumentos que se sedimentou definitivamente, jamais vai mudar realmente de mãos e a tendência é isso se acentuar. Isso é bom. Isso significa maiores possibilidades de controle racional. Não haverá revolução, nem alteração radical na do poder, nem entre nações, nem entre classes sociais, nesse sentido a História acabou. Sempre digo que democracia é um mito supersticioso, assim como igualdade e outros chavões. Há muito tempo que a democracia não é mais praticada em lugar nenhum, a não ser microscopicamente, e temos que colocar essa situação a nosso favor, ou seja, aperfeiçoar o homem de todas as formas possíveis.

— Para mim, isso é extinguir a Humanidade, tal como a conhecemos. Para mim, é o homem se tornando inimigo do homem, deixando o adversário que traz dentro de si vencer, fazendo com que se volte contra si mesmo. É como se fosse a obra de Satanás.

— Sim, Satanás, ha-ha! Satanás quer dizer "inimigo", não é? Neste caso, eu seria Satanás, ou pelo menos um satanás, pois creio que há controvérsia na própria Igreja sobre a existência de um ou vários satanases. Engraçado, desculpeme por estar rindo, muito engraçado mesmo — Satanás. Pois, olhe, eu aceito, e acho tecnicamente certa sua inferência. Eu sou inimigo de Deus, sim, embora o considere um inimigo fictício, vocês me arranjam esse inimigo fictício, que eu preciso combater. É uma espécie de humanismo radical, rebelião mesmo. Chega desse negócio de ficar se ajoelhando para um espírito invisível, indemonstrável e absurdo, com práticas e rituais grotescos. Chega de

entregar tudo às mãos de Deus, temos que pegar as coisas com as nossas próprias mãos, decidir até mesmo quando queremos morrer, em vez de nos entregarmos a uma espera masoquista e angustiada, de que não escapam os próprios teístas, que, apesar de sua imortalidade, também têm medo de morrer. Deus não existe e, se existe, é preciso tomar dele o poder, ele não tem sido competente, para um onipotente tem um desempenho muito pouco satisfatório. E então, diante do exposto, o senhor tem razão, de fato eu sou Satanás, o senhor tem razão, é mais do que lógico.

Riu novamente, uma gargalhada que lhe sacudiu todo o corpanzil e deixou Monteirinho achando que se tratava mesmo da voz das Trevas e do Inimigo. Enquanto a gargalhada parava gradualmente, Monteirinho tomou em poucos goles todo o resto do uísque esquecido e ficou com medo de que ele recomeçasse a falar, ficou com medo da escuridão, ficou quase em pânico. Levantou-se, procurando olhar para o rosto dele o mínimo possível, despediu-se com um boa-noite e um aceno e saiu apressado, ouvindo-o ainda responder à despedida e dizer que entendia perfeitamente a retirada do reverendo, não ficava bem para um padre a companhia de Satanás.

Vade retro, pensou Monteirinho, já no quarto da casa paroquial em que se hospedara. Disse as mesmas palavras outra vez, se sentindo ao mesmo tempo assustado e ridículo. Não, ridículo por quê? Aquilo tudo era terrível mesmo, e mais terrível ainda por se passar daquela forma irresistível, como Lúcio Nemésio dissera tão convincentemente. João Pedroso tentara resistir e fora eliminado. Sim, fora eliminado, agora tinha certeza, embora não pudesse provar, embora jamais pudesse dizer a ninguém. Tinha certeza, certeza absoluta de que João fora morto por obra de Ângelo Marcos, ao se descobrir enganado — não sabia como, mas fora. E, assim, esse agente do Mal cumpriu sua missão, removeu um obstáculo. Tudo se encaixava, o Mal havia tido uma grande vitória. Dedicaria a vida, tinha dito João, dedicaria a vida a lutar contra

aquilo. Mas apenas perdeu a vida, martirizou-se anonimamente.

Seria possível a vitória completa do Mal? O Mal que vem de dentro do homem, o Mal é o que sai do homem, não o que entra nele, como está nos Evangelhos. Orgulho, hubris total, liberdade absoluta, pecado absoluto. Deus estava realmente indiferente? Por que aquilo tudo acontecia? Não, Deus não estava indiferente, mas o homem é apenas uma de suas criaturas e, se ela se volta contra si mesma, não cabe a Ele fazer nada, há muitas outras criaturas d'Ele no Universo, que não se afastam d'Ele assim, e tudo na face do mundo pode mudar, sob Seus olhos eternos. Ajoelhou-se e rezou pela Humanidade com fervor durante muito tempo, até que adormeceu e teve um sonho intensamente colorido, do qual acordou trêmulo e suado, em que Deus lhe falava como falou a Jó e perguntava se a chuva tinha pai e quem era o pai da chuva e onde estava ele quando o mundo foi criado.

O dia amanheceu chuvoso, mas, na hora em que acabou de tomar café, despedir-se e sair, carregando sua pequena valise, o sol despontou e tomou conta de todo o céu, que ficou extraordinariamente azul. Por cima do teto da casa das freiras, uma lua cheia retardaria, muito branca, quase brilhante, o mar liso refletindo a cor do céu, os pássaros marinhos se empoleirando em biribas e estroncas, as deltóides delicadas das velas dos saveiros deslizando solenes sobre a água límpida — e Monteirinho, que tinha acordado triste, sentiu-se ainda mais triste. Tinha de ir embora, e ir embora assim tão perplexo e desalentado, para viver como quem apenas cumpre uma sina. Chegou ao fim de linha, não encontrou nenhum ônibus, ficou esperando embaixo do abrigo. Tudo parado, quatro ou cinco pessoas espalhadas pelos bancos do jardim, cachorros dormindo pelos cantos, uma acácia toda florida de amarelo, no fim da rua. A uns três metros dele, um bulício num dos canteiros rompeu o silêncio e ele foi ver o que era. Era um grande lagarto esverdeado e iridescente, que pôs a cabeça para fora de uma touceira de margaridas e o encarou,

mostrando e recolhendo a língua repetidamente. O lagarto de João Pedroso, o lagarto que sorria, o lagarto que ainda ia sorrir mais? Não era possível que um lagarto sorrisse, mas a verdade é que, depois de se aproximar mais um pouco, sentiu que realmente havia algo de um sorriso em torno do bicho e não sorria para ele, mas como que sorria dele. Lembrou o medo que acoosara João Pedroso e, vagarosamente, esse mesmo medo, um medo semelhante ao que lhe infundira Lúcio Nemésio, também o assaltou. Seria o tal lagarto de dois rabos, visto por João Pedroso, podia haver tamanha coincidência — e, se houvesse, o que significaria? Notou que, por trás do lagarto, a touceira era mais baixa e pensou em rodeá-la, para ver se de fato ele tinha dois rabos. Mas desistiu depois do primeiro passo. Era o mesmo lagarto, com certeza que era e, contudo, ele não tinha coragem de provar a si próprio essa certeza — enquanto o bicho de alguma forma sorria, sorria, sim. E o assustava muito, mas, por mais que quisesse e se agoniasse e se sentisse sitiado e amedrontado, não conseguia desviar os olhos, e foi com muito alívio que entrou no ônibus que acabara de parar para fazer horário e se sentou num lugar de onde era impossível continuar a vê-lo, embora soubesse que não podia realmente fugir dele.



Reliquia